
ECOS DA FLORESTA
LIZ MOORE


ECOS DA FLORESTA
LIZ MOORE

Índice

IBARBARA

IIURSO

SE VOCÊ SE PERDER

VISITAS IV

VENCONTRADA

VISUVIVIVILIZAÇÃO

VII AUTOSSUFICÊNCIA

Para minha irmã Rebecca, que também conhece esta floresta

Muitos excursionistas, ao

chegarem a essas florestas, desconhecem

o perigo que lhes é dito

que os ameaçará se se aventurarem

sozinhos para desfrutar de seu

passatempo favorito. Mas fique tranquilo

, a realidade desse perigo é

inegável: o perigo de se perder.

É a única coisa a temer nas

florestas de Adirondack!

«Perdido nos Adirondacks: Aviso

aos visitantes de North Woods;

O que não fazer quando você

se perde e como não se perder»

O New York Times,

16 de março de 1890

Pensei que a beleza

e o perigo poderiam seguir-se rapidamente no

mato; cada um

era parte do outro.

Mulher da floresta,

ANNE LABASTILLE

Eu

BÁRBARA

LOUISE

Agosto de 1975

A cama está vazia.

Louise, a conselheira — de 23 anos, pernas curtas e voz rouca e sorridente —, está descalça no piso de tábuas ásperas e quentes da Cabana de Abeto, tentando processar a ausência de um ocupante do beliche de baixo, mais próximo da porta. Mais tarde, os dez segundos entre a visão e a inferência servirão como prova de que o tempo é uma construção humana, que pode desacelerar ou acelerar na presença de emoções ou substâncias químicas no sangue.

A cama está vazia.

A única lanterna da cabana — cuja ausência indica, mesmo em plena luz do dia, que um de seus ocupantes foi à latrina — está em seu lugar, em uma prateleira perto da porta.

Louise gira lentamente, nomeando as garotas que vê.

Melissa. Melissa. Jennifer. Michelle. Amy. Caroline. Tracy. Kim.

Oito campistas. Nove camas. Ele as conta repetidamente.

Por fim, quando não consegue mais adiar, ele deixa o nome que faltava emergir: *Bárbara*.

A cama vazia é de Barbara.

Ela fecha os olhos. Imagina-se retornando a este lugar e a este momento pelo resto da vida: uma viajante do tempo solitária, um fantasma, assombrando a Cabana do Abeto, tentando, por pura força de vontade, fazer um corpo aparecer onde não há nenhum.

Chamando aquela garota, Bárbara, para entrar pela porta e dizer que estava no banheiro, que se esqueceu da regra de levar a lanterna, desculpando-se com charme, como já fizera antes.

Mas Louise sabe que não vai fazer nada disso. Ela sente, por razões que não consegue explicar completamente, que a menina não está mais lá.

De todos os campistas, Louise pensa que Barbara teve que desaparecer.

Às 6h25, Louise atravessa uma cortina e entra no espaço que divide com Annabel, a conselheira em treinamento. Annabel Southworth tem dezessete anos, é aluna de balé de Chevy Chase, Maryland. Ela tem idade mais próxima da dos campistas do que da de Louise, mas anda com as costas bem eretas, tempera suas palavras com ironia e, em geral, se esforça para garantir que todos reconheçam a tênue linha que separa treze de dezessete

anos — uma linha que se manifesta na divisória de compensado que separa a parte principal do chalé do canto dos conselheiros.

Louise a sacode para acordá-la. Annabel a encara com os olhos semicerrados. Ela os protege teatralmente com a parte interna do cotovelo. E então volta a dormir.

Louise começa a perceber algo: o cheiro de cerveja metabolizada. Ela presumia que emanava do seu próprio corpo: da sua pele e da sua boca. É verdade que ela bebeu o suficiente ontem à noite para sentir os efeitos esta manhã. Mas agora, ao

lado de Annabel, ela se pergunta se, de fato, o cheiro no quarto não vem do lado de Annabel.

E isso a preocupa.

"Annabel", sussurra Louise. De repente, ela reconhece seu próprio tom de voz como o da mãe. E, de certa forma, ela se sente como sua mãe (uma mãe má e irresponsável) na maneira como se dirige à menina.

Annabel abre os olhos. Ela se senta e imediatamente estremece. Ela encontra o olhar de Louise, seus olhos se arregalam e seu rosto fica pálido.

"Vou vomitar", diz ele, com a voz alta demais. Louise sibila para ele e pega o recipiente mais próximo que encontra, que acaba sendo um saco vazio de batatas fritas no chão.

Annabel o tira das mãos dela. Ela engasga. Então, levanta a cabeça, ofegando e gemendo baixinho.

"Annabel, você está de ressaca?", pergunta Louise.

Annabel balança a cabeça negativamente. Assustada.

"Eu acho.. ", ela diz, e Louise a ataca novamente, desta vez sentada na cama da menina, contando mentalmente até cinco, como fazia desde pequena. Quando se treinava para não reagir.

O queixo de Annabel treme.

"Acho que comi algo estragado", ela sussurra.

"Você saiu ontem à noite?", pergunta Louise. "Annabel."

Annabel a encara. Calculando.

“É importante”, insiste Louise.

Ela tende a ser tolerante com seus instrutores em treinamento. Tem experiência em guiá-los em suas primeiras ressacas. Não se importa se eles exageram nas noites de folga.

Como instrutora chefe deste ano, ela geralmente ignora comportamentos que considera inofensivos. Ela mesma os compartilha quando acha necessário. Mas, fora isso, mantém a disciplina; neste verão, ela baniu das festas subsequentes a primeira instrutora que não acordou na hora certa após uma noite de festa, e parece que a medida serviu de exemplo, porque ninguém mais cometeu o mesmo erro.

Até agora. Porque ontem à noite, enquanto Louise estava fora, Annabel deveria estar de guarda. E parece que não estava.

Louise fecha os olhos. Ela relembra os acontecimentos da noite anterior.

Houve um baile no salão de eventos: o baile de encerramento do campus, obrigatório para todos os campistas, orientadores e estagiários de orientação. Ela se lembra de ter notado em determinado momento que Annabel parecia estar ausente — ou, pelo menos,

não a via em lugar nenhum —, mas Louise sabe com certeza que ela havia retornado perto do final do baile.

Porque às onze horas da noite, quando ela fez uma contagem rápida, Annabel estava lá com nove campistas — sim, nove — que acenaram carinhosamente para Louise. Ela se lembra de vê-los se afastando, em pequenos grupos, em direção a Fir Tree.

Foi a última vez que os viu. E, como tinha certeza de que Annabel cuidaria deles, foi embora sozinha.

Então, ela tenta visualizar as camas dos campistas quando entrou na ponta dos pés na cabana, tarde da noite, bem depois do toque de recolher. Deviam ser umas duas da manhã.

Ou três? As imagens voltam em fragmentos: a boca aberta de Melissa R., o braço de Amy pendurado no chão. Mas Barbara não está presente em nenhuma dessas memórias. Nem sua ausência.

Em seu lugar, uma lembrança diferente toma conta: John Paul, na Clareira, desferindo socos, primeiro nela e depois em Lee Towson. John Paul e sua técnica de luta de garoto rico, brandindo os punhos como se estivesse entrando em um *ringue de boxe* . E Lee, selvagem e brigão, ainda usando seu avental de servir o

jantar. Ele derrubou John Paul num piscar de olhos e o deixou no chão, piscando vagamente para os galhos acima dele.

Vai ter confusão hoje. Sempre tem quando o John Paul acha que a Louise está flertando com outras pessoas.

Mas que fique registrado: eu não estava brincando, pelo menos não dessa vez.

Annabel se senta para recuperar o fôlego. Ela cobre os olhos com a mão.

"Você sabe onde a Bárbara está?", pergunta Louise. Indo direto ao ponto. Não há muito tempo: as meninas no outro quarto vão acordar em breve.

Annabel parece confusa.

"Van Laar", diz Louise, repetindo em voz baixa. "Nosso trailer."

"Não", diz Annabel, desabando de volta na cama.

É nesse momento, é claro, que o toque de alvorada soa nos alto-falantes instalados nas árvores ao longo do acampamento de verão; o que significa que, do outro lado da divisória de madeira compensada, oito meninas, de doze e treze anos, estão acordando .

relutantemente, emitindo grunhidos, exalações e suspiros, apoiando-se nos cotovelos.

Louise começa a andar de um lado para o outro.

Agora Annabel, ainda na horizontal, olha para ela, começando a entender o problema.

"Annabel", diz Louise, "você tem que me contar a verdade. Você saiu de novo ontem à noite? Depois que os campistas foram dormir?"

Annabel parece prender a respiração. Então, ela a solta. Ela assente. Louise vê lágrimas brotando em seus olhos.

"Sim", ela diz. Há um tremor infantil em sua voz. Ela quase nunca se meteu em encrenca na vida, disso ela tem certeza. Ela é uma pessoa a quem foi dito desde

o nascimento o quão valiosa ela é para o mundo. Que ela faz outras pessoas felizes. Agora ela começa a chorar, e Louise se impede de revirar os olhos. O que Annabel tem a temer? Ela não está arriscando nada. Ela tem dezessete anos. O pior que pode acontecer com ela é ser demitida e mandada

para o alto da colina para morar com seus pais ricos, que são, na verdade, amigos dos donos do acampamento de verão e atualmente estão hospedados na casa que possuem no mesmo terreno. Mas o pior que pode acontecer com ela, que é *adulta Ah,* ela pensa, se culpando; o pior que pode acontecer é. . Ah, tudo bem. Não se precipite, ela diz a si mesma. Concentre-se no presente.

Louise caminha até a cortina. Ela a puxa um pouco. Ao fazê-lo, encontra o olhar de Tracy, a colega de beliche de Barbara, uma garota quieta que agora para no meio da escada; ela parece ter descoberto o problema.

Ela solta a cortina.

" Ele desapareceu? ", pergunta Annabel. Louise a repreende novamente.

"Não diga que *ele está desaparecido* ", ela diz. "Diga que ele não está no beliche."

Ele examina seu pequeno quarto em busca de pistas sobre o que fizeram na noite anterior. Reúne tudo o que encontra em um saco de lixo de papel pardo: uma garrafa de cerveja vazia que bebeu enquanto voltava da Clareira, uma bituca de cigarro que fumou em algum momento, o saco de batatas fritas cheio de vômito, que ele pega com dois dedos estendidos.

"Há mais alguma coisa que você não quer que ninguém descubra?" ele pergunta a Annabel, que balança a cabeça.

Louise fecha o saco de lixo e o dobra para deixá-lo menor.

"Escute", ela diz. "Talvez você tenha que cuidar dos campistas esta manhã. Ainda não tenho certeza. Se for esse o caso, você tem que se livrar disso. Jogar na lixeira quando for tomar café da manhã. Tem que ir embora. Você cuida disso?"

Annabel concorda, ainda tonta.

"Por enquanto", ele continua, "fiquem aqui. Não saiam por um tempo. E não..." Ele hesita, procurando palavras que soem sérias, mas que não os incriminem. Afinal, ele está falando com uma garotinha. "Não contem a ninguém sobre o que aconteceu ontem à noite ainda.

Deixe-me pensar em algumas coisas."

Annabel permanece em silêncio.

"Ok?" diz Louise.

-OK.

Ela vai desmoronar imediatamente, pensa. Contará a qualquer figura de autoridade, sem pensar duas vezes, tudo o que aconteceu e tudo o que sabe. Chorará nos ombros dos pais, que certamente nem entendem o poema que deu nome à filha e que a confortarão, e logo retomará as aulas de balé, e no ano que vem sua escola particular a ajudará a entrar no Vassar College, no Radcliffe ou no Wellesley, e se casará com o rapaz que seus pais escolheram para ela — ela já confessou que eles têm um em mente — e nunca mais pensará em Louise Donnadieu, nem no destino que a aguarda, nem nos problemas que terá pelo resto da vida tentando encontrar um emprego ou um lar, ou sustentar a mãe, que não consegue ou não quer trabalhar há sete anos, e o irmão mais novo, que aos onze anos não fez nada para merecer a vida que lhe foi dada.

Diante dela, Annabel engasga. Ela se recupera.

Louise coloca as mãos na cintura. Respire. Não vá tão rápido, ela se lembra.

Ela endireita os ombros. Abre a cortina. Começa a tarefa de fingir ignorância e surpresa diante deste pequeno grupo de meninas que — engolindo a vergonha como uma pílula — a respeitam, admiram e frequentemente recorrem a ela em busca de conselhos e proteção.

Ele entra no quarto das meninas. Finge examinar as camas. Franze a testa para parecer confuso.

"Onde está Barbara?" ele pergunta em tom jovial.

TRACY

Dois meses antes

Junho de 1975

Os campistas receberam três regras ao chegar.

A primeira tinha a ver com a comida nas cabines: como consumi- la e armazená-la (sem fazer bagunça; bem coberta).

A segunda dizia respeito à natação: uma atividade que eles nunca deveriam fazer sozinhos, em hipótese alguma.

A terceira — e mais importante, a julgar pelo fato de ter aparecido em placas com letras maiúsculas em vários locais da comunidade — era: SE VOCÊ SE PERDER, SENTE-SE E GRITE .

Na época, Tracy quase achou o aviso engraçado. Seria repetido mais uma vez naquela noite, ao redor da fogueira ao ar livre, e sua justificativa explicada. Mas, como lhe fora apresentado agora, direta e concisamente, um conselheiro alto pronunciando as palavras sem pontuação ou emoção, a expressão a fez desviar o olhar e engolir uma risada nervosa.

SE VOCÊ SE PERDER, SENTE-SE E GRITE . Ela tentou imaginar: sentar-se onde quer que estivesse.

Abrir a boca. Gritar. Ela se perguntou que som sairia daquilo. Que palavra ou palavras? "

Socorro, socorro " ? Ou, Deus me livre, " Por favor, me encontre " ? Era constrangedor demais para considerar.

Seu pai pagou para que ele fosse para as colônias.

Não havia outra escolha, depois de uma semana de negociações que terminou com um fim de semana inteiro de confinamento voluntário em seu quarto: dinheiro, cem dólares, cinquenta por cento dos quais estariam esperando por ela quando retornasse.

O que Tracy queria fazer naquele verão era simples: passar o dia na sala de estar da casa vitoriana em Saratoga Springs que sua família alugava todos os anos

durante a temporada de corridas havia uma década. Fechar as persianas pela metade e abrir as janelas pela metade, direcionar todos os fãs da casa para ela e deitar no sofá, levantando-se apenas para preparar lanches elaborados. E ler: isso era o principal.

Essa tinha sido sua rotina por cinco verões seguidos. E ele esperava que o verão de 1975

não fosse diferente.

Mas seu pai — divorciado da mãe há menos de um ano — arranjou uma namorada, alugou imediatamente uma casa mais chique e decidiu que Tracy não deveria passar o verão inteiro sem fazer nada. Ou pelo menos foi o que ele lhe disse durante a viagem de carro, em meados de junho, da casa da mãe dela em Long Island. (Ela não pôde deixar de

notar que o pai esperara até que estivessem mais da metade do caminho para Saratoga antes de revelar seu plano.) O verdadeiro motivo, pensou ela, era que ele queria se livrar dela por alguns meses para que ele e a namorada pudessem ter a casa só para eles, sem o incômodo de uma pirralha mal-humorada de doze anos. Por que ele havia lutado para ter a custódia dela o verão todo, Tracy se perguntou, se a seguir ia simplesmente mandá-la para acampamentos de verão?

Ele nem se deu ao trabalho de deixá-la no Acampamento Emerson. Delegou a tarefa a Donna Romano, sua namorada, a quem ela ainda chamava pelo nome e sobrenome.

"Há corridas naquele dia", disse seu pai quando ela o encurralou no corredor e implorou para que a levasse. "Tenho que ir para Belmont. As corridas do Second Thought começam às duas."

Ele era filho de um jóquei, mas já estava velho demais para seguir seus passos. Então, tornou-se treinador de cavalos, depois treinador e, finalmente, dono, mudando as circunstâncias de sua vida a cada novo emprego. Quando Tracy nasceu, os três moravam em uma van do outro lado da rua da casa da avó materna. Agora, moravam em uma casa grande e nova com portão prateado em Hempstead, Nova York. Bem, pelo menos ela e a mãe moravam.

"Mas sobre o que vamos *conversar?* ", perguntou ela imperiosamente, mas seu pai apenas balançou a cabeça e colocou as mãos em seus ombros em um gesto

suplicante.

Tracy de repente percebeu que era tão alta quanto ele, quanto seu próprio pai. Ela tinha acabado de ter um surto de crescimento que a deixara com quase 1,80 m de altura e a fazia se curvar bastante quando não estava se movendo.

"Dizem que são colônias de primeira linha. Tipo, super chiques", disse o pai, usando os mesmos dois termos descritivos que usara ao lhe contar a novidade. "Tenho certeza de que você vai adorar."

Tracy virou-se para uma janela. Do outro lado, viu Donna Romano ajeitando o sutiã e examinando seu reflexo na janela do carro. Era um Stutz Blackhawk novo, com carpete felpudo e um motor cujo ronco a lembrava da voz do pai. "Sofisticado ", ele lhe dissera quando a buscara em Hempstead. Tracy sentia como se tudo fosse novo na vida do pai. A casa de veraneio, a namorada, o filhote de pequinês e o carro. Tracy era a única coisa velha que restava em seu entorno, e ele estava se livrando disso também.

Acontece que Donna Romano era fumante inveterada. E entre as tragadas, ela lhe fazia perguntas sobre sua vida, perguntas que claramente vinha compilando para esta viagem.

Quando não estava ocupada respondendo, lançava olhares furtivos para ele. Ela era extremamente bonita. Via de regra, isso teria conquistado Tracy. Ela amava mulheres bonitas. Amava as garotas mais populares da escola, embora fosse mais correto dizer que as reverenciava, já que na verdade as odiava. Apesar de tudo, elas a fascinavam, talvez porque fisicamente fossem o oposto dela e, portanto, de alguma forma parecessem

espécimes que ela queria examinar de perto sob um microscópio. Enquanto a maioria de seus colegas tinha cabelos longos e lisos repartidos ao meio, o de Tracy era volumoso, ruivo e indomável. Embora algumas sardas fossem delicadas, as dela eram tão pronunciadas que um grupo de garotos do sexto ano a apelidou de "Ligue os Pontos", ou UDW, para abreviar.

Supostamente, ela precisava de óculos, mas nunca usava os que tinha e, consequentemente, costumava semicerrar os olhos. Seu pai certa vez lhe dissera que ela tinha a silhueta de uma ameixa apoiada em palitos de dente, e a expressão era tão cruel, mas tão poética, que lhe caía como uma luva.

As estradas mudavam de asfalto para cascalho e terra. A cada poucos minutos, casas em ruínas surgiam, com seus quintais transformados em cemitérios de veículos enferrujados.

O contraste entre a beleza natural e a degradação causada pelo homem era estranho, e Tracy começou a se perguntar se estavam indo na direção certa.

Até que finalmente apareceu uma placa. " RESERVA VAN LAAR", dizia. As instruções que haviam recebido pelo correio indicavam que aquela era a placa a seguir.

"Eu me pergunto por que eles não colocam o nome do centro de assentamento na placa", murmurou Donna Romano.

Talvez fosse para que os pervertidos não o encontrassem, pensou Tracy. Ela sabia que era o que seu pai teria dito. Contra a sua vontade, ela frequentemente ouvia a voz dele como se fosse uma espécie de presença narrativa percorrendo sua vida. Eles nunca haviam passado tanto tempo separados como naquele ano, o primeiro ano após o divórcio.

A verdade é que, quando criança, ela era a sombra do pai e o amava incondicionalmente, seguindo-o por toda parte e segurando cenouras com a palma da mão nos focinhos aveludados de seus cavalos favoritos. Embora preferisse morrer a admitir, Tracy sentia muita falta dele e passara a maior parte do último ano do ensino médio imaginando que estaria com ele naquele verão.

A estrada de terra se bifurcava. Uma seta à direita apontava na direção do ACAMPAMENTO

EMERSON: AMIZADES PARA A VIDA. Então, as árvores deram lugar a um prado com uma fileira de construções rústicas de madeira. À frente delas, um único conselheiro estava atrás de uma mesa dobrável com um pedaço de papelão úmido pendurado, dizendo de forma nada convincente: BEM-VINDOS.

Ele se aproximou do Blackhawk com uma pasta e a passou para Donna pela janela.

Então, formalmente, com a diligência de um pregoeiro, contou-lhes as três regras do Acampamento Emerson, incluindo a última e mais importante, uma frase que continuaria a ressoar na cabeça dela por dias, semanas e pelo resto da vida: ″ Se

você se perder, sente-se e grite ."

Tracy achava difícil imaginar o quanto ela devia estar doente para que essa opção parecesse apropriada. Ela sentia como se, desde que nascera, sua voz estivesse em constante *declínio* , a ponto de, aos doze anos, quase ninguém mais a ouvisse.

Muito perdida, ela finalmente decidiu. Devia estar profunda e irreversivelmente perdida.

"Você está em Fir", disse o rapaz, interrompendo seus pensamentos. Ele estendeu o braço longo para a direita. Donna Romano pisou no acelerador e o Blackhawk arrancou novamente.

ALICE

Junho de 1975

Os últimos pais já estavam indo embora.

Da varanda da casa no topo da colina, Alice observava os carros se afastando, com os limpadores de para-brisa se movendo: um desfile lento.

O Acampamento Emerson ficava a cerca de 800 metros de distância, mas a casa dos donos da Reserva, Self-Reliance, era construída em um penhasco alto, e de lá Alice podia ver tudo ao seu redor: a leste, o Lago Joan; a oeste, a longa estrada de acesso ao rancho que saía da estrada principal e da cidade; ao sul, o Acampamento Emerson; ao norte, a paisagem acidentada. O Monte Hunt e suas encostas.

Eu estava ali há duas horas. Noventa e um carros já tinham partido. Todos ocupados por um ou dois pais, deixando uma ou mais crianças para trás.

Esse tinha sido o ritual de Alice durante os vinte e três anos em que esteve casada com Peter Van Laar. Todo primeiro dia de acampamento de verão, desde os dezoito anos, ela se debruçava pela janela da Self-Sufficiency para olhar para fora, às vezes com um bebê nos braços, às vezes sozinha. Gostava de imaginar as famílias dentro dos carros. De inventar seus nomes e seus problemas.

O último veículo desapareceu de vista. Alice endireitou as costas. Olhou para o

relógio atrás de si: 16h45. Sua contagem regressiva diária havia acabado de começar: pontualmente às cinco horas, ela pôde tomar um dos comprimidos para nervos prescritos pelo Dr. Lewis. A dose recomendada era uma, embora duas também fossem aceitáveis "em dias realmente ruins ". Com isso, o homem se referia a quando ela estava pensando demais em Bear.

Bem, dois.

Ouviu-se um estrondo no corredor: a aldrava de ferro batendo na porta da frente. Devia ser o TJ.

Naquela manhã, Alice enviou uma mensagem à sala do diretor para pedir uma reunião.

Agora ele tirou o pequeno frasco de vidro do bolso e começou a mastigar os dois comprimidos quinze minutos antes da hora.

Então ele fechou os olhos e ensaiou mentalmente as palavras que usaria: " Barbara gostaria de se inscrever nos acampamentos ".

TJ Hewitt foi diretor do Acampamento Emerson por cinco anos. Alice não queria; ela insistiu que o pai de TJ, Vic, era perfeitamente capaz de continuar no cargo, o que ele vinha fazendo maravilhosamente há décadas.

Mas, no verão de 1970, tornou-se impossível ignorar sua doença — primeiro física, depois mental — depois de ele ter assustado várias crianças no primeiro dia do acampamento de verão, gritando coisas absurdas para elas. E, além disso, bem na frente dos pais. Indignados, eles subiram as escadas para reclamar. E Peter dispensou Vic na hora, garantindo- lhes que supervisionaria pessoalmente o acampamento daquele ano até que um substituto adequado fosse encontrado.

Eles estavam procurando há apenas alguns dias quando Peter sugeriu que TJ assumisse as antigas funções do pai. Alice se opusera. Ela era muito jovem, e ainda por cima uma menina. Quem já tinha ouvido falar de uma mulher encarregada da manutenção da terra?

Mas Peter insistira. Eles eventualmente encontrariam uma substituta, disse a ela.

Até agora, nada. Ou pelo menos, nada digno de sua aprovação. Assim, assim como seu pai fizera antes dela, TJ agora ocupava os dois cargos: gerente de

jardins no outono, inverno e primavera, e diretora da colônia no verão. Ela ainda morava na casa em que crescera, que servia como escritório da diretora da colônia e também, durante a maior parte do ano, residência do convalescente Vic Hewitt.

TJ pigarreou na porta do solário. Ela parecia desconfortável e infeliz; embora, para ser justa, essa fosse sua expressão habitual quando estava dentro de um prédio. A floresta era seu domínio.

"Oi, TJ", disse Alice, e a garota assentiu, evitando se dirigir a ela diretamente. Desde que a conhecia, TJ nunca a chamara pelo primeiro nome. Havia nela uma arrogância que Alice sempre achara irritante. Ela não agia assim com Peter, pensou. Não, com ele demonstrava deferência. "Sente-se", disse ela, observando-a girar, procurando o ponto de apoio que transmitisse o mínimo de comprometimento, a maior sensação de pressa. Finalmente, ela se acomodou em um pufe. Sentou-se na beirada. Cotovelos apoiados nos joelhos. Cabeça baixa.

Seu cabelo era recém-cortado, estilo tigela, mas tão assimétrico e desgrenhado que Alice imaginou que ela mesma o tivesse cortado. Era difícil identificar a mulher sentada à sua frente como a garotinha que conhecera vinte e três anos antes, quando chegara àquela região: uma menina de três anos que nunca ficava quieta e seguia o pai para todo lugar.

Naquela época, seu nome era Tessie Jo, um nome bonitinho, adequado para uma boneca, uma vaca ou algum tipo de artista, nada parecido com aquela garotinha estoica. Aos dezesseis anos, ela adotou o nome mais andrógino, TJ, mas ainda usaria o cabelo em uma trança grossa por mais uma década. Até agora.

"Como vai?", perguntou Alice. Ela pegou uma bala de menta da tigela ao lado, que os garçons sempre mantinham cheia. As rosas eram as melhores.

"Tudo bem", disse TJ, com aquele sotaque. Aquele *sotaque.* Alice estava na região há mais de duas décadas, e aquilo ainda a incomodava.

—Seu pai está bem?

-Mais ou menos.

—Houve algum problema com as instalações este ano?

"Nenhum", disse TJ. Ele deu um tapa em algo invisível na nuca. Examinou a mão.

"Vou direto ao ponto", disse Alice. "Imagino que o Sr. Van Laar já tenha falado com a senhora." Ela fez uma pausa, esperando uma resposta, porque, na verdade, não tinha ideia se Peter havia falado com a garota. Ela não tinha notícias dele desde quinta-feira, quando ele partira para Albany. O que ela sabia era que Barbara ainda estava em casa.

TJ balançou a cabeça. Não.

Alice suspirou. Claro, pensou; claro que não. Se havia uma coisa em que podia confiar, era a certeza de que Peter negligenciaria todos os seus deveres, que falharia com ela — e com a filha — repetidas vezes, que se ausentaria da vida dela quando as coisas ficassem difíceis. O que significava que, ultimamente — com Barbara em pé de guerra — ele estava quase sempre ausente, geralmente sem anunciar sua partida. Seus retornos eram igualmente discretos.

TJ se mexeu nervosamente e endireitou as costas.

"Bem", disse Alice para TJ, forçando-se a falar num tom alegre e despreocupado. "Bem, então, isso vai ser um choque para você. Nós decidimos. . Barbara decidiu que gostaria de ir ao acampamento de verão este ano." E ela sorriu um pouco, como se estivesse dando uma boa notícia.

Ela sabia que TJ não gostaria. Era um dos motivos pelos quais vinha adiando. Durante gerações, houve uma separação estrita entre a família Van Laar — banqueiros de Albany, aventureiros, mas severos — e o centro da colônia que possuíam, que sempre fora domínio dos Hewitt. Primeiro de Vic, agora de sua filha. Além disso, TJ gostava que as coisas fossem feitas de uma certa maneira e em uma certa ordem. Alice imaginou que ele ficaria irritado por ser avisado tão tarde.

Mas, por um instante, algo passou pelo rosto de TJ que ela não conseguiu categorizar.

Desânimo? Raiva? Ele evitou o olhar dela. Desde que entrara na sala, não parava de olhar para a direita de Alice.

TJ balançou a cabeça pela segunda vez.

"Desculpe", disse ele. "Impossível."

Ela olhou fixamente para ela.

TJ Hewitt falara com uma voz cheia de determinação, de decisão. Como se ele tivesse alguma influência no assunto, pensou Alice. Como se ela fosse sua funcionária, e não o contrário.

Ele respirou fundo. A menta já estava completamente dissolvida em sua boca. Pegou outra do prato e mordeu antes de responder.

"Significaria muito para nós", disse ela. "Sei que você se dá bem com a Barbara. Tenho certeza de que notou que ela está tendo... dificuldades. Atuando de forma agressiva.

Achamos que seria bom para ela fazer novas amizades."

Bem, pelo menos era o que Alice pensava. Peter não tinha tanta certeza. Mas havia muitos motivos para deixá-la ir, e um dos principais era que ela não estaria em casa para a festa. A primeira que eles deram em quatorze anos. Eles estavam organizando uma comemoração do centenário da Reserva, convidando algumas dezenas de amigos e

parentes para passar uma semana em agosto em suas terras. Da última vez que receberam convidados para jantar em Albany, Barbara só saiu do quarto uma vez. Quando saiu, estava usando algum tipo de. . fantasia, na verdade, com o cabelo tingido de uma cor horrível e os olhos borrados de delineador preto. A prima de Peter, Garland, riu, e Barbara bateu a porta atrás de si, saindo furiosa. Ela continuou usando o mesmo cabelo tingido e maquiagem nos olhos desde então, apesar dos apelos de Alice.

Dessa vez eles não teriam que se preocupar com isso se Barbara pudesse ir para um acampamento de verão.

TJ olhou para o chão.

"Você já contou a ele?" ele perguntou.

"Sobre as colônias?", perguntou Alice. "Foi ela quem pediu para ir."

"Não", disse TJ. "O que vai acontecer no outono?"

Ela fez uma pausa. Ela balançou a cabeça.

"Eu contarei a ele no final do verão." E, num momento de inspiração, ele acrescentou:

"Eu contarei a ele quando as colônias acabarem."

"As colônias já começaram", disse TJ naquele seu jeito de falar.

-Por muito pouco.

—As cabines estão cheias.

Um sentimento de descrença crescia lentamente no peito de Alice, mas também havia algo que a impedia de falar, de acessar as profundas reservas de raiva que ela usava em relação a Peter quando realmente queria fazer sua voz ser ouvida.

Os comprimidos, ela se lembrou. Os comprimidos estavam fazendo efeito, afrouxando os nós de tensão em seus ombros e enviando uma onda de alívio por seu tronco e costas, uma cascata de calor e calma. " Concentre -se ″ , ordenou a si mesma.

Ela olhou para os objetos ao seu redor no quarto — um truque que o Dr. Lewis lhe ensinara. " Relógio de pêndulo. Plantas frondosas. Piso de laje da varanda. "

Ele falou novamente, articulando as palavras cuidadosamente. Sua língua parecia uma lesma muito gorda.

"Você conhece a Barbara melhor do que ninguém", disse Alice. "Melhor do que eu", pensou ela, relutante. "Você sabe que ela vai ficar bem."

Mas TJ já estava de pé, prestes a sair da sala. Se tivesse um chapéu, já o teria colocado.

Um verão inteiro, pensou Alice. Um verão inteiro sem Barbara, sem suas birras, sem seus rompantes, sem as horas que ela passava chorando alto, preocupando os criados.

Todos os criados fingiram educadamente que não a ouviram. Mas ouviram, cada um deles, e Alice também. Como seria bom ter aqueles dois meses só para ela enquanto sua filha estivesse bem no sopé da colina, longe de casa, mas segura. Ocupada. Feliz.

"Eu deveria ir", disse TJ.

"A decisão não é sua", disse Alice. "Tem que ser assim."

"Ou o quê?", perguntou TJ bruscamente. Alto demais, pensou ela. Por que todo mundo tinha que falar tão alto o tempo todo?

Silêncio: era tudo o que eu queria.

Um minuto se passou, talvez cinco. Ela se sentiu sonolenta. Sabia que deveria se envergonhar de sua postura, do fato de sua cabeça estar inclinada para um lado, mas

aquela emoção também parecia inacessível, abstrata, algo que ela entendia como um conceito, mas não sentia .

"É ideia do Sr. Van Laar", disse Alice finalmente. "É o que ele quer."

Era seu último recurso. Ele tinha vergonha de ter que usá-lo. Era uma pena, pensou, que suas próprias palavras não significassem nada naquela casa.

TJ olhou para ela, ponderando se acreditava ou não. E, finalmente, sua expressão mudou para uma mais resignada.

"Tudo bem", disse TJ. "Vamos adicionar um beliche ao Fir. Começa amanhã."

Sem fazer mais perguntas, ele saiu do quarto. E da casa.

Se o Bear estivesse aqui…

Alice parou. O Dr. Lewis lhe dissera que ela não podia se entregar àquelas fantasias.

Toda vez que sua mente vagava naquela direção, ela precisava se forçar a voltar à realidade. Mesmo assim, a visão voltou com força: se Bear estivesse ali, ele

correria atrás daquela garota. Ela fechou os olhos e se permitiu — só por um instante — lembrar-se do filho, vibrante, divino, seguindo TJ Hewitt pela propriedade. " Tessie, Tessie. " Sua voz, doce e aguda, soou do outro lado da fina cortina que separava o mundo de Alice do dele. Era fácil de ouvir.

No sofá, Alice virou a cabeça para olhar pelas janelas do solário. No caminho, TJ parou por um instante na grama, tirou algo do bolso e levou a mão à boca. Cuspiu. Mascar tabaco, como o que os homens usam. Um hábito repugnante.

Ela a observou se afastar até desaparecer de vista. Sua figura era alta, esguia e graciosa, e Alice pensou, não pela primeira vez, que ela poderia ser bonita.

Esse era o seu verdadeiro pecado, pensou ela. A maneira como havia estragado sua beleza.

O som de passos chamou sua atenção. Lento e pesado: Bárbara.

Ela devia estar indo para a cozinha. Seu lugar favorito ultimamente. Alice franziu a testa.

Ontem, ela havia pedido à nova cozinheira, cujo nome ela não conseguia lembrar, que não lhe desse comida com tanta frequência. Que desse desculpas, se necessário. Mas Bárbara podia ser muito manipuladora, Alice sabia, e tinha pouca fé na capacidade da cozinheira de lidar com ela.

Ele caminhou até a soleira da cozinha e ficou lá, tentando não fazer barulho.

Lá estava Barbara, é claro, olhando para o conteúdo da despensa, de costas para o cômodo. Ela vestia shorts e camiseta, e Alice notou com uma espécie de desgosto que seu traseiro, antes insubstancial, agora estava redondo e que ela tinha pernas de mulher. Atrás de Barbara, a cozinheira encontrou seu olhar. Ela ergueu as mãos, impotente.

Alice não gostava de julgar o corpo da filha dessa forma. Em termos abstratos, ela entendia que era mesquinho; no entanto, acreditava que um dos deveres de uma mãe era ser a primeira e melhor crítica da filha; fortalecê-la durante a infância para que, quando adulta, pudesse suportar graciosamente qualquer ataque ou insulto dirigido a ela. Era o método que sua mãe usara com ela. Ela não gostara na época, mas agora entendia.

"Barbara", disse Alice, e sua filha pulou e se virou com um pão debaixo do braço. Por um momento, sentiu ternura por ela. Ela sempre fora arisca, mesmo desde pequena; era o único bebê que não gostava de brincar de esconde-esconde ou esconde-esconde, e que chorava quando se assustava, mesmo de brincadeira.

"O jantar é às sete e meia", disse Alice.

Barbara calmamente colocou o pão no balcão e começou a fatiá-lo.

"Você me ouviu?" ele insistiu.

A filha assentiu. Pegou a manteiga. Espalhou-a no pão. Sem levantar a cabeça. Agora ela conseguia ver um pouco mais de dois centímetros de raízes loiras na risca do cabelo; o resto ainda era daquele preto horrível e desbotado. Pelo menos ela tinha um rosto bonito.

Nenhuma tintura ruim mudaria isso.

A cozinheira observava, impotente. Era uma mulher pequena, de cerca de 25 anos, casada, a julgar pela aliança simples que usava no dedo.

Alice suspirou. Não havia sentido em dizer nada a Barbara, pelo menos não naquele dia, considerando que ela ficaria longe de casa pelo resto do verão. Afinal, não havia problema em deixá-la saborear um último lanchinho de pão, manteiga e geleia.

"Acabei de falar com o TJ", disse Alice, e finalmente a garota ergueu os olhos. Ali estava a versão de Barbara que ela amava, finalmente. Com um toque de animação no rosto e nos olhos.

"E daí?" ele perguntou.

—Ele diz que você pode começar as colônias amanhã.

Triunfo. Barbara baixou o olhar rapidamente, mas Alice percebeu que ela lutava para manter a boca impassível e reprimir um sorriso.

"Vou preparar sua mala", ele disse.

Era bom, pensou ela. Ia ser bom. Um pouco de descanso um do outro. As coisas

melhorariam assim.

TRACY

Junho de 1975

Tracy descobriu que aquilo era o Acampamento Emerson.

O perímetro norte do terreno era marcado por três prédios, os mais próximos da casa na colina. Um era o refeitório, onde comiam; o próximo era o centro comunitário, que abrigava a enfermaria, duas pequenas salas que podiam ser usadas para atividades quando chovia e um grande salão de eventos que era usado principalmente para bailes e shows que exigiam um palco. O terceiro naquele pequeno grupo era a cabine do diretor. Os únicos campistas que já tinham visto o interior eram aqueles que tinham se metido em encrenca .

Ao sul desses edifícios ficava o restante do centro de assentamento. Perto do lago, na extremidade leste do terreno, havia uma pequena praia e um abrigo para barcos. Na extremidade sul, havia uma estrutura alongada chamada "residência dos funcionários", onde moravam os funcionários da cozinha e outros trabalhadores sazonais. Mais ao norte, ficavam as quatorze cabanas, sete para meninos e sete para meninas, dispostas em duas fileiras de cada lado de um riacho que podia ser atravessado por meio de algumas pontes espalhadas. Cada uma dessas cabanas recebeu o nome de uma árvore ou flor nativa dos Adirondacks.

O interior da cabana de Tracy, Fir, era iluminado por lâmpadas amarelas quentes penduradas no teto. À noite, essas mesmas lâmpadas atraíam um exército de insetos que entravam pelas telas quebradas das janelas.

A cabana tinha oito camas de solteiro, quatro de cada lado. Cada uma tinha um baú de madeira aos pés. As paredes eram de madeira bruta, assim como o teto, e estavam cobertas de nomes, datas e referências inescrutáveis escritas por sucessivas gerações de campistas.

O detalhe mais impressionante era uma lareira em uma das paredes. Naquele mesmo verão, Tracy seria informada de que as cabanas haviam sido originalmente usadas por amigos de gerações anteriores da família Van Laar para curtas viagens de caça; desde a fundação do Acampamento Emerson, no entanto, essas lareiras eram usadas apenas pelos morcegos que ocasionalmente as

colonizavam e precisavam ser despejadas.

Naquele primeiro dia, depois que as mães — e Donna Romano — desapareceram, o conselheiro veterano e o estagiário fizeram os campistas sentarem em círculo para começar alguns exercícios para quebrar o gelo.

Foi então que Tracy percebeu claramente que as outras garotas do chalé se conheciam há anos . Elas trocavam gestos e frases de efeito como se estivessem brincando de pega-

pega, ocasionalmente caindo na gargalhada por motivos que ela não conseguia entender.

Piadas internas , *pensou* ; um termo que a aterrorizava porque implicava que qualquer pessoa que não as entendesse estava, por definição, fora do grupo.

A outra revelação que ela tirou desses exercícios foi que havia uma hierarquia clara entre os companheiros de cabine de Tracy.

No topo, é claro, estavam Louise e Annabel, a instrutora e sua assistente em treinamento. Ambas eram lindas à sua maneira. A primeira, de 23 anos, já parecia uma mulher adulta. Era pequena, bem mais baixa que Tracy, tinha cabelos longos e escuros, sobrancelhas escuras e o porte de uma atleta. Ela também era — uma palavra que descobrira naquele mesmo ano — peituda. Annabel tinha 17 anos, era alta, esbelta e loira, uma bailarina que se movia com toda a autoconfiança de alguém cuja família nunca precisou se preocupar em pagar uma conta. Tracy se apaixonou pelas duas imediatamente.

Ela tinha o estranho desejo de miniaturizá-las e levá-las para brincar como se fossem bonecas.

Em seguida, vieram os campistas do Fir, cuja hierarquia de status ia das duas Melissas —

as ginastas pálidas, magras e loiras do Upper East Side de Manhattan — até uma garota chamada Kim, que tinha o hábito de falar longamente sobre tópicos que pareciam não interessar a mais ninguém.

A última da fila era Tracy, que já sentia que seu tamanho chamava atenção. Quando lhe pediram para se apresentar, descobriu que havia perdido

completamente a voz. Uma lenta resignação a dominou: todo o seu verão seria assim. Ela iria passar despercebida. Sem falar com ninguém. Ela passaria despercebida, escondendo-se atrás de um livro sempre que possível. Longe dos holofotes. Invisível.

Tirou os últimos pertences da mochila. Da nécessaire, tirou os óculos novos que lhe haviam sido receitados naquele ano e os enfiou no fundo da única gaveta que lhe fora designada. Seria melhor não enxergar nada com muita clareza naquele verão, pensou.

De repente, ela se viu piscando vigorosamente. Chorar agora seria uma catástrofe, e ainda assim a decepção de toda a situação pesava sobre seus ombros. Porque sempre havia uma parte dela — apesar de estar ciente de seu lugar em qualquer hierarquia social depois de muitos anos cultivando decepções como aquela — que esperava que desta vez fosse diferente. Que algum garoto ou garota inteligente e flexível tivesse a paciência e a perspicácia para identificar Tracy no meio da multidão, para notar uma das qualidades positivas que ela raramente se permitia listar: seu senso de humor, seu talento para desenhar ou cantar, sua lealdade ou devoção a qualquer um que demonstrasse o mínimo de interesse.

Puxando para baixo a camisa larga do uniforme para cobrir o short largo, Tracy suspirou e disse adeus a qualquer esperança que tivesse para o verão.

Durante a fogueira inaugural naquela noite, Tracy testemunhou uma série de canções e rituais estranhos que aconteciam no fundo de um anfiteatro natural: uma pequena encosta que descia até um pedaço de terra sem grama. Longos troncos rachados haviam sido

dispostos ao longo dela para servir de bancos improvisados, com uma passarela no meio.

Ao fundo, avistavam-se as águas escuras do lago.

Havia uma certa energia no ar: a energia dos hormônios adolescentes, dos olhares de soslaio, de perceber quem havia mudado desde o ano anterior e como. E não apenas os campistas, mas também os monitores. De todos os lados, os assistentes se aproximavam, sussurrando no ouvido uns dos outros e fazendo gestos que Tracy não conseguia entender.

Ela logo descobriria que cada monitor era uma celebridade por direito próprio; os campistas trabalhavam incansavelmente para aprender sobre eles, sobre suas vidas privadas, seus planos românticos e suas decepções. Então, eles trocavam essas informações ansiosamente em sussurros na escuridão.

As apresentações continuaram no anfiteatro. Vários instrutores realizaram um ritual que envolvia cortar um tronco de árvore; eles anunciaram novas regras, instalações e eventos.

Em seguida, vieram os *esboços* . Em um deles — a representação dramática da menstruação que tanto impressionara Tracy antes —, um conselheiro corpulento, imitando a voz e o andar de uma criança, andava de um lado para o outro ao redor da fogueira para ilustrar sua confusão.

"Achei que sabia para onde estava indo!", disse o monitor, projetando sua voz com desenvoltura. "Mas acontece que não sei!"

E um monitor caminhou em direção ao público para questioná-los:

"O que Calvin tem que fazer?", perguntou ele com uma seriedade teatral. Colocou as mãos no rosto.

"Se você se perder", gritou a plateia, "sente-se e grite".

"Socorro!", disse Calvin. "Preciso de ajuda." Ele olhou para um relógio de pulso invisível.

"Já faz um minuto", exclamou. " Então tenho que gritar de novo!"

Eles explicaram o motivo dessa medida: tentar atravessar a floresta sozinho poderia causar desorientação e levar até mesmo um caminhante experiente a se perder irremediavelmente nas profundezas dos Adirondacks. As florestas eram densas e cobertas de mato; assim que se perdia a trilha de vista, tudo parecia igual.

“Sessenta e cinco por cento das pessoas”, explicou Calvin, “estão a dez metros de um caminho antes de começarem a se sentir desorientadas”.

Tracy ouvia, fascinada. Imaginou o chamado da floresta, o aroma fresco de suas sombras, o musgo aveludado nas rochas. . e o momento em que finalmente, aos

poucos, percebeu que havia se perdido. O lento horror de aceitar sua situação.

Entre *as esquetes*, os monitores homens zombavam uns dos outros e dos campistas sob sua responsabilidade. Eles gritavam para as meninas do seu lado do semicírculo: " "Kevin disse que você está gostosa! "

Então, uma mulher alta e esguia assumiu o centro do palco. Ela ficou em frente à fogueira, com a silhueta recortada pelas chamas e um olhar que lembrou Tracy um pouco de como ela sempre imaginara Ichabod Crane.

Todos ficaram em silêncio.

"Bem-vindos", disse ela. E se apresentou aos recém-chegados: era a diretora das colônias, TJ, e convidou todos a chamá-la assim.

Era difícil avaliar sua idade. De certos ângulos, ela parecia muito jovem — poderia ter uns vinte e poucos anos —, mas sua voz carregava uma autoridade rouca que Tracy achou estranha em alguém da sua idade. Todos pararam para ouvi-la, inclusive os conselheiros homens, que não ficaram em silêncio o resto do tempo.

A mulher, TJ, tirou um pedaço de papel que parecia ter algumas anotações.

E ele os examinou um por um.

Ele enfatizou as mesmas regras de antes e as explicou. Em seguida, acrescentou algumas novas: qualquer campista flagrado fora de sua cabana após o toque de recolher receberia uma advertência e duas noites de trabalho na cantina. Uma segunda infração resultaria em expulsão do acampamento.

Ele fez uma pausa e olhou para cima.

O fogo iluminava os galhos acima dela com tons alaranjados. Além, estendia-se o céu mais negro e estrelado que Tracy já vira.

"Mais uma coisa", disse TJ. "Devido à preocupação que algumas famílias demonstraram, a jornada de sobrevivência deste ano será um pouco diferente."

Houve um lamento coletivo.

Ela levantou a mão.

"Escutem", disse ele. "Vocês continuarão indo sozinhos, em grupos. E serão responsáveis pelo seu próprio bem-estar. A única diferença é que, durante essas três noites, vocês terão um conselheiro por perto. Mas ele ficará a cem metros de distância, a menos que haja uma emergência que vocês não consigam resolver sozinhos."

Silêncio. Então uma voz masculina solitária vaiou. O resto do grupo riu.

Tracy prendeu a respiração e esperou pela reação de TJ. Ele não parecia disposto a ter paciência com palhaços. Mas o que ele fez foi sorrir.

"Eu também não gosto", disse ele. "Acredite."

Naquela noite, depois que as luzes se apagaram, Tracy ficou deitada na cama, olhando para as sombras e ouvindo primeiro o silêncio e depois o murmúrio de risadas e histórias contadas em voz baixa.

Ela estava sozinha. E assim permaneceria. Sua única tarefa, disse a si mesma, era sobreviver ao verão.

LOUISE

Junho de 1975

Louise prendeu a respiração e escutou na escuridão. Do outro lado da divisória: soluços suaves. Alguém chorava e tentava esconder. Era a mesma coisa na primeira noite em todas as colônias.

Ele se sentou na cama. Foi na ponta dos pés até Annabel. Abriu a cortina. Examinou o quarto, observando cada um dos campistas.

Tracy.

Eram os olhos dela, brilhando ao luar, que o olhavam de volta.

Agora, a menina estava sentada ao lado de Louise lá fora, nos degraus que desciam da varanda, tentando se encolher. Puxando a camisola para cima até cobrir os joelhos.

Envolvendo os cotovelos em volta deles. Parecia, pensou, uma criança enorme de seis anos.

Ele cheirou novamente.

"Você quer conversar?", perguntou Louise, sua abertura padrão, uma que ela havia criado ao longo de quatro verões e que não deixava espaço para insistir que nada estava errado.

A garota deu de ombros. Envergonhada.

Mais cedo, no jantar e na fogueira que se seguiu, Tracy sentara-se bem no fundo e não dissera uma palavra. Mantivera a cabeça baixa. Ao retornar à cabana, lera um livro enquanto as outras meninas conversavam, gritavam e corriam caoticamente pela sala, ricocheteando como elétrons em todas as superfícies. Meninas de doze e treze anos empregavam um tipo particular de humor, especialmente quando não estavam na presença de meninos: simultaneamente repugnante e inocente, rude e ingênuo. Quando não era usado com intenção maliciosa — isto é, quando não era direcionado a ninguém — Louise adorava esse tipo de humor. Da parede, ela as observava em silêncio, com carinho, relembrando aquele momento da vida que era como respirar antes de falar, a última e doce pausa antes de uma grande revelação.

"Alguém lhe disse alguma coisa?", perguntou ele gentilmente. "Está chateada?"

A menina balançou a cabeça.

"Estou com medo", disse ela. Inclinou-se quase imperceptivelmente para mais perto de Louise, que estendeu o braço e a envolveu da melhor maneira possível.

"Para quê?" ele perguntou.

"Estávamos contando histórias", disse a garota. A expressão tinha um certo drama. " Nós estávamos ″ , pensou ela. Não " eles estavam ″ . Um apelo nostálgico por inclusão.

"Que histórias?", disse Louise.

A garota fez uma pausa. À luz da lua, ela só conseguia ver o contorno do rosto dele.

E então ele disse algo em voz tão baixa que ela não conseguiu entender. Ele inclinou a cabeça.

"A Adaga", Tracy sussurrou, olhando rapidamente ao redor, com medo de que alguém a tivesse ouvido.

Claro que foi por causa da Adaga.

Louise quase sorriu de alívio. Era uma das muitas histórias passadas de uma geração de campistas para a outra, às vezes como uma história de trote, às vezes como um aviso.

Muitas vezes não ficava claro o quanto cada campista acreditava na verdade. Alguns as contavam com um sorriso irônico, felizes em assustar os outros; outros as contavam com a voz trêmula, ansiosos para se livrarem do conhecimento horrível que haviam adquirido.

Aliás, TJ havia mencionado isso durante o treinamento daquele ano: os pequenos, ele lhes dissera, ficam com muito medo. Vamos evitar histórias de fantasmas, por favor.

Havia vários que se encaixavam na descrição: Old Jones, o fantasma de um guia de Adirondack que batia nas janelas da cabine à noite; e Creepy Mary, supostamente a esposa abandonada de um ancestral que os Van Laars tiveram várias gerações antes.

Mas o Punhal — ou Jacob Sluiter, que era seu nome verdadeiro — não era um fantasma.

Era um homem e, até onde Louise sabia, ainda estava vivo. E assombrava a mente de seus campistas ano após ano. Os rumores sobre ele — e sua suposta ligação com a Reserva Van Laar — eram as histórias mais persistentes que ela ouvira.

"Você não precisa se preocupar com ele", disse Louise. "Ele está numa cela. A uns 300

quilômetros daqui."

Mas Tracy rapidamente balançou a cabeça.

"Não", ele disse. "Ele escapou."

"Isso não é verdade", respondeu Louise.

"Sim", insistiu o outro. "O TJ disse isso. Ele contou para uma das conselheiras da Spruce.

E ela contou para a estagiária, que contou para a Caroline."

Louise fez uma pausa, sem se convencer. Para começar, se isso fosse verdade, TJ teria contado a ela primeiro. Ou não? A menos que não tivesse tido a chance. .

Ele sorriu para a garota.

"Mesmo que isso fosse verdade", disse ele, "eu teria que fazer uma longa viagem para chegar a esta área. E não vejo por que faria isso."

"Eu as ouvi contar histórias", disse Tracy. Ela abraçou os joelhos com mais força. "As outras meninas."

"Essas histórias existem há muito tempo", disse Louise. "Isso não significa que sejam verdadeiras."

A garota não estava prestando atenção nele. Ela balançava a cabeça, implorando para que ele a ouvisse.

"Eu os ouvi falando sobre o garoto", ele sussurrou.

Ela parou.

Eu sabia de quem ele estava falando. Não havia necessidade de dizer o nome dele.

LOUISE

Dois meses depois

Agosto de 1975

Louise está correndo.

Na maioria dos dias, essa mesma maneira de se movimentar — pernas e braços em movimento, cabeça e pescoço eretos — lhe parece correta: é o seu estado natural. As vezes em que corre na Reserva são os únicos momentos da sua vida em que se sente completamente à vontade, quando suas preocupações são momentaneamente colocadas em espera. Ela era velocista no ensino médio, mas prefere longas distâncias. É quando seu corpo, de alguma forma, se sente como a mãe do seu cérebro — ou o que uma mãe deveria ser, pelo menos. Como a de todas as outras.

Sua maneira de correr hoje é diferente.

Hoje, Louise corre freneticamente, sem conseguir enxergar nada. Ela tropeça no chão.

Ela recupera o equilíbrio. Ignora um monitor que a chama do outro lado do prado.

"Ok, esquece!", ele diz, afável, despreocupado. Louise não olha para trás.

Ele já procurou por Barbara nos seguintes lugares: nas latrinas, no refeitório, na sala comunitária e na praia. Já procurou na enfermaria e no galpão de barcos. Foi até a casa dos donos, onde uma empregada simpática andou de um lado para o outro pelos corredores por dez minutos enquanto Louise esperava do lado de fora. Mas Barbara não estava em nenhum desses lugares, e ninguém com quem ele falou a viu esta manhã.

Ao chegar à cabine da diretora, ele bate na porta. Espera trinta segundos. Bate novamente.

Ela está dentro, Louise sabe. TJ é uma mulher que segue rotinas rígidas e cujas manhãs são sempre idênticas. Às 6h30, ela toca a alvorada no sistema de som, sinalizando aos campistas que é hora de acordar e ir para os chuveiros. E às 8h05, ela sai, caminha até o refeitório e chega ao final do café da manhã para revisar as falas.

Louise olha para o relógio: 6h40. Faltam vinte minutos para os campistas irem ao refeitório tomar café da manhã.

Ainda não há resposta. Ela coloca a palma da mão na maçaneta da porta. Empurra-a para baixo. Não há fechaduras no Acampamento Emerson, exceto

nos banheiros. Mesmo assim, entrar na cabana da diretora (onde TJ mora o ano todo e onde cresceu) sem ser convidada a faz sentir que está fazendo algo errado, mesmo que Louise ache que a conhece de forma diferente das outras conselheiras. Ela compartilha com ela uma história que é mantida em segredo dos demais residentes do acampamento.

Finalmente, ele abre a porta. Não lhe resta outra escolha.

"Olá?", ele diz, levantando a voz. Ele entra na sala de estar com painéis de madeira, que também serve como escritório do centro. Uma escrivaninha fica de frente para a janela, na parede da frente; em frente a ela, duas cadeiras pequenas ocupam um lugar permanente reservado para campistas que precisam ser repreendidos.

Louise passou muitas horas neste quarto. Em certa ocasião, durante uma semana inteira de frio em janeiro.

Escute. A casa cheira a TJ: a cânfora e o alcatrão do seu repelente de moscas caseiro; por baixo desse cheiro, o ferro e o almíscar do seu suor.

O som do chuveiro chega até ele vindo dos fundos da casa.

Ela leva a mão ao rosto para enxugar o suor da testa e do lábio superior. Não sabe o que fazer em seguida. Parece um erro esperar TJ terminar de tomar banho. É o mesmo que pegar o telefone e ligar para alguém sem nenhuma instrução dela. E para quem mais ela ligaria? Para a polícia? Para o corpo de bombeiros voluntários? Deus me livre.. Para os Van Laars? Ela vê o telefone do outro lado da sala, na mesa de TJ, o único em todo o acampamento. Só há outro por perto; fica na casa dos donos, a Self-Reliance.

Louise caminha pelo corredor que leva ao banheiro. A porta está aberta. Há roupas empilhadas no chão.

Ele faz uma pausa antes de entrar. Deveria bater mais forte?

Tarde demais; um guincho metálico agudo e uma maçaneta gira. O chuveiro desliga. A cortina se abre, revelando TJ, com seu cabelo curto e molhado, torso esguio, seios pequenos e o bronzeado pálido que ela exibiu durante todo o verão.

Louise gira nos calcanhares, mas é tarde demais. Seus olhares já se encontraram.

"Sinto muito", ele diz enquanto TJ solta um grito.

"Que porra você está fazendo, Louise?", pergunta TJ depois de recuperar o fôlego.

"Sinto muito", ela repete sem parar. Ela caminha pelo corredor, ainda repetindo a mesma frase.

Ela ouve TJ abrindo gavetas atrás dela.

"O que você está fazendo aqui?" ele a chama.

Louise pigarreia.

"Estou aqui por Barbara Van Laar", diz ele.

—O que há de errado com ele?

—Que não estava em seu beliche esta manhã.

Há silêncio pelo que parece um minuto.

Finalmente, os passos de TJ são ouvidos no corredor. Ela entra no escritório, já vestida.

— Você tem uma colega de beliche, certo? Você viu a Barbara sair?

—Ele disse que não ouviu nada. Estava dormindo.

Louise sabe que há uma boa chance de TJ responsabilizá-la. Porque o trabalho de um conselheiro é ouvir as coisas. Os comentários cruéis que um campista faz para outro. Um trovão ao longe: todos fora do lago.

A porta de tela, a coisa mais importante. Quando é aberta no meio da noite.

Louise espera que TJ diga alguma coisa. Qualquer coisa. Finalmente, ele fala:

"Mas você e Annabel estavam na cabana ontem à noite", ele diz. "Certo?"

Se ela hesita, é só para respirar. Ela já esperava a pergunta. Estava preparada.

"Sim", ele diz rapidamente.

"Tem certeza?", pergunta TJ. "Annabel e você?"

“Ambos”, diz Louise.

Ele não tem o hábito de mentir, embora às vezes o faça por razões práticas. Ele tem tido a necessidade de fazê-lo periodicamente sobre sua vida. É uma questão de sobrevivência.

Mesmo assim, sempre o faz se sentir mal, especialmente quando mente para alguém que respeita. Como TJ Hewitt, a quem confessou coisas em diversas ocasiões que nunca contou a ninguém. A ideia de mentir para ele agora lhe dá um nó no estômago.

Mas se ele sabe que ela está mentindo, não deixa transparecer por enquanto. Em vez disso, desvia o olhar de Louise e direciona o olhar para o sistema de som acima e abaixo da mesa.

Ele atravessa a sala a passos largos. Levanta o microfone. Liga-o.

"Todas as cabines", diz ele. "Por favor, enviem seus monitores para a cabine do diretor.

Monitores estagiários, vocês ficam no comando pelo resto da manhã." Ele desliga o sistema e fica de costas para Louise por um momento. Sem se virar, pergunta: " Vocês o viram esta semana?"

Ela está se referindo a João Paulo II. Ela não precisa perguntar.

E pela segunda vez esta manhã, ele mente para TJ.

-Não.

TRACY

Junho de 1975

Ao chegar ao Acampamento Emerson, Barbara Van Laar foi recebida com um silêncio geral.

Ninguém disse nada enquanto a limusine preta da família se aproximava lentamente da entrada da garagem e atravessava o prado, conduzida por um motorista; nem quando a própria menina, Barbara, caminhou os oitocentos metros da casa dos donos, aparentemente se recusando a entrar no carro com seus pertences.

Ela apareceu diante dos outros às 8h05, quando saíam do refeitório para o café da manhã. Ficou em posição de sentido, sem sorrir, ao passar pelos campistas que partiam, que esbarravam uns nos outros na tentativa de ver melhor. Ela usava roupas que muitos deles nunca tinham visto antes: jeans cortados que mal cobriam seu traseiro sobre meia-calça preta com o que pareciam ser rasgos intencionais, botas de combate pretas e uma camiseta com uma palavra que nenhum deles conseguiu entender, mas interpretou como rude. Seu cabelo era tingido de preto e cortado em um corte curto e desgrenhado que caía abaixo do queixo, seus lábios eram vermelhos e seus olhos estavam delineados com carvão.

O mais impressionante eram os espinhos prateados — mais de um — adornando seus lóbulos das orelhas, junto com o que parecia ser uma coleira de cachorro em volta do pescoço e pulseiras de couro preto em seus pulsos.

A caminhada inaugural de Barbara pelo gramado continuaria sendo tema de discussão por meses: era a primeira vez que qualquer um dos campistas a via pessoalmente, embora ela já fosse comentada há anos. A maioria das conversas girava em torno de sua aparência e trajes, o que havia sido um *choque* para a maioria no Acampamento Emerson. Somente os campistas que tinham vindo de Manhattan sabiam como chamar aquele estilo, um nome que os outros nunca tinham ouvido falar.

Punk.

Qualquer outro campista que tivesse chegado com aquelas roupas teria sido imediatamente relegado ao fundo da escala social, recebido com descrença ou simplesmente ignorado. Mas Barbara Van Laar era interessante demais para ser ignorada; sua história pessoal era tão intrigante e complexa. Embora ninguém dissesse isso em voz alta, o objetivo de cada campista no centro era fazer amizade com ela.

Na próxima vez que viram Barbara, Louise a estava levando para a pequena

praia às margens do Lago Joan, onde moradores de vários chalés, incluindo o de Tracy, aguardavam para fazer os testes de natação. Sem as roupas com que chegara, ela parecia mais jovem.

Um longo ancoradouro de metal em forma de T projetava-se da praia, queimado pelo sol. O instrutor de natação, um Atlas alto e loiro chamado Mitchell, conduziu a primeira cabine até o final do ancoradouro.

"No três", disse ele. E quando terminou de contar, os campistas mais jovens de Spruce mergulharam na água, gritando ao emergir.

"Regra número um", disse Mitchell, "não grite, a menos que esteja em perigo".

Tracy estava parada na ponta do grupo, sentindo-se desconfortável em seu maiô e com uma toalha enrolada na cintura. Ela estava nas colônias há menos de 24 horas, mas não lhe passou despercebida que os outros campistas Fir — consciente ou inconscientemente —

tendiam a manter distância dela.

A essa altura, Barbara e Louise já haviam chegado ao fim do ancoradouro.

"Mitch", disse a conselheira, repetindo em voz alta. "Posso interrompê-lo por um segundo?" Todos se viraram para olhar. "Esta é Barbara. Ela estará conosco em Fir neste verão." Louise gesticulou em direção ao grupo de Tracy. "Aquelas meninas ali são suas companheiras de chalé. Diga oi, Fir."

As meninas assentiram obedientemente. Barbara levantou a mão e abriu caminho entre os campistas, encaixando-se perfeitamente no espaço vazio ao lado de Tracy. Ela então olhou fixamente para a frente, em direção ao lago, aparentemente fingindo não ser o centro das atenções de todos ao seu redor.

Com a visão periférica, ele viu que Barbara não era exatamente bonita, mas havia algo atraente nela, uma certa maturidade e autoconfiança. Ela estava com os braços na cintura, os pés ligeiramente afastados, muito quieta e as costas retas. Seus ombros não estavam caídos e ela não estava nervosa. Ao vê-la, Tracy se endireitou.

Antes que pudesse desviar o olhar, Barbara virou a cabeça bruscamente e seus olhares se encontraram. Mas seu rosto não demonstrava irritação, nem

desagrado. Não: pela fração de segundo em que se encontraram, seu olhar pareceu nitidamente divertido.

“Fir”, disse Mitchell, “você está pronto?”

Tracy relutantemente tirou a toalha da cintura.

Quando ele contou até três, o grupo mergulhou.

O teste consistia em nadar até uma boia a cerca de cinquenta metros de distância e depois voltar. Enquanto nadavam, Mitchell os observava, avaliando sua postura e velocidade, e tomando notas.

Tracy era uma nadadora decente graças aos seus anos de aulas na YWCA. Se tivesse se esforçado ao máximo, poderia ter terminado na frente da fila. Mas não teria sido a primeira.

O título de vencedora pertencia a Barbara, que nadou com tanta graça e rapidez que já estava saindo pela porta e se enxugando quando a segunda colocada tocou o patamar.

“Que velocista”, disse Mitchell, impressionado.

Bárbara não respondeu. Estava ocupada se secando. Penteou o cabelo e a franja para trás, que estavam grudados nas laterais do rosto.

Na hora do almoço, Tracy sentou-se na ponta da mesa, como fazia em todas as refeições desde que chegara ao Acampamento Emerson. E, como de costume, as outras meninas se amontoaram bem longe dela. Depois de um momento, porém, e para sua surpresa, Barbara Van Laar colocou a bandeja bem à sua frente e sentou-se. Imediatamente, a atenção da mesa se desviou.

A garota estava usando seu batom vermelho novamente — ou ela o tinha comprado no centro para estrangeiros, ou eles já estavam abrindo exceções especiais para ela — e enquanto ela mordia e mastigava sua comida, Tracy teve a impressão de que sua boca luminosa funcionava como um anzol de pesca.

"O quê?", perguntou Barbara, a primeira palavra que a ouviu pronunciar. Sua voz era baixa e tranquila, com o mesmo tom sarcástico que Tracy notara em seus olhos antes.

"Gostei do seu.. ", disse ela, e então fechou a boca. "Não seja estranha", ordenou a si mesma.

"Meu o quê?", perguntou Barbara. Ela hesitou. "Meu batom? Vou deixar para você."

—É permitido?

"Não é?" ele queria saber.

Tracy pensou sobre isso.

"Acho que só permitem em bailes", disse ele. "Foi o que nos disseram na orientação."

Bárbara deu de ombros.

"Eu não estava na orientação", disse ele. "Se alguém quiser me dizer alguma coisa, me avise."

"Por que você perdeu?" ele perguntou.

"Por causa dos meus pais", respondeu ele. "Eles se esqueceram de me inscrever no acampamento de verão."

Tracy assentiu. Ela conseguia entender aquilo: a sensação de ser esquecida. À sua direita, notou os outros membros do Abeto se inclinando na direção deles, esforçando-se para ouvir o que diziam.

Naquele dia — o segundo dia completo da colônia — começou o que se tornaria sua rotina normal dali em diante.

Todos os dias eles acordavam às seis e meia, quando o toque de alvorada soava nos alto-falantes.

Eles estavam tomando banho.

Às sete, eles foram ao refeitório para tomar café da manhã; às oito e meia, eles se reuniram perto do mastro da bandeira para içá-lo e começar a assembleia.

Em seguida vinha a aula de natação, seguida pela primeira atividade eletiva,

almoço, a segunda atividade eletiva, período livre, jantar e, geralmente, algum evento noturno programado.

Duas vezes por semana, em vez de uma das atividades eletivas, eles tinham aulas de sobrevivência, ministradas pelo próprio TJ Hewitt. Nelas, aprendiam a construir abrigos, procurar comida e fazer lanças de pesca, encontrar ou purificar água e construir armadilhas para pequenos animais, que também aprendiam a esfolar e comer.

Essas aulas eram a essência do Acampamento Emerson: a razão de sua fundação, diziam aos campistas. Elas também eram importantes para uma tradição realizada no final de cada verão, pela qual o acampamento era famoso.

O nome original da tradição era "caminhada solo". Nos primeiros anos do Acampamento Emerson, quando Peter Van Laar ainda reinava na casa na colina, todos os campistas eram enviados para a floresta sozinhos por três noites, sem nada além de sua inteligência para mantê-los vivos. Nenhum campista jamais morrera, mas, ao longo das décadas, inúmeras histórias circularam de meninos e meninas saindo cambaleando da floresta, magros e sedentos. Quando Tracy chegou ao Acampamento Emerson, a caminhada solo havia se tornado a jornada de sobrevivência. Graças a uma nova geração de pais preocupados, as crianças agora eram enviadas para a floresta em pequenos grupos. E naquele ano, como TJ

havia explicado, esses pequenos grupos seriam acompanhados por um conselheiro.

Nessas aulas, os campistas eram agrupados não por cabine, mas por grupos de sobrevivência, cada um composto por aproximadamente dez campistas. Os grupos eram meticulosamente projetados para incluir no máximo dois campistas de cada cabine ou faixa etária, com os campistas mais velhos servindo como mentores dos mais jovens.

O grupo de sobrevivência de Tracy se reuniu pela primeira vez no quarto dia na colônia.

Eles foram convocados para o mastro da bandeira, onde TJ Hewitt estaria esperando. E lá estava ela quando eles chegaram: quieta e com uma expressão feroz, sem demonstrar nenhum sinal de querer conversar com ninguém.

Tracy ficou agradavelmente surpresa ao encontrar Barbara Van Laar em seu grupo, que acenou para ela quando seus olhares se encontraram, mas esperou em silêncio, assim como seu instrutor.

A última pessoa a chegar foi um garoto de cerca de quatorze anos. Um dos campistas mais velhos das colônias. Ela corou imediatamente. Achou que ele era a pessoa mais bonita que já tinha visto.

Ele era alto, usava um colar de conchas no pescoço e, no início do verão, sua pele já havia adquirido um bronzeado que Tracy jamais conseguiria alcançar. Seu cabelo era comprido, quase na altura dos ombros, e ele usava sandálias, embora elas não estivessem na moda há vários verões. Como os demais campistas, ele usava uniforme; mas seus acessórios a convenceram de que seu traje habitual provavelmente era boêmio, um estilo que ela associava à década anterior.

"Tracy?", alguém perguntou. TJ Hewitt olhava para sua prancheta, registrando a chamada. "A Tracy não está aqui?", perguntou ele, com o lápis prestes a riscar o nome dela.

"Aqui", ela respondeu rapidamente, forçando-se a desviar o olhar do garoto em questão, que estava parado na sua frente, no pequeno grupo reunido ao redor do mastro da bandeira.

Ao fazê-lo, seu olhar encontrou o de Barbara Van Laar, que ergueu e abaixou as sobrancelhas. Ela corou.

"Tudo bem", disse TJ. "Estamos todos aqui."

E ele partiu direto para a floresta, onde passaram a hora seguinte aprendendo a navegar.

No final, todos entenderam o básico da navegação pela bússola ou pelo sol.

Se ambas as técnicas falhassem, concluiu TJ, o mais importante era não entrar em pânico.

Como bônus, ele perguntou quem sabia a origem da palavra.

"Que palavra?" alguém perguntou.

— *Pânico* — disse TJ Mas ninguém levantou a mão.

Ele explicou a ela. Vinha de Pã, o deus grego da floresta. Ele gostava de enganar as pessoas, confundi-las e desorientá-las até que perdessem o rumo e a razão.

Ceder ao pânico, disse TJ, era fazer da floresta sua inimiga. Manter a calma era ser seu amigo.

Quando a aula do dia terminou, Tracy começou a caminhar lentamente de volta para sua cabana. Ela estava perdida em um devaneio lânguido, encantada pelas palavras de TJ e também por Lowell Cargill, pois havia aprendido o nome do garoto. Ela estava tão distraída, na verdade, que só percebeu quem estava ao seu lado quando estavam na metade do caminho para Fir.

Quando ela finalmente olhou para a esquerda, viu Barbara Van Laar caminhando ao seu lado, olhando para ela, com uma espécie de meio sorriso aparecendo em seu rosto.

"O quê?" Tracy disse, pronta para a outra garota mexer com ela.

Bárbara balançou a cabeça.

-Nada.

Ela olhava fixamente para a frente. Estava interessada naquela garota, assim como todos no Acampamento Emerson pareciam estar. Mas tinha certeza de que ela não tinha nada a lhe oferecer: nenhuma história do passado, nenhuma posição social. Seus pais eram divorciados, sim, mas isso também acontecia com muitas outras garotas. Ela não conseguia imaginar o que ele queria conversar com ela. No entanto, lá estava Barbara Van Laar, caminhando ao seu lado, animada e batendo palmas de vez em quando, balançando os braços à frente, como se estivesse acompanhando o ritmo de uma música em sua cabeça.

"Ele é bonito", disse Bárbara depois de caminharem em silêncio por um tempo. "Você não acha?"

"Quem?", perguntou Tracy.

Bárbara riu. Revirou os olhos. Prendeu o cabelo atrás das orelhas.

"Tenho quase certeza de que você sabe", disse Bárbara. "Mas se não quiser conversar, tudo bem."

"Quero conversar", pensou ela. Mas, como sempre, as palavras lhe faltaram.

Em sua segunda noite no Acampamento Emerson, ele ouviu algo — às escondidas — que não entendeu direito. Achou que era sobre Barbara.

Ela estava seguindo duas de suas companheiras de cabine de volta das latrinas.

"Que terrível ser o substituto do seu irmão mais velho.. ", Caroline sussurrou.

Os olhos de Tracy se arregalaram na escuridão. Que comentário horrível, pensou ela. E

Amy deve ter concordado com ela quando respondeu:

"Caroline!" ele disse num tom quase escandalizado.

"O quê?", Caroline deixou escapar, se encorajando. "Só estou dizendo o que penso."

ele é bonito ? ", Tracy perguntou. Era a melhor pergunta que ela conseguia pensar. Barbara deu de ombros.

"Acho que sim", respondeu ele. "Se você curte esse negócio de artista."

"Qual é a sua praia?" ele perguntou.

"Não sei", disse o outro. "Não penso mais nessas coisas."

Tracy assentiu. Ela não tinha certeza do que ele queria dizer, mas estava com vergonha de perguntar.

"Agora tenho namorado", acrescentou Barbara. Uma explicação. E não havia tempo para dizer mais nada, pois os dois já haviam chegado à varanda.

LOUISE

Dois meses depois

Agosto de 1975

Às sete da manhã começa a busca por Bárbara.

Enquanto aguardam a chegada do sistema de som, TJ está sentado na sala de estar, em um sofá marrom tão velho que tem uma cavidade no meio. Sua cabeça está baixa. Sem dúvida, imaginando uma cena específica: dar a notícia aos Van Laars de que sua filha desapareceu enquanto estava sob seus cuidados.

Louise fica desconfortavelmente ao lado dele; ela sente que não seria certo se sentar.

Que ela não merece isso.

"Como você a viu neste verão?", pergunta TJ. "Feliz?"

"É", ela diz. "É, acho que sim. Todo mundo gosta dela. Eles a admiram, eu acho."

—Ele já disse algo que fez você pensar que ele poderia escapar?

Louise balança a cabeça.

A verdade é que — e ela não sabe como dizer isso — ela nunca teve a sensação de que Barbara precisasse dela ou tivesse o respeito que as outras meninas têm por ela. Ela sempre pareceu quase alguém da sua idade. Elas gostam uma da outra, mas não são próximas; nos últimos dois meses, Barbara nunca se confessou para ela, nem pediu conselhos sobre uma amiga ou um garoto de quem ela pudesse gostar, o que acontece pelo menos uma vez por verão — e às vezes mais — com os outros campistas que ela teve.

"Com quem você tem o relacionamento mais próximo?", pergunta TJ, lendo sua mente.

—Com sua colega de beliche, Tracy.

Ela faz uma pausa para pensar.

—Eles fizeram a viagem de sobrevivência juntos. Dividiram uma barraca.

Louise concorda.

—Precisamos encontrar a Tracy. E falar com ela.

Alguém bate à porta. São os primeiros conselheiros, que já estão chegando.

Pela janela, Louise vê grupos de monitores e campistas passando lentamente pela sala de TJ a caminho do café da manhã, arrastando os pés enquanto tentam dar uma olhada no que está acontecendo lá dentro. Todos já devem saber que algo aconteceu.

Há quatorze cabines, quatorze conselheiros e quatorze estagiários, o que significa que, quando todos chegam, a sala está lotada. TJ se levanta do pequeno sofá em que estava sentada para ter uma visão melhor. Ela começa a falar:

"Barbara Van Laar não estava na cabana dela esta manhã", ela relata. Não há necessidade de dizer " Uma campista de Fir ″ ou " Uma campista de Louise ″ . Todos aqui sabem quem ela é. "Em um instante", ela continua, "vou designar um local para cada um de vocês. Vamos nos espalhar pelo terreno e fazer uma busca rápida. Tentaremos encontrá-la nós mesmos. Não há necessidade de assustar a família desnecessariamente. Mas primeiro", disse TJ, "há algo que eu precise saber?"

Os monitores permanecem em silêncio. Eles se movem nervosamente, olhando ao redor, caso algum deles queira falar.

"Aconteceu alguma coisa esta noite?" ele pergunta.

Louise sabe que este é o momento em que qualquer um pode denunciá-los; qualquer um pode dizer que viu Annabel bêbada na floresta ontem à noite; ou falar sobre os passeios que ela faz todas as noites para passar um tempo com outros conselheiros. Mas ninguém os dedura. Louise sabe que todos esperam que isso seja um mal-entendido e que possa ser facilmente resolvido.

TJ tenta uma tática diferente.

—Alguém sabe se Barbara… começou algum relacionamento enquanto estava aqui?

"Um dos meus filhos tinha uma queda por ela", diz um conselheiro chamado

Davey. Ele é um garoto simpático e de óculos que certa vez compôs uma música chamada "Louise" e a tocou, envergonhado, na frente de um grupo no Glade quando todos estavam bêbados.

Ninguém mais mencionou o episódio desde então.

"Você acha que eles estavam juntos?", pergunta TJ.

Davey balança a cabeça.

— Não, acho que ele só gosta da Barbara. E é por isso que ele tem sido muito ridicularizado. Mas eu sei que ele a convidou para o baile ontem à noite. E ela disse não.

TJ concorda.

"Vou falar com ele quando terminarmos aqui", ele diz. "Mais alguém?"

Silêncio.

"Muito bem", ele conclui e conta o plano.

A própria TJ, depois de falar com o campista de Davey, caminhará até a casa dos donos, a Autossuficiência, para fazer uma busca completa, ao contrário de Louise. Ela designa aos outros diferentes rotas para cobrir todo o centro do acampamento e seus arredores. Sete dos monitores foram designados para as cabanas e prédios; os outros sete, para a mata próxima. Todos foram instruídos a soprar os apitos que usaram no pescoço durante todo o verão, em um padrão de duas séries de três apitos — TJ demonstra em voz baixa — se localizarem Barbara.

E se descobrirem ou virem qualquer outra coisa — uma pista ou algo suspeito —, terão que apitar quatro vezes, com dois apitos cada. E então ela irá verificá-los sozinha.

"Alguma pergunta?", pergunta TJ.

Um conselheiro chamado Sam levanta a mão. Ele é novo neste verão. Acabou de se formar no ensino médio e vai começar a faculdade no outono, o que significa que é um dos mais jovens do centro.

"Seu irmão não veio para essas colônias?", ele pergunta. "O filho dos Van Laars?"

O silêncio é absoluto. Louise não sabe bem o porquê, mas no Acampamento Emerson existe um pacto universal de que Bear Van Laar só pode ser mencionado em sussurros. E, claro, nunca se deve mencioná-lo a TJ, que o conhecia e, segundo consta, tinha um relacionamento próximo com ele.

Louise deve ser a única conselheira que se lembra claramente do desaparecimento dele.

Ela tinha nove anos, um ano a mais que Bear, quando aconteceu. Ela não o conhecia, mas se lembra de que todos os moradores de Shattuck — sua cidade, localizada a oito quilômetros da Reserva Van Laar e cidade natal de todos os seus funcionários — participaram da busca.

A expressão de TJ muda por um instante. Algo passa por seu rosto que Louise não consegue identificar. Ela teme que seja raiva. Ela se prepara para uma explosão. Ele quase nunca levanta a voz, mas quando o faz, é uma visão assustadora.

Porém, quando ele fala, é com gentileza:

"Não", ele diz. "Não, o Urso nunca veio a essas colônias."

Alguns dos monitores encaram Sam, que parece confuso. Ele não tem muita noção do que fez.

—Tudo bem — diz TJ. —Vamos.

Louise foi designada para a residência dos funcionários.

Sua rota cruza o caminho que leva ao lago. Ele instintivamente decide segui-lo.

Ele chega ao Lago Joan, que, segundo lhe disseram, recebeu o nome da esposa de um colono inglês. Ele examina a margem oposta em busca de qualquer movimento e, enquanto está lá, organiza suas preocupações por ordem de importância.

A mais urgente é Barbara Van Laar, para onde ela foi e ela está segura?

Então vem John Paul: seu paradeiro atual e se ele provavelmente irá visitá-la. Para puni-la de alguma forma, como já fez no passado.

Depois, há a preocupação de ser demitida do emprego. E onde ela vai morar se isso acontecer.

Ela terá que voltar para Shattuck, pensa. Para a casa onde cresceu. Para sua mãe, cujo comportamento se tornou insuportável nos últimos anos, e para seu irmãozinho, Jesse, de onze anos, a quem Louise ama como se fosse seu e cuja natureza doce não será capaz de suportar os ataques constantes da mãe por muito mais tempo, mesmo em seus piores momentos. Ultimamente, ele tem mostrado sinais alarmantes de não conseguir aprender nada na escola, e essa é sua quarta preocupação. Louise sonha frequentemente em resgatá-lo e levá-lo para morar com ela, criando-o sozinha: um objetivo que ela espera alcançar antes do fim de mais um ano.

Se ela for demitida do emprego, ela não terá escolha a não ser retornar para Shattuck, apesar do fato de que toda a sua vida, até agora, consistiu em uma tentativa de fuga após a outra.

Quando morava lá, ela tentava se manter isolada, para se afastar das intrigas adolescentes que dominavam a vida na escola secundária central. Mas ela continuava se envolvendo involuntariamente em situações complicadas, até que finalmente se resignou à

ideia de que, em um lugar tão pequeno quanto Shattuck, ninguém tinha permissão para ser invisível. Como o resto da cidade, Louise tinha certos pontos fortes e fracos. Ela tinha a vantagem de ser uma boa atleta e inteligente, e a desvantagem de ser extremamente pobre e ter uma mãe que estava constante e notoriamente bêbada. Mas foi sua beleza incomum que a destacou e a catapultou para uma posição de destaque social sem o seu consentimento, causando uma espécie de alvoroço constante ao seu redor do qual ela, na maior parte do tempo, não queria participar.

Se alguém tivesse se dado ao trabalho de perguntar a ela naquela época o que ela queria, Louise teria dito: ouvir música, principalmente Zeppelin e Grateful Dead, mas também Procol Harum, Joan Baez e Joni Mitchell; ver George McGovern vencer uma eleição (agora que Bobby Kennedy estava morto); trabalhar em uma profissão que ajudasse a mudar o mundo; conhecer um bom homem que a

levasse a sério; viajar pelo país e pelo mundo. Mas ninguém nunca lhe perguntou isso, então ela guardou esses desejos para si mesma e apenas os escrevia em diários, trazendo-os à tona sempre que um aniversário, um poço dos desejos ou uma estrela cadente apresentavam uma oportunidade formal de torná-los conhecidos ao universo.

Enquanto esperava que esses desejos se realizassem, ela se concentrou nos estudos. Foi uma aluna exemplar na Central High School, onde se formou com a segunda melhor nota.

Ganhou uma bolsa para estudar no Union College com a ajuda de um orientador educacional cujo irmão trabalhava no departamento de admissões. Mas não se saiu bem.

Não tinha dinheiro nem para comprar livros. Abandonou o curso no final do primeiro ano.

A única coisa duradoura que lhe restara de sua criação era um namorado — John Paul McLellan — um ano mais velho que ela, formado em filosofia e criado em Manhattan. Ele era diferente de todos os garotos com quem ela crescera e, embora muitas garotas gostassem dele, ele só tinha olhos para Louise, e deixou isso claro para os outros depois que ela estava no campus por apenas duas semanas, como se estivesse demarcando um pedaço de terra. Seus amigos lhe disseram em uma festa, apontando para o outro lado da sala: " Ele está apaixonado por você ″ . E lá estava John Paul, encostado na parede com os braços cruzados, rindo amigavelmente de algo que alguém lhe dizia. Atraente de uma forma discreta. Ele usava óculos, um detalhe que Louise considerava um sinal claro de responsabilidade e inteligência.

Quando ele saiu da faculdade, John Paul sugeriu que ele fosse trabalhar no centro comunitário de propriedade de seus padrinhos.

"Acampamento Emerson", disse ele. "Fica a algumas horas pela Northway, na Reserva Van Laar."

Louise olhou para ele surpresa.

"Eu o conheço", ele disse.

O fato de que até então John Paul nunca havia mencionado sua ligação com a

Reserva —

embora Louise lhe falasse frequentemente sobre a região onde crescera — não deveria tê-la surpreendido. Ele nunca falava muito sobre sua família; o pouco que ela sabia sobre eles, ela havia colhido de comentários casuais de John Paul e de algumas fofocas. Ela sabia que

seu pai era um católico fervoroso e de família rica, e que havia fundado um escritório de advocacia em Manhattan; sabia que os McLellans eram considerados amigos íntimos da família Bouvier. Ainda assim, Louise interpretou o fato de ele nunca ter associado Shattuck

— que ficava a apenas alguns quilômetros da Reserva — à casa de veraneio de seus padrinhos como prova de que John Paul ouvia muito pouco o que ela lhe dizia.

Porque para Louise — para todos os moradores de Shattuck — a Reserva Van Laar ocupava um lugar de grande importância em suas vidas, um lugar que ambos reconheciam e ressentiam. Após o fechamento da fábrica de papel, que empregara três gerações da cidade, a Reserva e seu centro de assentamento funcionaram como uma espécie de indústria por si só. Ela oferecia trabalho decente, em tempo integral ou parcial, para alguns moradores de Shattuck durante todo o ano; no verão, quando estava aberta, esse número triplicava.

Não passou despercebido a Louise que nenhum daqueles funcionários era conselheiro, cargo aparentemente reservado a jovens de boas famílias que já haviam frequentado as colônias, estudantes universitários em busca de empregos de verão que também lhes permitissem se divertir. Todos os funcionários da Reserva que Louise conhecia de Shattuck exerciam funções de trabalho braçal e braçal.

Então, quando John Paul sugeriu que ela se candidatasse àquele emprego específico, ela tentou expressar suas preocupações de uma forma que ele pudesse entender, uma que não provocasse a irritação que ele frequentemente demonstrava quando ela questionava suas ideias, mas — como era seu hábito — ele descartou suas dúvidas. Lembrou-a de que era praticamente *parente* dos Van Laars. O dono era seu padrinho. Seus pais trabalhavam juntos: os Van Laars como fundadores do banco que havia financiado toda Albany e grande parte da cidade de Nova York; e os McLellans como seus representantes legais. Um dia,

John Paul disse a ela, ele assumiria o banco para ambas as famílias. Não lhe custaria nada conseguir um emprego para Louise no centro da colônia, ele disse a ela. Ela só precisava pedir.

Isso foi há quatro anos. E ela tem trabalhado lá todos os verões desde então. Ela nunca conheceu os Van Laars pessoalmente, apesar da ligação de John Paul com eles. Eles operam como uma presença distante em uma colina ao norte, frequentemente vistos por celebridades locais e alvo de especulações e rumores por parte das crianças e monitores do acampamento. Durante as outras três temporadas, Louise trabalha no Garnet Hill Lodge, um resort aos pés do Monte Gore, liderando programas para os filhos de clientes que passam os dias esquiando ou caminhando e a maioria das noites bebendo em um lounge elegante e enfumaçado. Durante todo esse tempo, ela conseguiu manter seu relacionamento com John Paul, que finalmente conseguiu se formar no Union College, embora isso tenha levado seis anos e o perdão de dois reitores diferentes. Quando se viram, foi em Schenectady, durante seus semestres na universidade, ou no Garnet Hill Lodge, ou

— durante o verão — na Reserva Van Laar, onde John Paul fica com os pais por algumas semanas todo verão. No primeiro desses fins de semana, Louise cometeu o erro de sugerir que ele a levasse escondida para a Self-Reliance para que pudessem dormir juntos em uma cama de verdade por uma noite. Ele a olhou como se ela fosse idiota: "Vocês são meus anfitriões", disse ele. "Eu jamais seria tão desrespeitoso . " Em vez disso, eles transaram —

e ainda transam — desconfortavelmente no carro dele, no estacionamento ao lado da Self-Reliance; ou às vezes encostados em uma árvore na mata ou em um canteiro de agulhas de pinheiro. É sempre Louise quem se lembra de levar a toalha.

Às vezes, com certa dose de reprovação, ela se pergunta por que ficou com John Paul todo esse tempo. Afinal, o que eles têm em comum a essa altura? A cada ano, ela se sente mais distante da pessoa que era quando se conheceram. Na verdade, ela se surpreende por ter sido uma estudante universitária. Hoje, ela relembra seu ano na Union quase com vergonha: outra vida, um capricho juvenil, uma perda de tempo.

Quando ela se permite ser honesta, a resposta é nauseantemente óbvia: Louise ficou com John Paul porque ele representa a possibilidade de uma vida melhor.

Para ela, sim, e para seu irmão Jesse também.

Eles estão noivos, ela se lembra. Estão até planejando comprar anéis assim que ele encontrar um emprego. Um dia, ela diz a si mesma, eles terão uma casa juntos. Uma cama confortável. Grande e com muitos travesseiros. Eles terão dois filhos. Quatro quartos, e o quarto de hóspedes será para Jesse, que Louise levará para morar com eles enquanto for jovem o suficiente para ter uma influência significativa em sua vida, para evitar que ele fique ressentido, deprimido ou imerso nos vapores de cerveja que afetam permanentemente a maioria dos caras com quem ela cresceu.

E ela está disposta a esperar por esse futuro. Porque, depois que John Paul se formar, e antes de ingressar nos negócios da família, o emprego que ocupará "pelo resto da vida " —

frase que ele diz com um suspiro —, ele decidiu tirar um ano para viajar, visitar amigos tão distantes quanto Los Angeles e Viena, e tão perto de Louise quanto a casa dos Van Laar na colina.

Verdade: na última semana, John Paul esteve hospedado com a família no Self-Reliance, por ocasião da tão planejada comemoração do centenário da Reserva Van Laar. O mais constrangedor é que ela se permitiu ansiar pela visita dele. Talvez, pensou ela, a ocasião especial — e o fato de ser uma estadia prolongada — significasse que ele finalmente a convidaria para o Self-Reliance e a apresentaria aos esquivos Van Laars, que ela só vislumbrara de passagem, enquanto iam e vinham em seus carros escuros. Talvez, em seu dia de folga, ele a convidasse para um coquetel ou jantar na casa dos proprietários. Talvez John Paul a apresentasse aos Van Laars e seus convidados como sua noiva.

Mas nada disso aconteceu. Como de costume, Louise só o viu duas vezes: no primeiro dia na Reserva, quando ele desceu dos coquetéis no jardim, embriagado, e a beijou na frente dos seus campistas, e mais uma vez ontem à noite, na Clareira, com Lee Towson, quando ela quase desistiu de vê-lo novamente.

Ela certamente não viu a família de John Paul, seus pais e irmã, que se reapresentaram, com frieza educada, em todas as três vezes em que viram Louise, e que parecem agir sob a suposição de que ele encontrará alguém mais adequada para se casar quando chegar a hora. No passado, ela sempre conseguiu

se assegurar de que John Paul se guiava por sua própria vontade em tudo, quase sem exceção; ele lhe disse em diversas ocasiões que uma das coisas que gosta nela é que ela não é como as outras garotas com quem ele namorou no passado. Garotas que sua família aprovava.

Depois da noite passada, no entanto, Louise percebe que a suposição dos McLellans pode ser verdadeira. E um sentimento de humilhação a domina. Quatro anos inteiros aprisionada pelo desejo de um futuro que nunca chegará.

Na margem do Lago Joan, o chamado de um mergulhão lhe causa arrepios. De volta à sua mente, Louise parte novamente.

De acordo com o relógio, são 7h10. Isso a alivia: significa que o dormitório dos funcionários estará relativamente vazio, já que quase todos os moradores trabalham na cozinha ou fazem parte da equipe de manutenção do jardim, o que significa que já estão de pé e trabalhando, como todos os dias, antes do toque de alvorada. Louise é amiga de muitos deles; ela conhece alguns deles de Shattuck.

Mas há uma pessoa que ele não quer ver.

Lee Towson chegou no início do verão e imediatamente causou alvoroço. Ele havia sido contratado para trabalhar na cantina como ajudante de cozinha e lavador de pratos.

Tradicionalmente, os funcionários não se misturavam muito com os monitores, mas eles imediatamente notaram Lee. Ele era bonito e alto, com cílios grossos e cabelos na altura dos ombros presos em um rabo de cavalo na parte de trás da cabeça. Ele transmitia uma sensação de velocidade e leveza. Certa vez, enquanto esperava na fila para pegar sua bandeja, Louise o viu fazendo malabarismos com utensílios no fundo da cozinha. Quando ele a viu observando, ele os deixou cair. Ele fez uma careta. Ele riu de si mesmo com ela.

Ela não foi a única que o notou, é claro; todos os conselheiros notaram, tanto meninos quanto meninas. No início do verão, enviaram-lhe um convite — uma ordem — para se encontrar com os conselheiros na Clareira, e ele tem sido uma presença regular desde então. Dizem que ele é de Queensbury, não muito longe do centro de acolhimento; outro rapaz que ela conhece de Shattuck afirma ser seu primo. Dizem que ele contrabandeia drogas ocasionalmente. Dizem também que ele trabalhou como operário para um circo itinerante, que cumpriu pena por posse de substâncias controladas e que tem o hábito de dormir com muitas

garotas. Mas ela é sistematicamente cautelosa com fofocas, resultado de ter sido alvo de muitos boatos falsos.

Lee e Louise têm flertado sutilmente um com o outro em todas as oportunidades nos últimos dois meses. Na Clareira, a brincadeira rapidamente se transforma em hilaridade e termina com ela explodindo em gargalhadas e sem conseguir respirar. Há alguns detalhes que caminham na linha entre a amizade e algo mais. O calor da mão de Lee em suas costas, em seu ombro; uma vez, brevemente — depois de várias cervejas — ele a passou direto do ombro dela para pousar em suas costelas, logo abaixo do seio direito: a lembrança desperta o tipo de desejo que Louise quase nunca sentiu na vida. Ela visualiza o corpo de Lee sob suas roupas. Ela o imagina olhando para ela nua e então estendendo a mão para tocá-la.

Foi esse desejo, de fato, que o fez deixar seu alojamento na noite passada.

Ela repassa mentalmente o que aconteceu: primeiro, seus campistas, todos os nove, caminhando em fila indiana em direção à sua cabana enquanto Louise acenava para eles do centro comunitário. Deviam ser por volta das 11h . E Annabel, no final da fila, virou-se para acenar.

E ela teve que ficar responsável pelas meninas.

A próxima lembrança: o ar quente da noite, úmido da tempestade recente; a caminhada até a Clareira, uma pequena área sem árvores logo além da orla da floresta, um lugar que gerações de conselheiros equiparam com uma pilha de lenha rachada e uma fogueira e transformaram em um centro para encontros sociais ao ar livre após o toque de recolher; os galhos de pinheiro, pesados de chuva, encharcando Louise quando ela roçava neles; a música suave do violão de Lee Towson e a fumaça tênue de uma fogueira. Depois, seu pescoço enquanto se inclinava sobre o instrumento; e, finalmente , ele , visto de frente enquanto Louise circulava a fogueira enquanto o outro observava ansiosamente, descalço e com o cabelo preso atrás das orelhas.

"Onde estão todos? ", ele disse; ou "Para onde foram todos?" ou alguma bobagem do tipo.

Ambos sabiam por que estavam ali.

Louise acomodou-se num toco perto da lareira, a poucos metros de onde Lee

estava sentado. Assim que o fez, percebeu onde John Paul estava em relação aos dois: a apenas algumas centenas de metros de distância, num dos muitos quartos de hóspedes que nunca vira na Self-Reliance. Era a sua última noite na propriedade. Depois de descer a colina para a receber no primeiro dia, ele não regressara. Todas as noites, depois de as meninas sob os seus cuidados irem para a cama, Louise esperava por ele na varanda de Fir. Na quarta noite, estava zangada. Na quinta, resignara-se. Na noite anterior — a sexta que John Paul passou na Reserva e a quinta que não a visitou —, ela já se sentira indiferente.

Foi a noite em que ela caminhou até a Clareira e encontrou Lee Towson esperando —

aparentemente, por ela. E também foi a noite em que John Paul finalmente decidiu ir procurá-la.

Louise ainda não tinha certeza de como os encontrara na Clareira. Talvez tivesse ouvido o violão ou visto a pequena fogueira que acenderam no buraco. De qualquer forma, em certo momento, ela o vira parado entre duas árvores, e sua aparição a assustou tanto que ela ofegou e agarrou o peito, respirando com dificuldade.

"John Paul", disse Louise, "você me assustou".

Ela estava pronta para fazer pouco caso do episódio e estampar um sorriso no rosto quando Lee se virou e John Paul surgiu da mata em sua direção. Louise viu que ele estava bêbado de novo. Ele tinha um sorrisinho furioso no rosto e cambaleava primeiro para um lado, depois para o outro. Lee era rápido e, em pouco tempo, estava de pé, de frente para ela.

Por um momento, ninguém falou.

E de repente eles se encontraram em um rosnado. Apesar de ser o agressor, John Paul foi o primeiro a cair. Com dois golpes rápidos, Lee o derrubou. Então, olhou para Louise, quase se desculpando, enquanto John Paul jazia imóvel no chão. Seus óculos haviam sido

arrancados do rosto e estavam ao lado dele. Seus olhos estavam abertos, fixos no vazio. Ele piscou lentamente.

"Seu namorado?", disse Lee.

“Meu noivo”, disse Louise, e imediatamente se arrependeu.

Ela nunca mencionou isso a ele, embora imaginasse que ele pudesse ter ouvido que ela estava saindo com alguém.

"Você precisa de ajuda com ele?" Lee perguntou.

"Não", ela disse.

"Vou ficar e ver se ela está bem", acrescentou. "Você deveria ir."

Agora, John Paul soltava pequenos gemidos de dor, virando a cabeça de um lado para o outro. A princípio, ele pareceu rir, mas depois de um instante, Louise percebeu que o som era uma tosse. Ele se sentou lentamente e balançou a cabeça como um cachorro, com sangue jorrando do nariz para todos os lados. Ela tateou até encontrar os óculos dele, que pareciam tortos. Havia também um ferimento no olho direito.

Quando ele estava completamente ereto, ele apontou para ela com o dedo.

"Vadia", disse ela. Uma palavra breve, em voz baixa. Já tinha sido chamada assim antes.

Algumas vezes, pela própria mãe. Geralmente, isso a deixava indiferente. Mas na frente de Lee Towson, doeu.

"É, claro", disse ela, ou algo assim. "Ok, tudo bem. Como você quiser." Uma risada sem entusiasmo, desdenhosa, um murmúrio, seus olhos revirados. As mesmas coisas que ela sempre dizia, e fazia, quando alguém lhe dirigia uma palavra maldosa. Ela não conseguia se lembrar. Qualquer coisa que demonstrasse que ela não se importava.

E ontem à noite funcionou. John Paul olhou para ela e finalmente foi embora, primeiro andando e depois trotando. De volta à Autossuficiência. Com seus pais e sua irmã, que não sabia o nome de Louise.

Ao lado dele, Lee Towson se mexeu nervosamente.

"Bem", ele disse, "acho que devo ir".

Ela queria impedi-lo, mas a vergonha a impedia de falar.

E de repente eu estava sozinho.

A residência dos funcionários ocupa o único prédio de dois andares do Acampamento Emerson. Fica às margens do Lago Joan, ao sul do riacho e dos chalés dos meninos. Louise nunca entrou.

Agora ela sobe os degraus que levam ao interior. À sua direita, ela se encontra em um longo corredor com uma fileira de portas, algumas abertas e outras fechadas.

"Olá?" ele diz.

Silêncio.

Ele entra . Para em frente a cada porta aberta para espiar. Bate nas fechadas e as abre também. Há cômodos bem arrumados e outros onde o caos reina. Em todos eles, ele detecta aromas masculinos: desodorante, loção pós-barba; e, por baixo desses adornos, o cheiro de suor, fezes e sêmen.

Ele está quase terminando de inspecionar o segundo andar quando ouve alguém subindo as escadas, rangendo com a madeira.

Ela fica tensa. Sente medo sem saber exatamente o porquê. Confia em quase todos que trabalham no acampamento de verão. E gosta de quase todos, exceto alguns monitores que parecem mais interessados em festejar do que em fazer o seu trabalho.

"Olá?" Louise repete, e eles finalmente acenam de volta.

"Oi", diz Lee Towson, saindo da escada. "Oi."

Seu torso está nu e bronzeado. Seus cabelos dourados estão levemente úmidos. Como sempre, ela para um momento para admirar sua forma física. Ele é o único homem para quem ela já olhou daquele jeito; do jeito que ela imagina que os outros a examinam.

"O que você está fazendo aqui?", pergunta Louise. "Não está na hora do café da manhã?"

—O que *você está fazendo* aqui?

"Uma das minhas meninas desapareceu", explica ele. "Estamos procurando por ela na Reserva."

"Qual deles? Não é …?" Lee pergunta, mas não termina a frase.

-Bárbara.

-Merda.

Louise assente. E de repente, sem aviso, seu rosto se contrai e seus ombros começam a tremer. Ela solta um soluço convulsivo.

"Não", diz Lee, genuinamente alarmado. Ele se aproxima e a abraça. Louise vira o rosto e pressiona a bochecha contra o peito nu dele. Ele é muito mais alto do que ela — a maioria dos homens é — e ela se sente imersa nele de uma forma que normalmente a deixa nervosa. Neste caso, porém, a sensação é diferente: ela se sente segura ali. Mesmo em meio às lágrimas, ela percebe que seu corpo se ilumina quando se aperta contra Lee.

É um dos poucos prazeres puros que Louise conhece na vida: a sensação quase sobrenatural de tocar o corpo de outro ser humano com o seu de uma forma que, pela primeira vez, transcende a mera amizade. Esses são os momentos da vida em que ela vivencia de forma mais aguda a natureza animal de sua humanidade e, portanto, são os mais reconfortantes. Ser humano é complexo e muitas vezes doloroso; ser um animal é reconfortantemente simples e bom.

Depois de um momento, os dois dão um passo para trás.

"Onde está sua camisa?" Louise pergunta, e ele sorri.

"Tive um acidente com xarope de bordo", ele responde. Ele estende a mão e mostra a camiseta de algodão amassada que está segurando. Então, caminha pelo corredor e para em frente a uma porta.

"Tenho que continuar procurando", diz Louise.

"Vou trocar de camisa e te ajudar", ele responde.

—Eles não precisam de você na cozinha?

"O café da manhã está pronto", ele diz. "Você consegue."

Ele abre a porta do que deve ser o seu quarto. Ela o segue. Lee acena em direção à cama à direita — Louise vê que está bem arrumada — e manda que ela se sente. Ele joga a camiseta suja em uma cesta. Pega outra.

"Como está seu noivo hoje?", pergunta ele , sem olhar para ela, que detecta certa ênfase na última palavra. Uma risada espreita em seu hálito.

"Não sei", diz Louise. "Não falei com ele." Lee ergue uma sobrancelha. "Ele está envergonhado, eu acho", acrescenta ela. "Deve estar com um olho roxo."

Ele sorri ao ouvir isso. Olha para o chão, fingindo arrependimento.

"Sinto muito", ele diz.

—Não se desculpe. Ele merece.

Lee hesita, pensando se deve ou não dizer algo. Ele acrescenta:

—Você sabe que a gente se conhece, né? Ele e eu, né?

Louise não sabia. O garoto demonstra isso no rosto. Ele dá de ombros, desculpando-se.

"Sobre o quê?" ela pergunta.

Lee pigarreia e desvia o olhar.

"Receio não poder responder diretamente", diz ele. "Por questões de confidencialidade com meus clientes."

Louise entende. Ela sente vontade de perguntar a ele: " "O que ele comprou para você? "

Um pouco de maconha não faria mal. Drogas psicodélicas estão fora de questão: John Paul não se interessa por elas. É da cocaína que ela tem medo. É a droga preferida do homem mencionado e também — depois de um episódio particularmente desagradável entre os dois — aquela que ele jurou que nunca

mais tomaria.

Mas ele não pensa em perguntar. É muito humilhante.

"Vocês estão juntos há muito tempo?" ele pergunta.

—Quatro anos —responde Louise.

—E você vai mesmo se casar?

A pergunta a pega desprevenida.

—Talvez — ele diz.

"Sabe", responde Lee, "você tem que flertar um pouco antes de se casar. Esse é o meu conselho."

E ele a encara com uma expressão travessa, deixando claras suas intenções. Louise sente uma leve onda de desejo no estômago.

"Preciso ir", ela diz, subitamente envergonhada por se distrair tão facilmente.

—Tem certeza de que não quer que eu ajude você a encontrar Barbara?

Louise hesita. Sim, ela hesita.

"Acho que o TJ não vai gostar", diz ele. E, de alguma forma, ele sabe que é verdade.

Lee concorda.

"Vai ficar tudo bem, Louise. Ela provavelmente escapou", diz ele. "Eles vão encontrá-la em breve. Ou ela vai voltar sozinha. Você não acha?"

Ela pensa assim. É nisso que ela quer acreditar.

“Provavelmente sim”, responde Louise.

ALICE

Agosto de 1975

Um telefone toca em algum lugar da casa.

Alice abre um olho. Ela o fecha. O sol nasceu; a casa já está esquentando.

"Alguém pegue", diz ele, sem convicção. Sua garganta está seca. E sua pele também. Uma dor familiar começa a latejar em suas têmporas.

Onde estão todos? O relógio na parede marca oito da manhã. Deve haver alguém do serviço que possa atender o telefone. Alice fecha os olhos.

Há batidas: é a porta.

A julgar pelo comportamento dela ontem à noite, todos os hóspedes do Reserve devem estar se sentindo tão mal quanto ela. Até Peter, que se orgulha de ser abstêmio — que a julga e anota cada bebida que ela consome — estava animado ontem à noite, contando longas histórias em seu estilo estranhamente formal, chegando a tropeçar em uma ponta levantada de um tapete em determinado momento e xingar.

As batidas na porta cessam.

Alice vira a cabeça em direção à janela. E vê TJ Hewitt descendo pelo gramado em direção ao acampamento de verão, que ela imagina ser aquele que estava brincando apressadamente.

" Barbara " , ele pensa. Claramente, ele fez algo errado, algo tão hediondo que nem mesmo esta mulher, sua maior aliada, consegue esquecer. Desde o momento em que sua filha nasceu, TJ a vigia todos os verões como um cão de guarda , uma companheira fiel, sempre de plantão, sempre discretamente ao seu lado. Ela já deveria fazer parte da família.

Mas não é.

Alice olha pela janela até que TJ desaparece na distância e fecha os olhos novamente.

Ela se sente presa dentro do próprio corpo, que permanece deitado, enquanto cai repetidamente no mesmo sonho. Nele , TJ usa um canguru que ele fez alguns anos atrás com corda e cortinas, projetado para levar Barbara em passeios quando bebê. Era uma visão de se ver: uma adolescente nervosa e carrancuda,

com, abaixo do queixo, o rosto redondo de um bebê espiando o mundo.

"Aonde você vai?", pergunta Alice no sonho. " Encontrar Bear ″ , diz TJ.

Ele abre os olhos de repente.

Então é hora de acordar. Ele se levanta.

O quarto de Alice fica em frente ao maior cômodo da casa, que é o de Peter, claro. Por um tempo, também foi o quarto dele. Mas não é mais.

Ela passa arrastando os pés pela porta do marido. Está entreaberta, e ela evita olhar para dentro.

Ele continua pelo corredor e passa pelo quarto atualmente ocupado por Marnie McLellan, John Paul Sr. e a filha de Nancy. Ele passa — pense bem — pelo quarto de Bear, outrora decorado com as características do início da adolescência: todo azul, toda bagunçada, a eterna pilha de maiôs e toalhas no chão. Está reformado há algum tempo. Esta semana, os Southworths o ocupam.

Um pequeno corredor envidraçado conecta a ala sul da casa, onde ficam os quartos, à ampla sala de estar central. Alice está caminhando por ali quando vê algo lá fora que lhe chama a atenção.

Dois veículos se aproximam, subindo lentamente a entrada da garagem e virando em direção ao Acampamento Emerson. Um é o caminhão de bombeiros de Shattuck, de propriedade do único corpo de bombeiros voluntários num raio de 32 quilômetros. O outro é um Dodge amarelo e azul da Polícia Estadual.

Alice para, em transe, e se lembra daquele outro dia.

No grande salão o telefone começa a tocar novamente.

"Sra. Van Laar?", pergunta um homem na fila. "Sra. Van Laar?", ele diz a Alice que é sargento da polícia estadual. "Tenho más notícias para você."

Ela, com o fone na mão, examina o ambiente ao seu redor.

"O que você vê?", perguntava o Dr. Lewis em um momento como esse.

Há cacos de vidro no chão, ela pensa. Danos da festa da noite passada. Um quadro torto na parede. Cacos de vidro no chão, um quadro torto na parede, uma garrafa de vinho virada e uma grande mancha de vinho no carpete.

Alice respira.

"O que mais?", perguntava o Dr. Lewis. Quase dá para ouvi-lo dizer isso.

Ele olha pela janela. Está ensolarado lá fora, pensa. Lá fora, está ensolarado, e a luz incide sobre a água, e no jardim, há um trabalhador arrancando ervas daninhas.

"Sra. Van Laar", diz o homem ao telefone. Há um toque de medo em sua voz. "Sra. Van Laar, lamento informar que sua filha parece estar desaparecida."

"Qual é o cheiro que você sente?", perguntava o Dr. Lewis.

"Está me ouvindo?", pergunta o homem no aparelho. "Sra. Van Laar, tem uma viatura a caminho. Está me ouvindo?"

Cheira a álcool de ontem, ele pensa. Charuto velho e fumaça de cigarro. E, por baixo, um aroma cítrico, do polidor de madeira usado nos móveis.

—Está me ouvindo, Sra. Van Laar?

"E o que você ouve?", perguntava o Dr. Lewis.

—Sra. Van Laar?

Ouço o tom de discagem, pensa Alice. Ela devolve o fone ao gancho. O som desaparece.

"E agora?", diria o médico.

Ele fecha os olhos. Se ele se esforçar bastante — se o vento estiver soprando na direção certa —, às vezes consegue ouvir as vozes das crianças do Acampamento Emerson.

Às vezes ele até ouve o do Bear.

"Que sabores você percebe?", perguntava o Dr. Lewis.

Nenhum.

« Concentre-se nos seus sentidos. Conecte-se ao mundo. Que sabores você percebe? »

Nenhum, pensa Alice. Não sinto nenhum sabor.

Alguém entra na sala de estar pelas portas de correr que dão para o jardim à beira do lago.

É uma das duas faxineiras, jovens contratadas na vila apenas para a semana do festival. Ela para na porta, esfregão e balde na mão, e avalia os estragos: os piores até agora. Ela ainda não viu Alice e, por isso, se permite expressar com o rosto o óbvio desdém que sente e murmura algo baixinho. " Nojento ″ , talvez. Ou " Que bando de desleixados ″ .

"Bom dia", diz Alice, e a garota fica em posição de sentido, com uma expressão culpada.

"Bom dia, senhora", ele responde. Ele coloca o esfregão e o balde no chão e começa a caminhar em direção à ala norte, provavelmente em busca de mais produtos de limpeza.

"Você não ouviu o telefone tocando mais cedo?", ele pergunta. "Ou uma batida na porta?"

"Não, senhora", diz a menina. "Eu estava atrás da casa, pendurando roupa."

Relutantemente, Alice entra em ação. Ela segue pelo corredor em direção ao quarto de Peter. Ela abre a porta de repente, dizendo a si mesma que não tem medo do que — ou de quem — encontrará lá dentro.

Mas ele está sozinho na cama, dormindo profundamente, com um cotovelo dobrado sobre a testa, como se quisesse bloquear a luz. Alice não o via assim há um ano: dormindo, na cama, ou mesmo deitado. Mais de um ano.

Diga seu nome em voz alta. Uma, duas vezes.

"O que houve?" Peter finalmente murmura.

"É a Barbara", ele diz. "Ela desapareceu."

ALICE

Dois meses antes

Junho de 1975

Depois que Barbara partiu para o Acampamento Emerson, Alice levou quase uma semana para notar o cadeado na porta do quarto da filha. Ficava do outro lado da casa; ela não tinha motivo para passar por ali.

Mas depois de passar seis dias sentada no solário, ou mesmo deitada, ela começou a se sentir sozinha. Peter também havia partido, provavelmente para Manhattan, embora Alice nunca tenha conseguido encontrá-lo. E, na ausência da filha e do marido, a casa ficou em silêncio.

E então, naquela manhã, motivada a se levantar da cadeira por puro tédio, ela decidiu dar uma caminhada.

Agora ele estava do lado de fora do quarto da filha, cadeado na mão, maravilhado com a audácia de Bárbara. Claramente, ela devia saber o quão furioso Peter ficaria ao retornar da viagem e encontrar o batente da porta danificado pelos parafusos que a prendiam. Mais do que o batente, o que o enfurecia era o que o ato em si sugeria: que Bárbara tinha algum direito à privacidade depois de seu comportamento recente.

Alice sabia que seria necessário remover o cadeado. Depois, a moldura teria que ser cuidadosamente consertada — era óbvio. Peter não deixou de notar um único detalhe da casa.

Um dos jardineiros abriu-a num piscar de olhos. Ele então prometeu enviar uma mensagem a um carpinteiro muito habilidoso que ele conhecia e que certamente poderia consertar ou substituir a madeira danificada.

"Obrigada", disse Alice distraidamente. Mas ela já estava desejando ter ido embora.

Ela não queria que ninguém a visse quando ela abrisse a porta.

Ele sentiu o cheiro antes de ver: tinta fresca.

Ali, ocupando uma parede inteira — a maior da sala — havia algum tipo de. . *mural,* Alice supôs, embora estivesse relutante em usar uma palavra tão digna para descrever as imagens horríveis que agora se avultavam diante dela.

O tema principal eram bandeiras. Uma britânica. Uma americana de cabeça para baixo.

Havia também alfinetes de segurança, machados, algemas e facas.

Em um dos cantos superiores, um sol e uma lua com rostos humanos olhavam para Alice, sorrindo e franzindo a testa ao mesmo tempo.

Então, pensou ele, era isso que Barbara estava fazendo do outro lado da porta que ela manteve fechada durante a maior parte de junho. Tocando seus discos horríveis no volume máximo e pintando aquele mural horrível.

Ele fizera a mesma coisa em Albany. Aos dez anos, também pintara as paredes do quarto, mas pelo menos tivera a decência e o bom senso de pedir permissão a Peter. E era um mural inofensivo: um sol, nuvens, montanhas e o que parecia ser o Lago Joan.

Este, por outro lado, era perturbador.

Uma onda de emoções conflitantes tomou conta de Alice. Uma delas era o medo: quando Peter visse aquilo, haveria consequências graves. Mas ela também experimentou uma emoção diferente. Levou um momento para perceber, com uma pontada de dor, que era ciúme. Nunca em sua vida ela se sentira livre para fazer algo assim. Para simplesmente decidir: " Vou pintar um mural hoje ″ e ir direto ao ponto.

Todos os utensílios domésticos necessários estavam em um pequeno cômodo anexo ao porão. Alice procurou entre as prateleiras de tinta a cor que Barbara havia escolhido para o quarto que ela chamaria de seu na Autossuficiência.

Lá estava: bege rosado.

Um lindo tom de rosa claro.

Alice retornou à cena do crime de Barbara com o rolo e o balde nas mãos e começou a trabalhar.

Quando Peter retornasse de onde quer que estivesse, não haveria nenhum vestígio do mural ou do cadeado.

TRACY

Junho de 1975

A primeira semana de aulas de sobrevivência se concentrou em navegar pela floresta. A segunda se concentraria em se proteger do frio e encontrar abrigo.

TJ Hewitt os conduziu a um canto isolado da floresta. Ele finalmente parou, com as mãos na cintura e um pé apoiado em uma raiz.

"O que você vê?" ele disse.

Silêncio.

Uma das meninas mais novas levantou a mão.

"Árvores?" ele disse.

Ouviu-se uma risadinha do grupo; a garota corou. Ela não disse aquilo para ser engraçada.

Mas TJ insistiu:

—Muito bem. O que mais?

“ Pedras”, responderam eles. “Uma pedra grande. Folhas. Agulhas de pinheiro. Terra.

Galhos. ”

TJ assentiu.

"Em caso de emergência, vocês podem usar tudo isso para se proteger do frio. A floresta pode ser perigosa, mas também é generosa nesse sentido." Ele se virou abruptamente e caminhou três metros em direção a uma das árvores mais baixas

ali perto. "Este é um abeto-bálsamo. É uma das árvores mais densas da região, com folhagem abundante, e também uma das mais jovens. Percebem como ele é mais baixo que os seus vizinhos? Isso significa que os galhos mais baixos são um bom abrigo em caso de chuva ou neve, ou mesmo do frio."

TJ demonstrou curvando-se completamente sob os galhos mais baixos da árvore e deitando-se com o corpo em forma de C ao redor do tronco.

"Posso me abrigar aqui enquanto a tempestade passa", disse TJ. "Mas se eu quiser ficar mais tempo, terei que ser criativo."

E ele continuou falando, explicando como construir muros improvisados e enviando os campistas em diferentes direções para procurar galhos de coníferas caídos.

Tracy estava prestando atenção apenas parcialmente. As moscas estavam no auge do ano, e todos ao seu redor balançavam as mãos diante do rosto em crescente desespero. Duas

figuras extremamente atraentes chamavam sua atenção: Barbara Van Laar à sua direita e Lowell Cargill em pé à sua frente.

Ele balançava de um lado para o outro, braços cruzados sobre o estômago, ouvindo atentamente e respeitosamente tudo o que TJ dizia, aparentemente imune às moscas, ao calor e ao tédio.

E isso o tornou ainda mais atraente.

Naquela noite, Tracy sentou-se na cama com seu diário e começou a escrever. Era sua maneira de passar o tempo durante as noites em que não havia atividades planejadas.

A maioria dos seus companheiros de chalé estava ocupada com outras atividades. Até o apagar das luzes, às dez horas, eles tinham permissão para andar de chalé em chalé, desde que permanecessem nas varandas. Geralmente acabavam na casa de Pine, do outro lado do riacho, onde os meninos mais velhos estavam hospedados.

A única outra campista que ficou em Fir foi Barbara, que tentou puxar conversa com Tracy em vários momentos da semana. Em todas as vezes, porém, ela

permaneceu paralisada, muda, incapaz de oferecer respostas adequadas.

Agora — na noite seguinte à sua primeira aula sobre como encontrar abrigo na floresta

— ela estava escrevendo frases e perguntas em seu diário. Coisas para ler em voz alta para ele: parecia mais factível do que falar sem um roteiro.

“Bárbara”, disse Tracy.

Houve um movimento no beliche de cima.

"Sim?" respondeu o outro.

—Eu queria saber se você estava gostando das colônias.

Pausa.

"Hã", disse Barbara. "Eles estão bem, eu acho."

"O que você mais gosta?", perguntou Tracy.

"Comida", respondeu ele sem hesitar. "Gosto de poder comer o quanto quiser."

A próxima linha do roteiro dizia: " Interessante. O que eu mais amo é estar na natureza .

" Mas a resposta de Barbara foi tão franca e refletiu com tanta precisão suas próprias emoções, que Tracy disse:

-Eu também.

Antes de continuar, a outra garota colocou a cabeça para fora do beliche de cima, no espaço entre elas. Ela fechou o diário com força, mas era tarde demais.

"Você está me entrevistando?", perguntou Barbara, sorrindo.

"Não", disse Tracy. Ela balançou a cabeça vigorosamente. "Eu estava escrevendo outra coisa."

A menina olhou para ela por um momento com uma expressão pensativa.

—Posso descer?

Ela assentiu e deu um passo para a direita enquanto Barbara descia agilmente do beliche de cima, rejeitando a escada em favor de uma flexão de braço invertida. Conseguiu pegar uma revista que Tracy não reconheceu. Assim que Barbara se acomodou na cama ao lado dela, deu uma olhada rápida na capa: "Creem " , dizia em letras vermelhas em formato de

balão. E abaixo da palavra havia uma foto de uma mulher vestida mais ou menos como Barbara quando ela chegou às colônias.

Agora, como resultado de tanto nadar diariamente, a cor preta do cabelo de Bárbara havia desbotado. Sem a cor e o batom, ela parecia mais jovem.

"Do que se trata?", perguntou Tracy. Ela apontou para a revista.

Bárbara olhou para ela.

"Sobre música", disse ele, pronunciando as palavras com genuína reverência. Então, olhou para Tracy. "Sabe, estou aqui há uma semana e acho que esta é a primeira vez que você diz alguma coisa."

—Não é verdade.

"Não, quer dizer, você fala", disse Bárbara. "Mas só quando alguém fala com você primeiro. Você é muito tímida, não é?"

Tracy pensou sobre isso. Nem sempre foi assim, e nem sempre foi assim em todos os contextos; com sua mãe e as amigas de sua mãe, por exemplo, poderia ser Imprudente e escandalosa. Além disso, ela tinha um talento secreto: cantar. Ela se exibia cantando alto e em tom agudo, a típica cantora de chuveiro; no carro, praticava harmonias com a mãe, que frequentemente elogiava seu timbre vocal.

" Como uma jovem Patsy Cline ", disse sua mãe, cujos gostos — cultivados durante uma vida anterior como amazona de rodeios de terceira categoria na Nova Inglaterra —

tendiam para a música country.

Mas esse lado da personalidade de Tracy — seu jeito de lidar com as mulheres adultas que ela amava e confiava — era muito difícil de explicar, então ela não disse nada.

"Não deveria", continuou Barbara. "Você é mais interessante do que qualquer uma dessas colônias. Eu percebi. Tenho certeza de que você tem segredos."

Era mesmo? Não exatamente . Mas, mais uma vez, o erro de julgamento pareceu funcionar a seu favor, então ela disse:

—Talvez.

"Viu? Eu sabia", disse Barbara. "Eu percebi logo de cara."

Os dois permaneceram em silêncio. E então o som distante de acordes de violão chegou até eles, vindo de fora. A garota olhou para cima, deslumbrada.

"Vamos", ele disse.

-Para onde?

— Vamos. Somos sempre os únicos que ficamos aqui. Vamos lá fora.

Em um instante, Tracy estava trotando para acompanhar Barbara, que caminhava rapidamente na direção da música agora mais clara.

Ao dobrarem uma esquina, deram de cara com uma pequena multidão reunida na varanda de Pino. Todos os seus companheiros de chalé estavam lá, junto com alguns outros campistas . E, no meio da multidão, tocando seu violão, estava Lowell Cargill.

Tracy deu um passo para trás, com o rosto corado. O menino cantava uma música que ela conhecia e que sua mãe gostava: "You Were on My Mind", de Ian & Sylvia. Ele sabia a letra toda. Mas congelou o rosto para não falar.

E através da multidão — ou ela estava imaginando? — seu olhar encontrou o de Lowell Cargill e ela se forçou a " segurar, segurar ", a não desviar o olhar até que ele o fizesse.

Elas ficaram para assistir ao concerto inteiro, bem depois do pôr do sol e até

escurecer.

Quando finalmente foi anunciado que todos os campistas deveriam retornar aos seus chalés, Barbara e Tracy caminharam lado a lado em silêncio, ambas encantadas pela música, pelo ar fresco da noite e pelos vaga-lumes.

"Senti falta dele", disse o primeiro.

-O fato é que?

"Música." Barbara fez uma pausa, e Tracy ficou ao lado dela. "Tenho um favor a pedir", disse ela.

"Certo", ela respondeu.

—Algumas noites eu saio da cabana. Quando todos estão dormindo.

Tracy esperou. Estava confusa. A pergunta natural que lhe veio à mente foi por quê, mas o tom de voz de Barbara lhe dizia que a pergunta não seria bem-vinda.

"Só às vezes. Nem sempre", acrescentou ela. "Enfim. Você acha que isso poderia ficar só entre nós?"

Ela assentiu lentamente.

"Mais uma coisa", disse Barbara. "Você se importaria se eu ficasse na cama de baixo? Vai ser mais fácil sair se eu não precisar usar a escada."

Isso deixou Tracy em dúvida. Será que a cama de cima aguentaria o peso dela? Mas ela não ousou tocar no assunto, então disse para ele não se preocupar.

"Se alguém me perguntar por que nos mudamos, direi que tenho medo de altura ou algo assim", disse Barbara, sorrindo.

Nas duas semanas seguintes, ficou claro que ele havia mentido sobre uma coisa: suas excursões noturnas aconteciam todas as noites, sem exceção. Às dez horas, todas as meninas da cabana iam para a cama, e Louise ou Annabel apagavam as luzes. Pelos trinta segundos seguintes, Tracy não viu nada; então, silhuetas tênues começaram a se materializar: os móveis, as janelas e os corpos de suas companheiras, iluminados apenas pelas estrelas brilhantes acima do terreno

limpo do Acampamento Emerson.

Em algum momento, quando não havia mais barulho na cabine, Tracy notava um leve movimento na cama e ouvia a respiração de sua colega de beliche mudar. Então, ouvia passos, suaves como os de um gato; e, finalmente, Barbara abria a porta de tela, prendendo a respiração, e a fechava atrás de si com o mesmo silêncio. Um leve rangido de dobradiças e ela desaparecia.

Tracy nunca estava acordada quando Barbara voltava, então não sabia quanto tempo ela passava fora à noite. Certa vez, comentou em voz alta que ela devia estar muito cansada.

Em resposta, Barbara insistiu que era alguém que mal precisava dormir, e o

comportamento enérgico que demonstrava todos os dias provava a Tracy que ela estava falando a verdade.

Se alguém na cabine sabia dessa rotina, não disse nada. Ninguém fez perguntas, e Barbara não deu explicações — a princípio.

JACÓ

Junho de 1975

A ideia lhe ocorrera em um sonho. "Jacó manca", dissera uma voz, e ele acordara em sua cela ouvindo aquela expressão repetida inúmeras vezes. "Jacó manca, Jacó manca." Estaria a voz provocando-o? Tinha uma vaga semelhança com a de seu pai, e também parecia algo que seu pai poderia ter dito.

Foi somente na hora do almoço, quando viu um homem que não conhecia arrastar a perna pelo chão do refeitório da prisão, que Jacob percebeu, sobressaltado, o significado daquelas palavras.

"Coma", disse ele em voz alta. "Coma."

E Harold Debicki, ao seu lado, perguntou-lhe o que ele estava dizendo.

" Jacob, ele está mancando *"* , pensou ela. Mas não disse isso em voz alta.

Na manhã seguinte, quando o guarda passou por sua cela para fazer sua ronda

matinal, Jacob estava deitado na cama, imóvel. Ele não iria apenas mancar. Ele ficaria paralisado.

“Levante-se, Sluiter”, disse o guarda.

"Não consigo", ele disse . "Não consigo mover minhas pernas."

Ele disse isso calmamente; reagir exageradamente levantaria suspeitas, pensou. E

simplesmente repetiu a mesma frase, no mesmo tom calmo, para todos que viu naquele dia e nos dias seguintes: " Não consigo mexer as pernas . ″

Demorou um pouco de prática, mas depois de alguns dias, ele começou a realmente acreditar. Para ir de um lugar a outro, ele rastejava no chão, mesmo quando achava que ninguém estava olhando.

Ele nunca foi muito querido em Dannemora, mas depois de várias semanas, até mesmo seus torturadores mais cruéis o defendiam diante dos guardas.

Isso não estava certo, era o consenso geral. Ele precisava consultar um médico.

O único momento em que se permitia mover as pernas era na cama, à noite. Lá, tomando cuidado para não começar antes de ouvir os roncos suaves do colega de beliche, ele fazia exercícios de bicicleta, levantando-as em turnos, recuperando suas forças.

Poucas semanas depois, ele foi transferido para Fishkill, uma prisão de baixa segurança quatro horas ao sul.

E depois de alguns meses ele já havia escapado.

Desde então, ele estava indo para o norte, seguindo o Hudson em linha reta.

Quanto ao seu destino, Jacob tinha uma ideia fixa: a terra de seus ancestrais, a propriedade Sluiter, o lugar onde seu avô o levara para acampar. Uma pequena série de cavernas naturais formava um refúgio seguro; dentro de uma delas, os dois dormiram lado a lado, e seu avô, um contador de histórias nato e o único adulto que já fora gentil com ele, contou a Jacob a história de seu povo.

As cavernas ficavam perto de uma área povoada, então ele sabia que seria perigoso visitá-las. Mas não conseguia prever por quanto tempo permaneceria livre, ou mesmo vivo, então o sentimentalismo, ou até mesmo a tolice, o levaram a prosseguir .

Ele viajava por estradas rurais, aproveitando o luar ou a iluminação pública. Na maioria das noites, encontrava uma casa que podia arrombar sem quebrar nada: uma janela aberta, uma porta com uma fechadura fácil de arrombar. Quase todas eram residências abastadas, casas de veraneio com vista para o rio. Uma vez lá dentro, pegava apenas o necessário, em silêncio, tentando não acordar ninguém. Apenas uma vez estivera perto de se meter em encrenca, e foi quando a dona de uma determinada casa passou pela cozinha de roupão, andando tão silenciosamente que ele não a ouviu se aproximar.

Por um minuto inteiro, Jacob prendeu a respiração enquanto a mulher usava a pia. Ele não se escondeu; apenas ficou ali, no meio da cozinha de linóleo, braços esticados e pernas relaxadas. Ele segurava uma faca que pegara de uma casa anterior. Se ela saísse e o visse ali no escuro, ele levaria um dedo aos lábios e diria que, se ela gritasse, estaria colocando o resto da família em perigo. Ele teria que matá-la, isso estava claro; era uma questão de necessidade. Mas os demais ocupantes, supondo que houvesse outros, ele poderia deixar em paz.

A mulher deu descarga. Lavou as mãos. Abriu a porta do banheiro e apagou a luz. Saiu e caminhou pelo corredor, provavelmente em direção ao seu quarto.

Ele nem olhou na direção dele.

Durante o dia, sob o abrigo das árvores, Jacó dormia no chão mais macio que conseguia encontrar.

Era verão. Chovia levemente. Na única noite em que choveu forte, ele permaneceu dentro de casa, sentado à mesa da cozinha, atento a qualquer movimento na casa. Assim que parou de chover, voltou para o ar fresco.

Seu pai, que nunca se orgulhara dele por nada, talvez se orgulhasse pelo menos disto: de sua engenhosidade, de sua capacidade de sobreviver com o que a natureza e as pessoas ricas lhe ofereciam.

Ele vinha de uma longa linhagem de homens engenhosos. Seu tataravô e seus tios-bisavôs eram lenhadores que tiveram seus meios de subsistência ameaçados

pelas queixas de Verplanck Colvin contra a exploração madeireira nos Adirondacks. Prevendo o perigo, venderam suas terras, e com razão. O governador Roswell Flower não desperdiçou duas

décadas na fundação da Reserva Adirondack. " Para sempre selvagem ″ era a frase sentimental que agora impedia a exploração madeireira na região, incluindo sua propriedade. Com um golpe de caneta, o governo havia despojado a terra dos Sluiter de sua rentabilidade — todos aqueles acres que os ancestrais de Jacob haviam comprado a preço de banana, sonhando com boa sorte e segurança financeira para as gerações futuras.

Assim, seus ancestrais seguiram outras carreiras: alguns no turismo, servindo como guias para visitantes ricos da cidade; outros no trabalho em fábricas, produzindo camisas e papel em cidades como Corinto e Tróia; e alguns — entre eles seu avô e seu pai —

tornaram-se pedreiros e faz-tudo. E o engraçado era que nunca lhes faltava trabalho. O

estado não se importava quando eram os ricos que decidiam limpar suas terras para construir suas casas colossais. Apenas pessoas comuns — como os Sluiters — eram impedidas de exercer seus antigos empregos e incumbidas apenas de manter a terra imaculada para o deleite dos Roosevelts, dos Rockefellers e seus semelhantes.

Então, quando Jacó entrava naquelas casas todas as noites — e pegava comida das geladeiras e despensas bem abastecidas, além de roupas —, ele o fazia com certo prazer.

Algumas vezes, em casas realmente vazias, ele até tomou banho.

Ele não tinha certeza de quantos dias estava foragido. Só sabia, graças à capa de um jornal que vira na mesa da cozinha, que estavam procurando por ele.

Ele também sabia que o território ao norte em que estava entrando era mais inacessível.

Isso significava duas coisas: seria mais difícil encontrá-lo e eles teriam que usar a inteligência.

II

URSO

ALICE

Anos cinquenta

Aos dezessete anos e meio, Alice Ward foi até a Grand Central com os olhos bem fechados.

Era um hábito nervoso: ela o tinha desde que se lembrava. Isso a tranquilizava e lhe permitia fingir, mesmo que por um instante, que estava sozinha no mundo. Ela só fazia isso quando achava que ninguém estava olhando. Nesse caso, ela estava errada.

"Alice", disse sua irmã Delphine, a mais velha das duas, "você está dormindo?"

Ela abriu os olhos.

Ela havia dado sua festa de apresentação três semanas antes, no salão de baile do Waldorf-Astoria. Seu par militar fora um calouro de West Point cujo nome ela já havia esquecido.

Seu par civil deveria ter sido Stuart Parker, um garoto desagradável que ela conhecia desde o nascimento, mas — milagre dos milagres — ele contraíra sarampo na véspera do evento.

Foi Delphine quem encontrou um substituto de última hora: um amigo de faculdade de seu marido, George, que por acaso estava hospedado em sua casa em Manhattan, onde ele fora se encontrar com um cliente.

O nome dele era Peter Van Laar, ele disse a ela. E sim, ele usava um smoking.

A mãe de Alice ficou entusiasmada. O pai, nem tanto.

“Van Laar”, ele dissera. "Conhecemos os Van Laars?"

Sim, garantiu a mãe. Os Van Laars de Albany. (Havia um tom de concessão em seu tom: Sim, Albany. Mesmo assim..) Banqueiros, acreditava a Sra. Ward.

Conservacionistas. Um certo Roosevelt tinha se *envolvido muito* com o avô.

"Quantos anos ele tem?" Alice perguntou.

"É, a idade do George", Delphine disse, acenando com a mão em desdém, como se algo tão trivial quanto *a idade* não importasse em um homem.

A resposta, como ela descobriria mais tarde, era vinte e nove anos.

Uma semana depois, chegou um envelope pelo correio. Estava endereçado à " Srta. Ward e Companheira ", e dentro havia um convite para visitar a casa de veraneio de Peter Van Laar nos Adirondacks — a mesma sobre a qual ele falara, com surpreendente ternura, quando se sentou com Alice para jantar.

" Espero sinceramente que você venha", escreveu ele com letra firme. "Foi um prazer conhecê-lo. *"*

E lá estavam elas, ela e Delphine, aguardando o anúncio de uma plataforma na Grand Central. Era estranho, na verdade, estarem paradas uma ao lado da outra daquele jeito; elas não passavam muito tempo juntas desde que eram bem pequenas.

Sua irmã era cinco anos mais velha que Alice e trinta centímetros mais alta que ela. Era uma pianista brilhante. Nunca pareceu tímida. Tinha um ar intelectual e interesse por política, duas características que a distinguiam do restante da família Ward, cujo principal assunto à mesa de jantar geralmente era fofoca. Em certo momento, Delphine sugeriu aos pais que ela se candidatasse a Barnard ou Radcliffe, ideia que seu pai zombou, apesar de ter se formado como primeira da turma em Brearley.

Por sua vez, Alice mal havia se formado.

Delphine tinha 22 anos e era casada com George Barlow. Fora um casamento por amor, que quase fracassara porque seu pai acreditava que o rapaz, apesar de sua linhagem inegável, era um *excêntrico.* Era evidente que ela logo esperaria um bebê. Alice via o futuro de Delphine se desenrolando diante deles com clareza; era o seu próprio que ela não conseguia imaginar. Toda vez que tentava, via algo nebuloso e vago. Isso lhe dava um nó no estômago.

Em North Creek, um carro incomum os esperava, dirigido por um homem

pequeno e corado, vestido com roupas de veludo cotelê, segurando uma placa que dizia " Senhorita Ward ″ em uma das mãos sem luvas.

O motorista, desconfortavelmente tagarela, começara a fazer perguntas que horrorizavam Alice com o nível de intimidade. Queria saber de onde vinham. Se eram casados. Se trabalhavam. Ela olhou para a irmã, esperando para ver se ela diria algo sobre o assunto, mas Delphine parecia relaxada, até mesmo entretida. Ela respondeu a todas as perguntas dele e fez algumas em troca.

"Quem será seu anfitrião na Reserva?" perguntou o motorista.

Alice esperou que sua irmã respondesse, mas ela disse:

—Diga a ele, Alice.

“Peter Van Laar”, disse ela.

"O pai ou o filho?" perguntou o motorista.

E, sem esperar resposta, começou a explicar em detalhes a reputação do segundo em comando na aldeia, que se revelou nada magnífica; sua *frieza* era a principal crítica dirigida a ele, algo que não incomodava muito Alice. Ela gostava do frio. Convivia melhor com pessoas que se movimentavam e falavam com moderação. De fato, embora tivesse ficado constrangida em conhecê-lo na cerimônia de debutante, com medo de que a diferença de idade a deixasse sem palavras, foi a quietude de Peter Van Laar que ela imediatamente notou e também gostou. Sua altura e seus olhos azuis serenos. A impressão de controle que ele transmitia.

Eles dançaram juntos três vezes. Quatro, contando uma volta inacabada que deram pela pista de dança no final, pouco antes de um parente levá-la para dar boa noite.

A cada rotação, Peter a abraçava com mais força. Ele era muito atraente. Alice se lembrava de sentir o cheiro da floresta.

—Há uma história sobre a casa — dizia o motorista.

As estradas começaram a serpentear, e seu estômago começou a revirar. Ela encostou a cabeça na janela.

"Vocês têm fantasmas?" Delphine disse alegremente, mas o motorista balançou a cabeça.

— Não, nada disso. Trouxeram da Suíça. A casa inteira, quero dizer. Chamam *de chalé.* —

E ele soltou um grunhido que parecia uma risada.

"Fascinante", ela respondeu.

— Cada pedaço. A família trouxe de navio. E eles montaram tudo de volta aqui. Já faz quase 80 anos. Imagine o trabalho que deve ter dado. Eles tiveram que construir uma estrada de tábuas só para trazer a madeira. Para montar tudo, os Van Laars contrataram todos os homens e meninos de Shattuck com mais de nove anos.

"Você consegue imaginar, Alice?", disse Delphine, e beliscou as costas de uma mão com os dedos da outra, tentando acalmar o conteúdo do estômago.

"Você sabe que nome deram?", perguntou o motorista, e esperou. "Quero dizer, a casa.

Você sabe como aquela família a chamava naquela época?"

"Espere um momento, estou pensando", disse Delphine, séria. E, finalmente, disse:

"Manderley".

"Não", disse o motorista. "Autossuficiência. *" Autossuficiência!* — Ele bateu no joelho.

Nenhuma delas respondeu : Alice porque ela não viu a piada e Delphine, presumivelmente, porque ela estava se acostumando com a piada.

"Não foram os Van Laars que moveram toda aquela madeira", disse o motorista, ajudando-os.

"Engraçado", disse a irmã, embora Alice percebesse que até ela estava desconfortável.

Afinal, eram hóspedes da dita família.

"A senhorita está bem?", perguntou o motorista, talvez vendo o tom esverdeado do rosto dela no espelho retrovisor.

Sim, ela disse a ele. Ela estava bem.

"Olhe para frente pelo para-brisa. Tente abrir um pouco a janela", disse o motorista. Mas Alice não tinha levado lenço na cabeça e, assim que o abriu, todo o seu cabelo voou para a frente do seu rosto.

Ele o colocou de volta.

Alice manteve os olhos fechados até sentir o carro diminuir a velocidade e ouvir a estrada mudar de cascalho para terra. Ela os abriu e descobriu que tinham acabado de entrar em uma longa entrada particular. À esquerda, viram uma série de instalações agrícolas em funcionamento: uma leiteria, um celeiro, um matadouro. Uma mulher e uma criança apareceram à frente delas, olhando para elas sem encará-las.

E então, finalmente, a Reserva: altos bosques de pinheiros que mantinham a terra na sombra, e uma encosta gramada onde as árvores haviam sido cortadas. No topo, ele imaginou, devia estar a casa que o motorista descrevera.

" Autossuficiência *"* , dizia uma pequena placa pela qual passaram ao se aproximarem. O

prédio em si era colossal. A estrutura central tinha três andares e era feita de toras rústicas.

Delicados detalhes em madeira entalhada desciam dos beirais do telhado e adornavam as venezianas que emolduravam suas enormes janelas. Duas alas se estendiam das laterais; uma arcada cobria a entrada da garagem. Jardins abundavam, transbordando de flores cultivadas para parecerem selvagens. Espalhadas ao redor delas, havia anexos menores que pareciam versões em miniatura da casa.

“Meu Deus”, disse Delphine.

O mais impressionante, pensou Alice, era a distância de tudo. O trabalho que

devia ter dado construir um complexo desses no meio da floresta. Os Van Laars haviam construído a casa em uma colina, de modo que tudo ao redor da Autossuficiência ficasse abaixo dela.

Como o Olimpo, pensou Alice, que normalmente não pensava nessas referências.

O motorista avançou lentamente até o carro invadir a grama e finalmente parar. Só então viu Peter, paralisado como um cervo na sombra projetada pela casa. Esperando por eles.

Ela o observou dar um passo à frente. Ele era ainda mais alto do que ela se lembrava. E

parecia mais velho. Havia um fio grisalho em seus cabelos, que o sol fazia brilhar enquanto ele caminhava pela grama.

O motorista saltou do carro. Eles esperaram um momento, até perceberem que ele não ia abrir as portas para eles.

Agora Peter estava perto e o nó no estômago de Alice explodiu em nervos frenéticos e latejantes que ameaçavam fazê-la ranger os dentes.

Ela se perguntou sobre o que eles iriam conversar. O que diabos ela poderia dizer a um homem adulto? Durante seus anos de escola, ela só estivera cercada por outras garotas.

Lembrou-se de que dançar com Peter era bom; o salão Waldorf estava escuro e movimentado, e havia pouca necessidade de conversa. Mas ali, em plena luz do dia, tudo era diferente .

Delphine veio em seu socorro.

"Que viagem", disse ela alegremente ao anfitrião, saindo do carro. "Achei que nunca chegaríamos lá."

O aroma da seiva aquecida pelo sol os cercava. Mais além, o cheiro da água fresca: o lago.

Peter sorriu, com as mãos nos bolsos e olhando para os sapatos.

"Que bom que você veio", ele disse, e pegou suas malas, que o motorista ficou feliz em lhe entregar.

Foi Delphine quem Peter escolheu para caminhar ao seu lado enquanto se aproximavam da casa. Foi para ela que ele se voltou quando perguntou como estava o tempo na cidade e quais atividades eles gostavam de fazer. Alice seguiu atrás, sentindo-se cada vez mais como uma criança.

"Você já esteve nessas montanhas antes?", perguntou Peter, e Delphine respondeu que sim, uma vez, quando eles eram bem pequenos.

"Você se lembra, Cuqui?", ele perguntou a Alice, que corou ao ouvir o apelido.

Ele se virou um pouco, esperando a resposta dela. A verdade era que ele não se lembrava, mas admitir isso a faria parecer ainda menor em comparação à irmã. Então ele disse que sim.

"Então você conhecerá as moscas", disse Peter.

"Que moscas são essas?", perguntou Delphine, acenando com a mão para dispersar o pequeno enxame que já havia se formado ao redor delas.

disse ele . "Moscas pretas. Geralmente elas já foram embora nessa época, mas este ano tivemos um junho frio. Imagino que elas queriam te conhecer?", disse ele, e finalmente olhou para Alice com um sorriso. Seus dentes brilharam. Um pequeno arrepio percorreu sua garganta até o estômago.

Ele sorriu de volta: um ato de bravura.

Foi então que uma flecha passou perto do seu nariz e atingiu a casca de uma árvore próxima.

Alice ficou petrificada.

Peter empalideceu.

Delphine, que não tinha visto o que havia acontecido, virou-se para eles com um sorriso agradável.

Houve um momento de silêncio. Finalmente, um garoto correu até eles, pedindo

desculpas em voz alta e à beira das lágrimas.

"Oh, oh", dizia o menino. "Eu bati em alguém?"

Ele era um campista, explicou Peter depois de confortá-lo, repreendê-lo e mandá-lo de volta pelo mesmo caminho que veio.

—Um campista… de qual acampamento? —disse Delphine.

Ele respirou fundo, como se estivesse se preparando para contar uma história muito longa. Então, pensou melhor e disse que contaria durante o jantar.

"Me lembre se eu esquecer", disse Peter.

A casa estava com todas as janelas abertas. Ventiladores giravam lentamente em todos os cômodos. Tudo cheirava a madeira recém-cortada, como se tivesse acabado de ser construído. Eles foram conduzidos aos seus quartos por um homem chamado Hewitt, que parecia estar atuando como mordomo, mas cuja rudeza e traje lhe davam um ar de caubói.

Ele usava um chapéu dentro de casa. Era um homem quieto e magro, na casa dos quarenta.

Àquela altura, todas as idades acima de vinte e cinco anos pareciam intercambiáveis para Alice. Ela se perguntou — e ainda se perguntava — quem mais estaria na casa. Ela havia especulado sobre isso com Delphine no trem.

"Os pais do Peter?", ela perguntou, e a irmã deu de ombros. Talvez. "Você acha que ele. .

mora com eles? Em Albany?"

Delphine pensou sobre isso.

"George tinha um apartamento", disse ela. "Antes de nos casarmos, quero dizer. Mas, na verdade, era do pai dele."

—Você conseguiu vê-lo?

Delphine sorriu.

"Sim", ele disse. Mas Alice só entendeu o que aquilo significava mais tarde.

O quarto dela era grande e dava para o lago, com uma cama de dossel e uma colcha de retalhos. Havia um espelho de corpo inteiro no qual ela se examinava, levando as mãos às bochechas e pressionando-as (naquela época, Alice achava seu rosto muito rechonchudo), tentando imaginar como Peter deveria ser . Muitas vezes lhe diziam que ela era bonita, mais do que Delphine; era a única coisa em que ela era melhor do que a irmã. Mas ela se considerava boba, e tinha certeza de que os outros também pensavam assim. E também, sem graça e inteligência. Não ter senso de humor, pensava ela, era ainda pior do que ser boba.

Uma batida na porta a assustou tanto que ela engasgou.

Ele a abriu, ainda respirando pesadamente.

Era Hewitt, o mordomo — o *assistente,* corrigiu-se. Com aquelas roupas, ele não se parecia em nada com o que os Wards tinham na cidade.

"A família vai tomar uns coquetéis no jardim", ele disse a ela. "Você pode se juntar a eles, se quiser."

"Obrigada", disse Alice, e só então viu, espreitando por trás da perna de Hewitt, uma menininha de olhos brilhantes e uma trança fina. "Quem é?", perguntou ela, e ele sorriu pela primeira vez.

“É Tessie Jo”, ele disse.

A garota sorriu, com o rosto enterrado no tecido da perna de Hewitt.

A fachada principal da casa era, na verdade, a dos fundos: a que dava para o lago. A água parecia fresca e confortável, típica de piscinas termais e nascentes escondidas.

Ela viu quatro adultos sentados em cadeiras de espaldar alto em uma pequena praia, de costas para ela. A princípio, Alice não conseguiu distinguir quem eram, mas então ouviu a risada da irmã, encantadora e calorosa, uma risada que as pessoas costumavam comentar.

Delphine havia colocado um chapéu que nunca tinha visto antes e estava sentada

ao lado de Peter. Visto de trás, o grupo parecia consistir em dois casais; apenas a quinta cadeira, vazia, contradizia essa impressão. À frente deles, a garotinha, Tessie Jo, corria de um lado para o outro na praia, parando ocasionalmente para fazer montes de areia molhada.

Peter viu Alice antes de todo mundo e se levantou formalmente da cadeira.

“Senhorita Ward”, ele disse.

Ela se aproximou, tentando parecer despreocupada. Mas fingir a fez sentir-se mal novamente.

Outro membro do grupo também se levantou, e Alice o reconheceu como o pai de Peter.

Só podia ser: era uma versão de cabelos brancos do filho, tão magro e arrumado quanto ele, e tão severo quanto ele.

"Senhorita Ward", disse ele. "Prazer em conhecê-la."

A essa altura, Alice já havia alcançado o grupo e parado de costas para o lago, de frente para a casa e todos os presentes, desajeitadamente plantada no centro do pequeno arco de cadeiras, como se estivesse prestes a começar a cantar. Ela se perguntou o que Peter teria contado a eles sobre ela, considerando que ele a conhecia há apenas uma noite.

A mãe — Alice presumiu que fosse ela — sentou-se, assim como Delphine. Parecia mais jovem que o pai, mas também mais desgrenhada, cerca de quinze quilos acima do peso e usando um chapéu formal que — pensou, sem se conter — não combinava com seu corpo.

Então, lançou-lhe um sorriso distraído.

Peter deu um passo à frente.

"Você achou seu quarto confortável?" ele disse.

Alice de repente percebeu seu jeito excessivamente formal de falar, como se fosse de outra época. Seus amigos da cidade eram desbocados, irreverentes e amantes de escândalos. Acreditavam que a cortesia só deveria ser demonstrada

com pessoas de status inferior ao seu, com aqueles que lhe serviam de alguma forma.

"Muito confortável", ela disse. "Obrigada."

O jantar foi melhor. O vinho agradou a Alice, que só ficara embriagada duas vezes na vida.

Ela não gostava do sabor do álcool nem das sensações que ele lhe incutia no corpo. Mas gostava do brilho acolhedor e reconfortante que ele emprestava ao ambiente. Delphine tomou a iniciativa da conversa e, pela primeira vez, Alice apreciou a vivacidade da irmã, embora enfatizasse o fato de que ela não possuía essa qualidade.

A conversa mudou da história dos Adirondacks para o cotidiano da fazenda no fim da rua — uma paixão particular dos pais de Peter. Depois, falaram sobre moscas — as eternas moscas — e, por fim, os anfitriões lhes fizeram perguntas discretas sobre a vida na cidade, sua criação e seus objetivos.

"E quantos anos tem o George Barlow?", perguntou o Sr. Van Laar Sr. entre mordidas.

"Não o vejo desde que o Peter estava na faculdade. Sempre o achei um cara engraçado."

Havia um toque de desprezo em sua voz, e Alice olhou para Delphine para ver se ela estava ofendida. Mas viu a irmã sorrindo.

"Ainda é engraçado", ele disse.

—Você gosta do seu trabalho?

"Seus estudos, você quer dizer", respondeu a irmã, e o Sr. Van Laar ergueu uma sobrancelha.

—Não pode ser. Na sua idade?

"Eu acredito", disse Delphine, conspiratória. "Ele deixou os negócios da família para cursar ornitologia na Universidade de Columbia."

Seus olhos brilharam enquanto ele dava a notícia, que tinha sido o assunto de Manhattan na temporada passada, repetida várias vezes como a piada final . "Ornitologia!" Se havia uma coisa que Alice respeitava em sua irmã, era que ela fora corajosa ao escolher o homem que seria seu marido. George Barlow, embora viesse de uma família rica, não era de forma alguma um par ideal para Delphine. Ele nem era muito atraente; era magro e pequeno, com

um queixo proeminente e sobrancelhas escuras sempre franzidas. No entanto, sua irmã o amava, Alice sabia disso.

"Tenho certeza de que você sabia disso, pai", disse Peter. "Causou um rebuliço." Mas ela também detectou humor na voz dele.

"Imagino", disse o Sr. Van Laar. Ele deu uma mordida e mastigou pensativamente.

"Engraçado: eu achava que o melhor lugar para estudar pássaros era Cornell."

"É sim", disse Delphine. "Mas não podíamos sair de Manhattan, então tivemos que nos contentar com Columbia."

—E você está tirando boas notas?

"Os melhores da classe", disse ele.

Foi aí que a conversa vacilou. O som de talheres contra pratos podia ser ouvido por toda a sala.

"Você pode nos contar sobre os acampamentos de verão?", perguntou Delphine.

Pedro e seu pai se entreolharam. E o filho começou a falar.

Na década de 1870, quando os Adirondacks ainda estavam surgindo como um destino de férias para os moradores da Nova Inglaterra, o Peter Van Laar original veio de Massachusetts para uma visita e se apaixonou pela paisagem.

Ele retornou diversas vezes para prospectar. Finalmente, com a ajuda de um guia local experiente, selecionou o terreno onde a Self-Sustainability seria construída.

Alice não pôde deixar de notar que a versão dos Van Laars da história diferia da

do motorista. Eles mal mencionavam o povo Shattuck. Na versão deles, o Peter original — a quem, no vocabulário da família, chamavam de Pedro, o Primeiro — carregava a madeira nos braços, subia escadas altíssimas e supervisionava pessoalmente a chegada de todas as peças da estrutura original da Suíça, garantindo que fossem remontadas corretamente.

Uma casa de fazenda foi construída bem ao lado da estrada que levava à casa para garantir que nenhum hóspede perdesse o conforto de casa.

Pedro, o Primeiro, era famoso por ser um homem nada convencional.

"O último Van Laar", explicou Peter Tercero, "de quem algo semelhante poderia ser dito." Ele deu um sorriso forçado e continuou: "Ele era um patife, um homem animado, e manteve uma exuberância infantil até o dia de sua morte, amado e vilipendiado em igual medida por seus colegas de profissão. Um alvo constante de colunas de fofocas. Ele teve dezenas de amantes."

Então, quando Pedro, o Primeiro, anunciou sua ideia de criar um acampamento de verão, ninguém ficou surpreso, embora muitos de seus contemporâneos achassem a ideia engraçada, até mesmo ridícula.

Mesmo assim, o homem perseverou. Dedicou um conjunto de edifícios originalmente construídos como cabanas de caça à iniciativa. Como já tinha mais de oitenta anos e não conseguia realizar atividades físicas com o vigor de antes, contratou um grupo de pessoas de Shattuck para construir o restante das estruturas necessárias na Reserva. Seu sonho era doutrinar as futuras gerações de crianças sobre a importância da conservação da paisagem e da administração responsável da terra. Ele batizou o centro da colônia em homenagem ao

seu escritor e pensador favorito, outro grande defensor da vida ao ar livre. E o homem que, aliás, também havia escrito o ensaio que deu nome à casa. O Acampamento Emerson oferecia oito semanas de colônias todo verão, explicou Peter Tercero. No início, tinha poucos participantes. Mas, depois de vários verões bem-sucedidos, durante os quais operou com prejuízo, a reputação do centro cresceu. Em menos de uma década, o Acampamento Emerson tornou-se um destino popular para os filhos de famílias ricas da Nova Inglaterra e de Manhattan. Atualmente, a maioria dos participantes eram filhos de amigos e conhecidos dos Van Laars.

Delphine bateu palmas entusiasticamente.

"Ah, eu adoro esse homem", disse ela. "Pedro, o Primeiro. Adoro a história toda. E você, Alice?"

"Sim", ela respondeu.

" Você também frequentou as colônias?" Delphine quis saber, e Peter rapidamente balançou a cabeça.

"Acampamento Emerson? Céus, não", ele disse, como se eu tivesse lhe feito uma pergunta estranha.

Sentada em frente a Alice, a Sra. Van Laar não disse muita coisa. Parecia quieta e confortável com seu vestido largo e fora de moda e batom ligeiramente assimétrico. De vez em quando, sorria para ela e comia seu jantar com genuíno prazer, fechando os olhos enquanto mastigava.

Em algum momento, Alice percebeu que nem a Sra. Van Laar nem ela haviam dito uma palavra por quase uma hora, e que isso não parecia atrair ou incomodar ninguém. Ela teve a repentina consciência de que era um bem de consumo que os dois homens sentados à mesa estavam avaliando antes de comprar, com Delphine atuando como leiloeira. Quanto menos ela dissesse, melhor. Perto do fim da refeição, ela começou a aceitar a ideia de que uma decisão já havia sido tomada em seu nome.

Não foi desagradável.

Na verdade, isso lhe permitiu retornar ao seu estado favorito: ausência distraída, um ar cultivado de mistério que ele esperava que mascarasse a falta de intelecto que ele já havia aceitado como sua característica.

De vez em quando, ela via Peter Van Laar olhando para ela. E cada vez mais, ela se permitia olhar em seus olhos. Seu pulso acelerava. Ela era uma criança.

Ela se fez três perguntas: Conseguiria viver longe da cidade? Conseguiria viver lá, no meio do nada, a maior parte do ano? E conseguiria se casar com um homem como Peter?

Sua mãe conhecia seu pai desde a infância, mas não muito bem; ela tinha dezoito anos quando se casaram, logo após o primeiro encontro.

Sua irmã e George Barlow se conheceram dois meses antes de ficarem noivos.

Ela olhou pela janela, em direção ao lago. Havia algo hipnótico em suas águas, algo encantador. Já eram oito da noite, mas era julho, então a última luz do dia brilhava intensamente na superfície. As janelas altas voltadas para o leste deixavam entrar uma

brisa plácida e morna. Os pinheiros do outro lado estavam imóveis, olhando para ela, esperando sua resposta.

Sim, sim e sim, pensou ela. Todas as respostas seriam sim se Peter lhe fizesse as perguntas.

Ela o fez. Em setembro daquele mesmo ano, após mais duas visitas à cidade — a segunda na companhia dos pais — Peter Van Laar a pediu em casamento, com a aprovação do pai.

Ele havia escolhido um anel do enxoval de seus ancestrais.

Ela foi até a mãe para ajustá-lo e também comprou outro para ela, um novo da Van Cleef

& Arpels, com uma pulseira de tênis combinando.

Ela aceitou, grata por algo já ter sido decidido em sua vida e sem saber o que mais poderia fazer.

Seu vestido de noiva foi um vestido duquesa de cetim com saia rodada e decote coração.

Eles se casaram em Saint John the Divine, dois dias após seu aniversário de dezoito anos, com uma recepção no Pierre.

Não havia madrinhas. Eu nunca tive amigas próximas e, naquela época, não era bem visto ter uma madrinha, que era o que Delphine teria sido.

Também não houve lua de mel. Apenas uma viagem para Albany, rumo a uma casa que eu nunca tinha visto antes, uma mansão urbana ecoante, com pisos de mármore frios e janelas que tremiam no inverno.

Nove meses depois — e um mês antes da data prevista para o parto — nasceu Pedro IV.

Deram-lhe o apelido de Urso , porque seu nome já era usado por muitos Van Laars, e também porque ele era gordinho e tinha uma penugem na cabeça que lembrava, a quem a tocasse, a pele de um animal recém-nascido.

Quantas horas ela passava olhando para ele? Seus cabelos sedosos. O peso que sentia no peito quando cochilava com ele em cima dela no quarto da casa em Albany ou no solário da Self-Reliance. O embrulho quente e frágil do filho. Ela imaginava os ossos dentro dele que o sustentavam com sua arquitetura meticulosa; os pulmões em miniatura que faziam suas costas subirem e descerem; os bracinhos que tremiam quando ele caía em um sono profundo; o corpo minúsculo cuja porção era de alguma forma uma impossibilidade, como seu cheiro, sua composição e o fato de que ele instilava nela uma espécie de calma — a consciência disso caiu sobre ela um dia como uma bigorna — que ela nunca mais sentiria.

ALICE

Anos cinquenta

Quando Alice tentou ser objetiva, ela conseguiu reconhecer que houve um ou dois anos muito bons no começo.

Antes e depois do nascimento de Bear, Peter a tratara como a criança que ela era. Isso significava, é claro, que ele ria dela; mas o fazia com um olhar afetuoso, e às vezes colocava a mão carinhosamente em sua cabeça quando ela demonstrava o que ele chamava de " falta de bom senso " , e também suspirava, como se contemplasse a magnitude de tudo o que o mundo tinha a ensinar à sua esposa. Alice não se importava; sentia-se protegida, que era o que ela — na época — sentia que precisava.

Em algum momento, porém, a reação de Peter aos erros dela começou a mudar de diversão para irritação. Quando ela tinha dezoito anos e estava aprendendo a organizar jantares em casa, ele corrigia seus erros de ortografia nos cartões de lugar com um sorriso ou simplesmente a proibia de ter copos-de-leite na mesa; cinco anos depois, ele já a olhava com desdém e às vezes gritava com ela.

A única coisa em que sempre concordaram foi o valor do filho, a quem Alice

amava com uma intensidade irresistível. Ela sabia que Peter também o amava, mas às vezes o amor dele parecia uma espécie de investimento, algo que ela dava sob a condição de que lhe trouxesse retorno mais tarde.

Eles não teriam mais filhos, disse ele ; um filho bastava. Alice leu nas entrelinhas que ter mais de um filho complicaria a questão de passar o banco para a próxima geração. Por quatro gerações consecutivas, houve apenas um descendente homem. Apenas um Peter Van Laar. Às vezes, ela sentia que ter um filho tão rápido — e um filho tão bom, aliás — era a única coisa que fizera para agradar ao marido.

Os meses de verão na Self-Reliance eram os períodos em que os três passavam mais tempo juntos. Lá, Peter ensinava o filho a velejar e andar a cavalo, a jogar xadrez e a atirar em pombos de argila. Ele era um bom professor — até mesmo paciente —, uma qualidade que lhe faltava completamente em outras áreas da vida. Alice observava de longe, satisfeita, sentindo algo próximo do amor puro pelo marido pela primeira vez em seu casamento.

O fato de as coisas correrem bem ajudou, pois Bear era bom em tudo o que fazia. Ele era rápido com números e aprendeu a ler rapidamente. Ele havia crescido alto e forte, como o pai, para grande alívio de Alice, pois ela temia que ele herdasse sua baixa estatura.

Apesar desses dons, Bear não tinha arrogância; não demonstrava nenhum do desprezo que seu pai ocasionalmente demonstrava. Pelo contrário, cumprimentava todos que

encontrava com um sorriso e aprendia os nomes de todos os funcionários da casa e do terreno, independentemente de sua posição. Nesse sentido, ela o lembrava de alguém, mas ele não sabia quem, até que um dia percebeu, com um sobressalto, que ela o lembrava de sua irmã Delphine.

Tessie Jo, a filha do administrador da terra, era especialmente apaixonada por ele.

Quatro anos mais velha que Bear, ela o tratava com gentileza e o mimava. Em troca, ele a seguia por toda parte, chamando -a de " Tessie, Tessie ″ . Peter e Alice sempre brincavam que ele estava apaixonado pela garota. Uma das poucas piadas que compartilhavam.

Durante o resto do ano, seu marido estava imerso no trabalho e frequentemente ficava no escritório até as oito ou nove da noite. Ele frequentemente viajava para Manhattan para se encontrar com clientes em potencial.

Em Albany, Alice se sentiria sozinha se não fosse pelo filho. Ela não tinha amigos. Era péssima conversadora.

Peter concordou com este último ponto. Ele costumava dizer isso naturalmente, como sempre dizia, como se não estivesse transmitindo opiniões, mas fatos.

"Acontece que, Alice", ele disse a ela, "você é chata em festas. Alguns drinques ajudariam você a se divertir mais."

A primeira vez que ele lhe contou, ela tinha vinte anos e carregava o filho de dois. Ela abriu a boca para responder, mas não saiu nada. Peter a julgava com frequência, sempre enquadrando suas críticas como se fossem conselhos. E a verdade era que Alice frequentemente concordava com ele. Era verdade que ela era chata em festas. Não sabia nada sobre os acontecimentos atuais. Não havia viajado e não tinha hobbies. Não era brilhante e espirituosa como a irmã. Às vezes, tinha pensamentos desagradáveis sobre as pessoas, mas nunca dominara a arte de expressá-los maliciosamente: em outras palavras, ela nem era boa em fofocas. O que mais ocupava sua mente durante esse tempo era Bear e o amor voraz que sentia por ele. Às vezes, parecia-lhe que ser mãe lhe revelara a existência de outra dimensão, ou outro significado para as coisas.

"E deixe esse garoto no chão", disse Peter. "Ele está virando um craca." Ele estendeu a mão para Bear, que deu de ombros e enterrou a cabeça no ombro de Alice, segurando-a com mais força.

Geralmente, quando Peter lhe dava conselhos, ela os aceitava. E descobriu que o marido tinha opiniões sobre a maioria dos aspectos de sua aparência e personalidade. Ela deveria usar vestidos que cobrissem os ombros, porque seus ombros não eram exatamente bonitos.

Ela tinha que usar os saltos mais altos que pudesse para compensar a diferença de altura entre eles. Ela não deveria apertar a mão dos homens quando apresentada a eles, mas sim acenar com a cabeça. Para Alice, ele era em partes iguais treinador e marido: sempre tentando ensiná-la, melhorá-la e elevá-la ao seu nível. Ela não o culpava por isso; antes de

Peter, ela não tinha muita direção na vida. Ela se convenceu a considerá-lo uma espécie de mentor.

Então, antes dos jantares com clientes, Alice começou a beber uma taça de conhaque em casa. Ela fazia isso à vista dele , um abstêmio. E, por um tempo, funcionou: ela instantaneamente se sentiu mais madura, mais sofisticada e capaz de retribuir as provocações que lhe eram dadas pelas outras esposas, que geralmente eram uma ou duas décadas mais velhas que ela e a olhavam com expressões que variavam da pena ao desprezo.

Durante vários anos, beber foi assim: uma tarefa que ele realizava quando necessário. Não o fazia quando estava de folga, ou seja, quando não tinha um evento social em sua agenda.

Em certo momento — ela não sabia bem quando ou como — o hábito começou a evoluir.

E uma nova rotina se estabeleceu: uma taça de vinho em casa à noite. Às vezes, duas. Ou mais quando saía. Martinis e Manhattans quando saíam juntos, ou gimlets.

Tudo bem, pensou ela; vinho em casa e coquetéis lá fora. Seu momento favorito do dia era sempre tomar uma taça de vinho com o filho por perto: seu amor por Bear nunca foi tão intenso.

Ele estava satisfeito com aquela quantidade de bebida , pensou. Parecia razoável e responsável. Ele confiava em Peter para repreendê-lo se ele exagerasse.

Eu poderia ter continuado bebendo naquele ritmo e nada teria acontecido. No final, foi George Barlow quem mudou tudo.

CARL

1961

Já eram sete horas da noite quando o telefone do quartel dos bombeiros tocou, acordando Carl Stoddard sobressaltado. Ele havia adormecido em sua cama de campanha após um longo dia sob o sol. Ao segundo toque, sentou-se e piscou. Ao terceiro, estava em ação, atendendo com a mesma apreensão que sempre sentia ao atender. Ele não gostava de falar em geral, mas ao telefone era pior.

"Carl Stoddard?", perguntou uma voz do outro lado da linha. Era Marcy Thibault, a telefonista local, cujos anos de experiência lhe deram a capacidade incomum de reconhecer vozes.

"Quais são as más notícias?", perguntou Carl, sua resposta padrão. Uma fala já pronta.

“Alguém está perguntando por você na Reserva Van Laar”, disse Marcy.

"Ah, é mesmo?" ele disse .

Era estranho. A família nunca tivera contato direto com Carl, que trabalhava como jardineiro na Reserva.

Talvez ele tivesse deixado algo lá. Ou talvez tivesse feito algo errado. Peter Van Laar era um homem de opiniões fortes, e jardinagem era um de seus grandes interesses. Todos os anos, eles organizavam uma semana de comemorações em julho — Adeus às Moscas, como chamavam — para marcar a mudança de estação que fazia com que a praga deixasse a região, e o Sr. Van Laar queria tudo perfeito.

"Como eles sabiam que eu estava aqui?", perguntou Carl. Seu pulso estava acelerado. Ele era um sujeito alto e corpulento, de barba loira, que jogara futebol americano na juventude e faria quarenta anos naquele verão. Mas era tímido, sensível ao clima e às emoções alheias, e não gostava de conflitos. Nunca gostou. Jardinagem era uma vocação que lhe caía perfeitamente.

"Eles não sabem", disse Marcy. "Eles não sabem que é você quem está lá."

Naquele ano, havia quatro membros do Corpo de Bombeiros Voluntários do

Município de Shattuck. Além de Carl, estavam Dick Shattuck, o dono do supermercado; Bob Alcott, professor de história na Escola Central, ali perto; e Bob Lewis, basicamente desempregado.

Juntos, uma década antes, eles montaram a equipe do zero, aprendendo o ofício com outros corpos de bombeiros de cidades vizinhas e arrecadando dinheiro para equipamentos nas barracas de doações que montaram no Natal e no Dia da Independência.

Assim que obtiveram botas resistentes ao fogo, começaram a arrecadar dinheiro com elas.

Eles alugaram uma garagem antiga e a transformaram em um quartel de bombeiros com uma cama e uma cozinha. A placa foi pintada pela esposa de Dick , Georgette, cujo talento artístico adornava a vitrine do supermercado todos os anos.

Levaram quatro anos para conseguir um veículo adequado, mas em julho de 1961 já tinham tudo pronto. Um caminhão, mangueiras e, na cidade, quatro hidrantes localizados a poucos passos do único cruzamento em Shattuck com semáforo. Os voluntários eram bem treinados. Nenhum deles, exceto Bob Lewis, não demonstrava uma atitude positiva.

Não foi por acaso que Carl estava de serviço na noite de 10 de julho de 1961; ele gostava de estar no quartel dos bombeiros. Alistou-se para todos os turnos noturnos que pôde. Era o único lugar, além do carro, onde se sentia verdadeiramente sozinho. Lá no quartel, ele não tinha nada para fazer a não ser ler, sonhar acordado ou, às vezes, dormir, e só muito ocasionalmente precisava atender o telefone.

Marcy Thibault levou alguns segundos para transferir a ligação. E quando uma voz finalmente chegou aos fios, não era de um funcionário, mas do próprio Peter Van Laar, para quem Carl cumprimentava com um aceno de cabeça sempre que se cruzavam na Reserva, mas com quem devia ter falado algumas vezes na vida. O homem tinha a reputação, entre seus funcionários e sócios, de ser severo e intolerante, mais quieto que a esposa, mas também mais cruel. Não parecia interessado em conversar com ninguém que trabalhasse para ele, exceto nos níveis mais altos; e mesmo com o escalão superior da hierarquia de funcionários — o gerente do jardim, a governanta —, falava com rispidez. Tinha uma

aparência de lobo, uma magreza que sugeria fome.

"Alô? Corpo de Bombeiros?", disse Van Laar depois que se conectaram. O tom de voz dela o fez sentar-se ereto, com a mão na mesa.

"Sim", disse ele . "Aqui é Carl Stoddard, do Corpo de Bombeiros Voluntários de Shattuck." Por um momento, ele considerou lembrar ao Sr. Van Laar sobre a ligação entre eles. Mas foi dissuadido pela urgência contida na voz do homem.

Houve silêncio na linha. Então, um clique que Carl concluiu, depois de um momento, ser o som que o outro homem fazia quando engolia repetidamente.

"Sr. Van Laar?", perguntou ele. "Está tudo bem?"

"Parece que meu filho desapareceu", disse o homem finalmente.

"Urso?", disse Carl, pensativo. Fechou os olhos. Colocou o punho na testa. Era complicado demais explicar como e por que ele sabia o apelido do filho de Van Laar. Mas ele sabia, e não só ele; todos que trabalhavam na Reserva sabiam. Eles conheciam o menino desde que ele era um bebê. Todo mês de maio, ele voltava para a Reserva mais alto e mais falante. Naquele verão, ele tinha oito anos: sempre sorrindo, sempre assobiando, patrulhando o terreno como um guarda e amigável com os funcionários — o oposto do pai tempestuoso. Era um bom explorador da floresta e interessado nas mesmas coisas que Carl tinha sido quando menino. Habilidades de sobrevivência ao ar livre e tudo mais. Naquele verão em particular, eles tiveram muita interação: fazia apenas uma semana que ele ensinara o garoto a reconhecer uma boa lenha. " Solta, leve e seca", dissera ele. "Quase

macia." E demonstrou o que queria dizer ao rachar uma tábua de cedro no sentido do comprimento com uma pequena faca. E inserindo a unha do polegar na abertura.

Na verdade, Carl tinha visto Bear pouco antes de terminar seu expediente: ele estava amarrando os sapatos na porta da frente da Self-Reliance. Ele se levantou e acenou para se despedir enquanto passava em sua caminhonete, e retribuiu o gesto.

Mas se Van Laar se perguntou como conhecia o filho, não fez a pergunta. O que fez, para seu desânimo, foi soltar um gemido espontâneo e frenético, e nele Carl

— que também era pai e tinha quatro filhos, dos quais três ainda restavam — reconheceu um sentimento com o qual teve o azar de estar familiarizado.

"Não se preocupe", disse ele. "Não se preocupe, Sr. Van Laar. Nós o encontraremos."

Em menos de cinco minutos ele colocou os outros três voluntários na fila.

Em menos de vinte minutos eles estavam no caminhão, acelerando pela escuridão, rumo à Reserva.

CARL

1961

Já estava quase escuro quando os quatro voluntários chegaram. Naquele mês, o veículo deles — um caminhão de bombeiros International Harvester que haviam comprado com desconto pouco antes de ser recolhido em Schenectady — estava com problemas no escapamento, então eles foram até a casa com uma espingarda.

Antes de partir, Carl contou aos outros o que sabia, o que não era muita coisa. Sua conversa com o homem foi breve.

"O filho dos Van Laars desapareceu", disse ele. "Ele foi caminhar nas montanhas com o avô esta tarde. Ele se virou e voltou porque esqueceu a faca no quarto. Mas não voltou com o avô."

"A que distância da casa você estava quando se virou?", perguntou Bob Lewis.

"Não sei", disse Carl.

"Quanto tempo Van Laar esperou antes de procurá-lo?" perguntou Bob Alcott.

-Não sei.

"O que o garoto queria com a faca?" perguntou Dick Shattuck.

"Não sei", disse Carl sem vigor. "Acho que descobriremos mais quando chegarmos lá."

Foi então que uma lembrança saltou com força para a vanguarda de sua mente: algo que o menino havia dito uma vez de passagem, referindo-se ao seu avô, ao qual ele não havia dado nenhuma importância.

O caminhão parou no final da estrada particular. Dick Shattuck desligou o motor.

Então houve silêncio. Por toda a Reserva: um silêncio tremendo.

Carl, que ia atrás, não sabia o que esperava ouvir — passos, talvez, gritos ou choro; o apelido do menino, Urso, repetido várias vezes — mas não isso.

Ele se sentou com dificuldade. Pulou da caçamba do caminhão com um baque. Havia engordado 30 quilos nos últimos anos, o que o estava deixando mais lento. Sua esposa estava preocupada.

Atrás dele, seus três companheiros já estavam saindo da cabine.

À frente deles, uma figura se movia pela grama. Carl percebeu que era um ser humano e então viu que era Vic Hewitt, o gerente do jardim. Seu chefe.

A luz fraca que se projetava da casa delineava sua silhueta. Ele era alto e tinha ombros largos, e tinha o estranho hábito de esticar os braços ao lado do corpo, numa pose estranhamente formal, como um soldado em posição de sentido.

Eu estava esperando por você.

Carl só estivera na casa dos donos uma vez, quando o contrataram, cinco anos antes.

Naquele dia, ele entrara pela porta da cozinha; lá dentro, a governanta lhe servira limonada e biscoitos enquanto ele conversava com seu futuro chefe.

"É um trabalho duro", Hewitt lhe dissera. "Não vou mentir para você. Muita terra e pouca equipe. E é o ano todo, não só no verão."

Carl assentiu, mas estava com dificuldade de concentração. Tivera a sorte de ouvir sobre o emprego por um primo que conhecia o jardineiro anterior, e também a sorte de descobrir sobre o emprego pelo homem que finalmente se aposentou. Ele não tinha muita experiência como jardineiro, mas tinha um cartão de biblioteca. Teria aceitado qualquer emprego oferecido. Tinha um filho doente e estava sem dinheiro. Até recentemente, trabalhara na fábrica de papel da cidade, mas a fábrica havia fechado, e cerca de sessenta homens perderam os empregos que ocuparam a vida toda.

"Eu gosto de trabalhar", disse Carl. Estava com fome: pensou em pegar um dos biscoitos, ornamentados e marrons, que pareciam mais decorativos do que nutritivos. Decidiu não fazer isso. Hewitt não havia pegado nenhum.

"Você entende de flores e tudo isso?" ele disse.

"Claro que sim", respondeu ele. "Cresci numa fazenda."

"Mas flores?" perguntou o outro, em dúvida.

Carl assentiu novamente.

"Minha mãe os cultivava. Ela ganhava concursos na feira do condado." Esta última informação era um exagero: a mulher, que ainda estava viva, *participava* de concursos todos os anos e reclamava todos os anos de sua incapacidade de chegar à final. "Ela me ensinou tudo o que sabia", acrescentou. Sabia que seu tom beirava o desespero.

"Você é primo de Joe Stoddard, não é?", disse Hewitt.

Carl assentiu.

Por fim, o homem bateu os nós dos dedos na mesa e disse que o emprego era dele se ele quisesse.

Foi assim que aconteceu.

Mais tarde, ele descobriria que seu primo Joe lhe contara que ele tinha um filho no hospital em Albany, fato que nem Vic Hewitt nem ele sequer mencionaram. Em 1961, Carl já trabalhava lá havia meia década, um período de cinco anos de rápido aprendizado que, até aquele ano, não havia produzido os resultados desejados. Francamente, foi um milagre ele não ter sido demitido nem por Hewitt nem pelo próprio Sr. Van Laar; embora Carl suspeitasse que o primeiro tivesse assumido a culpa mais de uma vez quando o segundo reclamou.

Agora foi Vic Hewitt quem cumprimentou os quatro homens que se aproximavam dele caminhando pela grama.

Ele levantou a mão sem dizer nada e a deixou cair ao lado do corpo.

"Vocês já ouviram falar, eu acho", ele disse a eles quando estavam perto o suficiente para ouvi-lo.

Ele acenou para Carl e apertou a mão dos outros.

Ele olhou de soslaio para Dick Shattuck, que normalmente falava sozinho. Mas Shattuck apenas o encarou de volta.

Então ocorreu a Carl que, por causa de seu trabalho ali, todos deveriam esperar que ele desse as ordens, e a ideia o deixou nervoso. Ele nunca gostou de dar as ordens a nada nem a ninguém. Nem mesmo no ensino médio: ele até recusou a oferta do seu treinador de futebol americano para torná-lo capitão do time.

"O que mais se sabe?" Carl perguntou depois de uma pausa, porque não conseguia pensar em mais nada para dizer.

"Nenhuma notícia", disse Hewitt. "O menino continua desaparecido. Estamos vasculhando a floresta há cinco horas."

Ele curvou as costas e olhou para o chão.

Vic era um homem estoico e um guia experiente. De fora, era visto como um homem durão ao ponto da ferocidade. A prova visível disso era que o lóbulo da sua orelha direita estava faltando, supostamente porque havia sido arrancado por um urso preto que Vic mais tarde derrubou em um combate corpo a corpo. Mas Carl sabia que também era pai. Ele tinha uma filha, Tessie Jo, de doze ou treze anos, uma moleca que ele havia criado e que agora parecia sua irmã gêmea e trabalhava lado a lado com ele quando não estava na escola. Hewitt, ele percebeu, estava pensando nela, assim como estava pensando em seus filhos. Imaginando-os perdidos à noite no mato, agora molhados de uma tempestade recente. Lembrando-se de Scotty respirando pesadamente na cama de hospital coberta por lençóis brancos.

Vic Hewitt se virou e olhou por cima do ombro, além da casa, em direção à orla da floresta.

"Olhem", disse ele a eles. "As coisas estão ruins aí dentro. A Sra. V. está louca. Assim como o resto da família e os convidados. O que quero dizer é que vocês são todos muito cuidadosos. Não precisam preocupá-los mais."

E com isso, ele os conduziu silenciosamente em direção à casa e à sua enorme porta da frente, cuja soleira Carl nunca havia cruzado em todos os anos em que trabalhou lá.

ALICE

Anos cinquenta

Na família Van Laar, as comemorações de uma semana de Adeus às Moscas começaram a ser planejadas em maio.

A primeira coisa a fazer era decidir quem convidar. A casa, com seus dez quartos, acomodava confortavelmente dezesseis pessoas. As dependências acomodavam mais dezoito. Algumas das decisões eram simples: entre os convidados regulares estavam os McLellans, que haviam sido os melhores amigos e parceiros de negócios mais próximos da família Van Laar por duas gerações; os Barlows, George, amigo de Peter, e Delphine, irmã de Alice; e seus pais, embora ele sempre deixasse claro que incluir os Wards era um favor que estava fazendo à esposa. Somavam-se a esses outros amigos de faculdade do marido dela e alguns empresários que ele cortejava como clientes do banco, que mudavam a cada ano e geralmente saíam da lista assim que um acordo era fechado. Por fim, havia as celebridades menores que Peter, de alguma forma, conhecera pela cidade e convidara principalmente para entreter. Esses convidados "extras " geralmente se limitavam a mulheres bonitas e inofensivas ou homens muito engraçados, todos os quais vinham desacompanhados e dormiam nos prédios adjacentes.

Depois de escolhê-los e atribuir os quartos, outras tarefas foram realizadas. Flores foram encomendadas. Um grupo local de violino e dulcimer foi contratado, assim como um locutor para o tradicional baile de casais realizado no meio da semana. A Reserva, que antes tinha sua própria fazenda — antes que carros e caminhões se tornassem a norma —

agora dependia de produtores locais para fornecer comida suficiente para uma semana inteira para os cerca de trinta hóspedes que vinham à casa.

No geral, todas essas semanas de comemoração transcorreram sem problemas graças ao planejamento meticuloso de Peter e à adesão de Alice às suas instruções.

Mas o ano em que Bear completou cinco anos trouxe consigo um problema: George Barlow, seu cunhado e bom amigo de seu marido, morreu inesperadamente em junho de um ataque cardíaco, deixando sua irmã Delphine viúva e também deixando em aberto a questão se ela deveria ou não ser convidada.

Alice se deparou com um dilema. A verdade era que ela não lhe dera toda a

atenção que ele merecia desde a morte do marido. Moravam a quatro horas de distância. Ela tinha um filho; Delphine, não. Durante anos, a única vez em que se viram por um longo período fora no Adeus às Moscas ; agora Alice estava um pouco em pânico ao pensar que a primeira

coisa que ele escreveria para a irmã desde o funeral seria um convite para uma semana de comemorações alegres.

Peter bufou com escárnio quando ela expressou essa preocupação.

"Bobagem", disse ele. "Vai fazer bem à Delphine. Vai distraí-la um pouco. Além disso, ela é uma pessoa inteligente. Tenho certeza de que ela é capaz de decidir por si mesma se quer vir ou não."

Alice sentiu uma leve ofensa na palavra que o marido usara. Inteligência era uma qualidade que Peter valorizava muito e que ela tinha certeza de que ele jamais atribuiria a ela.

Acontece que Delphine aceitou o convite. "Encantada ", escreveu ela em sua resposta.

Alice sentiu-se aliviada. Talvez aquela fosse a chance de se reconectar com a irmã. De se desculpar pelos anos de ausência. De recomeçar com ela, a quem admirara tanto quando criança que se sentia uma celebridade. Agora que ambas eram adultas, pensou, talvez pudessem ser amigas.

Na sexta-feira, quando os primeiros convidados estavam programados para chegar, Alice se vestiu com esmero. Em seguida, caminhou pelo corredor até a varanda, onde ficou de frente para a janela, preparando-se para suas funções de anfitriã.

Ela foi até um armário de bebidas, pronta para realizar seu ritual. Ergueu um copo alto.

Serviu-se de um conhaque, que, segundo ela, era apenas um tipo de vinho.

Ele levou-o aos lábios.

Um movimento rápido atrás dela chamou sua atenção e ela viu Vic Hewitt saindo da sala.

"Vic?", ela disse, e ele se virou, envergonhado, segurando seu chapéu de balde. "Eu não sabia que você estava aqui", acrescentou Alice.

O homem assentiu. Era a única pessoa na Reserva que falava ainda menos do que ela.

Peter disse que ele era um homem simples, mas cuidava da terra como ninguém. Tinha barba. Era o último de uma longa linhagem de guias de Adirondack, o mais famoso dos quais era mencionado nominalmente no guia que a indústria turística lançara para todo o parque nacional de mesmo nome. O Peter Van Laar original contratara Vic quando ele era um garoto de cerca de dezesseis anos. No início, fora para liderar suas expedições de caça, depois para cuidar da terra e, finalmente, quando Pedro, o Primeiro, decidiu se dedicar ao Acampamento Emerson, para administrar também as colônias. Como todos que trabalhavam para os Van Laars, Vic Hewitt exercia muitas funções e o fazia sem reclamar.

Agora, porém, ele parecia nervoso.

"Você está bem?", perguntou Alice, controlando seu leve constrangimento por ter sido pega bebendo sozinha.

Vic assentiu.

"Acho que estou revisando os planos", disse ele. "Para garantir que tudo esteja pronto."

E ela de repente entendeu. Adeus às Moscas era a única semana do verão em que ele estava livre da administração das colônias. Durante o festival, suas funções incluíam liderar múltiplas expedições. Oportunidades de caça e pesca e conversas com grupos de estranhos.

Alice imaginou que Vic era como ela. Ele preferia ficar sozinho ou com a filha Tessie Jo. Ela se virou para o armário de bebidas e serviu uma segunda dose.

"Aqui", disse ele. "Isso vai te ajudar."

Vic sorriu. Baixou a cabeça e pegou o objeto nas mãos.

Do lado de fora, eles ouviram um som repentino de pneus no cascalho.

Começou o Goodbye to the Flies.

Delphine apareceu no sábado, um dia depois dos demais convidados. Sua chegada no início da tarde foi recebida com um silêncio pesaroso. Os outros convidados murmuraram suas condolências duas ou três vezes e perguntaram se ela estava bem. Em menos de uma hora, porém, a reunião havia retomado as atividades do dia: Vic Hewitt havia armado alvos na praia, e os convidados — homens e mulheres — atiravam flechas em direção à linha de árvores ao sul.

O estranho e desconfortável era a questão do que poderiam fazer com uma mulher solteira que não estava ali para ser bonita ou entreter os outros. As dançarinas e atrizes estavam lá pela aparência ou pelo seu descaramento, pela excitação sexual que traziam à festa. Estranhamente, Alice nunca se sentira insegura na presença delas. Ela não achava que alguém jamais dormisse com elas; achava que eles se pegavam, aqueles rapazes e moças que vinham à Self-Reliance todos os anos, e uma parte secreta de Alice os aplaudia por isso.

Às vezes, ela se perguntava como seria estar com alguém que não fosse o marido, o único homem com quem já estivera.

Acontece que quase todo mundo fingia que Delphine não estava lá, exceto seus pais, com quem ela se sentava durante as refeições.

Durante a vida de George Barlow, ele e a irmã se mantiveram ocupados. Eram o casal mais feliz que Alice já conhecera; compartilhavam o mesmo senso de humor e as mesmas excentricidades. Uma vez casada com George, Delphine parou de se importar tanto com a aparência e optou pelo conforto em vez da elegância. Na maioria das vezes, usava calças, e ainda por cima feias. No entanto, George sempre a elogiava, não apenas na frente da esposa, mas também na frente das pessoas ao seu redor. Alice frequentemente os flagrava trocando olhares durante as refeições, seja carinhosos ou divertidos.

Agora que George se fora, porém, as palhaçadas de Delphine rapidamente perderam todo o charme que outrora possuíram. Além disso, na ausência dele, ela perdera o propósito para o qual todas as suas observações e conversas haviam sido direcionadas no passado. E também, aparentemente, a capacidade de filtrar seus pensamentos.

Por exemplo, quando perguntada sobre como estava se sentindo após a morte do marido, Delphine respondeu francamente.

"Tem sido horrível", disse ele. "Não consigo dormir."

O que poderia ser feito com tanta sinceridade?, perguntou-se Alice . Que resposta poderia ser dada?

Viúva tão jovem — e sem filhos —, Delphine, de certa forma, se tornara uma criança.

Esse sentimento era intensificado pelo fato de ser frequentemente vista passando tempo com as crianças da propriedade: seu sobrinho, Bear, mas também o filho dos McLellans e Tessie Jo Hewitt, que tinha nove anos naquele verão e parecia ser a favorita de Delphine.

Ela os ensinou a jogar cartas e a apostar com hashis. Levava-os para passear e dizia-lhes os nomes dos pássaros; sempre usava o binóculo de George pendurado no pescoço e o passava para as crianças a fim de avistarem uma toutinegra, um chapim ou um falcão. E às vezes, quando parecia que ninguém estava olhando, ela embalava o binóculo carinhosamente nos braços cruzados, como se fossem o próprio marido morto.

Em algumas ocasiões, Alice tentou falar com ela, conversar sobre qualquer coisa, mas Delphine sempre agia com relutância e a ignorava.

"Eu sei que você está ocupado", disse ela. "Vá ajudar o Peter. Está tudo bem, Cuqui."

E Alice obedeceu, deixando sua irmã para trás e sentindo uma sensação de alívio e culpa ao fazê-lo.

De qualquer forma, era verdade que seus dias eram meticulosamente estruturados, algo pelo qual os amigos mais antigos de Peter o provocavam. Frank McLellan, Howie Southworth, Merrill Williams e — antigamente — George Barlow. Alice sabia que eles eram os únicos autorizados a zombar dele, e gostava dessa parte das reuniões anuais, adorava ouvir os outros articularem de forma tão espirituosa e incisiva o que tornava seu marido tão difícil. " Como você o suporta, Alice? " , perguntavam com frequência, e ela ria com eles, alegre e aliviada, convencida de que as partes de Peter que às vezes a assustavam — bem, elas não eram tão ruins assim, afinal.

A primeira refeição do dia era às 10h30. Seu marido preferia tomar café da

manhã bem mais cedo e sempre se orgulhava de precisar dormir muito pouco, mas anos de experiência lhe ensinaram que hóspedes que ficavam acordados bebendo até as 3h da manhã dificilmente apareceriam para o café da manhã às 7h em ponto.

Depois, chova ou faça sol, havia uma atividade ao ar livre organizada, sempre competitiva. As caminhadas eram corridas; as pescarias, campeonatos. No final da semana, a dupla com a maior pontuação recebia, com grande pompa e circunstância, um troféu, que lhes era dito que deveriam trazer de volta no ano seguinte. Os McLellans, atletas católicos de Manhattan, eram a dupla mais difícil de vencer e já haviam vencido dez vezes, para grande desgosto de Peter.

Alice via tudo isso apenas como mais uma maneira de decepcionar o marido. Ela tinha uma habilidade atlética razoável, mas em qualquer competição, a pressão a afundaria, e o olhar frustrado que ele lhe lançaria faria tudo desmoronar.

Foi um grande alívio, portanto, quando as atividades diárias terminaram e um lanche foi servido; então todos se retiraram para seus respectivos quartos para descansar e se trocar antes dos coquetéis no jardim, que começaram — precisamente — às cinco horas.

A partir daquele momento, as noites tornaram-se cada vez mais animadas. O jantar era às sete, seguido de brincadeiras ao redor da fogueira, dentro ou fora de casa, dependendo da chuva.

Esses jogos ofereciam mais competição, mais oportunidades de marcar pontos. E

pareciam ainda piores para Alice do que os jogados lá fora. Em algumas ocasiões — durante charadas, por exemplo — ela chegou à beira das lágrimas quando Peter gritava suas tentativas de adivinhar a resposta, seguido de comandos: " "Pelo amor de Deus, Alice, tente algo diferente!"

O pior era um jogo horrível chamado Dicionário, que usava uma edição colossal de 1930

do *Dicionário Oxford.* A premissa era que o líder de cada rodada tinha que encontrar uma palavra rara o suficiente para certificar, por meio de investigação oral, que ninguém a conhecia. Uma delas tinha sido *limerência*, *Nefelibata*, *Dasocracia.* O líder escrevia a definição real em um pedaço de papel; os outros escreviam uma inventada, e então todos os Os jogadores passaram seus papéis

para o líder da rodada, que Ele reunia e lia as definições em voz alta; então, todos votavam naquela que achavam correta, e o vencedor era o participante cuja inscrição recebesse mais votos.

Alice era terrivelmente ruim em todos os aspectos do jogo.

Ele não acreditava que tivesse criatividade e, portanto, suas definições eram sempre as mesmas: "P "Pássaro sul-americano" era uma das suas favoritas, ou "Rir de alegria " se ela suspeitasse que estava aprendendo um verbo. Pior ainda, quando se tratava de ser a líder, ela nunca conseguia encontrar uma palavra que ninguém mais conhecesse. Ela sentia a incredulidade que a cercava sempre que sugeria uma palavra como *"stentorian"*, que também pronunciava errado, e então, quando ouviu Peter pronunciá-la corretamente, parecendo irritado e envergonhado, percebeu que ele a conhecia.

No extremo oposto do espectro estava Delphine, que, apesar de ter sido impedida de sequer se candidatar à universidade, parecia conhecer o significado de cada palavra do dicionário, bem como sua etimologia, e fazia questão de explicá- las com total frescor para seu público pouco receptivo. Ela estava sempre vetando palavras, confessando, rindo, que as conhecia. Na quinta vez que isso aconteceu, houve grunhidos. Na décima vez, um silêncio educado. Finalmente, a expressão de Delphine mudou: ela acabara de perceber o erro social que vinha cometendo.

Eles já estavam na metade de outra rodada quando alguém percebeu que ele havia se retirado discretamente para a cama.

"Onde está Delphine?" perguntou Katherine Southworth.

E Howie, seu marido, disse a ela:

"Ele fez uma *limerência.* " E todos riram alto por um longo tempo.

"Graças a Deus", disse Merrill Williams, que era o mais bêbado deles, e então, quando eles sibilaram para ele, ele repetiu em voz alta e colocou as mãos em concha nos cantos da boca. " Graças a Deus!", gritou ele.

Alguns convidados ficaram boquiabertos. Depois, mais risadas, desta vez sem levantar a voz.

"Williams", disse Peter calmamente, "chega."

Merrill revirou os olhos, levantou-se da cadeira e cambaleou até o portão do jardim.

Finalmente o jogo acabou.

Alice considerou brevemente ir ver a irmã. Mas aconteceu que esse momento — quando os jogos terminavam e todos podiam fazer o que quisessem — era sempre o seu favorito do dia. Só então ela se sentia livre do fardo dos julgamentos de Peter. Estava bêbada o suficiente para se sentir generosa e gentil; podia admirar a casa adorável que eles tinham, ver seus jardins igualmente encantadores do lado de fora das janelas e deslizar silenciosamente pelo corredor para visitar o quarto onde seu precioso filho dormia e lhe dar um beijo. E ela podia sentir, sentir de verdade, a sorte que tinha por ter recebido esta vida. Uma sorte que nunca lhe foi mais evidente do que naquelas primeiras horas da manhã, quando todos os convidados eram livres para fazer o que quisessem.

Em vez de ir com a irmã, que era o que ele sabia que deveria fazer, ele começou a andar na direção do quarto do filho, passando na ponta dos pés por vários convidados que já dormiam profundamente no sofá e desviando de outros — " os artistas residentes ″ era a maneira ridícula de Peter chamá-los — que estavam indo até a praia escura para tirar a roupa e dar um mergulho.

No entanto, enquanto caminhava pelo corredor, foi interrompida pelo som de alguém chorando baixinho. Parou para escutar. Percebeu que o barulho vinha do quarto de Delphine.

Ela estava bêbada o suficiente para se sentir corajosa, então deitou-se no chão do corredor para espiar pela fresta sob a porta e viu a irmã sentada na beira da cama, de cabeça baixa. Ela tremia de soluços e tentava contê-los com as mãos.

Alice se levantou, horrorizada. Delphine deve ter ouvido sua risada e deduzido corretamente quem era seu alvo. Sua irmã também estava envergonhada, pensou ela, mas pelo motivo oposto. Não porque não soubesse o suficiente, mas porque sabia demais.

Nenhuma das duas coisas era aceitável em uma mulher. Num momento de coragem, Alice bateu de leve na porta e, como não houve resposta, girou a maçaneta.

Delphine ergueu os olhos, assustada. Vestia uma longa camisola branca e seus cabelos escuros caíam sobre o rosto, dando-lhe uma aparência fantasmagórica.

"Você está bem?" Alice perguntou.

Sua irmã olhou para ela por um longo momento, enxugou o rosto com a manga e deu um tapinha na cama ao lado dela.

"Venha cá", disse ela, vendo a irmã hesitar. Alice finalmente obedeceu: caminhou lentamente até a cama e sentou-se ao lado dela. Não ficava tão perto de Delphine a sós desde que eram adolescentes.

"Sinto muito, Delphine", ela disse, e então, vergonhosamente, um soluço escapou dela.

"Por quê, querida?", perguntou sua irmã.

"Eles não estavam sendo muito gentis", respondeu Alice.

"Ah, *isso* ", disse Delphine. "Eu não dou a mínima." Ela acenou com a mão, como se estivesse espantando uma mosca. "Esse tipo de gente quase automaticamente procura alguém para atacar coletivamente. Pessoas da nossa espécie, quero dizer. Somos criados para isso. Fazemos isso quase desde que nascemos." Ela fez uma pausa. "Bem, alguns de nós, pelo menos", disse ela.

Delphine pegou um copo d'água no criado-mudo. Bebeu. Então, como se lesse sua mente, passou-o para Alice, que o pegou com as duas mãos e bebeu com gratidão.

"Por que você estava chorando?" ele perguntou quando terminou.

"Por George", disse Delphine. "Estou sempre chorando por George. Aceitei este convite por causa dele. Achei que estar aqui me ajudaria a me sentir mais próxima dele."

Alice assentiu. Ela começou a soluçar novamente.

"Me dá isso", disse a irmã, e lhe entregou o copo. Delphine se levantou, desapareceu do quarto por um instante e voltou com mais água. "Beba. Você vai se agradecer amanhã."

Alice obedeceu. Às vezes, parecia que toda a sua vida consistia em seguir ordens daqueles que estavam acima dela, ou dá-las aos que estavam abaixo dela. Somente com o filho ela tinha uma conexão que existia fora das hierarquias de autoridade. Ela o amava simplesmente, sem condições ou complicações. E acreditava que ele a amava da mesma forma.

"E funciona para você?" ele disse para Delphine depois de terminar a água.

-O fato é que?

—Estar aqui faz você se sentir mais próximo de George?

"Não", disse Delphine, rindo. "Na verdade, não." Então, ela olhou para Alice com mais atenção do que jamais havia olhado para qualquer coisa. "Você está feliz aqui, Cuqui?"

Ela se mexeu nervosamente.

"Claro", ele disse.

— Muito feliz, quero dizer. Eu sei que você ama o Bear, e ele é um amor. Claro que sim.

Mas Peter.. Ele te trata bem?

Alice assentiu silenciosamente.

"Claro. ." ele respondeu, dessa vez com a voz mais fraca.

Delphine suspirou.

"Sempre me senti culpado, sabe?", disse ele. "Às vezes, sinto como se fosse eu quem te apresentou a ele. Mas, desde então, sempre me preocupei que as coisas pudessem ficar difíceis demais para você. Tanto George quanto eu acreditávamos que Peter cuidaria de você. Agora, não tenho tanta certeza de que vocês seriam um bom par."

Ao ouvir isso, Alice ficou tensa.

-O que você quer dizer?

— É que o Peter pode ser muito inflexível, Cuqui. E você é tão doce. . Espero que você o enfrente de vez em quando. Espero que você também esteja conseguindo o que quer desta vida.

" Não chore " , pensou Alice. Seria como reprovar em algum teste que sua irmã estava lhe dando. " Não chore. "

Não adiantou. Lágrimas brotaram em seus olhos e transbordaram.

"Ah, Alice", disse Delphine. Ela tentou segurar uma das mãos, mas a afastou bruscamente. Queria ir embora. Queria se levantar e sair do quarto. Ela estava errada em sentir pena da irmã; não se lembrava de que podia ser direta a ponto de ser cruel.

"Escute", disse Delphine. "A melhor coisa de ser casada com George Barlow por uma década foi descobrir que era perfeitamente normal não fazer o que se esperava de você o tempo todo. É uma ideia muito libertadora. A maneira como fomos criados — a maneira como nossos pais nos criaram, quero dizer — nos treinou para pensar que nossa função é sempre nos comportarmos de forma absolutamente *correta.* Mas não é, Cuqui. Entende?

Podemos ter nossas próprias ideias e vidas interiores. Podemos fazer o que quisermos, se aprendermos a não nos importar tanto com o que os outros pensam."

O desconforto de Alice aumentava. Um brilho surgiu nos olhos da irmã; ela achou ter visto um toque de loucura neles.

Ainda assim, Delphine continuou:

"O interessante sobre George", disse ela, "é que ele percebeu há muito tempo que você é livre para fazer o que quiser na vida e destruir as expectativas; mas ele nunca deixou que isso quebrasse a amizade com o antigo grupo. Com as pessoas daqui, quero dizer." Ela inclinou a cabeça em direção à sala de estar. "Desde a morte dele", disse ela, "tenho tentado ser mais como ele nesse sentido: estar aberta a todos os tipos de pessoas. Até mesmo *a essas."*

Mais risadas foram ouvidas à distância. Alice bebeu do seu copo.

"Às vezes", continuou Delphine, "eu me pego quase estudando-os, em vez de

lidar com eles como uma amiga faria. Que é o que George sempre fez. É uma tendência terrível que eu tenho. Sabe, neste outono eu me matriculei no programa de antropologia no Barnard College? É a única coisa que me mantém firme. A ideia de finalmente conseguir meu diploma." Então Delphine se virou para ela. "Alice, você já pensou em fazer faculdade?"

"Hã", ela disse. "Não. Não, eu tenho que cuidar do Urso."

— Mas quantos anos ele tem? Cinco? Ele não vai começar a escola no outono?

"Sim", disse Alice, relutante. "Mas aí eu vou ter que. . cuidar da casa."

"Você devia pensar nisso", disse Delphine. "Você é mais inteligente do que qualquer um lhe dá crédito. Lembro que você sempre foi boa em contas."

Alice ponderou aquelas palavras por um momento, sem saber o que fazer com elas.

Tentou se lembrar se sua irmã já a havia elogiado na vida sem ter nada a ver com sua aparência ou suas roupas.

"Posso te perguntar uma coisa?", perguntou Delphine. E antes que pudesse responder, arriscou: "Você já se preocupou que nascer com dinheiro nos impediu de crescer?"

Alice empalideceu.

"Não é à toa", acrescentou Delphine. "É só que. . ultimamente tenho me perguntado se ter todas as nossas necessidades materiais atendidas desde o nascimento tem sido algo positivo em nossas vidas. Sinto que isso pode ter nos causado a falta de um certo desejo ou esforço. ' A missão ′ , eu a chamo. Uma vez que seus avós ou seus pais já a realizaram e deixaram sua marca, o que resta para as gerações futuras fazerem?" Ela fez uma pausa, olhando para o horizonte, pensativa. "Essa é a expectativa que mais quero desafiar."

Alice ficou petrificada. Não sabia o que dizer. Falar sobre dinheiro ia contra todas as instruções que já recebera. Parecia praticamente pecaminoso. Houve um longo silêncio até Delphine quebrá-lo:

"Bem, pense nisso, Cuqui", disse ele. "Sobre a faculdade, quero dizer. George

tem.. teve um grande amigo que leciona em Vassar. Qual a distância de lá até Albany?"

Mas Alice estava balançando a cabeça.

"Peter não ia gostar", disse ela. A verdade é que ela também não. Mas de repente sentiu que não queria decepcionar Delphine, não queria desmentir a impressão que a irmã tinha dela.

Delphine fez uma pausa.

—Por que você acha que não?

"Bem, ele é muito claro sobre o que eu devo fazer todos os dias", respondeu Alice.

"Tenho certeza de que ele também não acharia que eu tenho tempo para estudar."

Delphine assentiu.

"E se você insistisse?" ele disse.

Alice quase riu. A ideia de perseguir algo com Peter era quase inimaginável para ela. Não que ela tivesse. . medo dele, exatamente, embora alguns incidentes a tivessem alarmado.

Era mais que ela havia passado a se ver quase exclusivamente através dos olhos dele e, portanto, ter sua aprovação era a maneira mais fácil de obter algum conforto.

"Eu não insistiria", ele simplesmente disse.

"Sabe", disse Delphine, "eu sempre achei que o latido do Peter é mais do que a mordida."

Ela sorriu. "Mas você é adulta", acrescentou. "E você o conhece melhor do que eu."

Quando Alice saiu do quarto da irmã, eram quase três da manhã, e ecos de ronco podiam ser ouvidos por toda a casa. O efeito do álcool havia passado. Ela andou

sobre os calcanhares, evitando as tábuas do assoalho que sabia que faziam barulho. Ao passar pelo quarto de Bear, abriu a porta e finalmente avistou seu corpo adormecido; então continuou para o quarto que dividia com Peter.

Quando ela entrou, encontrou o marido acordado.

Ele estava deitado de costas, com as mãos atrás da cabeça, seu torso magro e nu, quase invisível ao luar.

Peter virou a cabeça ligeiramente na direção dela, mas não disse nada.

Alice se despiu na frente dele, sentindo seu olhar calculista apesar da escuridão. Ela já sentia toda a comida e bebida do fim de semana de comemorações na cintura e fez uma anotação mental para não comer nada no dia seguinte — pelo menos até o jantar.

Ela vestiu a camisola e deitou-se na cama ao lado de Peter.

"Onde você estava?" ele perguntou a ela.

"No quarto do Urso", disse Alice automaticamente. "Ele estava inquieto." Ela não sabia bem por quê, mas parecia perigoso contar a verdade.

Peter ficou em silêncio por um longo tempo e ela pensou que ele pudesse ter voltado a dormir.

Mas então ele se virou e a expressão em seu rosto era fria.

"Você está mentindo", disse Peter. "Procurei no quarto do Urso. Procurei você por toda a propriedade."

De repente, ele se apoiou num cotovelo. Alice ficou tensa.

"Onde você estava?", ele perguntou novamente. Ela reconheceu o perigo em sua voz.

"Sim, já estive no quarto do Bear", disse ele. "Duas vezes. Mas também já estive no quarto da Delphine."

Peter fez uma pausa, aparentemente surpreso. Alice sabia que aquela não era a

resposta que esperava. Recém-casados, cometera um erro terrível em uma daquelas festas e estava bêbado demais para entender o que estava acontecendo. Seu erro, ela finalmente percebeu,

fora beber demais. O resto era culpa de outra pessoa. Um velho amigo de Peter que não era mais convidado para as festas.

"Por que diabos você estava no quarto da Delphine?" ele disse.

"Eu queria ver se você estava bem", disse Alice. "Ouvi você chorando. E o Merrill fez aquele comentário horrível."

Peter ficou em silêncio por um momento. Então, retirou o cotovelo e deitou-se novamente; a conversa havia terminado.

Alice fechou os olhos. Imaginou o rosto gentil de Delphine, seus cabelos escuros e suas costas sempre eretas. O bem-estar e a autoconfiança que ela irradiava, apesar da perda recente.

Pedro falou novamente:

"Eu sei que ela é sua irmã, Alice", disse ela. "E sinto muito dizer isso. Mas eu não chegaria perto dela se fosse você. Ela sempre me pareceu manipuladora." As palavras ressoaram pesadamente na sala vazia. "Estávamos todos preocupados que George mudasse quando eles se casassem", acrescentou. "E sabe de uma coisa? Ele mudou."

Depois disso, os dois permaneceram em silêncio.

CARL

1961

Na sala de estar principal do Self-Reliance, Vic Hewitt acendia a lareira de pedra que servia de ponto focal do ambiente. Ao seu redor, havia cerca de uma dúzia de pessoas, em pé ou sentadas; ninguém falava. As idades variavam de 20 a 80 anos. Além dos Van Laars, as únicas duas pessoas que Carl reconheceu com certeza eram os pais da jovem, que tinham vindo da cidade. A filha deles — a mãe de Bear — estava ausente. Na cama, talvez.

Chorando em algum outro cômodo. Sua esposa tinha estado assim durante as últimas semanas de vida de Scotty. E por um ano inteiro após sua morte.

Todos os presentes pareciam ter acabado de chegar depois de passar horas na floresta.

Seus rostos estavam atordoados, macilentos e manchados. Suas roupas estavam engomadas, recém-secas ao fogo após as chuvas que haviam caído naquele dia.

Um silêncio apreensivo tomou conta da sala. Eles estavam se acostumando com a realidade. Carl os imaginou no início da busca, no início da tarde, em plena luz do dia: risos nervosos e agitados enquanto vasculhavam o terreno, convencidos de que encontrariam o garoto, na esperança de que ele estivesse pregando uma peça neles e que, na hora do coquetel, estivessem contando a história da busca enquanto bebiam.

Ele imaginou como o clima deve ter mudado.

Deviam tê-los chamado antes, pensou Carl. Era o ponto óbvio que nenhum dos quatro voluntários mencionara a caminho da Reserva. Pelo menos, deveria ter ocorrido a Vic Hewitt. Os quatro voluntários tinham treinamento básico em rastreamento, e o irmão de Dick, Ronald, era dono de Jennie, uma sabujo com faro apurado. Mas não conseguiram localizá-lo, então partiram sem um cachorro. Entre a tempestade e o fato de tantas pessoas terem pisoteado a terra, o dia seguinte seria muito mais difícil de seguir rastros e cheiros.

Por que Hewitt não os chamou?

Das cerca de uma dúzia de pessoas no salão central, nenhuma se levantou

quando os voluntários chegaram. Até Vic Hewitt começar a falar, ninguém pareceu notá-los.

"O corpo de bombeiros local chegou", disse ele, virando-se para o Sr. Van Laar Jr. "Se você quiser falar com eles."

Na cozinha, longe da multidão, o Sr. e a Sra. Van Laar, pai e filho, atendiam os voluntários.

Foi então que Carl se lembrou do seu boné, um acessório de feltro macio que sua esposa lhe dera vários aniversários antes. Ele o tirou da cabeça e alisou a barba e o cabelo com a mão.

Como ninguém disse nada, ele falou:

"Bem", disse ele, com os olhos fixos no chão, incapaz de encarar alguém. "Vamos ver.

Quando foi a última vez que você viu o garoto?"

"Às três horas", disse o velho Van Laar.

—E você estava… em uma excursão?

"Você já sabe disso", disse o filho. "Conversamos sobre isso por telefone." Ele disse isso com impaciência na voz. Ocorreu a Carl que ele poderia pensar que eles iriam para a floresta naquela mesma noite. Não iriam longe se fizessem isso; eles só tinham uma lanterna e uma faixa de cabeça para cada um, e essa já estava sem pilhas, se ele se lembrava corretamente. Poderia haver mais equipamentos na propriedade, mas mesmo assim.. se quisessem fazer alguma coisa, teriam que chamar a polícia estadual, que dependia do dinheiro do contribuinte.

"O senhor se importaria de repetir a informação para os outros, senhor?", perguntou Carl. "Só para o caso de eu ter esquecido alguma coisa enquanto explicava."

"Sim, fizemos trilhas juntos", disse o Sr. Van Laar Sr. "Bear me convidou várias vezes.

Saímos de casa por volta das três. Atravessamos a mata. . Há um atalho de 400

metros que liga nossa casa ao início da trilha no sopé do Monte Hunt. Mas assim que chegamos lá, Bear disse que tinha esquecido a faca em casa. E queria voltar para buscá-la."

"Por quê?", perguntou Dick Shattuck, aparentemente incapaz de ficar em silêncio por mais tempo. Carl sentiu-se aliviado.

"Ele disse que queria me mostrar uma coisa", disse o velho Van Laar. "Não sei o quê."

Sentiu uma vertigem momentânea. Lenha, pensou. Solta , leve e macia. Queria mostrar-lhe que tipo de madeira fazia fogo, pensou Carl. E então disse a si mesmo que o havia ensinado. Na verdade, havia ensinado muitas coisas a Bear. Como assobiar com um chapéu de bolota. Como esculpir uma cabeça de coruja, uma de urso e uma de raposa. Como saber quando a chuva estava chegando. As mesmas coisas que havia ensinado ao filho Scotty.

"E você deu permissão a ele", disse Shattuck, para fazer o Sr. Van Laar falar.

"Sim", ele respondeu. "Eu estava ficando impaciente, mas disse que ele podia ir."

"Você o viu voltando para casa?", perguntou Shattuck.

-Sim.

—Quando você o perdeu de vista?

O velho pensou sobre isso.

"Quase imediatamente", disse ele. "Há uma curva na trilha." Van Laar acenou para ele. "A uns cem metros do início da estrada, em direção à casa. Observei Bear até ele chegar lá.

Então ele virou à esquerda e não consegui mais vê-lo."

"Como é o começo da trilha?", perguntou Shattuck.

Carl sabia. Já estivera lá algumas vezes com Bear, que tinha permissão dos pais para ir até o sopé da montanha, mas não além disso. O início da trilha era uma curva no final de uma estrada de terra que levava à Rota 29, a principal estrada

pavimentada para a cidade.

O Monte Hunt, devido ao seu pequeno tamanho, não estava entre os picos mais populares

dos Adirondacks, mas mesmo assim, com tempo bom, geralmente havia meia dúzia de carros estacionados ali e no estacionamento.

"O que você quer dizer?" perguntou o velho.

—Quero dizer, se for um lugar movimentado, com atividade.

"Normalmente não", disse o velho.

—E hoje? Você acha que tinha mais gente na montanha?

"Não sei", respondeu ele. "Não havia carros no estacionamento, mas não consegui chegar até a montanha. Fiquei na trilha, esperando o Urso, até começar a chover."

Houve um silêncio constrangedor.

Carl olhou para Bob Lewis. Ele era o mais cínico e pessimista dos quatro. Tinha uma veia paranoica que às vezes o levava a tirar conclusões precipitadas sobre pessoas más e motivações obscuras. Em duas ocasiões, ele havia defendido incêndio criminoso quando não conseguiam encontrar uma explicação para um deles. (Embora, até então, não houvesse um único caso de incêndio criminoso em Shattuck Township, pelo menos não enquanto estavam de serviço.)

Como se desafiado, Bob Lewis interveio:

"Por que você estava caminhando em meio a uma tempestade?", perguntou ele ao velho Van Laar. Ele havia sido abrupto, então acalmou a voz. "Se não se importa que eu pergunte, senhor."

"A tempestade veio de repente", disse o Sr. Van Laar. "Veio do nada. Quando saímos de casa, o céu estava limpo. Estava ensolarado. Não havia umidade no ar. E então..." Mas ele não conseguiu continuar.

Dick Shattuck pigarreou.

"Sr. Van Laar", ele disse, "quanto tempo o senhor diria que ficou esperando Bear no início da trilha depois que ele deu meia-volta?"

"Não tenho certeza", respondeu o homem. "Quinze minutos, talvez. Ou vinte. Não olhei para o relógio no bolso quando ele saiu, mas olhei quando começou a chover. Eram 3h35.

Foi aí que perdi a paciência e também me virei. O caminho pela floresta é curto, como eu disse. O garoto não deveria estar demorando tanto."

A conversa continuou, mas Carl permaneceu em silêncio, fazendo seus cálculos. O Sr. Van Laar disse que Bear tinha saído para uma caminhada com o avô às três da tarde. Ele havia saído do trabalho mais cedo naquele dia, às três e meia. Foi então que viu o menino agachado em frente à casa, amarrando os cadarços e prestes a sair para algum lugar.

Se seus cálculos estivessem corretos, era possível que ele, Carl Stoddard, tivesse sido a última pessoa a ver a criança antes de desaparecer.

Ele pensou em dizer algo sobre isso, mas decidiu não fazê-lo naquele momento.

Os dois Van Laars recostaram-se simultaneamente no balcão atrás deles, subitamente cansados. Geralmente se moviam como um par. Tinham a mesma altura, os mesmos olhos, os mesmos movimentos firmes e fluidos, e um certo atletismo que Carl normalmente não associava a pessoas ricas. Certa vez, ele vira Peter III jogar uma partida improvisada de beisebol no campo externo durante o Farewell to the Flies do ano anterior. Ele havia jogado

uma bola para longe da vista e, em seguida, contornado as bases improvisadas com um passo descuidado que mascarava o que Carl imediatamente identificou, graças ao seu tempo como jogador de futebol americano, como uma impressionante reserva de velocidade.

"E depois disso, alguém viu a criança? Além de você, quero dizer", disse Shattuck.

"Até onde eu sei, ninguém", respondeu o velho.

—Você acha que ele está em casa?

"Não está claro", respondeu o filho. "Ninguém em casa o viu, mas naquele momento muitos dos convidados estavam descansando. Ou lá fora, suponho."

Carl engoliu em seco. Ele queria conversar. Queria dizer: " Eu o vi. Ele estava amarrando os cadarços. Eram 3h30 . ″ Mas ele entendeu como as coisas mudariam quando ele revelasse.

Shattuck continuou falando e o momento passou.

—Quem você acha que estava dentro da casa?

Van Laar Jr. assentiu.

"Eu", disse ele. "Minha esposa. E alguns convidados, como eu disse. Vários membros da equipe."

—E quando eles começaram a procurar o Bear?

Os dois Van Laars se entreolharam.

E o filho falou:

"Meu pai veio me buscar em casa", disse ela. "Por volta das quatro menos um quarto. Eu estava descansando no meu quarto. Ele me disse que não conseguia encontrar o Urso." Ela elevou a voz ao dizer o nome.

Carl desviou o olhar, de repente com medo de chorar.

"E então..." Shattuck disse num tom mais gentil.

“Nós dois saímos na chuva”, respondeu o pai. “Não queríamos alarmar ninguém ainda.

Começamos a chamá-lo de Urso. E acho que as pessoas nos ouviram. E um grupo se formou.

Nós nos espalhamos. Vagamos pela floresta por um tempo. Depois, nos dividimos em grupos menores. Um deles escalou o Monte Hunt até o topo. Outro desceu até a praia para vasculhar a costa. Outro vasculhou o Acampamento Emerson, todas as cabanas e prédios.

Éramos uns 20. Passamos umas três horas no total procurando. Acabamos encharcados até os ossos.”

Os quatro voluntários concordaram em uníssono.

"Quando contaram à mãe do menino?", Bob Lewis quis saber. Mais uma vez, a pergunta soou horrível, abrupta e insensível.

Foi Van Laar Jr. quem respondeu:

"Ele nos ouviu chamando e saiu." Sua voz estava tensa.

Carl parou de olhar para a família. Se ele chorasse agora. .

Por fim, permitiu-se recordar, apreensivo, a lembrança que ameaçava vir à tona havia horas. Era do verão anterior: Bear, pequeno e forte, sentado em um toco ao seu lado enquanto plantava flores no chão. O menino estava alegremente esculpindo uma estatueta de sua própria invenção. Então, ao ouvir uma voz masculina grave chamá-lo pelo nome, interrompeu o trabalho e ficou tenso.

Carl olhou para ele. Encarou-o por um momento, esperando que respondesse.

Ele não fez isso.

"É seu pai te chamando?" ele perguntou gentilmente.

A voz retornou:

— Urso Van Laar ! Pedro Quarto!

Ele balançou a cabeça.

"Ele é meu avô", disse ele. E então, em voz tão baixa que mal dava para ouvir: "Eu não gosto muito dele."

E com isso, ele dobrou a faca, suspirou profundamente e a guardou no bolso. Levantou-se, ombros caídos, e começou a caminhar em direção à Autossuficiência.

Já eram 20h45. O sol já havia se posto. Eles caminharam de volta pela sala de estar sombria, que havia se esvaziado um pouco desde a chegada. Saíram pela

porta da frente e pisaram na grama, que chapinhava a cada passo, amolecida pela água subterrânea. A lua estava muito cheia e lançava tanta luz que projetava sombras tênues atrás deles. Os quatro caminharam para o norte, acompanhados por Vic Hewitt, em busca da trilha pela floresta que o menino e o avô haviam percorrido juntos naquele dia.

"Você sabe o que ela estava vestindo?" Bob Alcott perguntou a Hewitt.

"Shorts, pelo que me lembro", disse ele. "E uma camisa vermelha, eu acho. De manga curta. Pelo menos era o que ele estava usando quando o vi esta manhã."

"Calças compridas", disse Carl, pensativo. Ele se lembrava bem. O garoto havia dobrado as bainhas para amarrar os cadarços.

Uma pausa.

“Hã?”, disse Hewitt.

-Eu penso que sim.

-Porque?

—Acho que… eu o vi. Na entrada da casa. Pouco antes de eu sair.

Vic Hewitt olhou para ele com uma expressão severa.

—Que horas foram?

—Por volta das três e meia.

Todos desviaram o olhar para olhar a floresta.

"Carl", disse Vic, "por que você não nos contou antes?"

Ele pensou sobre isso.

"Simplesmente me ocorreu", disse ele. "Agora mesmo."

Empunhando a única lanterna que encontraram na caminhonete, Shattuck a varreu de um lado para o outro ao longo da linha de árvores na borda do prado. Cada movimento do facho enfatizava a densidade da mata. Algumas partes

estavam completamente emaranhadas. Impenetráveis. O único ponto claro era o início da trilha. O último lugar conhecido onde Bear estivera.

"Vamos ligar para ele?", perguntou Carl.

Hewitt hesitou.

"Melhor não", disse ele finalmente. "Não houve resposta o dia todo. Não quero chatear ainda mais a família. Vamos deixar você descansar um pouco."

Shattuck assentiu. Voltou a lanterna para o caminho e depois para a casa antes de falar.

Quando o fez, sua voz era contida.

"Escute", disse ele. "Podemos entrar na mata, nós quatro, e dar uma olhada ao redor com a lanterna. Ver se vemos alguma pegada. Ou podemos voltar para a casa e procurar mais, ou acender tochas. E espalhar todo mundo de novo. Mas com todas essas pessoas que você já viu pisoteando tudo aqui, acho que seria melhor pegar um cachorro antes que o cheiro do garoto se dissipe completamente. Não acha?"

Vic Hewitt assentiu. Ele evitava contato visual, direcionando o olhar para a floresta.

"Na minha opinião", disse Shattuck, "acho que seria sensato ligar para o estado. Essa é apenas a minha opinião." Era o que Carl também estava pensando; o que todos estavam pensando, sem dúvida.

Hewitt não respondeu. Ele estava ouvindo.

"Vic?", perguntou Shattuck. "Está tudo bem?"

Um movimento repentino na floresta. O estalar frenético de um animal preso. Do caminho claro que subia a montanha, uma pequena figura emergiu, correndo a toda velocidade.

Todos tiveram um momento de esperança.

Mas não era Bear. Carl viu que era uma menina. Shattuck apontou a lanterna

para ela.

Sua expressão estava pálida de pânico, a boca aberta em uma espécie de uivo silencioso.

Suas roupas estavam úmidas, o cabelo grudado na cabeça, e sua longa trança havia se transformado em uma corda molhada que pendia pesadamente sobre seus ombros e peito.

"Que diabos é isso?" Hewitt disse baixinho, e só então Carl percebeu quem era.

Hewitt começou a caminhar rapidamente em direção à filha.

Os outros permaneceram onde estavam.

CARL

1961

Hewitt pegou sua filha Tessie Jo — boca aberta, olhos fechados — nos braços; ele a carregou para a sala de estar e depois para o corredor; uma das empregadas começou a preparar seu banho enquanto seu pai a acalmava em um quarto ao lado.

Os poucos convidados restantes foram embora. Os voluntários — liderados por Carl —

pediram licença e retornaram ao jardim, onde ficaram com as mãos nos bolsos, sem saber o que fazer.

Bob Lewis foi o primeiro a falar:

—Você acha que ele viu alguma coisa?

"Espero que sim", disse Dick Shattuck.

Mas Carl tinha uma ideia diferente.

"Eles eram amigos", explicou ele. "Bons amigos. O Urso a seguia por toda parte. Ele a admirava. Talvez tivesse uma quedinha por ela." Os outros três olharam para ele. "Talvez ela só esteja chateada por ter ido embora."

E foi isso, de fato, que Vic Hewitt confirmou a eles quando voltou a passos largos pelo corredor: a menina estava em estado de *choque* . Ela estava cansada, com frio e faminta; estava na floresta sem comida ou água desde o início da tarde, quando Bear foi dado como desaparecido. Ela estava apavorada de perder sua amiga, uma das poucas que tinha, explicou Vic, acrescentando que ela nunca se dera bem com as outras crianças em sua pequena escola. Por enquanto, Tessie Jo havia tomado um pouco de sopa que Darla McCray lhe dera e ido para a cama, ainda tremendo. Eles esperavam que ela não passasse mal.

Os quatro concordaram com a cabeça. Vic então disse a eles para irem para casa e dormirem um pouco. Ele ficaria encarregado da guarda naquela noite. Amanhã, os cinco e a polícia estadual começariam do zero. Desta vez, com cães.

Quando o caminhão se afastou da casa, eles viram Vic sob a luz fraca que emanava da Self-Reliance. Ele caminhava em direção ao galpão de lenha. Carl presumiu que ele fosse acender uma fogueira para vigiar; talvez a luz do fogo ou a fumaça ajudassem o menino a retornar.

Até aquele momento, ele resistira a reconhecer um sentimento que pairava nos confins de sua consciência. Mas, da caçamba da caminhonete, observou as luzes da Self-Reliance se apagarem uma a uma e finalmente se permitiu pensar: se fosse seu filho perdido no meio da noite na floresta — e talvez ferido —, bem, ele ainda estaria lá, procurando por ele.

Chamando por Bear até que suas forças o abandonassem.

Em casa, Maryanne ainda estava acordada. Sentada à mesa da cozinha, jogava paciência.

Desde a morte de Scotty, ela jogava quase todas as noites; dizia que isso a ajudava a clarear a mente antes de dormir.

"Alguma sorte?", perguntou ele sem se virar. Suas costas estavam retas e tensas.

"Não", disse Carl. "A busca será ampliada amanhã. Traremos o cachorro de Ron Shattuck." Ele fez uma pausa pensativa.

Ele ainda não havia contado a ninguém o que Bear dissera sobre seu avô. A maneira como sua postura mudara ao ouvir aquela voz severa o chamando. Por um momento, considerou contar a Maryanne. Mas, ultimamente, nunca sabia como sua esposa reagiria às coisas que ele dizia. Qualquer deslize podia deixá-la furiosa, que era a emoção que ela expressava com mais frequência ultimamente, como se precisasse de *algo para substituir toda a tristeza que sentia pela morte de Scotty.* Mas ela falou primeiro.

"Eu também vou", disse Maryanne calmamente.

"Para a Reserva?", disse Carl.

-Sim.

Ele fez uma pausa. Sua deferência pelos Van Laars era tão arraigada que sua primeira reação foi se perguntar se sua esposa seria bem-vinda na propriedade.

Então, ele recobrou a razão; estava claro que a família gostaria do maior número possível de pessoas.

"Você tem certeza?" ele perguntou a ela.

Maryanne assentiu. Ela colocou um sete em cima de um oito.

—Minha mãe vai cuidar das meninas. Já pedi para ela.

"Certo", disse Carl. Ainda cauteloso. Finalmente, escolheu o único tópico que sabia ser geralmente seguro. "Como foi hoje?"

Maryanne sorriu e acenou com a mão.

"Ah, que bom. Jeannie está chateada com um boletim escolar. Margaret está chateada com um garoto. E Antonia está chateada com uma amiga." Ela finalmente se virou para ele, e por um momento Carl viu um brilho de humor em seus olhos. "Eu ficaria mais preocupado se todos estivessem bem."

Uma onda de calor o percorreu. Sentiu um desejo instintivo de ir até ela, até sua linda esposa de costas eretas, colocar as mãos em seus braços e ficar assim por um instante. Eles mal se tocavam ultimamente. Não faziam amor havia um ano; a última vez que Maryanne chorara tão violentamente depois disso que Carl prometera a si mesmo que não se aproximaria dela novamente. Pelo menos não até que ela o convidasse, o que até então não acontecera. Então, ele também não se aproximou de Maryanne naquela noite, mas pigarreou e subiu para o banheiro, onde se lavou antes de ir para a cama. Algumas horas se passariam, ele sabia, e ela entraria silenciosamente no quarto, já de camisola, deitaria-se ao lado dele, e eles não se tocariam.

De manhã cedo, ele foi acordado pelo cheiro do café da manhã.

Sua sogra já estava sentada à mesa, segurando um café. Com exceção das botas, Maryanne estava vestida para a igreja, com seu traje de professora de escola dominical —

um vestido azul e um chapéu cloche — o que, em circunstâncias normais, teria sido estranho para um dia de trabalho na floresta. Mas aquela era a terra dos Van Laars e, para ela, aquelas roupas eram um sinal de respeito.

Às seis da manhã, Carl ligou para o quartel de bombeiros para informar Bob L. que ele iria para a Reserva sozinho porque Maryanne havia decidido acompanhá-lo.

"Bem, tudo bem", disse Bob L. "Acontece que todo mundo traz a esposa." Havia um tom de reclamação em sua voz.

O fato de todas as esposas terem decidido ir pode ter parecido um presságio, mas Carl não percebeu a magnitude do grupo de busca até chegar à Reserva.

A maior parte da população adulta de Shattuck parecia ter se reunido no local — várias centenas de pessoas — aguardando instruções. Ron Shattuck estava lá com sua cadela, Jennie; havia outros cães também, presos em coleiras por homens que Carl não reconheceu.

Perto da casa havia quatro viaturas com as janelas abertas.

E no topo da colina, em frente ao portão principal da Autossuficiência, estavam os Van Laars, pai e filho. À direita deles, Vic Hewitt conversava com os policiais estaduais.

Observando a cena com Maryanne ao seu lado, Carl teve um momento de incerteza. Na noite anterior, parecia que os quatro membros do corpo de bombeiros voluntários estavam no comando; hoje, eles haviam sido removidos. Ele examinou a multidão até ver Dick Shattuck, parecendo identicamente hesitante pela primeira vez na vida. Ele também estava com a esposa, uma mulher magra chamada Georgette, a quem Maryanne chamava de arrogante desde que os dois frequentavam a escola primária juntos. Agora ela começou a fazer pequenos ruídos de tosse, e Carl interpretou isso como insinuando que o marido deveria, de alguma forma, assumir o comando.

Então, ele partiu, com Maryanne logo atrás, até o local onde viu a ação acontecendo. No caminho, chamou a atenção dos dois Bobs e de Dick Shattuck, que o seguiram.

Quando chegaram ao grupo de homens em frente à Self-Reliance, ninguém se virou.

Um pouco nervoso, Carl interveio:

"Bom dia", disse ele, fazendo com que Vic parasse e vários policiais estaduais olhassem para ele com sobrancelhas levantadas.

"Senhores, este é Carl Stoddard", explicou Hewitt. "Ele trabalha aqui como administrador de terras e bombeiro voluntário na cidade. Carl, estes homens são da polícia estadual. Eles vão nos ajudar com a varredura."

"Aconteceu alguma coisa ontem à noite?" ele perguntou, e Vic balançou a cabeça.

"Fiz uma fogueira o melhor que pude", disse Hewitt. "Apesar da umidade, fiquei acordado a noite toda. Acho que cochilei em algum momento."

"E nem sinal do garoto", disse Carl inutilmente.

Hewitt balançou a cabeça.

"Eu estava dizendo", continuou ele, "que o mais importante é não danificar nenhum vestígio que possa ter restado. Nem os cheiros. Mais do que já foram danificados, quero dizer. Aqueles com cães sairão primeiro e seguirão um bom caminho à frente . Enquanto eles procuram, dividirei o resto das pessoas e os ensinarei como se movimentar. E o que procurar."

Os policiais assentiram, ouvindo. Era interessante, pensou Carl, que nenhum deles estivesse exercendo sua autoridade; todos, sem exceção, reconheciam seu lugar como subordinados à família que comandava a operação e a Vic. Era verdade que os Hewitt eram conhecidos há gerações como os melhores guias da região, e acreditava-se que o homem

tinha um dom especial. Alguns dos policiais eram da região e certamente deviam conhecer sua reputação.

De repente, Vic Hewitt se virou e foi embora, deixando Carl e os outros sozinhos com a polícia, que se afastou para formar um círculo fechado ao redor deles.

Bob L., que nunca se furta a reclamar, foi o primeiro a dizer:

—É como se não estivéssemos aqui.

Os homens com os cães saíram primeiro, como planejado.

Dez minutos depois, o restante da equipe saiu, alguns em veículos, rumo aos locais que Vic Hewitt lhes havia designado. Os quatro bombeiros e suas esposas tinham a tarefa de vasculhar três quilômetros quadrados de floresta do outro lado da Rota 29; dirigiram seus carros até o local designado e os estacionaram em fileiras no acostamento.

O objetivo, Vic lhes dissera — elevando a voz o mais alto possível para se dirigir a todos os presentes — era formar uma fila de pessoas, espaçadas em intervalos regulares, e avançar coletivamente. Eles tinham que procurar cores e depressões incomuns no mato. E, aproximadamente a cada trinta segundos, chamar o menino.

Este último ponto provou ser o mais difícil para Carl. Para todos os homens.

Eles não estavam acostumados a levantar a voz daquele jeito, a chamar alguém repetidamente.

Acontece que as mulheres estavam mais dispostas a fazê-lo, e assim foram suas vozes que ecoaram pela floresta. Eram todas mães. Todas estavam acostumadas a deixar de lado o senso de decoro para chamar freneticamente por seus filhos.

Eles ouviram outras pessoas fazendo a mesma coisa por toda a Reserva; o nome do menino ecoou.

Uma hora se passou. Duas, três. Não estava calor, mas Carl ainda acabou suando. Algo em ligar para Bear tocou sua consciência, acelerando seu coração e despertando a mesma lembrança que pairava em sua mente desde a tarde anterior.

" Urso Van Laar ", seu avô o chamava. E ele pulou, assustado e triste por se separar de Carl.

Agora era questão de colocar um pé na frente do outro. O rangido do chão da floresta coberto de agulhas de pinheiro. Se estivesse sozinho, teria tirado a camisa. Esforçou-se para se concentrar no chão, exatamente como lhe fora instruído e como sabia que deveria. Mas a paisagem começava a ficar borrada. Tomou um gole da água do cantil pendurado no pescoço.

Normalmente, Maryanne notava essas coisas; ela sabia imediatamente quando Carl ou uma das crianças estava se sentindo mal, nervoso ou desanimado. Mas

hoje ela estava concentrada na tarefa em questão. Mal havia começado a dar o nó na bainha do vestido na altura dos joelhos. Agora, ela caminhava com suas botas, chamando o menino.

De repente, Carl tropeçou e caiu no chão. A corrente inteira parou.

Ele sentiu uma espécie de dor no estômago e no peito, como se estivesse sendo torcido em um torno.

O nome que gritavam mudou. " Carl", diziam as pessoas agora. "Carl. Carl. "

Foi a última coisa que ele ouviu antes de perder a consciência.

III

SE VOCÊ SE PERDER

TRACY

Julho de 1975

Tracy tinha medo de usar a palavra, mas às vezes parecia que estava se apaixonando por Barbara Van Laar.

Ela estava fascinada pelos detalhes de seu rosto e corpo; seus olhos de cílios longos e eternamente sonolentos; o contorno de suas pernas fortes; suas unhas, que ela roía até a raiz; e os pelos muito claros em seus antebraços e coxas, que ao sol pareciam fios de ouro e realçavam o preto artificial de seus cabelos. Se Barbara percebeu que Tracy a olhava — e ela deve ter percebido —, não disse nada. Apenas sorriu vagamente em sua direção, como se estivesse acostumada a receber tais olhares.

E o mais importante: Barbara foi a primeira amiga que tive por quem a simpatia parecia ser mútua. Para começar, ela dizia a Tracy que ela era engraçada; ria alto e com frequência das coisas que dizia, atraindo olhares interessados das pessoas ao seu redor. Também lhe dizia que ela era inteligente. Ela mantinha um certo desdém pelas opiniões predominantes, sem desdenhar aqueles que as sustentavam. Na verdade, ela era a pessoa menos crítica que Tracy já conhecera.

O lugar de Barbara no Acampamento Emerson era interessante: ela tinha o

glamour de uma forasteira, pois era seu primeiro verão nas colônias, mas também era um membro da família em um grau muito maior do que os outros. Ela frequentava o local fora de temporada; tinha visto o interior de depósitos, despensas e cozinhas que eram inacessíveis a outros campistas.

E o mais intrigante era que ela parecia ter um relacionamento próximo com TJ Hewitt, o diretor da colônia, que era essencialmente um mistério para todos os outros campistas do centro. Sim, ela ensinava todas as lições de sobrevivência abertamente; mas mesmo assim, era séria e distante. A única coisa que Tracy sabia sobre a vida pessoal de TJ tinha a ver com sua experiência no Acampamento Emerson. Ela era filha do homem que comandava as colônias há muito tempo, Vic Hewitt, uma lenda viva cujo retrato estava pendurado em lugar de destaque no refeitório, e que, segundo rumores, sofria de alguma doença. Além disso, ninguém sabia nada sobre TJ; os conselheiros a reverenciavam e nunca fofocavam sobre ela. Ela parecia mais um símbolo do que uma pessoa real: alguém a ser enormemente respeitada, mas com quem não se podia falar diretamente.

Então, na primeira vez que Tracy encontrou TJ enquanto estava com Barbara, ela ficou surpresa ao ouvir sua nova amiga chamar alegremente o diretor pelo nome.

"O que houve?", disse a garota.

TJ era a única pessoa no centro da colônia que não usava uniforme. Usava shorts – de veludo cotelê ou jeans –, camisetas ou camisas de flanela, meias altas e botas de caminhada Danner com os cadarços bem amarrados no topo. Seu corte de cabelo era tão divertidamente assimétrico que em qualquer outra pessoa teria sido motivo de chacota. Em TJ, no entanto, parecia indicar nada mais do que uma falta de preocupação com questões mundanas. Funcionava, como a tonsura de um monge, para distingui-la dos funcionários leigos da colônia.

Agora ela estava ajoelhada em frente a uma das pequenas pontes sobre o riacho que separava as cabanas dos meninos e das meninas. Eles a observavam martelar uma fileira de pregos com uma velocidade assustadora. Finalmente, ela olhou para cima e franziu a testa.

"Onde vocês deveriam estar?" ele disse a eles.

"Não me lembro!", disse Barbara, sarcasticamente. Virou-se para ela. "Você se lembra, Tracy?"

"Na hora do almoço", ele disse rapidamente. "Vamos almoçar."

— Ah, é verdade. Desculpe, TJ, sou novata. — Barbara sorriu. TJ não. Mas era óbvio que ela estava segurando um sorriso.

"Não atrapalhe, vamos lá", disse ele. Levantou o martelo novamente e voltou ao seu trabalho.

Eles continuaram seu caminho. Em dado momento, sua amiga viu a expressão de Tracy: seus olhos arregalados, esperando uma explicação.

"O quê?", ele disse, e ela olhou por cima do ombro. "Ah, TJ. Ela é inofensiva. Não sei por que ela intimida tanto todo mundo."

"O que você faz no resto do ano?", perguntou Tracy.

— Para cuidar do pai dela. E ela cuida do terreno. Ela também fica comigo em Albany quando meus pais precisam viajar.

Ela olhou para ela.

"Ela é sua. . *babá?* " Ela não conseguia imaginar. Os longos silêncios seriam insuportáveis, pensou.

Bárbara riu.

— Eu não o chamaria assim. Ele só fica comigo e garante que eu não me meta em encrenca. Os Hewitt são como família.

Tracy deu de ombros.

"Se você diz", ele disse.

Quando não estava com Bárbara, ele passava o tempo tentando descobrir mais sobre ela.

Sua história pessoal despertava cada vez mais sua curiosidade. Se seus companheiros de cabine conheciam a história do desaparecimento do irmão, sua chegada provocou uma espécie de silêncio respeitoso sobre o assunto.

Somente em uma ocasião Tracy teve acesso a algo substancial.

Num dia de verão, ela voltava do banho quando encontrou Lowell Cargill, o outro objeto de sua afeição, sentado a uma mesa de piquenique . Ele lia um jornal escondido de seu rosto.

Acima da dobra, a data: " 13 de julho de 1975 ″ . Abaixo, um rosto masculino encarava a espectadora: muito sério, de óculos e com a entrada de cabelo. Pela legenda, ela sabia que era Jacob Sluiter, a quem os campistas chamavam de Adaga. Ela ouvira sussurros no escuro sobre ele e sabia que havia uma suposta conexão entre Adaga e Bear Van Laar; mas os detalhes dessa conexão não lhe eram claros.

Com a aparência mais indiferente possível, sentou-se em outra mesa, de frente para o jornal. Semicerrou os olhos para o artigo e tentou entender os detalhes. Em momentos como aquele, desejava não estar de óculos. " ELES ALEGAM TER VISTO ", dizia a manchete.

Abaixo dele, viu palavras em letras grandes como "Armado" e "Perigoso".

-Nervoso?

Tracy ficou assustada.

Lowell Cargill estava olhando para ela por cima do jornal em suas mãos.

"Diz aqui que ele pode estar indo para o norte, em direção aos seus antigos campos de caça", disse ele casualmente. Dobrou o jornal. Cruzou as pernas, tornozelo sobre joelho.

"Não tenha medo", acrescentou ao ver o rosto de Tracy. "Quando ele fugiu, estava em Fishkill. Se estiver a pé, ainda não deve ter chegado a esta área. Com certeza o pegarão antes disso." Fez uma pausa. "A menos que estivesse pedindo carona", acrescentou, incerto.

"Mas quem o pegaria?"

"Onde você conseguiu esse jornal?" ela perguntou.

"Da cafeteria", disse Lowell. "Eles vendem o jornal diário. Só que ninguém quer."

″ Sim ″ , pensou Tracy. Em casa, ela gostava de ler jornais com a mãe. E também via o fato de ele também os ler como mais uma prova de sua compatibilidade com Lowell Cargill: uma qualidade que ela achava incomum em um garoto da idade dele.

De repente, ele se levantou e esticou os braços no ar, revelando uma faixa do abdômen que a eletrizou.

"Você pode ficar com ele se quiser", disse Lowell. "Eu já terminei de ler."

Tracy pegou-o, sabendo com certeza que o guardaria no porta-malas pelo resto do verão, como uma relíquia sagrada, santificada pelo contato com Lowell Cargill.

O sistema de som estalou, anunciando o fim do tempo livre, e o garoto se virou para ir embora.

Então, como se lembrasse de algo, ele se virou novamente.

— Ei. A Barbara disse que você canta bem. Quer cantar comigo um dia desses?

Tracy sentiu todo o sangue do seu corpo sumir da cabeça.

Lowell franziu a testa.

"Se você não quiser, tudo bem", disse ele. "É só uma ideia. Estou tentando aprender a tocar harmonias."

Ele começou a andar.

Tracy observou-o se afastar, amaldiçoando-se por sua covardia. Finalmente, quando estava a dez passos dele, forçou-se a falar:

"Eu vou", ele disse, e repetiu, levantando a voz.

"Muito bem", respondeu Lowell. "Eu vou te encontrar."

No beliche de cima, depois do jantar e antes de apagar as luzes, Tracy dobrou a primeira página do *The Saratogian* em um pequeno quadrado e leu o artigo.

Foi assim que ela descobriu toda a história de Jacob Sluiter. Leu que ele era um

assassino notório que havia atuado no Parque Nacional Adirondack pouco mais de uma década antes.

Ele havia sido acusado e processado por onze assassinatos, todos cometidos entre 1960 e 1964, ano em que finalmente foi capturado. A maioria desses assassinatos havia sido cometida em acampamentos ou em cabanas isoladas. Ele amarrava suas vítimas — casais e, às vezes, mulheres solteiras — e as esfaqueava; não usava arma de fogo. O que havia permitido que Sluiter escapasse da captura por tanto tempo era seu profundo conhecimento de técnicas de sobrevivência na floresta, forjado em uma infância de pobreza rural. Ele era perito em caçar com armadilhas e pescar. Durante os quatro invernos que passou fugindo da justiça, Sluiter fugiu de uma cabana desocupada para outra, roubando comida enlatada e outros suprimentos deixados por turistas — e, mesmo assim, como se fosse um ladrão. Entre maio e setembro, quando a região estava mais populosa e as pessoas retornavam às suas cabanas, ele acampou na floresta. E poderia ter continuado assim para sempre se não fosse por um golpe de azar: uma casa que ele presumira estar vazia durante o inverno era, na verdade, onde seus donos comemoravam o Natal. Quando o dono estacionou em frente à casa, viu que a lareira estava acesa. Antes que Sluiter pudesse sacar sua pistola, o outro homem já estava lá dentro e em cima dele.

Ele amarrou Jacob Sluiter a uma cadeira enquanto chamava as autoridades. Ele foi finalmente capturado em 23 de dezembro de 1964.

Ele não confessou nada. Manteve sua inocência apesar das provas que o condenavam irrevogavelmente: os pertences das vítimas entre seus pertences; suas impressões digitais nas cenas de todos os crimes; depoimentos de dois de seus irmãos confirmando suas tendências sádicas; e, finalmente, a identificação visual de um sobrevivente de uma tentativa de homicídio. Mesmo assim, Sluiter negou tudo. Sua falta de transparência, escreveu o repórter, levou à especulação de que ele era responsável por outros homicídios além daqueles dos quais era acusado. Vários casos envolvendo excursionistas desaparecidos que antes eram considerados simplesmente perdidos foram reabertos.

"Incluindo Bear Van Laar? " , Tracy se perguntou. Esse era o rumor aterrorizante que ela ouvira em sua primeira noite nas colônias.

O artigo continuava: Dez anos após sua captura e sentença — prisão perpétua sem liberdade condicional — Jacob Sluiter fingiu estar doente para garantir sua

transferência para uma prisão de segurança mínima, 300 quilômetros ao sul do Campo Emerson. E havia escapado de lá três semanas antes. O exemplar de *The Saratogian* que ele carregava havia sido publicado durante sua quarta semana de fuga; a manchete relatava um possível avistamento perto de Schoharie, Nova York.

Acompanhava o artigo um diagrama, uma espécie de mapa mostrando os locais dos assassinatos conhecidos de Sluiter e também sua prisão anterior. Tracy não pôde deixar de notar dois dos pontos de referência que o autor havia incluído no mapa. Um era a cidade de Shattuck, a três quilômetros do Acampamento Emerson. E o outro era a própria Reserva Van Laar. Ela usou o dedo e a legenda para estimar a distância entre onde estavam e onde Sluiter havia sido preso. 48 quilômetros, no máximo 80. Ela traçou uma linha do

Acampamento Emerson até o local da prisão e do assassinato mais próximo — também a 48 ou 64 quilômetros — e, ao fazê-lo, delineou um triângulo isósceles perfeito, uma seta apontando para o oeste com o Acampamento Emerson no ápice.

TRACY

Julho de 1975

Acontece que Lowell Cargill estava falando sério. E depois de uma semana agonizante, ele apareceu um dia na varanda de Fir com seu estojo de violão e bateu na porta. Ela foi atender uma das Melissas, confusa. Quando ele perguntou por Tracy, ela engasgou ainda mais.

Lowell sugeriu que fossem ensaiar no anfiteatro, e foi assim que ela acabou seguindo-o silenciosamente pelos jardins do centro da colônia. Ela tentou, sem sucesso, pensar em algo para lhe dizer. Mas ele pareceu confortável em não falar, e finalmente chegaram ao seu destino. Ele sentou-se em um toco e abriu o estojo do violão.

Uma coisa que Tracy notou na primeira vez que ouviu Lowell cantar foi que ele não tinha nenhuma timidez: ele *realmente cantava*, às vezes com os olhos fechados, como se estivesse se isolando completamente do mundo.

Naquele dia não foi diferente. Ele cantou a mesma música de Ian e Sylvia que cantara no outro dia; a mesma que ela conhecia.

Ao vê -lo cantar, Tracy se sentiu em conflito: por um lado, era difícil não cair na gargalhada histérica, chegando a cravar as unhas nas palmas das mãos para se conter; por outro, achava a paixão de Lowell inspiradora, até atraente. Aquele rosto sincero, lindamente esculpido e com movimentos fluidos era talvez a coisa mais erótica que ela já vira aos doze anos.

"Ok", disse Lowell quando chegou ao fim da música. "Vou mostrar para você agora."

"Eu já sei", ela respondeu.

Passaram uma hora ensaiando, e dessa vez foi Tracy quem a ensinou a segurar a nota enquanto ela segurava a dela. De repente, sentiu falta da mãe: uma rata de pista, treinadora de cavalos, moleca e brusca, alta, ruiva e sardenta como ela. Comia aos trancos e barrancos, curvava-se sobre o prato, ria ruidosamente e andava com passos cambaleantes e espasmódicos apoiados nos cotovelos e joelhos, um andar que lembrava a Tracy uma marionete. Seus únicos momentos de graça eram quando estava a cavalo. No ano desde o divórcio dos pais, ela havia direcionado a maior parte de sua raiva para a mãe, cuja proximidade a tornava um alvo mais fácil. Agora, porém, havia uma coisa pela qual Tracy lhe agradecia secretamente: por ensiná-la a tocar harmonias.

Naquela noite, ela flutuou de volta para sua cabana como um fantasma. Ao entrar, foi recebida pelo olhar curioso de Bárbara, que devia ter ouvido para onde ela tinha ido.

Ele sentou-se ao lado dela no beliche de baixo e olhou para o chão.

"O que aconteceu?" Barbara sussurrou.

Tracy disse a ele em voz baixa.

Foi a primeira vez na vida que ela sentiu que tinha uma história realmente interessante para contar. E ela, Tracy Jewell, era a protagonista, a ingênua. Ao lado dela, Barbara assentiu sabiamente enquanto ouvia.

"Ele já te disse se quer te ver de novo?" ela perguntou.

"Sim", ela disse.

O outro pensamento.

"Bem, ele gosta de você", concluiu. "Isso é óbvio."

Era estranho, mas Tracy sabia que a amiga estava certa. Não havia dúvida: Lowell Cargill gostava dela.

"Então o que vai acontecer agora?" ele perguntou.

Bárbara deu de ombros.

"Depende se ele é experiente ou não", disse ela. "Talvez ele te convide para ser sua parceira de dança. Ou talvez, da próxima vez que vocês tocarem juntos, ele tente algo."

O quê ? Tracy se perguntou, embora uma parte dela já soubesse.

"Você não está com medo, está?", perguntou Barbara.

"Não", ela disse. "Não tenho medo."

Fiquei petrificado.

Houve um longo momento de silêncio.

"Você gosta de ouvir música?", perguntou Barbara.

Ela gostava, mas era um tipo de música que nunca admitiria para a amiga. Ela ouvia a mesma coisa que a mãe, ou então bandas e cantores que apareciam na capa da *Tiger Beat.*

Bárbara continuou falando sem esperar resposta:

—Beijar alguém, alguém que você *quer* beijar, é como viver dentro da melhor música que você já ouviu. É a mesma sensação.

Mais tarde, em seu beliche, Tracy pegou seu diário e fez uma lista de tudo o que sabia sobre sexo.

Quais partes da anatomia estavam envolvidas: essa foi a primeira coisa.

O que estava acontecendo entre essas partes: eu conhecia os aspectos técnicos, mas não entendia muito bem a mecânica.

Ele se virou para olhar pela janela: a lua estava quase cheia.

E essa foi a última coisa que ela se lembraria de ter visto antes de serem acordados, de manhã, pelo som da sirene.

"Viagem de sobrevivência", sussurrou uma das Melissas. Ao redor de Tracy, os campistas de Fir entraram em ação.

Barbara, no beliche de baixo, foi a primeira a se vestir e sair pela porta.

TRACY

Agosto de 1975

Tracy sabe que Barbara está desaparecida há uma hora. Até agora, ela não precisou mentir.

As seguintes perguntas já lhe foram feitas diversas vezes: « "Você sabe onde ela está?

Você a ouviu sair?" E ela foi capaz de responder não a ambas as perguntas sem mentir.

Agora que os conselheiros estão procurando por ela, cabe aos internos garantir que todos sigam a rotina diária. A caminho do refeitório, Tracy bola um plano. Ela fica para trás do grupo e se esconde atrás de um prédio. Ela espera, ofegante, que todos os seus companheiros de cabine desapareçam de vista.

Ela precisa ir a algum lugar. Ela acha que será uma fuga rápida, uma simples brincadeira; mas precisa descartar o lugar para onde acredita que Barbara possa ter ido. Ela promete a si mesma que, se não a encontrar lá, contará às autoridades tudo o que sabe.

Não é uma decisão que ela toma de ânimo leve, pois sua amiga a fez jurar segredo. E o fato de ter confiado algo tão importante a ela — a Tracy! — a deixa relutante em revelá-lo tão rapidamente.

Ele sabe para onde Barbara vai todas as noites.

Embora a amiga não quisesse contar nada a Tracy sobre o namorado, ela lhe contou sobre o lugar onde costumavam se encontrar: uma cabana de observação no topo do Monte Hunt, outrora ocupada por um grupo de homens cujo trabalho era vigiar incêndios florestais nas redondezas. Ao lado, há uma torre de incêndio que oferece vistas ainda melhores. Ultimamente, ambas as estruturas estão desocupadas devido à falta de pessoal.

Mas ambas são muito úteis como abrigos em caso de mau tempo. Ou para reuniões secretas.

"À noite?", Tracy sussurrou, incrédula. E Barbara riu.

"Você sabe quantas vezes eu já escalei aquela colina?", ela disse. "Eu consigo fazer isso dormindo."

"Mas quanto tempo você leva para chegar lá? E como *você enxerga* no escuro?", ele perguntou.

"Meia hora. Vou correr. E eu levo isso." Barbara olhou ao redor. Então, estendeu a mão entre a parte superior do colchão e o estrado. Tirou uma lanterna, aparentemente dela, diferente daquela que eram obrigadas a usar quando saíam à noite para usar o banheiro.

A teoria de Tracy é que Barbara pode ter adormecido lá; e ela quer descartar essa possibilidade. Ela acha que consegue subir e descer o Monte Hunt em uma hora e meia. Ela voltará a tempo para suas atividades matinais; com sorte, trazendo notícias dela, ou talvez da própria Barbara. Ela sabe que a escapada causará problemas, mas não se importa. Afinal, aquela garota é a única coisa de que ela gosta nas colônias.

Ela sai de trás da residência dos funcionários, em direção ao matagal mais próximo , a densa floresta entre o Acampamento Emerson e a Rota 29, esperando que assim ninguém a veja.

Sem sorte: depois de vinte segundos, ela avista Lee Towson, um dos cozinheiros. Muito bonito. Dizem que ele é amigo de Louise.

Ele carrega dois sacos de lixo e caminha como se estivesse sobre brasas,

tomando cuidado para não fazer barulho. Tracy se assusta ao vê-lo, e o movimento chama sua atenção .

Por um momento, eles ficam parados, olhando um para o outro. Então ela leva um dedo aos lábios, implorando. Lee assente e continua seu caminho.

Para Tracy, agosto nos Adirondacks não parece agosto. Ela imagina que deve ser o auge dos dias de calor em Long Island. Aqui na floresta, o clima é agradável. Parece impossível sentir sede: o próprio ar parece carregado de água fresca e tem um toque aveludado. Tracy caminha, revigorada, tomando cuidado para se manter sob a proteção das árvores. Ela tenta manter os prédios do Acampamento Emerson visíveis à sua direita o tempo todo.

Ela continua assim por cinco minutos e finalmente para. À sua frente, está a faixa de veículos que leva da Rota 29 à Autossuficiência. Para continuar, ela precisa atravessá-la, mas não consegue: uma fila de carros de polícia se move lentamente à sua frente. Ela permanece na escuridão da floresta, esperando.

Passam quatro carros, cinco.

Ela espia atrás de uma árvore até ver que consegue atravessar o caminho em segurança.

Então, ela se dirige para a floresta ao norte.

E agora ele não tem mais espaço para ir.

À sua direita, um longo trecho de matagal se estende até Self-Sufficiency. À sua esquerda, outro trecho em direção à Rota 29. Você pode avistar o cume do Monte Hunt através da copa de algumas árvores próximas. Se seguir em frente, chegará lá em dez minutos.

O tempo passa. O chão desce para um pequeno vale, e Tracy perde as montanhas de vista; mas ela diz a si mesma que, se mantiver o sol à sua direita, não se perderá. O

problema é que está ficando cada vez mais difícil enxergar. A vegetação está se fechando cada vez mais ao seu redor. A vegetação rasteira, que era rala ao longo da trilha, agora está intransitável em muitos lugares. Tracy já tem arranhões nas canelas e panturrilhas.

Mais à frente, ela vê o terreno se erguendo novamente, e isso a tranquiliza: faz sentido que haja uma descida antes de chegar ao Monte Hunt. Está claro que ela logo verá o cume novamente.

Ela nem usa relógio. Mais tarde, entenderá o quão tola foi e o quão pouco respeito demonstrou por aqueles bosques, pensando que poderia entrar neles de forma tão descuidada, sem relógio ou bússola, sem calças compridas, nem mesmo água, apesar de tudo o que TJ Hewitt se esforçou tanto para lhes ensinar neste verão. Mas, com quase treze anos, Tracy oscila descontroladamente entre a insegurança e o excesso de confiança. Não há meio-termo.

Ele começa a contar internamente para calcular quanto tempo se passou. Um elefante, dois elefantes e assim por diante, até que dez minutos se passaram e ele ainda não consegue ver o Monte Hunt ou o sol.

Só então ele se permite reconhecer o que fez. O enorme erro que cometeu.

Ela se senta, tarde demais. Ela foi longe demais. A verdade é que ela está meio quilômetro perdida.

Ele se senta apesar de tudo, ouvindo em sua cabeça a voz daquele monitor, aquele que o acolheu, a primeira pessoa com quem ele falou por aquelas bandas.

E gritos.

JUDYTA

Agosto de 1975: Dia 1

Por muitos anos, Judyta Luptack, nascida e criada em Shenectady, nunca foi a primeira em nada. Ela era a terceira filha da família, atrás de dois meninos e à frente de um.

Academicamente, ela frequentemente ficava no meio da turma. Quando os faziam correr uma corrida na aula de educação física, ela frequentemente ficava entre os melhores alunos. Mas nunca ganhava.

Então, quando o *Times Union* publicou aquele artigo, ele experimentou uma sensação estranha. Seria orgulho? Não exatamente. Mais como surpresa.

" A primeira turma de policiais estaduais femininas do país se forma em Albany ", dizia a manchete. E abaixo, uma foto das quatro: Cindy, Linda, Niecy e ela. " Judyta Luptack, 21 ″ , dizia a legenda.

Seu pai se dirigiu à mãe:

"Bem", ele disse, "se um dos nossos filhos teve que aparecer no jornal, fico feliz que seja por isso."

E essa foi a única coisa que todos comentaram, exceto seu irmão Leonard, que começou a se referir a ela como a Primeira do País, em vez de pelo nome.

Cinco anos se passaram desde então, e Judy — agora com 26 anos — tem se saído bem. Não passou um ano sem que ela não tenha superado as expectativas estabelecidas para ela. Ela escreve relatórios bons e claros; faz boas prisões. É ambiciosa; não perde tempo. (De acordo com seu sargento, todos os policiais da força policial se enquadram em uma dessas duas categorias.) E no ano passado, após alguns resultados particularmente impressionantes, ela foi recomendada para promoção ao Departamento de Investigação Criminal do Estado de Nova York, o OIC, tornando-se a primeira detetive mulher do estado.

Agora, após completar seus meses de treinamento obrigatório, a Primeira do País está dirigindo com um detetive sênior na Rodovia Estadual de Nova York. O nome do parceiro dela é Denny Hayes e, embora ele nunca o tenha mencionado, parece ter se nomeado mentor de Judy. Assim, nessa função, ele a tem acompanhado durante todo o seu expediente nas últimas duas semanas. Ela não deixa de perceber que não é a única detetive novata na OIC. Mas todos os outros são homens, é claro.

No banco do passageiro, Judy cruza e descruza as pernas, sem saber o que melhor transmite uma natureza completamente assexuada. (Na verdade, ela não é; mas entende que é melhor em sua área de atuação ser vista dessa forma.) Pelo menos agora que está à paisana, ela pode usar calças.

Ao lado dela, Denny Hayes assobia. Ele faz isso com frequência. É o tipo de homem que Judy conhece bem: quarenta e poucos anos, com filhos, ex-atleta, popular no ensino médio.

"A Reserva Van Laar", ele diz entre assobios. "Isso vai ser interessante."

Naquela manhã, a caminho de entrevistas relacionadas a um caso de furto qualificado em Long Lake, eles receberam uma ligação pelo rádio: uma menina de treze anos desaparecida de um acampamento de verão isolado nas montanhas perto da cidade de Shattuck. O carro dela era o mais próximo, então eles seriam os primeiros detetives da OIC

a chegar ao local.

“Você já ouviu falar da família Van Laar?”, pergunta Denny.

"Ouvi algo", ela diz. (Não é verdade.)

"Você se lembra de uma reportagem sobre uma criança que desapareceu nas montanhas? Foi há uns doze ou quatorze anos", diz Hayes.

Judy devia ser uma criança naquela época. Mas às vezes parece que as pessoas se ofendem quando lembram o quão jovem ela é, então ela diz:

—Sim, acho que sim.

"Bem, o interessante", diz Hayes, "é que pegaram o cara que matou a criança. Um filho da puta doente. Mas ele está morto agora. E agora outra garota desaparece do mesmo lugar.

Quem fez isso desta vez?" Ele olha para Judy e pisca, como se estivesse contando uma piada.

O terreno por onde passam torna-se cada vez mais rural. Quando foi aceita na OIC, foi designada para a Tropa B, baseada em Ray Brook, nos Adirondacks. Isso seria ótimo — até preferível — se não fosse o fato de que, duas semanas após chegar à sua nova designação, Judy ainda mora com os pais em Shenectady; e isso implica um deslocamento diário que beira o impossível.

São duas horas de sua casa até Ray Brook. Mas a mudança era sua única maneira de se tornar detetive, como ela já explicou — muitas vezes — aos pais. Um dia, em breve, ela os convencerá de que deveria encontrar um lugar próprio mais perto do trabalho, mas nenhum de seus irmãos jamais saiu de casa antes de se casar, então, por enquanto, Judy acha melhor não causar problemas. Então, há quatorze dias, ela programa o despertador para as quatro da manhã e aguenta as reclamações dos irmãos sempre que ele começa.

“Aqui estamos”, diz Hayes.

Eles seguem por uma longa estrada. À esquerda, há um conjunto de antigas construções agrícolas, aparentemente abandonadas. Uma encosta gramada surge diante deles e, de repente, eles avistam uma casa que parece saída de um de seus livros escolares.

Quando param, Judy percebe que Hayes a observa com o canto do olho. Estudando-a.

O que ele não sabe é que ela está acostumada a lidar com gente rica. Desde os doze anos

— primeiro ilegalmente e depois legalmente —, ela trabalhou no Iroquois Golf Club, onde

seu pai ainda é o chefe dos jardineiros. Ela lavava pratos e servia mesas, e mais tarde também trabalhou como garçonete. Chick Janowicz, o gerente geral, ainda a chama de vez em quando para substituir alguém doente. E todo ano, em dezembro, ela trabalha na elaborada festa de Natal para ganhar algum dinheiro. Toda a família Luptack faz isso, até mesmo sua mãe.

Hayes estaciona o carro em um ângulo torto na grama. Vários policiais rodoviários estaduais já estão no local. Também estão presentes quatro veículos desocupados da Agência Estadual do Meio Ambiente: agentes florestais que provavelmente já estão realizando suas varreduras iniciais na floresta.

Hayes os encara por um momento e pergunta:

"O que você diz?" Judy olha para ele. "O que você acha que aconteceu com a garota?"

"Ah", ela diz. "Não tenho certeza."

"Acho que ela fugiu", diz Hayes. "Quando uma menina dessa idade desaparece, quase sempre é por isso."

Judy não diz nada.

"Ela provavelmente está pegando carona em alguma estrada rural agora. Espero

que possamos encontrá-la antes que algum canalha a encontre", diz Hayes.

Então, sem esperar por ela, ele sai do carro, caminha em direção ao policial mais próximo, um sujeito atarracado com sobrancelhas loiras, e estende a mão para cumprimentá-lo.

Judy hesita. Ela sai e caminha lentamente em círculos, olhando para a casa, o lago ao fundo e a floresta ao redor. Ao sul, há algum tipo de organização, uma creche ou um acampamento de verão: ela ouve vozes agudas gritando e rindo vindas de lá.

Quando Denny Hayes retorna, ele lhe conta os detalhes do caso.

A mulher desaparecida é a filha dos Van Laars, diz ele. Uma menina de treze anos da mesma família cujo filho desapareceu há mais de uma década.

O nome dela é Barbara Van Laar, diz Hayes; ela estava em um acampamento na Reserva; ela foi vista pela última vez ontem à noite, dormindo em um beliche em sua cabana.

Os breves depoimentos da polícia não trouxeram pistas ou teorias. O desaparecimento parece ter pegado a todos de surpresa. Ninguém tem ideia de para onde ela possa ter ido.

E, para complicar ainda mais a situação, ela foi informada de que outra campista acabou de desaparecer: a colega de beliche de Barbara, uma garota chamada Tracy Jewell, que não tem nenhuma ligação com a família. Tracy foi vista há apenas algumas horas, caminhando de sua cabana até o refeitório para tomar café da manhã. Seus pais já foram alertados e estão a caminho.

Após esses dois desaparecimentos, todos os campistas foram reunidos no centro comunitário, com dois policiais estaduais designados para monitorá-los. Eles estão ligando para cada pai, um por um, para buscar seus filhos. Mas com 91 famílias e apenas duas linhas telefônicas, o processo está demorando muito. Enquanto isso, ninguém tem permissão para entrar ou sair do centro comunitário sem apresentar identificação. Se

necessário, os campistas cujos pais não puderem ir ao Acampamento Emerson hoje dormirão lá juntos esta noite.

"Você sabia que a família é contra?", pergunta Hayes.

—Contra o quê?

— Que os pais venham buscar os campistas. Duas meninas desapareceram em dois incidentes separados, uma delas a filha deles, e eles querem que os acampamentos continuem. Eles não querem alarmar as pessoas desnecessariamente.

Judy pensou em passar o dia acompanhando Hayes, mas logo percebeu que o plano dele era se separar dela e fazer com que cada um prestasse depoimento separadamente. Assim, conseguiriam cobrir mais terreno.

"Você pode levar as pessoas até o carro para as entrevistas", diz ele. "É mais privado."

Em seguida, aponta para o centro do acampamento. "Está vendo aquele prédio lá longe, aquele prédio comprido e plano? Um policial com quem falei me disse que é um bom lugar para fazer entrevistas lá dentro. E que os pais de Van Laar já estão lá. E você me encontrará lá se precisar de mim." Ele se vira para ela. Pisca. "Mas você não vai precisar de mim, vai?"

"Claro", ela diz. Hayes dá um tapinha nas costas dela. Judy já está se cansando da facilidade com que os homens ao seu redor a tocam, mesmo quando, como no caso dele , é mais paternal do que lascivo. Então, seu parceiro inclina a cabeça em sua direção. "Escute, querida", ele diz baixinho, "eu cuido da parte difícil. As amigas da garota, os conselheiros e, principalmente, os pais — se alguém precisa de atenção, são eles. Cuide das pessoas aqui da casa. Os atores coadjuvantes, entendeu? E não fique nervosa."

Judy está morrendo de vontade de se afastar. De se afastar dele. Mas ela apenas concorda.

"Você se lembra do que fazer? Do que aprendeu no treinamento?" Ela assente. "Boa sorte", diz Hayes, e desce a colina em direção ao centro da colônia.

Em frente à casa chamada Autossuficiência, Judy Luptack contempla a aldrava de ferro em forma de mosca. Ela a levanta e abaixa o peito três vezes, sentindo uma estranha apreensão ao tocá-la.

Depois de um momento, uma mulher sai para abrir a porta. Uma empregada, talvez.

A mulher a encara por um momento antes de falar:

-Posso ajudar?

Judy fala em voz alta pela primeira vez as palavras que ela foi treinada para dizer:

—Sou a detetive Judyta Luptack. Estou aqui para ajudar na busca por Barbara Van Laar.

No salão, há cerca de dez pessoas sentadas e em pé, em pequenos grupos. Não são como as pessoas ricas que ele conheceu trabalhando no clube de golfe; geralmente são homens e

mulheres mais velhos, vestidos com trajes sérios e formais, sentados com as costas bem retas nas cadeiras.

As pessoas aqui, por outro lado, estão esparramadas, vestindo pijamas e roupões . Judy tem a impressão de que não têm pressa em se trocar. Duas das mulheres vestem camisolas de seda, e através do tecido ela consegue ver claramente o contorno de seus seios. Duas jovens — empregadas domésticas — movem-se silenciosamente, recolhendo os restos da festa.

Judy olha para seu caderno, começa a trabalhar e se prepara para abordar sua primeira matéria.

Ele já decidiu quem será: um homem mais velho que mais o lembra dos membros do Iroquois Golf Club. Ele é alto e grisalho, sentado em um banquinho perto da porta da frente, amarrando um par de botas de caminhada resistentes. Ao lado dele está uma mulher que deve ser sua esposa.

Judy se aproxima, fica na frente deles e pigarreia. A sala parece muito silenciosa. Todas as conversas cessaram.

O casal ou não a ouve ou não se importa.

"Com licença, senhor", diz ela, subitamente transportada de volta ao seu trabalho

no clube. O homem ergue os olhos lentamente. "Posso lhe fazer algumas perguntas?"

JACÓ

Agosto de 1975: Dia 1

Ao amanhecer, caminhando sob o abrigo das árvores que margeiam a Northway, ele chegou a um riacho e sentiu uma vontade inexplicável de segui-lo até sua nascente. Uma lembrança que parecia quase ancestral despertou em sua mente: *ele conhecia* aquele riacho, embora não soubesse de onde.

Jacó não acredita em nenhum deus além de si mesmo. Ele é supersticioso, no entanto, e tende a acreditar na ideia de que coincidências não existem; que quando você encontra algo inesperado ou incomum, é importante dedicar alguns minutos a mais para refletir sobre *o porquê.*

Por que, ele se perguntou, havia encontrado aquele riacho no meio do caminho para o norte em sua jornada? Por que lhe parecia tão familiar? Na penumbra, ele considerou suas opções: era hora de se deitar até escurecer, mas o riacho o empurrava com força para o interior da floresta. Qual o problema em segui-lo por um tempo?, pensou.

Começaram então algumas horas de caminhada, vadeando e afundando um pouco, às vezes, no chão lamacento. Seus sapatos ficaram encharcados e enlameados; ele teria que trocá-los pelos de um estranho o mais rápido possível.

A floresta estava rareando: através das últimas árvores à frente, ele viu uma estrada rural cruzando seu caminho. O riacho que ele vinha seguindo desapareceu em um bueiro.

Ele esperou os carros pararem de passar e correu para o outro lado da rua; encontrou o bueiro do outro lado e continuou andando.

Lá à frente: uma série de pequenas casas, uma atrás da outra, recuando em duas fileiras, ladeando o pequeno riacho. Pequenas pontes o cruzavam em intervalos. À sua esquerda, outras construções maiores. Ao fundo, uma colina.

Depois de um momento, ele entendeu por que se sentia atraído por aquele riacho e por que o seguia há tanto tempo.

Eu já tinha estado lá antes.

JUDYTA

Agosto de 1975: Dia 1

Judy Luptack acabou de pedir ao cavalheiro à sua frente que lhe desse alguns minutos do seu tempo e ainda está esperando sua resposta.

Recomeçar:

—Sou o Detetive Luptack. Estou aqui para ajudar na busca por Barbara. Você se importa…?

"Receio que sim", diz o homem. E vira as costas para ela. Olha pela janela, em direção às árvores.

Por um momento, Judy congela, sem saber o que fazer. Seus antigos instintos lhe dizem para se curvar à autoridade do homem a quem ela poderia ter servido no clube de golfe. Os novos lhe dizem para ser direta.

"Senhor", ele diz, "só vai levar um momento. Algumas perguntas."

"Vou esperar seu sargento", ele diz . "Não gosto de me repetir."

"Não há. ." Judy começa. *Sargento* não é um posto acima do dela na OIC: é *detetive. e nior.*

Mas ele não tem vontade de confessar a Denny Hayes, que interpreta esse papel, que já está fracassando.

Então ele se limita a dizer:

-Por favor.

Ao ouvir essas duas palavras e a humilhação na voz dela, o homem encolhe os ombros ligeiramente. Ele olha para ela.

"Muito bem", ele diz. "Vamos ser breves."

—Vamos para o meu carro.

"Vamos para a cozinha", ele responde.

É uma sala enorme. O casal de idosos está sentado à sua frente, em volta de uma mesa grande. O marido cruza os braços e as pernas e se recosta na cadeira.

Judy pega o caderno. Ela não quer deixá-lo sobre a mesa; não quer que nenhum dos dois o leia de cabeça para baixo.

"Nome?" ela começa.

—Peter Wallingford Van Laar Segundo —diz o homem.

"Data de nascimento?" ele pergunta.

Ele levanta uma sobrancelha.

—23 de fevereiro de 1898.

Judy anota essa informação em seu caderno pautado. Ela acrescenta: " Comportamento tenso . "

"Qual é o seu relacionamento com a vítima?" ele pergunta.

—A vítima?

“Senhorita Van Laar”, ela diz.

"Eu agradeceria se você não se referisse à minha neta dessa forma", diz o homem. Judy cora. Ele tem razão. "De qualquer forma, você já tem a sua resposta", acrescenta o Sr. Van Laar. "Sou o avô dela. Esta é a avó dela", diz ele, inclinando a cabeça em direção à esposa.

"Sra. Helen Van Laar. Data de nascimento: 3 de maio de 1898."

Judy também anota essas informações diligentemente.

Ela então faz uma pausa e deixa que seu treinamento a guie.

—Vocês dois podem me contar o que fizeram hoje? A que horas acordaram e o que fizeram depois?

Ele solta um suspiro profundo. É o tipo de homem que irradia desaprovação quase automaticamente. Ele junta as mãos sobre a mesa.

—Senhorita… —ele diz.

—Luptack.

" Detetive Luptack *"* , pensa Judy.

"Senhorita Luptack, a senhora parece muito jovem", diz o Sr. Van Laar. Sua esposa o olha rapidamente. "Quantos anos a senhora tem? Vinte, vinte e dois?"

O homem espera. " Vinte e seis *",* ela pensa. Mas não diz.

"Suspeito que você não esteja nessa área há muito tempo", acrescenta o Sr. Van Laar.

"Deixe-me ajudá-lo."

"Peter", sua esposa interrompe, a primeira palavra que ela pronuncia, mas seu marido levanta a mão em sua direção e ela não continua.

"Nossa neta fugiu", diz o homem. "Sei disso porque ela vem ameaçando fazer isso quase todos os dias há dois anos. Gradualmente, acalmar Barbara e não aborrecê-la se tornaram praticamente os únicos assuntos de conversa na casa do meu filho. Ela é uma menina de treze anos que se comporta como a maioria das meninas da idade dela. Só que pior." Ele faz uma pausa. Tosse. "Nosso paradeiro esta manhã não é uma peça importante deste quebra-cabeça. O que você e seus companheiros precisam fazer é enviar um grande grupo de busca por esta floresta. Porque, neste momento, você é o único perigo para Barbara, além dela mesma."

De repente, ele se levanta e olha para a esposa, esperando que ela faça o mesmo. Ela o faz, com menos determinação.

"E é para lá que eu vou", diz o Sr. Van Laar, "com alguns cachorros. Aliás, era para lá que eu estava prestes a ir quando você me interrompeu. Anote isso no seu caderno, caso seus superiores venham me procurar." E ele sai da cozinha. Sua esposa olha para Judy por um momento antes de segui-lo, com uma expressão inescrutável.

"Senhor", ela diz. A palavra sai antes que ela saiba o que vai dizer em seguida.

O homem espera.

"O que houve?" ele pergunta.

"É só que. . considerando o desaparecimento do seu neto", diz Judy, "parece que deveríamos tratar o da Barbara com a mesma atenção."

dele muda completamente. Até então, ele estava irritado com a conversa; agora, está furioso. Ele abre a boca para falar, e a faz lembrar de um animal mostrando os dentes .

"Não fale do meu neto", diz o Sr. Van Laar. "Não ouse dizer o nome dele."

Ele vai embora. Sua esposa o segue.

Judy senta-se sozinha por um momento na enorme cozinha. Parece que houve uma festa ontem à noite. Há recipientes abertos de comida nos balcões, coisas que deveriam estar na geladeira. Saladas e pudins de chocolate.

Olhe para o seu caderno. Risque o *verbo no tempo verbal.*

" Comportamento hostil *"* , ele escreve.

Uma pilha de pratos precariamente equilibrada na pia tomba de repente, e o barulho ecoa nas paredes.

Judy não se incomoda. Geralmente, os barulhos da cozinha a confortam.

Ela está pensando na reação desproporcional do Sr. Van Laar quando ela mencionou seu neto. O ódio em seu olhar e a maneira como ele mostrou os dentes amarelos. Ela já viu a mesma expressão em outra pessoa.

E finalmente ela se lembra: Sra. Charles Hanover, pensa. Durante uma festa de Natal em um clube de golfe, alguns anos atrás, Judy virou uma esquina deserta e encontrou a Sra.

Hanover vasculhando metodicamente os bolsos dos casacos de pele no vestiário. De vez em quando, ela tirava algo, examinava e guardava de volta. Judy a

encarou, estupefata, até que a mulher se virou e a encarou. Então, sorriu, encontrou seu casaco, vestiu-o e foi embora.

Judy correu para a cozinha e encontrou Chick Janowicz, o gerente geral, que esfregou as mãos no rosto e olhou para o chão por alguns segundos. Finalmente, ele assentiu e saiu, resignado com seu destino.

Da cozinha, ela ouviu gritos de indignação percorrerem o corredor. Então, a porta de vaivém se abriu e os Hanover apareceram, a esposa à frente, apontando um dedo raivoso para Judy e com a mesma expressão que lançara ao Sr. Van Laar quando mencionara o neto dele.

"Você não tem a mínima ideia do que viu", começou a Sra. Hanover, "seu pedaço de. ."

"Paulette", disse seu marido em tom de advertência.

O Sr. Janowicz teve que ameaçar chamar a polícia antes que a mulher finalmente esvaziasse a bolsa. Dentro, havia cinco carteiras e duas caixas de cigarro. Embora os Hanovers tenham sido expulsos do clube, Paulette nunca foi denunciada às autoridades.

Quanto mais irritados os ricos ficam, pensou Judy — pensava naquela época e ainda pensa agora — mais ela percebe que eles estão prestes a ser responsabilizados por seus erros.

TRACY

Agosto de 1975: Dia 1

Naquele dia, Tracy descobre a resposta para a pergunta que ela vem se fazendo desde o início das colônias.

O que eles deveriam gritar quando se perdessem? As instruções que receberam não incluíam a resposta.

Bem, acontece que no final ele grita: " ESTOU PERDIDO !

Ele grita continuamente, uma espécie de canto histérico; e então, lembrando que precisa salvar a voz, ele aumenta as pausas.

A princípio, ao gritar aquela frase ridícula, ela é consumida pela vergonha e pela humilhação. Não tem dúvidas de que está a um passo da orla da floresta; que a qualquer momento um campista de dez anos, uniformizado e com uma expressão zombeteira, aparecerá, apontando na direção do acampamento de verão. Mesmo assim, ela continua gritando. É melhor acabar logo com isso, pensa.

Ela já está com sede há algum tempo. Agora está ficando com fome. Isso é o suficiente para convencê-la de que está ali há tempo demais. E parece haver menos luz do que antes, não é?

Impossível, pensa ela. Era de manhã cedo quando ela saiu. Mas na floresta, o tempo passa de forma estranha. Ela já entrou em uma realidade diferente daquela que conhecia .

" Estou perdida!" Tracy grita, repetidamente.

O mundo ao seu redor é cinza e embaçado. Ela se amaldiçoa por sua vaidade, por ser orgulhosa demais para usar os óculos que lhe foram prescritos este ano.

Isto já não é uma aventura. O medo de verdade finalmente tomou conta dela, e agora ela solta gritos inarticulados. Já não diz "Estou perdida " ou "Socorro " , mas simplesmente urra, uivos primordiais e guturais, intercalados, de tempos a tempos, com " Mamãe, Papai ", algo que a surpreende. Tracy considera-se uma pessoa independente, apesar da idade. Mas lá está ela, com sede, fome, chorando e gritando pelos pais, que já nem sequer se falam.

Depois de um tempo assim, ele para no meio do grito para ouvir com todo o corpo. Prende a respiração. Ouve o que parecem ser passos.

Espere um minuto.

"Olá?" ele diz.

Por um momento, nada; e então ele ouve o barulho novamente.

-Olá?

Tracy se levanta de onde estava sentada. Ela se vira lentamente. E finalmente, vê um rosto olhando para ela atrás de uma árvore.

E a pessoa sai do esconderijo.

LOUISE

Agosto de 1975: Dia 1

Nos bastidores do centro comunitário, há três vestiários improvisados, um guarda-roupa e uma porta que dá para o exterior. Por enquanto, a polícia estadual, que foi a primeira a chegar ao local, transformou o espaço em seu posto de comando, usando os vestiários como salas de interrogatório.

Dentro da primeira, que é a menor, Louise está sentada sozinha em uma cadeira de vinil.

Uma hora atrás, sua conselheira em treinamento — após descobrir de repente a ausência de outro campista de seu grupo — cruzou o terreno do Acampamento Emerson com um olhar frenético, gritando por Louise e encontrando-a voltando da cabine do diretor para o dormitório dos funcionários.

"Tracy também se foi!" Annabel engasgou.

Um policial que estava por perto perguntou:

-Quem?

Depois de um momento, uma tropa de policiais os escoltou até o centro comunitário.

No caminho, Louise buscou repetidamente o olhar de Annabel. Ela queria dizer com os olhos: " Lembre-se. Lembre-se do que você prometeu . "

Mas o outro evitou olhar para ele.

Agora, seu parceiro está no camarim ao lado do dela. Através da parede fina que os separa, Louise ouve sons abafados que ela imagina serem soluços.

Ela também ouve as vozes raivosas de uma mulher e de um homem diferentes: Sr. e Sra.

Southworth, pensa ela. Os pais de Annabel. Hóspedes na casa dos Van Laars esta

semana.

Alguém bate na porta de Louise e a abre antes que ela atenda.

Um homem de quarenta e poucos anos, com entradas na testa, entra. Ele para e a encara por um instante, como se tivesse percebido algo. Ele não está usando uniforme, mas uma camisa Oxford amarela de manga curta com gravata vermelha. Seu casaco marrom está pendurado no braço.

—Louise Donnadieu?

Ela concorda.

Ele sorri. Ele é magro e musculoso.

"Você se lembra de mim?" ele diz.

Só então ele olha atentamente para o rosto dela e percebe que ela lhe parece familiar.

"Denny Hayes", acrescenta o homem. "Ele morava em Shattuck. Eu conheço sua mãe."

"Ah", ela diz. "Sr. Hayes."

Ele levanta a mão e balança a cabeça.

"Por favor", ela diz, "me chame de Denny. Você já é adulto, não é?"

O comentário o choca, embora ele suponha que seja tecnicamente verdade.

"Como vai?", pergunta Denny Hayes.

-Quem?

—Sua mãe.

Louise demora um momento para responder.

— Tudo bem, eu acho. A gente não conversa muito.

Ele acena uma vez, tão ansioso quanto ela para mudar de assunto.

Se não me falha a memória, Denny Hayes foi um dos vários homens que começaram a rondar sua casa logo depois que seu pai foi embora. Ela olha para a mão dele. Percebe que ele está usando aliança. Se ele estava usando uma naquela época, ela não sabia. Não que isso a surpreendesse.

Nada do que sua mãe fez ou faz a surpreende mais. Nem mesmo o fato de ter engravidado de Jesse quando Louise tinha onze anos. Ou que ela tenha confessado não ter certeza de quem era o pai.

Meu Deus, ele pensa. Espero que esse homem não seja o pai do Jesse.

"E você?", pergunta Denny. "Você é casado ou algo assim? Tem filhos?"

"Não", ela responde. "Estou só trabalhando."

"Tenho dois", diz ele . "Um menino e uma menina. E um terceiro a caminho. Saí de Shattuck há sete anos, quando fui promovido. Agora moro em North Elba. Perto do trabalho."

Louise concorda.

"Você se importa se eu me sentar?", pergunta Denny.

O camarim é minúsculo e iluminado, e as únicas duas cadeiras estão lado a lado. Os dois inclinam os joelhos um em direção ao outro, desconfortáveis. Perto demais para o gosto deles. Ele se olha no espelho e vê Hayes tirar um caderno e uma caneta do bolso do paletó.

—Então, diz Denny, você é a tutora da filha dos Van Laars…

Louise concorda.

—Alguma ideia de onde ele pode ter ido?

"Não", ele responde em voz baixa.

Denny olha para ele.

“A mulher ali”, ele diz, olhando para suas anotações, “TJ, a mulher de cabelo

curto…”

—O diretor —diz Louise.

— É isso. Ele disse que você foi o primeiro a denunciar o desaparecimento. É verdade?

Ela concorda.

Denny olha para ela por um momento, pensando se deve dizer algo ou não.

"E você não percebeu?", ele pergunta. "Você não ouviu a porta nem nada?"

Louise sente um nó na garganta, mas não consegue chorar. Ela não se lembra da última vez que chorou.

"Você ficou na cabana a noite toda?", pergunta Denny.

Ela abre a boca para responder, mas não sai nada.

Ele pousa o caderno e coloca a caneta em cima.

"Olha", ele diz. "Sério, eu não deveria estar te dando conselhos. Mas, para um velho amigo, eu vou." Ele se inclina na direção dela e abaixa a voz. "Você não quer se meter em encrenca aqui. Você não quer dizer algo que não pode retirar. Porque mentir", ele diz, "vai te meter em encrenca a longo prazo."

Louise olha para ele. Ele está a meio metro do rosto dela. Seu bigode parece molhado.

"Tem uma garota na sala ao lado", diz ele. "Acho que ela trabalha com você. Vou falar com ela. Se vocês descobrirem que têm versões diferentes", diz Denny, "bom, vai ficar feio.

Vai levantar questões."

“Eu entendo”, diz Louise.

"Você era uma garota legal quando te conheci", diz ele. "Eu sempre gostei de você. Ouvi dizer que, quando você ficou mais velha, as pessoas te provocavam, falavam coisas sobre você e tudo mais. Eu nunca acreditei."

Ela espera.

"Obrigada", ela finalmente diz. Agora, ela o odeia. Ela odeia o que ele está insinuando.

Porque a maior parte do que foi dito sobre Louise envolveu casos inventados com outros alunos. E, uma vez, com uma professora.

"É por isso que vou te dar um conselho", diz ele. Ele se levanta e guarda o caderno e a caneta. "Procure um advogado. E não diga que eu avisei."

Ela fala sem pensar:

"Eu já tenho um", ele diz.

É bom dizer isso e ver a expressão de Denny vacilar por um momento.

"Muito bem", ele responde . "Então não precisaremos encontrar um profissional para você. Se for necessário."

Ela olha para ele com um rosto inexpressivo.

"Você sabe o que é um ofício, não sabe?", pergunta o homem.

Silêncio.

"Um defensor público", diz Denny. "Um de graça. Parece que você não precisa de um desses."

Só então Louise percebe o que acabou de fazer.

ALICE

Agosto de 1975: Dia 1

Um guarda florestal foi gentil o suficiente para colocar uma toalha nos ombros de Alice; depois de um tempo, ele trouxe outra e a cobriu também. Ela está sentada em uma cadeira Adirondack sob o sol da 1h, tremendo tanto que seus dentes batem. Ela se lembra da mesma coisa que aconteceu com ela quando Bear desapareceu. É *um choque*, alguém lhe disse na época.

"Não se preocupe, senhora", diz o guarda, colocando a mão em seu joelho. "Nós a encontraremos, ok? É para isso que serve todo o nosso treinamento."

Alice acena uma vez. Ela quer que o homem fique com ela.

Há outros guardas florestais com cães vagando pelo centro da colônia, em busca de cheiros. Há pouco, pediram a ela que lhes desse algumas das roupas íntimas usadas de Bárbara para ajudar os cães. Ela encarou o guarda florestal que pediu por eles por um momento, horrorizada, até que o homem se desculpou.

"É realmente a peça de roupa mais útil para cães", ele disse a ela.

Ela não conseguiu fazer isso sozinha. Pediu que encontrassem um conselheiro. Eles conseguiriam encontrar os pertences de Bárbara sem a ajuda dele.

Peter está em um dos prédios do Acampamento Emerson com um detetive. Ele disse a Alice para não falar com ninguém até que o Capitão LaRochelle, de Albany, chegue. O mesmo que supervisionou o caso de Bear.

O marido dela confia nele.

Ou melhor, ele não confia em mais ninguém.

Alice observa o lago. A verdade é que ela não tem ideia de onde Barbara possa estar.

Todos parecem sugerir que ela provavelmente fugiu, mas ela teme que algo mais possa ter acontecido.

Barbara sempre foi uma garota difícil.

Quando pequena, Alice tinha acessos de raiva tão terríveis que se preocupava com o que os vizinhos em Albany pensariam. Aos seis anos, não demonstrava sinais de melhora: por mais que gritassem com ela, subornassem, batessem nela ou até a esbofeteassem. Peter também já havia tentado, um tapa na cara quando as coisas saíam do controle. Não havia

como conter os acessos de raiva. Pelo contrário, ela gritava ainda mais, com gritos terríveis que a impossibilitavam de pensar.

O urso nunca foi assim.

Esses episódios com Barbara acabaram sendo o fator decisivo para a decisão de mandá-la para a escola o mais rápido possível. Aos sete anos, ela foi enviada para o internato Emily Grange, onde, segundo todos os relatos, não causou problemas. . no início.

Mas ultimamente eles estavam ouvindo outras coisas.

No meio do último ano, a diretora do internato, Susan Yoder, telefonou. Ela era uma mulher formidável — lésbica, pensou Alice — com reputação de progressista. Ela foi a primeira pessoa que conheceu que lhe pediu para não chamá-la de "Senhorita " , mesmo sendo solteira. Ela convidou as duas para o campus para conhecê-la pessoalmente: algo que ninguém jamais havia pedido antes.

Peter ficou indignado: "Com todo o dinheiro que pagamos a eles", disse ele, "seria natural que essa pessoa entendesse o quão inconveniente é pedir a um homem que tire um tempo de seu dia de trabalho " .

“Nós recentemente. . a descobrimos em seu quarto com um garoto da cidade”, disse a Sra. Yoder.

Alice viu seu marido agarrar firmemente o braço da cadeira.

"Em que condições você está?", perguntou Peter.

-Desculpe?

—Em que condições minha filha estava quando a encontraram?

"Ah", disse a Sra. Yoder, corando. "Bem, com roupas."

—Mas … ? —disse Peter.

— Mas. . bem, a realidade é que não podemos ter certeza do que eles estavam fazendo antes da Sra. Burke entrar no quarto. Ter um menino sozinho no quarto de uma menina certamente não é. . o ideal.

Ele sorriu, tentando aliviar a tensão na sala. "Crianças!" A Sra. Yoder parecia

estar dizendo silenciosamente.

Mas Peter permaneceu impassível como uma pedra. Alice percebeu que ele estava tomando uma decisão.

"Sr. Van Laar, deixe-me garantir que não estamos muito preocupados. Este é um comportamento perfeitamente normal para uma menina da idade da Barbara", disse a Sra.

Yoder. "Só queremos ter certeza de que. ."

Peter a interrompeu:

—E quem é o responsável por essa negligência?

A mulher franziu a testa, confusa.

-Sobre o quê…?

—Quem é responsável por deixar o menino entrar no quarto?

“Bem, Barbara”, disse a Sra. Yoder.

Por um momento, Alice sentiu medo. Peter era capaz — embora raramente — de perder a paciência. Mas ele simplesmente deixou as palavras da mulher pairarem no ar.

"Quem era o garoto?" ele disse finalmente.

"Não sei bem qual é o nome dele", respondeu a Sra. Yoder. Sua expressão estava mudando ligeiramente. Ela assumia um ar desafiador. Seria possível que ela também tivesse um temperamento forte?, Alice se perguntou. Ela costumava se preocupar tanto com Peter que quase nunca lhe ocorria se preocupar com qualquer outra pessoa.

"Quantos anos ela tinha?" ele perguntou .

"Não tenho certeza", disse a Sra. Yoder. "Mas a Sra. Burke, do lado oeste, não pareceu preocupada, se é isso que você está perguntando."

Peter não tinha terminado.

“Por favor, descreva-o para mim”, ele pediu.

A Sra. Yoder suspirou.

"Eu não estava lá", disse ela. "Mas a Sra. Burke o descreveu como magro e moreno." "Eu só o vi por trás", continuou ela, enquanto o menino escapava pela janela (o quarto de Barbara ficava no primeiro andar) e entrava na mata que margeava a escola.

"Que roupas ela estava vestindo?", perguntou Peter.

—Receio não saber.

—Ele disse alguma coisa?

—A Sra. Burke não mencionou isso.

—E Bárbara?

—Ele disse que era um amigo da cidade.

Peter bufou. Houve um longo silêncio.

Alice se concentrou nos objetos na sala. Uma pequena estátua de mármore da deusa Justiça, com os olhos vendados. Nas prateleiras, uma coleção de livros em fileiras organizadas, com as sobrecapas removidas e organizadas por altura. Na parede, uma foto emoldurada de um time feminino de hóquei sobre a grama, de muito tempo atrás. De quando ela era jovem, pensou Alice.

Ele não percebeu que Peter havia se levantado da cadeira.

“Obrigado, *Srta.* Yoder”, disse ele, enfatizando o título.

A mulher franziu a testa.

"Receio que haja mais a discutir", disse ele. "Em situações como esta, geralmente tomamos algum tipo de medida disciplinar."

"O que você achar melhor", disse Peter. "Vamos, Alice."

Ele se levantou. Mas antes de saírem da sala, a Sra. Yoder falou novamente:

"Sra. Van Laar", disse ele, olhando-a diretamente. Um olhar cheio de significado, "a senhora tem alguma pergunta para mim?"

Se tivesse, não lhe ocorreu. Então, balançou a cabeça e seguiu o marido silenciosamente até a porta.

A caminho do carro, Alice perguntou ao marido se ele queria esperar que Bárbara falasse com ela diretamente. Peter balançou a cabeça.

"Ele vai ficar só mentindo", disse ele. "Eu não o suporto."

De volta a Albany, seu marido permaneceu em silêncio enquanto ela se sentava ao lado dele, procurando algo para dizer.

Ela havia notado recentemente que estava adotando os hábitos da mãe de Peter, que na maior parte do tempo se sentava de lado, com um sorriso amigável, e deixava o marido fazer todo o trabalho. Quando Alice a conheceu, ela se questionou sobre sua inteligência.

Mas nas poucas ocasiões em que os dois ficaram sozinhos, a Sra. Van Laar demonstrou uma capacidade de conversa que ia além da que demonstrava para o marido. Ela era até espirituosa, à sua maneira.

"É cedo para as folhas começarem a mudar", disse Alice por fim. E Peter disse que sim.

Naquela noite, o marido veio vê-la para lhe dizer que havia tomado uma decisão. A Escola Emily Grange não tinha condições de lidar com Barbara, disse ele. Teriam que transferi-la para outra escola.

Depois de consultar uma amiga por telefone naquela mesma noite, ela saiu do quarto com um anúncio: seria matriculada no ano seguinte na Élan, uma escola no Maine para meninas com problemas de disciplina. Ela a descreveu como " um programa de modificação de comportamento ".

Ele lhe disse que todos passariam o verão juntos na Reserva. E então a menina teria que ir para lá.

"Diga à Bárbara, por favor", disse Peter casualmente. Alice estremeceu.

"Ele não vai gostar nada disso", respondeu ele.

"Isso é irrelevante", disse ele . "O importante é colocá-la no caminho certo. Evitar que ela cometa um erro irreversível. Você consegue imaginar isso...", disse ele, mas parou.

Alice entendeu. Um garoto no quarto de Barbara em Emily Grange insinuou a possibilidade de relações sexuais. E isso insinuou a possibilidade de gravidez.

Antes de se casar com um membro da família Van Laar, ela nunca havia encontrado uma família tão obcecada por sua reputação. Peter lhe explicara isso brevemente uma vez, quando eram mais novos, quando Bear tinha quatro ou cinco anos.

“O setor bancário é uma indústria construída com base na confiança”, disse ele. “Se quisermos que os clientes confiem em nossas decisões sobre seu dinheiro, eles devem confiar em nossos julgamentos sobre tudo.” Essa, disse ele, foi uma das razões pelas quais Pedro, o Primeiro, fundou a Reserva e o Acampamento Emerson; seu interesse pela conservação da natureza era genuíno, mas também egoísta, projetado para aumentar sua reputação na região. Exatamente o mesmo poderia ser dito das amizades que cultivaram ao longo do tempo com pessoas bem relacionadas: interessadas. Previdentes. Os Van Laars calculavam meticulosamente quem deixavam entrar em suas vidas. E eram implacáveis com aqueles que expulsavam.

O problema era que Alice ainda não havia contado a Barbara seus planos para o outono. Ela sempre se interrompia ao imaginar o alvoroço que se seguiria: a fúria da filha, a cena que ela criaria. Ela exalava uma certa violência, uma agressividade intrínseca que via desde o

nascimento. Mesmo além das birras que fizera quando criança, na adolescência parecia viver em constante turbulência, sempre a apenas um mal-entendido de dar um soco.

Então, quando Barbara pediu para passar o verão no Acampamento Emerson, Alice pensou que era apenas mais uma desculpa para adiar o anúncio.

Sua decisão final fora contar-lhe no final do verão. Seria melhor, pensou. Contar-lhe de repente e inesperadamente, e mandá-la para Élan. Talvez pudesse até contar-lhe quando já estivesse no carro, com as malas prontas para Emily

Grange. Quando estivesse em segurança dentro do veículo, com o motorista ao volante.

Eu tinha tudo planejado.

Bárbara, houve uma mudança de planos, ele diria calmamente.

De repente, Alice é tirada de seus pensamentos por um barulho distante.

Ela parece uma menina chorando.

"Alguém mais ouviu isso?" ele pergunta.

Ela se vira para olhar por cima do ombro, mas o guarda designado para cuidar dela sumiu.

JUDYTA

Agosto de 1975: Dia 1

Pela janela da cozinha, Judy observa o idoso Van Laars atravessar o prado em direção à floresta. Ele caminha com passadas rápidas e agressivas; ela segue atrás, esforçando-se para acompanhá-lo, ocasionalmente trotando para acompanhá-lo. Homens assim nunca parecem gostar de verdade de suas esposas, pensa ela. Nem as do clube, nem as daqui. Seu pai, rigoroso como é com os filhos, não só demonstra deferência pela mãe, como quase a idolatra. Certa vez, no vigésimo quinto aniversário de casamento, ele leu para ela um poema terrível que ele mesmo havia escrito, o papel esvoaçando em suas mãos trêmulas; Judy e seus irmãos tiveram que conter o riso.

Ela reúne forças mais uma vez antes de se virar para a sala de estar, onde fica a lareira.

Ainda há vários homens e mulheres reunidos à sua frente, que não devem ser muito mais velhos do que ela. Ela não sabe como eles se encaixam em tudo isso, mas entende que é seu trabalho descobrir. Ela percebe uma atitude inadequadamente despreocupada em todos eles; um comportamento relaxado que é quase ofensivo.

Ele paira por um momento, olhando para o caderno como se visse algo

importante nele.

"Agente", alguém lhe diz em tom de ironia e zombaria.

" Detetive *"* , pensa Judy antes de se virar. Há uma jovem reclinada em um sofá, com os pés apoiados no encosto, olhando em sua direção. Sua cabeça repousa no colo de um rapaz.

Ela parece familiar: uma atriz? Uma cantora? Ela sente como se a tivesse visto na televisão.

"Com qual teoria você está trabalhando?" a garota pergunta.

O jovem em quem ela está apoiada cobre a boca com a mão, como se estivesse reprimindo uma risada.

Judy finge que não ouviu. Ela olha novamente para o caderno.

"Quem é o principal suspeito?", insiste a garota, sentando-se.

"Cale a boca, Polly", diz uma garota diferente, de cabelo cacheado, do outro lado da sala, esfregando os olhos sonolentos.

Polly olha para o jovem ao seu lado.

—Do que você está rindo?

"Do jeito que você disse", ele diz. "Você ficou muito.. *séria!* " Ele se permite o riso que estava escondendo. "Desculpe", diz ele, olhando para Judy. "Eu sei que isso é sério. Só estou de ressaca."

"Estou interessada", diz Polly. "Quero saber."

Ele odeia essas pessoas. E então se lembra de sua criação; sente-se culpado por ter ido tão rápido ao ódio.

Determinada, e surpreendendo a si mesma, ela atravessa a sala sem ignorar ninguém e segue para um corredor do outro lado. Ela quer clarear a mente antes de entrevistar qualquer outra pessoa.

Parte dela reconhece que está caminhando nessa direção, distanciando-se do

grupo que deveria entrevistar, por curiosidade pessoal; ela sempre se perguntou como seriam as casas dos membros do clube de golfe que atende, e esta é ainda mais majestosa, disso ela tem certeza. Apesar de tudo, ela se assegura que, se um colega a flagrar, terá o direito de dizer imediatamente que está procurando mais pessoas para entrevistar.

Há algumas portas abertas no corredor e outras fechadas. Ele se limita às que estão abertas: bate de leve e espia lá dentro.

A maioria está em desordem. Camas desarrumadas e malas abertas com o conteúdo espalhado.

Em uma delas, ele encontra um homem ainda dormindo, roncando alto, aparentemente alheio à agitação lá fora, embora talvez simplesmente não esteja interessado.

Continue. A próxima porta está fechada, mas não tem trinco.

Ela coloca o dedo sobre a porta e a empurra. Lá dentro, sente um leve cheiro de tinta fresca. As paredes são de um rosa claro que faz Judy torcer o nariz.

Há uma mala aberta no chão na frente dela.

Ele dá um passo hesitante, apoiando-se nos calcanhares.

Lá dentro, há pertences femininos negligenciados pela dona: vestidos, anáguas, saltos altos e um biquíni laranja-choque, ainda molhado de uma sessão de natação. Ela, sempre arrumada, reprime a vontade de jogá-lo fora em algum lugar.

Dentro do quarto, é evidente que as paredes foram pintadas às pressas. Uma tentativa rápida dos anfitriões de deixar tudo apresentável antes do início da festa, Judy presume.

Sua mãe teria feito o mesmo.

Uma batida rápida na porta da frente interrompe seus pensamentos. As vozes na sala silenciam.

Ele vai investigar.

LOUISE

Agosto de 1975: Dia 1

Acontece que Annabel tem uma versão diferente.

Sozinha em seu camarim — Denny Hayes se desculpou e disse para ela esperar lá —

Louise não ouve mais o lamento angustiado e ininteligível que pontuou a primeira meia hora. O que ela ouve agora é a risada ocasional de seu companheiro. Ela se acalmou. Ela foi exonerada. Denny Hayes está brincando com seus pais.

Que chorona, pensa Louise. Que delatora.

Não há dúvidas de que Annabel cantou.

Finalmente alguém bate à sua porta.

Denny Hayes entra sem esperar resposta. Ele segura algo que Louise reconhece.

Ele não diz nada. Coloca o saco de lixo de papel pardo na cômoda à esquerda dela.

Então, senta-se em frente a ela, contemplando-a em silêncio.

Louise tira alguns fios de unha do colo.

O cheiro do vômito de Annabel, ainda dentro do saco vazio de batatas fritas, o atinge e o faz engasgar. Ele o esconde.

Por que diabos, ela se pergunta, ela atribuiu àquela garota a tarefa de se livrar daquelas evidências? Por que ela mesma não fez isso?

Denny Hayes pigarreia.

—Encontrei sua bolsa — ele diz.

Louise quase riu.

—É da Annabel.

—Não é isso que ela diz.

Ela demora um instante para processar. Esperava que a outra garota desabasse, confessasse que ambas estavam ausentes na noite anterior, que sua parceira estava festejando quando deveria estar cuidando das meninas. Que estava bêbada e chapada. Que se sentia mal naquela manhã. Nada disso teria surpreendido Louise. Garotas como ela sempre desabam.

O que não era esperado era uma mentira total.

"Annabel nos contou o que você fez ontem à noite", diz Denny.

"O que *eu fiz* ontem à noite?", ele responde. "E você não nos contou o que *ela fez?"*

Ele se levanta, vai até a penteadeira e abre a bolsa. Louise engasga novamente. Denny, por outro lado, permanece impassível. Se o cheiro o incomoda, ele não demonstra nada.

Ele tira da sacola a garrafa de cerveja, a bituca de cigarro e um saquinho menor contendo um pó branco. Uma quantidade considerável.

"Que diabos é isso?", pergunta Louise. Embora ela saiba; claro que ela sabe o que é. Ela namora John Paul há quatro anos. E a substância em questão tem sido objeto de disputa entre eles quase desde o início.

"Você comprou aqui", diz Denny, "ou em Shattuck?"

"Não é meu", ela responde. "Se estava lá, foi a Annabel quem adicionou." Ela está começando a entender que sua parceira não é a garota inocente que ela pensava ser. "Eu nunca usei cocaína na minha vida", diz Louise.

Denny demora um momento para responder.

"Mas você sabe como ele é?" Ela não diz nada. "Aquele advogado que você mencionou..

Você pode ligar para ele?"

Acompanhada por Denny Hayes, Louise sobe lentamente a colina em direção à casa dos donos. Ela sente a estranha sensação de falta de ar: anos correndo longas distâncias morro acima contribuíram para sua baixa frequência cardíaca em repouso e seu comportamento geralmente calmo. Agora, porém, ela respira rapidamente, com as narinas dilatadas e as axilas úmidas.

Quatro anos juntos. Quatro anos da sua vida. O relacionamento deles é importante, ela diz a si mesma. Ela tem o direito de fazer isso. Não é incomum uma mulher pedir ajuda ao noivo em uma emergência.

E é isso que Louise pretende fazer: quando chegar ao topo da colina, ela baterá nas enormes portas duplas da Self-Reliance e pedirá para falar com John Paul McLellan.

O pai dele é advogado.

Quando Denny perguntou para onde estavam indo, Louise não deu detalhes. Disse apenas que um amigo da família estava na casa dos donos.

"Você?" ele disse , cético.

Em frente ao prédio, um pequeno grupo de jovens da idade dela está reunido, conversando em voz baixa. Agora, elas a observam. Observam o uniforme de conselheira.

É Denny quem levanta a aldrava de ferro, forjada em forma de mosca. Ele bate na porta três vezes.

Louise fica atrás dele, com o coração acelerado, ensaiando as primeiras palavras que dirá.

Depois de um momento, uma jovem vestida com uma espécie de camisola de seda abre a porta. Ela é incrivelmente linda e pisca, tentando decidir se é famosa.

Denny também parece atordoado. Ele fica parado ali por um momento, boquiaberto.

"Você precisa de alguma coisa?", pergunta a jovem.

Ele dá um passo para trás teatralmente e faz um gesto pomposo com a mão,

indicando a Louise que ela é a protagonista ali, não ele.

—John Paul está aí? -pergunta-. John Paul McLellan?

A jovem a encara. Louise se mexe; está nervosa. Ela abaixa o short, que sobe pelas pernas.

"Pai ou filho?", pergunta a outra. Ela detecta um sotaque na voz dele. Talvez italiano.

-Filho.

A jovem assente e desaparece por um corredor. Louise fecha os olhos, imagina o que a garota dirá — " Um *conselheiro está* perguntando por você, John Paul ", com um sorriso irônico no rosto — e experimenta um momento de ciúmes instintivo. Apesar de tudo.

Ele percebe que Denny Hayes deu um passo para trás, mantendo uma distância respeitosa.

Ela não se lembra muito do ano ou anos em que namorou a mãe, mas, pensando bem, ela se lembra de uma certa gentileza nele. Ou pelo menos de uma certa ausência de crueldade.

Ela se pergunta se Denny, assim como ela, está se sentindo pequeno agora, diante da fachada majestosa de uma casa onde eles não são bem-vindos.

Agora ele ouve passos: é a jovem, voltando com John Paul. Ele se pergunta o quanto se lembra da noite passada. Em outras ocasiões, após uma briga, ele se mostrava arrependido e conciliador, abstendo-se de beber por um tempo, embora volte a beber com fervor assim que se reencontra com seus amigos da faculdade.

Tomara que esta manhã não seja diferente. Tomara que ele se sinta culpado pela noite passada, não com raiva.

Mas quando os passos no corredor aumentam de intensidade e finalmente param, Louise vê que não é John Paul quem retornou.

Ele é seu pai.

O Sr. McLellan parecia preocupado e pálido, muito diferente da última vez que o vira, mais de um ano antes: daquela vez em que ele estava embriagado, com o rosto rosado e bebendo bebidas fortes em um restaurante escolhido por John Paul. Louise viu claramente, desde o momento em que chegou, que os McLellans não a esperavam. Ela pensara que o propósito do jantar era anunciar o noivado, mas o assunto não havia surgido, e eles discutiram sobre isso no caminho para casa. Naquela outra ocasião, seu pai fora gentil, ou pelo menos mais do que sua esposa e irmã. Ela se lembrava dos McLellans conversando sobre política o tempo todo, um assunto sobre o qual Louise realmente entendia bastante.

E sobre o qual tinha opiniões fortes. Mas ninguém havia pedido sua opinião.

Hoje, diante dela, o homem não demonstra nenhum sinal de reconhecê-la. Seu rosto permanece completamente inexpressivo.

"Sr. McLellan", ele começa. Mas não consegue encontrar as palavras.

"Entre", diz o pai de John Paul, distraído. "Posso ajudar?"

"Não sei se você se lembra de mim", diz Louise. "Eu.. eu conheço John Paul."

Ele olha para ela, com a cabeça ligeiramente inclinada, tentando, sem sucesso, identificá-la. Depois de um momento, sua expressão muda.

"Ai, meu Deus", diz o Sr. McLellan, com a voz baixa o suficiente para que só ela ouvisse.

"Você é o motivo de ela ter ido embora?"

Louise pisca.

— *Ele foi embora?*

Mas o Sr. McLellan ignora seu comentário.

"Você estava com ele?" ele pergunta.

—Mais ou menos. Muito brevemente.

Ele parece impaciente.

"Eis o que eu sei", diz ele. "Quando ele entrou pela porta no meio da noite, estava um caco. Nós estávamos sentados na sala conversando quando ele entrou: o rosto dele estava espancado. O lábio sangrava. Ele disse algo sobre uma garota, que presumo ser você, e saiu cambaleando pelo corredor. Bêbado como um gambá." O Sr. McLellan balança a cabeça, enojado. "Isso aconteceu na frente de todos os nossos *amigos.* E esta manhã ele não estava lá. Não havia sinal dele ou do carro." Ele olha para ela como se esperasse um pedido de desculpas. Quando não vem nenhum, ele continua falando. " Há algo que eu deva saber sobre o que aconteceu ontem à noite? Se sim, você precisa me contar. E rápido."

"Não", diz Louise. "Quer dizer, não exatamente. Nós tivemos uma discussão. Ele. ." Ela faz uma pausa, escolhendo as palavras. Ela quer dizer " me ameaçou . . " . "Ele estava bravo comigo", diz ela. "Meu amigo teve que. . intervir. Foi por isso que John Paul ficou com hematomas."

“Sua amiga”, repete o Sr. McLellan, olhando para ela.

"Não sei para onde ele foi", ela responde. "Vim vê-lo. Para falar com ele. Eu não fazia ideia de que ele não estava aqui."

O homem assente lentamente. Louise vê que seus olhos são muito parecidos com os de John Paul: verde-claros e muito bonitos ao sol. Mas os do Sr. McLellan, esta manhã, estão salpicados de pequenas veias vermelhas, cujo número parece aumentar à medida que a conversa prossegue.

"Você sabe como é tudo isso?", ele pergunta a Louise. Sua voz é baixa e cruel. "Bem, que ela se foi. E você entende como é isso, considerando que Barbara também se foi?"

Ele entende. Aliás, ele pensou a mesma coisa.

Agora Denny está pigarreando alto, querendo ir embora.

O Sr. McLellan se move como se fosse voltar para casa, mas para.

"Você foi preso por alguma coisa?" ele pergunta.

“Sim”, diz Louise.

-Porque?

—Para drogas. Mas elas não são minhas.

Por um momento, ele tem uma esperança passageira de que o Sr. McLellan possa lhe oferecer ajuda jurídica.

Mas o homem simplesmente dá um passo para trás, mergulhando-o nas sombras da casa, como se fosse puxado por uma força invisível.

"Boa sorte", ele diz, virando-se e deixando a porta se fechar atrás dele.

TRACY

Agosto de 1975: Dia 1

A figura desconhecida não fala. Tracy a vê a cerca de dez metros de distância. Sem os óculos, tudo além de seis metros fica embaçado.

"Olá?" ele diz.

Mas a pessoa à sua frente não diz nada. Apenas coloca um dedo nos lábios e gesticula para ela — sinalizando para que a siga — antes de se afastar silenciosamente na direção de onde parece ter vindo.

Seus cabelos prateados brilham na luz fraca que se filtra através da copa das árvores.

Seus movimentos são fantasmagóricos e, por um momento, Tracy se lembra de Mary, a Arrepiante — um dos fantasmas lendários da Reserva —, sempre descrita dessa forma.

Uma mulher de cabelos grisalhos, imóvel na floresta. Os campistas afirmam vê-la apenas à distância; então ela segue seu caminho.

O problema com essa teoria é que essa figura, na opinião de Tracy, anda mais como um homem do que como uma mulher.

A figura se vira para esperá-la. Por um momento, ela pensa em não se mexer. Mas a fome e a sede decidem por ela. Então, ela começa a caminhar atrás do

guia.

Eles caminham por cerca de vinte minutos, com Tracy um pouco atrás, sem saber se a pessoa na frente dela está levando-a para um lugar seguro ou para o perigo.

E então ele vê uma clareira entre as árvores e de repente ele se reorienta.

A figura aponta silenciosamente na direção da Autossuficiência e recua para o matagal.

Ali, em frente a Tracy: uma agitação no prado. Todas as viaturas que cruzaram seu caminho esta manhã, ao sair, estão agora estacionadas em ângulos tortos na grama, junto com quatro SUVs e uma ambulância. Ela se pergunta se, com toda a comoção em torno do desaparecimento de Barbara, sua ausência passou despercebida. Com isso em mente, ela vira para o sul e começa a caminhar em direção ao Acampamento Emerson. Mantém a cabeça baixa e acelera o passo.

Ele está quase chegando ao penhasco que leva ao centro das colônias quando ouve uma mulher gritar:

—Aí está!

A voz parece familiar.

"Bárbara?" alguém pergunta.

"Não", grita a mulher. "Tracy! Tracy voltou."

E de repente, ainda de costas para Autossuficiência, ele percebe por que a voz soa familiar: é a de Donna Romano.

JUDYTA

Agosto de 1975: Dia 1

Judy está parada num canto da sala há cinco minutos, observando um homem de meia-idade conversando baixinho na porta com uma jovem do outro lado. A mulher é baixa e muito bonita, com cabelos longos e escuros repartidos ao meio. Ela veste uma camisa polo do Camp Emerson e encara o homem alto à sua

frente com uma expressão que beira o desespero. Judy não consegue ouvir o que eles estão dizendo.

A moça sai, assim como o homem, e a porta da casa se fecha. Um momento depois, Denny Hayes entra. Seus olhares se encontram, e ele a convida a se aproximar.

"Escute, querida", diz ele quando ela o alcança. "Estou com o monitor da Barbara Van Laar. Vou levá-la para a delegacia em Wells. Ver se consigo arrancar mais alguma coisa dela. Volto em algumas horas." Judy franze a testa. Parece estranho para ela. "Não se preocupe. Você não vai ficar sozinha por muito tempo. Mais uns doze agentes da OIC estão a caminho. Até o capitão de Albany." Ela ergue as sobrancelhas. "A família tem bons contatos, sabia?"

Judy concorda.

"Quem era aquele homem?", ele pergunta. "Aquele na porta."

Denny olha seu caderno em busca do nome.

"John Paul McLellan Sr.", ele diz. "O advogado dos Van Laars. A garota lá fora diz que ele é amigo da família dela."

Denny e Judy se olham por um momento, seus rostos refletindo a improbabilidade da declaração.

—O que os pais disseram?

"Pais?", pergunta Hayes. A pergunta o pegou de surpresa.

"Os Van Laars", ela responde. A última coisa que Denny lhe disse quando se separaram esta manhã foi que ele ficaria responsável pelas entrevistas com os pais no centro comunitário no fim da colina.

"Ah", diz ele, parecendo envergonhado. "Eles voltaram para casa. Queriam esperar pelo Capitão LaRochelle. Acho que devem conhecê-lo." Ele se recompõe e continua: "Se você estiver com fome, o Departamento de Assuntos Ambientais trouxe alguns sanduíches. Estão no jardim."

Ele não está com fome. Mas precisa fazer xixi. Tomou várias xícaras de café na

delegacia esta manhã e está com vontade de ir ao banheiro quase desde que chegaram.

Ela não tem certeza do que o protocolo determina. Eles nunca haviam se deparado com essa situação exata no treinamento: o que fazer se você passa horas e horas em uma casa

particular sem acesso ao exterior? Principalmente se for de alguém rico. Ela não quer pedir nada a essas pessoas. Se fosse homem, faria xixi na mata.

Ele está indo naquela direção quando ouve uma voz:

-Com licença.

Ela se vira. É uma jovem de camisola de seda. Judy a havia notado antes, quando ela estava entrando em casa.

"Você tem um momento?", ele pergunta, e ela consegue ouvir o sotaque em sua voz.

Ele assente e pega seu caderno.

"Quero te contar uma coisa", diz a mulher, olhando por cima do ombro.

"Vá em frente", ele a encoraja.

“Esta manhã”, diz a mulher, “um homem entrou em casa depois de passar a maior parte da noite fora. E parecia que tinha brigado. Seu rosto estava. . horrível. Ele estava sangrando.” Judy anota as frases. “Agora ele se foi”, continua a jovem. “Quando o conselheiro e o outro policial vieram perguntar por ele, fui eu quem abriu a porta. Pediram para eu chamá-lo, mas não consegui encontrá-lo. E procurei por toda a casa.” Ela ergue as sobrancelhas e estende as mãos para a frente, com as palmas para cima, um gesto que Judy interpreta como: “ *Você* me entende? ″.

—Você sabe qual é o nome dele?

"John Paul McLellan", diz a mulher. "Há dois com esse nome. Estou falando do mais novo. O filho. Os que encontrei foram o pai e a irmã dele. Foram eles que me disseram que ele tinha ido embora. E foi o pai dele quem veio falar com o

conselheiro."

Judy assente. Isso concorda com o que Denny lhe disse.

—Você sabe como o conselheiro conhece os McLellans?

-Não.

—Alguma ideia de como o filho ficou com essa cara?

"Não. Ninguém fala sobre isso. Eu acho estranho. E você?" A mulher se aproxima dela.

"Dizem que seu pai é amigo próximo dos Van Laars. Acho que ele trabalha no banco."

Judy olha para ela, tentando decidir o quanto confia nela.

—Os pais da Barbara já viram a cara dela assim? O Sr. e a Sra. Van Laar?

"Não", diz a mulher. "Eles já tinham ido dormir." Ela hesita por um segundo e acrescenta: "Se o tivessem visto, acho que você já teria essa informação."

Judy anota.

"Bem, obrigado", ele diz. "Você tem mais alguma coisa que queira acrescentar?"

"Ele parecia bêbado. Quando chegou em casa, cheirava a álcool. Mas toda essa gente bebe demais", explica a mulher, gesticulando com a mão, abrangendo todos os convidados.

"Ah, e ele dirige um Trans Am azul."

Judy ergue os olhos, surpresa com um comentário tão específico. Ela não percebe o interesse da mulher por carros.

"Como você sabe?" ele pergunta.

A mulher olha para ela calmamente.

—Porque eu estive lá dentro — ele diz.

Ela cora. Olha para baixo e aponta para ele.

—E qual é o seu nome?

"Prefiro não dizer", responde a mulher. "Se possível." Ela olha para baixo. De volta para Judy. "Não conheço bem essas pessoas. Uma amiga minha me disse para vir, uma garota que conheci em Nova York em uma *chamada de elenco para uma peça* . Achei que seria divertido. A paisagem é linda, mas as pessoas são... horríveis. Estou morrendo de vontade de voltar para Los Angeles." Judy concorda. "Ou Roma", acrescenta. "Talvez eu devesse voltar para Roma. Eu tinha um emprego estável lá. Não há muito aqui." Então, como se estivesse se surpreendendo, ela sorri para Judy, que cora sem querer. "Qual é o seu nome, querida?"

"Judyta", ela diz. Não " Detetive Luptack ″ . Não " Judy ″ . E ela não diz do jeito que a maioria dos americanos pronuncia quando precisa dizer seu primeiro nome. Não: ela diz do jeito que a mãe dela faz, e a italiana suspira, como se estivesse ouvindo um poema, e diz que é lindo.

LOUISE

Agosto de 1975: Dia 1

Há uma estação satélite da Polícia Estadual em Wells, Nova York, e é para lá que Denny Hayes leva Louise, entretendo-a ao longo do caminho com sua história de vida, descrevendo os dois filhos que teve com uma mulher que ama. Ele conta a ela sobre seus hobbies e os pequenos problemas que causaram ultimamente: nada sério.

Ele espera, talvez que ela responda. Ou pelo menos que ela dê sinais de tê-lo ouvido.

Louise não faz nenhuma das duas coisas, e Denny finalmente se cala.

A delegacia de polícia de Wells é pequena e austera, um prédio de cimento cuja única decoração é um telefone na parede.

Há um policial estadual sentado à mesa. Fora isso, o prédio parece completamente desocupado.

"Você tem uma moeda?", pergunta Denny. Quando ela nega com a cabeça, ele enfia a mão no bolso e tira uma para dar a ela. Então, aponta para o celular. "Pode falar", diz ele, e se retira para um canto diferente, abaixando a cabeça respeitosamente e fingindo que isso o impedirá de ouvir tudo o que ela diz.

Louise coloca o dedo no dial. Ela hesita. Não quer se virar para a mãe, mas não tem mais ninguém para quem ligar.

Por fim, sem querer, ela liga para o seu lar de infância, fechando os olhos para bloquear as memórias que evoca: ter sido esquecida tantas vezes na casa de amigos; ter ligado da enfermaria, suando de febre, sabendo que ninguém atenderia. Agora, como antes, o telefone toca por muito tempo sem resposta; mas então uma vozinha se faz ouvir do outro lado da linha, pegando Louise desprevenida.

-Olá?

"Jesse?", ela pergunta. "Jesse?". O irmão dela nunca atende o telefone. Ele é tímido a ponto de ser incapaz: uma característica da qual sua mãe reclama sempre que pode. "Jesse, você está bem?"

ele diz , "mamãe está doente".

"Doente como?" ela pergunta.

—Ele está na cama.

"Ela está acordada?", ele quer saber. "Ela está respirando?", Jesse.

Do outro lado da sala, Denny Hayes levanta a cabeça.

"Está tudo bem", ele diz . "Ele só não sai do quarto há dias."

Louise fecha os olhos.

"Você já comeu hoje?", ela pergunta baixinho. Gostaria de ter um pouco de privacidade.

Ela se vira para ficar de costas para Denny. Do outro lado da linha, ouve o irmão respirar fundo: ele está tentando não chorar. Ela o imagina com os cantos da

boca virados para baixo. "Escute", diz Louise, "vá ao Shattuck's. Compre algumas coisas e coloque na minha conta. Não na da mamãe", ele enfatiza. "Na minha."

"Nossa, Lou", diz Jesse, e consegue imaginar seu rosto corando só de pensar nisso. Seu irmão acha quase impensável interagir com qualquer adulto fora da família.

"Faça isso", diz Louise. "Jesse, preciso que você tente. Você não pode passar fome."

Ele hesita. Atrás dela, ela ouve Denny pigarrear.

"O que devo comprar?", pergunta finalmente o menino.

De repente, uma voz diferente: a operadora pedindo mais moedas. Louise não tinha nenhuma.

"Coisas baratas que te saciam", ele diz, com urgência. "Pão e queijo. Aquele queijo que vem num pote. E toda a carne cozida que você encontrar. O que eles tiverem."

"Ok", diz Jesse em meio às lágrimas. "Vou tentar." Eles ficam em silêncio por um momento. Então ele fala novamente: "Louise, por que você está ligando?"

Mas ouve-se um clique na linha — o tempo acabou — e o operador encerra a conversa abruptamente.

Louise fica parada por um momento, com o telefone na mão, reunindo forças para voltar para Denny, que claramente ouviu tudo. Que ele se lembra da mãe dela, que sem dúvida testemunhou os piores momentos da mulher. Talvez ele sinta pena dela, pensa. Se há uma coisa que ela odeia, é a sensação de despertar pena, especialmente de alguém como Denny Hayes, que também é digno de pena de inúmeras maneiras.

E, de fato, quando ela desliga e cria coragem para confrontá-lo, ele a encara com uma expressão sombria, os lábios em linha reta, cheios de simpatia, fingida ou real. Louise retribui o olhar com um olhar desafiador.

"O quê?" ele pergunta.

"Você está bem?", pergunta Denny. Ele está segurando algo. É um copo de plástico com café. Ele oferece a ela. Ela não aceita.

"Claro", diz Louise. "Exceto pelo fato de que estou detida por algo que não fiz. É só nisso que estou errada."

A expressão de Denny endurece.

"Vamos", diz ele, e a acompanha até uma das duas salas dos fundos; ele a faz sentar à mesa e, abruptamente, coloca o café sobre ela. Um pouco de líquido derrama e queima a mão de Louise. Ele explica que outro detetive estará com ela em breve. Ele precisa voltar para a Reserva.

Então ele fecha a porta que os separa e a tranca.

ALICE

Agosto de 1975: Dia 1

Alice se senta ereta, atenta ao barulho novamente. Era a voz de uma menina chorando. Ela não conseguia entender o que ela dizia, mas o tom de sua voz deixava claro que estava angustiada.

Não era Barbara. Ela reconheceria a voz dos dois filhos em qualquer lugar.

Ela não se move. Fecha os olhos, o que às vezes a ajuda a ouvir melhor. Senta-se em sua cadeira Adirondack, atenta à voz novamente.

"Alice." Ela estava esperando o jovem guarda florestal designado para vigiá-la retornar.

Mas não era ele quem estava parado na sua frente agora. Era o marido, olhando para ela com algo próximo ao desprezo. " Por que você está assim ?"

"Ouvi uma menina chorando", ela diz. "Eu estava escutando."

Peter olha para ela, cético.

—Para Bárbara?

—Não. Não foi a Barbara.

"Eles encontraram outra garota", ele admite . "Uma colega de cabine. Aparentemente, ela saiu procurando por ela."

Alice concorda, satisfeita.

—Alguém lhe pediu para comentar desde a última vez que conversamos?

-Não.

-Bom.

Ela cambaleia para fora da cadeira. O assento é tão fundo que ela precisa se balançar várias vezes antes de se levantar. Peter não faz nenhum gesto para ajudá-la. Apenas a encara, impassível.

"O Capitão LaRochelle está vindo de Albany", diz ele. "Meu pai solicitou pessoalmente que ele viesse. Quando ele chegar, nos comunicaremos apenas com ele."

"E ele vai querer falar comigo?", pergunta Alice.

"Não", responde o marido. "Você está muito chateada."

-O que você quer dizer?

"Você está muito chateada. Voltou para a cama." Alice não diz nada. Ela quer um comprimido. "Vamos", diz ele. "Eu te ajudo a chegar em casa."

Dois comprimidos. As palavras do Dr. Lewis ecoam em sua cabeça, como sempre: " Nos dias realmente ruins . "

E o que é hoje ? Bem, é um dia muito ruim.

Ele pensa que tomará dois quando atingir a Autossuficiência.

VISITAS IV

CARL

1961

Quando Carl Stoddard recobrou a consciência, estava deitado na caçamba da caminhonete de Dick Shattuck, olhando para o céu. Abaixo dele, a superfície tremia; acima dele, o mundo passava veloz. Galhos de árvores se fundiam uns aos outros, formando uma vegetação contínua. Ele piscou lentamente, tentando entender como havia chegado ali. E então ouviu a voz de Maryanne.

"Graças a Deus", ele dizia. "Graças a Deus."

Sua esposa olhava para ele de cima para baixo, com o rosto virado para baixo e a cabeça balançando sempre que havia um buraco na estrada.

O Dr. Treadwell, pressionando suavemente seu peito nu com um estetoscópio, disse-lhe que era uma arritmia. Estavam em uma clínica regional, sem equipamento para muito mais do que primeiros socorros e o parto ocasional de um bebê cuja mãe não conseguia chegar a Glens Falls. O homem, já com oitenta anos, conhecia suas limitações, o que o impedia de dar um diagnóstico mais formal do que esse.

"Receio que você tenha que ir ao hospital", disse ele.

Carl olhou para Maryanne. Sabia que ambos estavam pensando a mesma coisa: o pronto-socorro era uma opção muito mais cara do que um médico local. Eles ainda estavam trabalhando para pagar a montanha de contas resultantes do tratamento de Scotty.

"Isso é mesmo uma emergência?", perguntou ele. "Eu não poderia. . eu não poderia ligar e marcar uma consulta com alguém? Não estou com dor."

Na verdade, ele bebia um pouco, mas só quando ficava cansado.

“Carl”, disse Maryanne.

O Dr. Treadwell pigarreou e sentou-se.

"Como profissional, não recomendo que você espere", disse ele. "Mas, *se* você fosse esperar, eu me mexeria o mínimo possível, descansaria na cama e beberia

bastante água.

Evitaria cigarros, café e. .", olhou para Maryanne, "qualquer atividade que aumente sua frequência cardíaca."

Em casa, sua esposa o acompanhou até o quarto no andar de cima. Ela acendeu a luz.

Colocou a mão em suas costas enquanto ele se deitava, ainda sentindo uma dor incômoda no peito.

Assim que se acomodou, sentou-se na beira do colchão. Como sempre, sentiu como se sua esposa estivesse lendo seus pensamentos.

"Está tudo bem", disse ela. "A presença de Carl Stoddard naquela floresta não fará a diferença entre encontrar o garoto e deixá-lo perdido."

Ele desviou o olhar. Olhou para o teto.

"Eu conheço o terreno", ele respondeu.

"Você sabe quem mais conhece o terreno? Melhor até do que você?" Carl assentiu. "Vic Hewitt", disse Maryanne.

"Por que você não volta?", perguntou ele. "Quanto mais gente, melhor."

Ela o examinou.

—E quem vai cuidar de você?

"Estou bem", disse Carl. "O Dr. Treadwell disse isso. Vou descansar. Jeannie vai me ajudar."

" *Nossa* Jeannie?", perguntou Maryanne. "Ou outra pessoa?"

Ele sorriu. A maior parte das provocações que faziam agora consistia em zombar gentilmente das filhas restantes. Era algo mundano, que os lembrava do passado, quando a fragilidade dos corpos das crianças não os incomodava tanto. Maryanne certa vez confessara a ele, após a morte de Scotty, seu medo de não conseguir perder as meninas de vista. Rir delas, mesmo que um pouco, também

servia como um lembrete para tratá-las com indiferença.

Maryanne colocou a mão no rosto dele. Foi o toque mais generoso que ela lhe dera em um ano. Ela afastou o cabelo dele da testa. Carl piscou rapidamente para não chorar.

"Você é um bom homem", disse ela. Ele colocou a mão sobre a dela. Levou-a à boca.

Beijou-a. "Muito bem", disse Maryanne. "Eu vou."

Mais tarde, Carl foi acordado pelos passos da esposa. Eram diferentes dos passos das filhas, que vagavam casualmente pela casa desde que a mãe fora embora.

Ele se apoiou no cotovelo para sentar, avaliando como se sentia e, então, quando nenhuma tontura o atingiu para ameaçar sua estabilidade, ele balançou as pernas na beira da cama e sentou-se lentamente.

"Maryanne?" ele chamou com a voz fraca.

Como não recebeu resposta, arrastou-se até a soleira do seu quarto. A casa — a sua casa

— pertencia à família da sua esposa havia 150 anos. Tinha cômodos estreitos e tetos baixos; fora construída para acomodar apenas a altura insignificante dos seus antepassados. Do outro lado do corredor do andar de cima ficava o sótão onde suas três filhas dormiam; Scotty dormira no andar de baixo, em uma velha varanda que Carl isolara imperfeitamente contra o frio. Os Stoddard quase nunca entravam ali, por menor que fosse a casa.

Foi uma surpresa, portanto, descer as escadas e encontrar Maryanne parada, imóvel, na soleira da porta. Por um momento, ele a contemplou de costas eretas, vestida com suas melhores roupas de domingo, e a viu pressionar as mãos contra o batente da porta, como se estivesse se preparando para uma tempestade.

Carl chamou seu nome em voz baixa para não assustá-la, mas ela ainda deu um pulo.

"O que você está fazendo fora da cama?", perguntou Maryanne. "Você deveria estar deitada."

"Sinto-me melhor", disse ele . Era apenas meia verdade. Na verdade, ele se sentiu tonto ao descer as escadas.

Ele se aproximou dela, e os dois olharam juntos para a varanda fechada. Ainda havia uma cama de solteiro em um dos lados do quarto, mas o resto do espaço estava vazio, com seu conteúdo embalado em caixas e guardado no porão — Maryanne cuidara disso. Sua esposa o incentivara a fazer algo ali, a dar algum uso ao espaço, um instinto que Carl entendeu não ser movido pela frieza, mas pela autopreservação.

"Talvez pudéssemos reabrir", disse ele agora, imaginando que era isso que Maryanne tinha em mente. "Colocar as telas de volta. Seria bom comer aqui no verão."

Mas ela não disse nada.

Carl começou a sentir vontade de se sentar. Ele moveu a perna.

"Como foi o resto do seu dia?", perguntou ele. "Você encontrou alguma coisa?"

Maryanne assentiu.

-O fato é que?

"Carl", ela disse, " você conhece bem aquele garoto?"

Ele franziu a testa.

"Um pouco", respondeu ele. "Ele gostava da natureza. Sempre vinha me perguntar sobre as plantas que estávamos plantando. Uma vez, ensinei-o a fazer uma fogueira."

"Carl", disse Maryanne, "por que você está falando como se eu estivesse morta?"

Ele ficou em silêncio por um momento.

-O que você quer dizer?

"Você disse que ele 'gostava' disso ", ela respondeu, "que ele 'gostava da natureza ' . "

-Não sei.

"Eles encontraram alguma coisa", explicou Maryanne. "A alguns metros do início da trilha, debaixo de uns arbustos. O cão de caça de Ron Shattuck sentiu o cheiro de uma pequena escultura de um urso-cinzento. Igualzinha àquelas que você sabe fazer."

“Uh-huh”, disse Carl.

"Que estranho", ela respondeu. "Você não acha?"

"Nem tanto", respondeu ele. "Eu o ensinei a esculpir uma vez. Urso, quero dizer.

Provavelmente lhe ensinei uma coisa ou duas. Talvez essa tenha sido uma delas."

—E mais alguém sabe?

"Não tenho certeza. Acho que talvez Vic Hewitt saiba. O garoto também andava com ele

." E então se corrigiu: "Ronda."

"Eu os ouvi conversando", disse Maryanne. "Eles estão curiosos. Gostariam de encontrar a pessoa que esculpiu. A polícia denunciou e espalhou a notícia. Foi a única coisa que encontramos em um dia inteiro de buscas. Os cães estão inúteis por causa da chuva. Não há nada. Eles ainda estão procurando, mas. ."

Sua voz sumiu. De repente, ela se afastou da porta do quarto de Scotty, foi até a cozinha e começou a abrir os armários, procurando algo para comer.

"Você quer que eu te ajude?" Carl perguntou.

"Não", disse Maryanne. "Volte para a cama. Você não deveria estar aqui." Ela pensou por um momento e perguntou: " Por que você acha que ele estava com aquilo?"

"Não tenho certeza", ele disse . "Ele deve ter gostado."

—E por que você acha que ele deixou cair?

-Eu não tenho certeza.

Carl subiu a escada um degrau de cada vez, descansando alguns segundos entre cada um.

Com a visão periférica, viu as filhas o encarando em silêncio da mesa de jantar, onde deveriam estar estudando. Ele gesticulou para elas: "Voltem para a lição de casa . "

No patamar superior, ele se permitiu reconhecer por que usara o pretérito perfeito ao falar sobre Bear Van Laar. A verdade era que ele estava pensando em Scotty. Em sua mente, os dois garotos estavam se aproximando.

CARL

1961

Maryanne retornou à busca no dia seguinte e no outro. Todas as noites, ela relatava a Carl os acontecimentos do dia: à medida que a notícia se espalhava, mais e mais pessoas estavam no local. Cem pessoas no segundo dia. Quinhentas no terceiro. Toda a cidade de Shattuck havia interrompido suas atividades diárias para contribuir com a causa: todos os adultos acima da idade escolar e algumas crianças também. O supermercado ficou fechado por dois dias inteiros enquanto os Shattucks e seus funcionários procuravam Bear, o que significava que quem ficasse sem leite, pão ou papel higiênico teria que dirigir meia hora para comprar mais.

Segundo Maryanne, Vic Hewitt estava encarregado das operações naquele momento, enviando grupos menores para cada vez mais longe, em todas as direções, a cada dia.

Mesmo assim, não havia sinal de Bear.

O discurso que ele fazia todas as manhãs, em voz alta, para os presentes, era formal e otimista, dirigido igualmente aos ouvidos dos pais e daqueles que realizavam as caçadas.

O que as outras esposas sussurraram para Maryanne não foi tão sussurrado.

Os cães farejadores, disseram eles, rapidamente perderam o rastro do menino. A cadela de Ron Shattuck, Jennie, foi quem farejou a escultura do urso, a meio caminho entre a casa e o início da trilha; depois, ela passou o resto do dia sem apontar.

O problema tinha sido a chuva torrencial no dia em que a criança desapareceu. " Se não fosse a chuva. .", disseram, mas ninguém terminou a frase.

"Vic está perdendo as esperanças", disse Maryanne na noite do terceiro dia. "Dá para perceber. A postura dele mudou."

Carl assentiu. Àquela altura, era difícil imaginar uma criança da idade de Bear sobrevivendo por muito mais tempo na floresta. Mesmo que conhecesse as técnicas.

"As pessoas especulam?" ele perguntou.

Maryanne hesitou um momento antes de responder.

"Sim", disse ele cautelosamente. "Muitas pessoas acreditam que o menino se perdeu sozinho. Por curiosidade ou raiva, ninguém tem certeza. É impossível saber até onde uma criança da idade e do tamanho dele consegue andar sem perceber que está perdida.

Depois. .", acrescentou, "bem, se ele se machucou, pode ter sucumbido ao frio da noite."

Carl assentiu. Essa também era a teoria dele, ou pelo menos a principal. Ele odiava dizer isso, ou mesmo pensar nisso, mas parecia o resultado mais provável. Só que. .

Maryanne continuou falando:

—Mas, Carl, as pessoas também têm outra teoria.

Ele já sabia qual delas antes mesmo de dizê-la.

"O tamanho", ele disse.

"Não", ela disse. "Não é isso."

"E daí?" ele perguntou.

Maryanne hesitou.

—Há rumores de que você foi a última pessoa a ver Bear vivo.

Carl ficou em silêncio por um momento. Ele assentiu.

— É verdade. Eu o vi quando estava saindo, sentado nos degraus da Self-Reliance.

Amarrando os sapatos.

Ela olhou para ele, piscando.

—Por que diabos você não me contou?

"Tenho mais uma coisa para te contar", disse Carl. Ela cobriu o rosto com as mãos. "Não, Maryanne. Não é isso, pelo amor de Deus." Ele estendeu a mão e pegou a dela. "O Urso tinha medo do avô", disse ele.

-Como você sabe?

Ela contou a ele como a expressão do menino mudou quando ela o ouviu chamá-lo de avô; ela repetiu o que havia dito: " Esse é meu avô. Eu não gosto muito dele . ″ Ela não disse o que pensava diretamente, mas disse.

Então ele começou a chorar.

—O que foi, Maryanne?

"Nada", disse sua esposa.

-Por favor.

Ela limpou o nariz.

"Certo. Estou chorando porque tenho certeza de que você está certa." Seus ombros caíram, sua expressão era desanimada. Sua cabeça estava baixa. "E porque acho que ninguém vai acreditar em você", disse Maryanne.

Nenhum dos dois conseguia dormir. Sua esposa se revirou na cama. Carl permaneceu imóvel, olhando para o teto escuro, sentindo a dor do coração. Ele havia marcado uma consulta para segunda-feira de manhã com um médico em Glens Falls. Até então, sua única tarefa era manter a calma — uma tarefa cada vez mais impossível.

Em dado momento, ouviram alguém batendo na porta da frente. Maryanne sentou-se; o barulho ficou mais alto. Carl não sabia que horas eram. Talvez meia-noite ou uma da tarde.

"Eu deveria abrir", disse ele. Mas quando tentou se sentar, sua visão ficou turva novamente.

"Você fica aqui", disse ela. Foi até o armário e pegou uma espingarda que

pertencera ao pai na prateleira de cima. Carregou-a. E foi em direção à porta.

"Maryanne", sussurrou Carl, sentindo-se inútil. "Quem quer que seja, pode voltar amanhã."

Mas ela o ignorou.

Ele se esforçou para ouvir. A porta da casa estava aberta. Ouviu vozes masculinas murmurando em tom grave. Apoiou-se nos cotovelos, tentando ouvir mais.

Então houve uma pausa seguida de passos na escada — muitos deles — o que significava que Maryanne não voltaria sozinha.

Carl passou as mãos pelo rosto e ao redor da boca. Seu queixo estava áspero por três dias sem se barbear. Ele vestia uma camiseta branca, amarelada no pescoço e nas axilas.

Então sua esposa entrou na sala, seguida por Dick Shattuck, Bob Lewis e Bob Alcott.

Os três homens eram tão grandes que enchiam o quarto de teto baixo. Olhando para eles da cama, ele se sentia como uma criança.

"Carl, esses homens têm algo a lhe dizer", disse Maryanne.

A polícia viria buscá-lo pela manhã. Seus amigos queriam avisá-lo primeiro.

"Não acreditamos que você tenha algo a ver com o desaparecimento do menino", disse Dick Shattuck. "Queremos que você saiba disso. Acho que é por isso que estamos aqui."

Carl colocou a mão no peito.

"O que devo fazer?" Ela ouviu seu tom patético.

"Fuja para as colinas", disse Bob L. "Aqueles caipiras vão te enforcar."

"Bob", disse Shattuck, repreendendo-o.

—Desculpe, Maryanne.

"Não sei, Carl", disse ele, de cabeça baixa. "Gostaria que pudéssemos fazer alguma coisa."

Houve um momento de silêncio na sala.

"Você não tem provas", disse Bob Alcott. Foi a primeira coisa que ele disse. Ele era um homem quieto, professor de história na Escola Central. "Todas as suas provas são circunstanciais. Não seriam aceitas no tribunal."

Carl não tinha certeza do que aquilo significava, mas foi a primeira coisa que ouviu que o confortou.

Eles tiveram uma breve conversa, depois que os homens foram embora, sobre se ela deveria, de fato, desaparecer. Maryanne era a favor; Carl era contra. Seu peito doía mais do que nunca; ele teve que se lembrar conscientemente de não colocar a mão ali, porque toda vez que o fazia, ela parecia prestes a chorar.

Finalmente, às três da manhã, Maryanne colocou os braços em volta dele, segurando-o como uma criança, e ambos adormeceram assim.

Às sete da manhã houve outra batida na porta.

ALICE

1962

Eu queria amar o novo bebê.

Durante todo o trabalho de parto quase excruciante, Alice cantava essas palavras como uma oração: " Eu amarei o novo bebê. Eu amarei o novo bebê . ″

Peter, é claro, não estava lá. Outros pais aguardavam na sala de espera, lendo jornais, mas o marido dela não; ele tinha uma reunião imperdível. Quando o bebê nascesse, eles o levariam do banco, o entregariam, e então ele voltaria ao trabalho, e o bebê seria levado para a ala neonatal. Então Alice finalmente poderia dormir.

Era a única coisa que ela imaginava durante o trabalho de parto: o momento de descanso.

″ Vou adorar o novo bebê ″ , ela pensou.

Não tinha sido assim com Bear. Ela soube que o amaria desde o momento em que sentiu seu primeiro chute. Ela tinha dezoito anos na época e estava casada havia apenas alguns meses. Peter passava o dia fora, e ela não tinha nada para fazer na nova casa. Os primeiros movimentos suaves do bebê pareciam presentes para ela.

Depois de quase dez meses carregando o filho dentro de si como uma pérola, ela o deu à luz, e então ele deixou de ser só dela. Assim que Alice o trouxe para casa, todos começaram a levá -lo embora .

Primeiro, sua mãe, que tirou o bebê dos seus braços assim que ela entrou em casa em Albany. E ordenou que ela subisse para lavar o cabelo.

Em seguida, vieram os Van Laars, e especialmente o pai de Peter, que inspecionou Bear como se fosse gado. Comentou sobre o tamanho de sua cabeça e o comprimento de suas pernas. Declarou ambos satisfatórios. E devolveu o bebê.

Por fim, as duas babás, ideia do marido. Uma para o dia e outra para a noite.

Peter os entrevistou em particular, então Alice só os conheceu no dia em que começaram a trabalhar. A babá diurna, Francine, era uma matrona magra e grisalha que trabalhava com eficiência e discrição, sorria com frequência e cuidava tanto de Alice quanto de Bear, especialmente nos meses seguintes ao parto. Ela gostava muito dela e disse isso a Peter.

A babá da noite, Sharon, por outro lado, era diferente. Tinha cabelos ruivos, era corpulenta e não muito mais velha que ela. Era católica, pensava: ainda morava com os pais.

Costumava mencionar ser a mais velha de dez irmãos e irmãs, com uma espécie de orgulho

na voz que frequentemente se transformava em autoridade quando Alice questionava qualquer coisa que ela dissesse.

A pior parte era que Peter geralmente ficava do lado dele.

"Ele está com frio", disse ela, ouvindo Bear chorando no meio da noite. "Ele está usando um pijama muito fino. A casa está com correntes de ar."

E ele disse:

—A baixa temperatura corporal induz o sono.

"Ele está com fome", disse Alice. "Ele não comeu o suficiente no jantar."

—Se você começar a comer no meio da noite, não vai querer parar.

Sharon ficou com eles por vários anos durante a infância de Bear, indiferente ao fato de sua mãe desaprovar quase todas as suas decisões. Ela cantarolava alegremente para si mesma enquanto o carregava para a cama, e Alice a olhava, desejando segurar o corpinho macio e pequeno do filho envolto em algodão, desejando sentir aquele peso em seus braços.

"Talvez", ela disse uma vez a Peter, "eu pudesse colocar Bear para dormir à noite, e Sharon poderia ser a única a acordar com ele se ele não dormisse bem."

Ele , que estava lendo, olhou para cima, irritado.

"Sério, Alice", ele disse, "por que estamos pagando a ela? Para dormir aqui? Ela deveria nos pagar aluguel."

A melhor parte do seu dia eram as duas horas entre a saída de Sharon pela manhã e a chegada de Francine, e as duas horas no final do dia, quando se trocavam novamente.

Durante essas quatro horas, sem ninguém para observá-la ou corrigi-la, Alice brincava com Bear, ou lia para ele, ou deitava-se na cama com ele, observando-o. Ele era inteligente, pensava ela; isso era o mais importante de tudo. Ele aprendeu a falar cedo e fazia observações sobre o mundo que a impressionavam pela lucidez. Aprendeu a contar rapidamente. Cantava com uma voz doce todas as canções que ela lhe ensinava — Alice gostava de cantar — e às vezes as repetia para Peter quando ela pedia. Ele até sorria nessas ocasiões.

Quando ele chorava, era fácil confortá-lo, disse Sharon. Alice o ouvia chorar à noite —

sempre —, mas o choro nunca durava muito.

No entanto, quando Bear tinha dois anos e já estava falando alguma coisa, ele de repente começou a chorar por ela no meio da noite. " Mamãe " , ele começou.

Na primeira noite em que ela fez isso, ela sentou-se ereta na cama.

"O que houve?" Peter perguntou sonolento.

Do outro lado do corredor, Bear a chamou novamente: "Mãe " .

"Ele nunca faz isso", disse Alice. Ele deu de ombros e se virou.

"Sharon está no quarto com ele", respondeu o marido. "Se houver algum problema, ele nos avisará."

Os gritos logo pararam, mas ela não conseguiu dormir por uma hora. E se ele estivesse ligando para falar sobre algo que Sharon estava fazendo? E se ela a estivesse machucando de alguma forma?

A mesma coisa aconteceu na noite seguinte, e na seguinte. Até que um dia ela o ouviu dizer clara e lamentosamente: " Mãe, você está me ouvindo? ″

Na primeira vez que ele a chamou assim, Alice pulou da cama, com uma urgência que nunca sentira antes. Seu corpo inteiro ardia de vontade de ir até o filho. Atrás dela, Peter a chamou, mas ela não parou.

Ele abriu a porta do quarto de Bear, e a luz do corredor inundou o quarto. Sharon estava deitada de bruços na cama de solteiro no canto do quarto, acordada, mas imóvel. Quando viu Alice, sentou-se. A camisola dela estava puxada até os joelhos. Ela tinha bobes no cabelo.

"Sra. Van Laar, o que a senhora está fazendo?", disse ela, mas já havia chegado ao berço de Bear. Lá estava seu filho, macio e de pijama de algodão, com os braços estendidos em direção à mãe, sorrindo de alegria com a novidade de vê-la à noite. Ela o tirou do berço e o abraçou com força, e seu corpo a recompensou, preenchendo-a com a mesma calma que sempre a acompanhava quando se reencontrava com o filho. "Sra. Van Laar."

" Mãe !", disse Bear, encantado. Ele colocou as duas mãos no rosto da mãe. Ela pressionou a testa contra a dele.

Então ela ouviu outra voz na porta. A de Peter. Furiosa.

"Alice", disse ele. "Como você pôde?"

Ela se virou para ele, ainda segurando a criança.

"Ele me ligou", ele respondeu.

O marido estendeu a mão, com a palma para cima, em direção a Sharon.

"A babá dela está aqui", disse ele. Sharon assentiu uma vez, firme, vitoriosa. "Dê a ela", disse Peter. "Alice." Seu filho a abraçou com mais força. "Alice", ele insistiu.

Ele foi até ela, tirou delicadamente o bebê dos seus braços — Bear imediatamente começou a chorar — e o entregou a Sharon, junto com seus bobes e camisola. Então, pegou-a pelo cotovelo e a levou para fora do quarto.

A criança continuou chorando. Passou dez minutos chorando vigorosamente, gritando por Alice.

Era uma tortura: uma espécie de angústia física que superava quase qualquer dor que ela já sentira. Ela também chorou.

"Ele precisa de mim", disse ele. "Peter, ele está me chamando."

"Coloque um pouco de cera nos ouvidos", ele disse a ela . "Amarre-se a um mastro."

Ela não sabia o que ele estava dizendo. Seu marido frequentemente falava por enigmas ou fazia referências à literatura e à história que ela não entendia. Alice tinha a sensação de que ele estava se gabando disso, ostentando uma cultura que ela não tinha. Ou pelo menos não compartilhava. Durante o dia, nas longas horas entre suas manhãs e suas noites com Bear, ela às vezes tentava se forçar a ler os livros da biblioteca que Peter guardava da faculdade. Mas eles geralmente a entediavam, e então ela saía para caminhadas ou lia romances picantes que encontrava nas lixeiras do lado de fora da biblioteca pública da cidade.

"Mãe?" Bear chamou do outro lado do corredor, uma última vez, parecendo vagamente derrotado; uma última pergunta sem resposta, até que ele finalmente ficou em silêncio.

"Não consigo fazer isso", sussurrou Alice. Ela tinha certeza de que Peter estava dormindo. Ele não se mexia havia minutos.

Mas ele falou:

"Sim, você pode", ele disse.

" Você vai fazer isso *"* , ele queria dizer.

Agora, em trabalho de parto com seu segundo filho, ela estava resistindo à vontade de fazer força.

"Quem me dera poder mantê -la aqui dentro", pensou ele. "Quem me dera poder protegê-la do mundo por só mais um minuto."

Mas a necessidade estava se tornando insuportável e, finalmente, um médico careca entrou, carregando uma máscara, e a colocou em seu rosto sem aviso. Ela se lembrou da mesma coisa que lhe acontecera quando Bear nasceu. Que grosseria, pensou, e de repente ficou sem palavras.

E então ela ouviu uma voz chamando seu nome: não " Alice ″ , mas " Mamãe ″; um grito de angústia que ela imediatamente reconheceu como vindo de seu filho.

O urso estava lá.

Ele estava encurralado, com oito anos, e uma expressão que Alice raramente vira em seu lindo rosto. Ela o viu por cima do ombro da enfermeira e soltou um gritinho.

"Está ali", disse ele. "Está bem ali."

Por que ninguém viu?

"Ele voltou", insistiu. A busca havia terminado.

Ela tentou apontar, mas a enfermeira a segurou.

"Por favor", disse Alice. "Por favor, traga-o aqui. Não quero que ele vá embora de novo."

Agora Bear brilhava como a luz de uma vela.

"Vá com ele", ela implorou. "Por favor, por favor, ele está indo embora."

Ela precisava sair da cama. Precisava ir com ele. Se não fosse rápido, ele iria embora. Ela cambaleou de um lado para o outro.

"Sra. Van Laar", disse o médico. "Sra. Van Laar, por favor, fique quieta."

Usando toda a sua força, ela libertou os tornozelos das mãos dele e se levantou da mesa.

Ela tentava abaixar as pernas até o chão.

No canto, Bear ergueu os braços em sua direção como se fosse um bebê, querendo ser abraçado. Era insuportável — insuportável — que não a deixassem ir com ele.

O médico gritou algo que Alice não entendeu. Ela estava chorando e não conseguia enxergar direito, mas estava quase no canto onde Bear estava. O menino tinha os braços estendidos em sua direção, e ela se lançou em sua

direção. Ela quase o tocava. Quase conseguia sentir sua pele. Ambos tinham as mãos estendidas para se abraçarem.

Alguém a agarrou. Arrastaram-na de costas para a maca. Amarraram seus membros, primeiro com as mãos e depois com cordas.

Agora ela gritava abertamente, com gritos agudos que faziam todo o seu corpo tremer, e a enfermeira colocou a mão em sua testa e disse que estava tudo bem, que seu filho chegaria em breve.

Meu bebê está ali, pensou Alice. No canto. Bem ali.

Ela gritava o nome dele repetidamente: " Urso, Urso!" E o próprio nome se tornou um cântico ou um feitiço, um chamado ao urso que deu ao filho o nome e todos os significados daquele animal. " Luta. Resistência. Domínio. Serenidade. Ferocidade. ″

Se ele dissesse isso muitas vezes, pensou, talvez o mundo o chamasse para ir com ela.

Mas era tarde demais: Bear desapareceu.

Ele a abandonara novamente. O canto onde ele estivera estava vazio.

Eles colocaram a máscara sobre sua boca, dessa vez por um momento mais longo.

E ele adormeceu.

"É uma menina, Sra. Van Laar", disse o médico.

Alice abriu os olhos. Ela os fechou. A luz do teto era forte demais. " Urso ″ , pensou ela, e sentou-se o melhor que pôde, mas ele ainda não estava lá.

"Meu filho", ela disse, mas as palavras saíram roucas.

"Sua filha", corrigiu o médico, trazendo-lhe o bebê. Ela estava enrolada em um cobertor.

Ele o ofereceu a Alice, ansioso, mas os braços dela estavam pesados demais.

"Sra. Van Laar", disse ele; ele era jovem, apesar da entrada de cabelos, e parecia assustado, "a senhora está bem?"

No quarto, havia uma janela que dava para um pátio. Através do vidro, Alice viu uma árvore muito verde balançando seus galhos. Atrás dela, havia outro prédio e, em seguida, o céu.

—Sra . Van Laar?

Uma enfermeira veio e pegou seu braço.

"Isso vai parar o leite dela", disse a mulher. E aplicou uma injeção antes que Alice pudesse responder. Bear nunca havia sido amamentada. Ela tinha uma ideia meio formada de que, com esse outro bebê, gostaria de ter tentado, pelo menos uma vez.

Ela ouviu murmúrios no corredor. A voz de Peter: ele tinha chegado do trabalho.

Um momento depois, ele entrou no quarto, segurando o bebê recém-nascido. Sentou-se na cama com ela. Duas enfermeiras se aproximaram dele, e ele se dirigiu a elas em um tom brusco:

"Um pouco de privacidade, por favor", ele disse a eles, e eles desapareceram.

Então ele se virou para Alice.

"Peter", disse ela com urgência, "eu vi o Urso. Ele estava bem ali." Ela apontou para o canto. Conseguia vê-lo claramente em sua cabeça: alto para a idade e bonito, com cabelo comprido demais e sua camiseta azul favorita. Havia terra sob suas unhas de tanto amar a floresta. Faltava-lhe um dente de leite. "Temos que encontrá-lo. Ele está vivo, Peter. Ele esteve aqui."

Mas ele balançou a cabeça.

—Foi o gás que te deram.

"Não", disse Alice. Ela levantou a voz e sabia que ia chorar. "Eu o vi." Peter balançou a cabeça. "Acho que foi um sinal", acrescentou. "Mesmo que ele não estivesse aqui. Acho que foi um sinal de que ele está vivo."

Ele abaixou o rosto para cobri-lo com as mãos, escondendo-se. Peter odiava chorar.

Da escuridão de seus membros, ela ouviu o marido suspirar. Os gritos viriam em seguida.

Mas o que aconteceu foi que ela sentiu a mão dele em sua bochecha. Ela a segurou.

"Olhem para mim", disse Peter com uma gentileza surpreendente. "Olhem para mim. O

Urso sumiu."

"Você não sabe disso", disse Alice.

Ele levou um momento para responder.

"Temos que viver a vida como se ela tivesse partido, Alice." Ela olhou para o bebê em seus braços, que de repente levantou a mão e depois a abaixou novamente. "Barbara", disse ela lentamente. "Eu gostaria de chamá-la assim."

Isso a pegou de surpresa. Ela tentara tocar no assunto de nomes com o marido duas vezes no último mês. Se fosse menino, ela gostava de Darien: conhecera um menino chamado Darien quando era pequena e o achara muito fofo. Se fosse menina, era Charlotte.

Mas todas as vezes que ela perguntava a ele sobre isso, Peter a ignorava, alegando estar ocupado.

E agora ele estava ali, ao lado dela, sugerindo um nome que Alice nem sequer havia considerado. Ela conhecia várias mulheres que tinham esse nome, todas da idade de Peter.

Era um nome que ela associava mais à geração dele do que à do bebê.

"Se estiver tudo bem para você", acrescentou o marido, conclusivamente.

"Por que Barbara?" Alice perguntou.

"É um nome que sempre gostei", disse Peter. "Acho que soa bem. Barbara Van Laar."

E ela olhou para a filha com tanta ternura que disse que também gostava. Ouvira dizer que era importante deixar o marido se sentir envolvido com as crianças. Que qualquer interesse que ele demonstrasse deveria ser recompensado.

Só mais tarde, quando eles estavam de volta à casa em Albany, depois de uma semana no hospital, Alice encontrou o livro de nomes que havia comprado em uma livraria quando estava grávida de Bear, cujo primeiro nome também havia sido escolhido sem consultá-la.

Ela foi até a seção de nomes de meninas e encontrou a página de Barbara: ″ Da palavra grega *barbaros* ", dizia o livro, "que significa 'estrangeiro', 'selvagem' ou 'estranho'. ″

Alice olhou para cima, assustada. Que terrível, pensou; que absolutamente terrível chamar um bebê de " estranho " .

O livro continua: " Da mesma raiz vem a palavra *bárbaro.* ″ ″ Ele disse em tom de riso.

Alice estremeceu. Será que todo mundo sabia disso sobre o nome Bárbara? Ela frequentemente tinha dificuldade para distinguir o que era de conhecimento comum e o que era considerado obscuro.

Ela fechou o livro com força, resignada. Não ia tocar no assunto com Peter; não podia. O

nome já estava definido e a certidão de nascimento emitida. Ela simplesmente viveria com isso, pensou. Afinal, havia muitas pessoas famosas chamadas Barbara.

ALICE

1962

Nos dois primeiros meses após a chegada de Barbara, as coisas pareciam estar melhorando.

Ter um recém-nascido em casa a distraía da dor, que, àquela altura, já a consumia.

Ela não queria engravidar tão cedo depois do Urso. Foi Peter quem insistiu que tentassem. " Não somos mais tão jovens assim ″ , ele lhe disse.

″ Além disso", ele acrescentou, "isso vai mantê-lo ocupado. "

Mas algo mudou no meio do terceiro mês de Barbara, quando Alice foi acordada no meio da noite pela voz de uma criança chamando-a.

Ela entendeu a ideia de que um bebê da idade de sua filha não conseguiria articular o nome de sua mãe, o nome que Bear lhe dera: " Mamãe " .

Ela se sentou. Ficou sentada, quieta. Ouvindo.

E ele ouviu novamente.

″ Mãe. "

O quarto do bebê estava silencioso e escuro. Ela entrou na ponta dos pés. A nova babá, Lorraine, dormia de um lado. Barbara dormia do outro. Alice escutou por alguns minutos, de camisola no meio do quarto. Mas só havia silêncio.

Ela saiu na ponta dos pés novamente e, quando estava fechando a porta atrás de si, ouviu novamente : " Mãe ″ .

Ele se virou e caminhou em direção ao quarto que fora de Bear. Colocou a mão na maçaneta.

—Alice.

Ele pulou.

No final do corredor estava Peter, franzindo a testa.

"Volte para a cama", ele disse.

Ela repetia isso para si mesma. Ouvia a voz todas as noites. Às vezes, parecia vir do outro lado da janela. Outras vezes, dos andares de baixo. Muitas vezes, do quarto do bebê.

Apesar da babá noturna, ele dormia muito pouco.

Peter percebeu isso e chamou o médico da família: o mesmo velho que tratava os Van Laars desde que seu pai tinha vinte e poucos anos.

O nome dele era Dr. Lewis, e o primeiro comprimido que ele prescreveu para Alice deveria ajudá-la a dormir.

Mas a palavra conseguiu atravessar a mente apesar dos comprimidos e encheu seus sonhos com imagens sombrias e ansiosas. " Mãe, mãe ", chamou a voz.

Ela não conseguia falar com Peter. Nem mesmo com sua família. Todos em sua vida a incentivavam a seguir em frente, a esquecer o passado, presumindo que nunca encontrariam Bear.

Mas para Alice parecia uma tarefa impossível.

Até que tivesse provas do contrário, ela continuou a se permitir imaginar que seu filho ainda existia no mundo, em algum lugar invisível, como um ator nos bastidores que poderia entrar em cena a qualquer momento.

Mais tarde, Alice se perguntaria se era esse pensamento que a impedia de aceitar Barbara completamente. Parte dela temia que Bear — onde quer que estivesse, neste mundo ou no próximo — sentisse uma cisão no coração da mãe e que isso o fizesse desaparecer ou perecer.

Então, todas as noites, antes de cair sob a influência dos comprimidos do Dr. Lewis, ela rezava não para que a voz que ouvia parasse, mas para que ela continuasse a soar repetidamente. Que o Urso, em qualquer forma que assumisse, continuasse a visitá-la pelo resto da vida.

O problema começou quando as visitas ficaram mais longas.

ALICE

1962

Era um lugar agradável e muito discreto.

Essas eram as palavras que todos usavam para descrevê-lo.

Coube aos pais levá-la, provavelmente a pedido do marido e do sogro. Todos permaneceram em silêncio durante as três horas de viagem. Nem o rádio tocou.

Ao imaginar o hospital, Alice pensou em um prédio histórico, um que, na verdade, se assemelhava ao Self-Reliance. No meio da natureza, talvez. Um lugar antigo e lindo onde ela teria tempo para descansar. Mas o prédio, localizado na costa norte de Long Island, era novo, de estilo brutalista, e feito de um cimento amarelado que a chuva escurecia. O terreno era árido e sem árvores. Ocasionalmente, um funcionário uniformizado podia ser visto nos bancos com um paciente de aparência sonolenta.

Talvez tivessem vindo ao lugar errado, pensou Alice. Mas não, a placa dizia: " Instituto Dunwitty ″ . Fundado por um amigo do Dr. Lewis, que o havia recomendado.

No banco da frente, o pai virou a cabeça para a mãe, buscando seu olhar sem sucesso.

Deviam estar vendo a mesma coisa; certamente entenderam que um erro havia sido cometido. Mas a mãe saiu do carro sem dizer uma palavra, e o pai a seguiu um momento depois. Ele então abriu a porta para Alice.

Ela não tinha colega de quarto. Isso era uma bênção, pelo menos. Ela recebera esse privilégio graças à sua ligação familiar com o Dr. Dunwitty. A enfermeira — uma mulher magra e carrancuda, já no final da meia-idade — revelara isso a ela com uma expressão de desaprovação, pigarreando em seguida, como se quisesse limpar a boca do gosto amargo das palavras.

Não eram permitidos livros nem televisão.

As únicas atividades permitidas eram diferentes tipos de quebra-cabeças lógicos: quebra-cabeças, palavras cruzadas, acrósticos. Claramente, devia haver alguma

teoria por trás disso; Alice se perguntou distraidamente qual seria.

O que ela mais odiava naquele lugar era que Bear não a visitava. Na primeira noite, ela rezou para que ele viesse: teria sido bom ter companhia.

Mas os únicos pesadelos que a visitavam eram pesadelos, nos quais ela retornava àqueles terríveis primeiros dias da busca e era frustrada repetidamente por forças ou

pessoas além do seu controle. Quando eram crianças, Delphine os chamava de "sonhos de não chegar no horário ": visões de trens e provas perdidas, engarrafamentos que paravam seu carro antes mesmo de o navio partir. Alice se lembrava deles por toda a vida, mas nenhum comparável aos que tivera na Dunwitty High School.

Passou-se um mês sem receber visitas e sem permissão para fazer telefonemas.

Depois de trinta e cinco dias internada, uma enfermeira entrou em seu quarto e a acompanhou para fora. Alice a seguiu, perplexa, por um corredor muito longo que ela nunca tinha visto antes. No final, havia uma cabine telefônica. A enfermeira lhe deu uma moeda.

Ela olhou fixamente para ela.

"E então?", disse a enfermeira. "Vá em frente."

Mas Alice percebeu que não havia ninguém para quem ela quisesse ligar.

Ele colocou a moeda no telefone. Discou um número que lembrava da infância. Uma voz feminina atendeu.

"A Geraldine está aqui?", perguntou ela. Era o nome de uma amiga de Brearley com quem ela não falava desde que se casou com Peter.

Pausa.

—Posso perguntar quem está ligando para você?

—Eu sou Alice, Sra. DeWitt. Alice Ward.

"Ah, Alice", disse a mulher. "Alice, sinto muito pelo que aconteceu com a sua. ."

Ele desligou o telefone imediatamente.

Depois de uma semana, ele foi informado de que tinha uma visita.

Se soubesse quem ele era, não teria saído do quarto. Mas não perguntou, e foi assim que se viu cara a cara com sua irmã Delphine, cada uma delas parada ao lado de um tabuleiro de xadrez.

Alice se virou para a enfermeira.

"Eu quero ir", disse ele. "Não quero ficar aqui. Gostaria de voltar para o meu quarto, por favor."

Mas a mulher respondeu:

—Vamos, mulher, ela é sua irmã e veio de muito longe para chegar aqui.

Delphine sorriu tensamente, olhando primeiro para a enfermeira e depois para Alice.

"Não vou demorar muito", disse a irmã com sua voz mais majestosa e bombástica. E a enfermeira, obedientemente, praticamente se curvou e saiu do quarto.

Ficaram sentados em silêncio por alguns minutos. A única maneira de sobreviver a isso, pensou Alice, era imaginar-se em um mundo diferente. Então, como fizera quando criança, fechou os olhos, sentou-se bem ereta e deixou o mundo terreno.

″ Você está em frente ao quarto do Urso", pensou ela. "Ele vai acordar logo. E vai chamar você. "

"Alice", disse sua irmã.

″ Mãe ″ , ela pensou.

—Alice, você pode me ouvir?

″ Mãe. "

“Sinto muito”, disse Delphine.

V

ENCONTRADO

JUDYTA

Agosto de 1975: Dia 1

Judy está do lado de fora, com as mãos na cintura, olhando para os carros estacionados ao lado da casa. A maioria são Cadillacs, Oldsmobiles e imponentes Lincolns. Ela tenta imaginar um Trans Am azul entre eles. Teria se destacado.

Dê a volta. Há dois sulcos escuros e acentuados na estrada de terra, indicando que um carro deu marcha ré vigorosamente e entrou na Rota 29.

Ela sabe que as informações que agora tem sobre John Paul McLellan Jr. são importantes. O fato de ele ter chegado tarde em casa; seu rosto machucado; seu desaparecimento esta manhã — tudo isso junto o torna, no mínimo, uma pessoa de interesse. Mas, como detetive júnior , ela não está autorizada a fazer nada sem a aprovação de seu superior.

Ele olha para o relógio, imaginando quando Denny Hayes voltará.

Depois de alguns minutos, ele volta para casa. Enquanto espera pelo parceiro, sabe que precisa continuar se isolando e entrevistando todos que encontra.

Os jovens esguios esparramados nos sofás da sala são as pessoas com quem ela menos quer conversar. Eles parecem estar se alimentando com uvas, como jovens deuses; ou pelo menos é assim que se veem. Apesar de tudo, ela se aproxima deles um por um, pergunta educadamente se querem falar com ela e os leva a um solário vazio que encontrou enquanto inspecionava a casa.

Lá ele faz perguntas padrão: nome, idade, ocupação e local de residência principal, às quais todos, sem exceção, respondem " Manhattan ″ ou " Los Angeles ″ .

A última pessoa que ela entrevista é uma mulher magra e de aparência severa, de

anos. Ela é a única que conta a Judy que está hospedada na casa principal e não em uma das dependências.

Ela se identifica como Marnie McLellan.

Ao ouvir o sobrenome da garota, ele faz uma pausa e permanece imóvel por um momento.

"Profissão?" ele pergunta.

—Proprietário da galeria.

Judy não conhece a palavra. Ela a anota para pesquisar mais tarde.

—Relacionamento com os Van Laars?

-Afilhada.

—Vocês têm um vínculo próximo ?

Marnie McLellan levanta o queixo.

—Extremamente estreito.

Judy paira a caneta sobre o caderno. Ela percebe que terá que agir com cautela.

Ele faz à garota as mesmas perguntas que já fez a todos os outros e recebe respostas semelhantes: ela estava na festa, ficou até tarde, houve muito barulho e muita bebida. Ele conhece bem Barbara; suas famílias se veem com frequência e viajam juntas; mas ele não tem teorias sobre onde a garota possa estar.

—Como você descreveria Barbara?

"Argh, seu miserável", ele diz. "Uma pessoa muito infeliz."

Judy concorda. Ela escreve em seu diário: " Ela não gosta de B. ″

"Em que sentido?" ele pergunta.

— Bem, ela sempre deu trabalho para a família. Eu sei que ela tem tido problemas na escola. Dizem que ela é bem precoce para a idade. E usa roupas e maquiagem que são... —

Marnie faz uma pausa, encontrando a palavra para descrever — horríveis. Toda preta.

Olhos manchados de preto. Espinhos nas orelhas. Terrível, na minha opinião. O produto de uma mente perturbada.

Ninguém havia contado isso a Judy sobre Barbara.

Nota: " B. vestido estranhamente . "

Por fim, ele chega às perguntas que estava escondendo:

—Os outros membros da sua família também estão hospedados aqui?

-Sim.

—Você pode me dar os nomes completos?

-Porque?

"Estou tentando fazer uma lista de todos os convidados. Para não esquecer nada antes do meu chefe voltar", acrescenta Judy. Sorrindo, respeitosa.

Marnie está muito quieta.

"Meu pai", ele diz, "se chama John Paul McLellan. Minha mãe, Nancy McLellan."

Ela olha para ela.

—Profissões?

"Minha mãe é dona de casa", explica ele. "Meu pai é sócio da família Van Laar."

"Banqueiro?", pergunta Judy.

—Advogado. Representa a família e o banco.

Ela acena com a cabeça, escrevendo. E acrescenta com uma calma forçada:

—Você tem irmãos ou irmãs?

—Um irmão, John Paul McLellan Jr.

-Ocupação?

Marnie solta um bufo de escárnio, mas rapidamente se recompõe.

"Nenhum em particular", diz ele. "Ele se formou na faculdade ano passado. Um dia ele vai herdar o banco. Se conseguir se estabelecer."

Judy pensa sobre isso.

—O que te faz pensar isso?

Marnie olha para ela como se ela fosse estúpida.

— Os Van Laars não têm um filho. Tinham, mas não têm mais. Mas nós temos.

"Entendo", diz Judy, apontando para o objeto. "E você sabe onde posso encontrá-los?"

—Para quem?

—Aos outros membros da sua família. Aos seus pais e ao seu irmão.

"Não tenho ideia", responde Marnie após uma pausa.

—Você os viu esta manhã?

A menina hesita por um momento.

"Só meu pai", ele diz. "Mas não sei onde ele está agora."

Cinco minutos depois, Judy sai pela porta da frente da casa, aquela com a aldrava em forma de mosca. Ela olha morro abaixo, em direção ao centro do bairro. Já há evidências demais contra John Paul McLellan Jr. para ignorar.

No jardim, ele vê um policial estadual solitário.

"Com licença", diz Judy, "o Capitão LaRochelle já chegou?" Ele olha para ela, com o rosto inexpressivo . "Sou o Detetive Luptack. Disseram-me que o senhor chegaria em breve. Para falar com a família."

O cara balança a cabeça.

—Não. Tem mais alguns caras da OIC lá embaixo, mas o capitão ainda não chegou.

Judy agradece e volta decidida para a cozinha da Autossuficiência, onde avista um telefone na parede. Olhando por cima do ombro, pega o fone, disca a estação e solicita um mandado de busca: todos os policiais na área devem ser informados por rádio para ficarem atentos a um Trans Am azul.

É importante demais esperar o retorno de Denny Hayes. Se ele cometer um erro de julgamento, lidará com as consequências mais tarde.

Depois de entrevistar todos que encontra na casa, ela volta para fora e fica parada por um momento, encostada na beirada de uma cadeira Adirondack, anotando freneticamente em seu caderno. Ela quer registrar cada palavra e frase exata de que se lembra.

Ele ouve alguém chamando à distância:

-Senhora?

Ele não olha para cima.

"Senhora?", repete a voz, mais próxima desta vez. Ela ouve passos. Ela se vira.

Um agente florestal da Agência Ambiental, na casa dos cinquenta e com barba, aproxima-se dela; seguido de perto por uma garota gigantesca com uma toalha sobre os ombros. Ela deve ser uma cabeça mais alta que Judy. É ainda mais alta que o rapaz, que não é exatamente baixo.

Atrás deles vem um casal: um homem na casa dos cinquenta e uma garota que aparenta ter a mesma idade. Seria ela a irmã da garota?

"Estou procurando alguém da OIC", diz o guarda florestal.

Judy olha para si mesma. Depois, para sua roupa, que a distingue claramente dos agentes do Estado, dos guardas florestais e dos convidados.

"Eu", diz Judy finalmente. "Detetive Luptack."

A garota que o acompanha parece agitada. Ela alcança a fileira de cadeiras Adirondack em frente à casa e se joga em uma delas. Ela apoia os cotovelos nos joelhos.

"Esta é Tracy Jewell", diz ela. "Ela era colega de beliche de Barbara Van Laar. Ela gostaria de lhe contar algumas coisas."

TRACY

Agosto de 1975: Dia 1

Tracy está sentada em uma cadeira de jardim, bebendo um copo d'água e comendo um sanduíche que alguém lhe trouxe. Ao lado dela está uma policial, a primeira que ela conhece ou vê.

Pelo menos, *ela pensa que* sim. Ela não está usando uniforme, apenas um terno. Ela parece jovem, mas o caderno e a caneta lhe dão um certo ar de autoridade.

A mulher espera silenciosamente que Tracy fale.

"O que você disse?" ela pergunta.

—A pessoa que você conheceu na floresta. Pode nos dar mais detalhes?

—Oh, — ele diz. —Bem, não.

—Você sabe se era um homem ou uma mulher?

"Acho que era um homem", diz Tracy. "Mas não tenho certeza. Eu deveria usar óculos, mas não uso." Ela pensa. "Ele tinha cabelos grisalhos", acrescenta.

—E ele disse alguma coisa para você?

Tracy balança a cabeça.

—Ele não falou comigo, apenas acenou. Ele me levou para fora da floresta.

A mulher assente. Ela anota algo apressadamente em seu caderno.

"Eles estão tentando encontrar essa pessoa agora?", ela pergunta. "Os guardas florestais?"

"Acho que sim, provavelmente", diz a mulher.

"Ele queria me ajudar", diz Tracy. "Seja lá quem for."

"Não tenho dúvidas", responde a detetive. "Só queremos conversar com essa pessoa.

Para ver se ela viu alguma coisa que precisamos saber." Ela faz uma pausa. "Tracy, por que você foi para a floresta?"

Ela não diz nada.

—Você quer me explicar?

Tracy dá uma mordida. Mastiga. Bebe água. Ajusta a toalha enrolada no corpo.

Em seguida, quebrando uma promessa que fez a Barbara e cumprindo uma que fez a si mesma, ela conta ao detetive Luptack por que seu parceiro estava indo para a floresta.

"Toda noite?", pergunta a mulher, mantendo o olhar fixo nela. "Barbara ia embora toda noite?"

"Quase todos", diz Tracy. "Exceto uma vez, quando ele se machucou."

—E sempre para a cabine de observação?

—Foi o que eu disse.

—Mas ela nunca te contou quem era o namorado dela.

Ela balança a cabeça.

-Não.

O detetive Luptack concorda.

"Obrigado, Tracy", diz ele. "Você nos ajudou muito. Há mais alguma coisa que você acha que pode ser útil? Ele já te falou alguma coisa sobre o relacionamento dele com a família?"

Ela hesita.

—Você se dava bem com seus pais?

Tracy balança a cabeça.

"Não", ele diz calmamente.

—Alguma ideia do porquê?

—Acho que. . eles eram rigorosos com ela. O pai dela, pelo menos. A mãe dela não se envolvia muito.

O detetive Luptack concorda.

—E você sabe se algo aconteceu recentemente que pode ter assustado Barbara, chateado ou deixado ela furiosa?

Tracy pensa um pouco. Ela está prestes a dizer não — sua amiga nunca reclamou de coisas específicas sobre sua família —, mas então se lembra de algo.

"Sim", ele diz. "Eles pintaram as paredes."

A expressão do detetive Luptack muda.

—Aqui na casa?

—Sim. A mãe dela a fez pintá-los de rosa.

—E por que isso a deixou com raiva ?

"Não sei", diz Tracy. "Talvez ele não tenha gostado da cor."

JUDYTA

Agosto de 1975: Dia 1

Vinte minutos depois, após deixar a menina sob a custódia do casal que Judy decidiu serem o pai de Tracy e a namorada dele, ela está de volta à casa dos Van Laar, parada no corredor do lado de fora do quarto rosa, olhando fixamente para a porta. Ela poderia abri-la, pensa.

Não há ninguém lá dentro. Mas ela não tem certeza das consequências, então fica ali parada por um longo momento, sem fazer nada.

Ele ouve passos no final do corredor.

Uma porta lateral se abre e um homem e uma mulher entram. Ele é alto e elegante, com cabelos escuros com mechas grisalhas. Ela, que entra atrás dele, é tão incrivelmente magra que parece doente.

O homem para e olha para Judy por um instante. Ela está a uns dez metros de distância.

Finalmente, balança a cabeça por um instante, inescrutável, e conduz a mulher a um dos quartos no final do corredor.

Seriam os pais? O Sr. e a Sra. Van Laar?

Quando o homem reaparece, ele está sozinho e sai pela mesma porta sem olhar para ela.

"Judy", alguém diz, fazendo-a pular. É Denny Hayes. "Vamos. Eu estava procurando por você. O capitão acabou de chegar. Ele está prestes a começar uma reunião no centro da colônia. Você pode me contar como foi sua manhã no caminho."

Ele começa a andar e Judy o segue, acelerando o passo para não ficar para trás.

Começa com a coisa mais importante: a colega de beliche de Barbara contou que ela tem um namorado e tem saído escondida todas as noites para visitá-lo na cabana de observação no topo do Monte Hunt.

Ela menciona que estava com raiva porque as paredes do seu quarto estavam pintadas.

Ele então conta a ela o que descobriu sobre John Paul McLellan: seu rosto

ensanguentado, seu retorno tardio, seu desaparecimento e seu Trans Am azul.

Ele deixa por último o fato de já ter expedido um mandado de busca para o carro.

Denny faz uma pausa e se vira para ela, com medo de que ela a repreenda por não ter pedido permissão a um superior. Mas o que ela diz é:

—Judy—seu tom é de surpresa—você fez um ótimo trabalho.

Ela franze a testa. Acha que o tom de surpresa não era necessário, mas poderia ter sido pior.

"Fale durante as instruções do capitão, ok?", diz Denny Hayes, continuando a andar sem esperar por uma resposta.

Judy descobre que o posto de comando foi transferido do vestiário do centro comunitário para a Cabana por ordem de LaRochelle: eles precisarão de acesso constante a um telefone.

Ao redor dele, uma dúzia de detetives estão de pé ou sentados. Metade é do turno B; o restante é do turno C e está chegando para começar seu turno. Judy e Hayes são os últimos a se apresentar quando LaRochelle começa a falar, consultando suas anotações.

"Pessoas de interesse no momento", diz ele. E começa a contá-las nos dedos. "John Paul McLellan Jr. Afilhado da família Van Laar. Chegou em casa ontem à noite com o rosto coberto de sangue e desapareceu esta manhã. Ainda desaparecido. Um mandado de busca foi expedido."

Judy está chocada. Ela ainda não entende como as informações são repassadas dentro da OIC. Ela não tem certeza de como LaRochelle já sabe de tudo isso.

O capitão continua falando:

"Louise Donnadieu. Conselheira de Barbara. Atualmente sob custódia por uma acusação separada, embora eu não tenha certeza de quanto tempo conseguiremos mantê-la presa.

Eu.. " — ele olha para suas anotações — "o Detetive Lowry está seguindo essa

pista." Ele faz uma pausa. "Parece haver uma pessoa não identificada na mata que faz fronteira com a propriedade, de acordo com uma garota chamada Tracy Jewill, colega de beliche de Barbara. Não temos nenhuma descrição dessa pessoa, além do fato de que ela é alta, porque não estava usando óculos. Mas ainda não vimos ninguém. Também não encontramos nenhum vestígio de Barbara na mata que faz fronteira. Os cães sentiram o cheiro dela, mas parecem ter seguido a rota que ela fez em um passeio organizado separado, vários dias atrás." Ele olha para cima. "Então, depois de nove horas de busca, não estamos nem perto de onde deveríamos estar."

Outro detetive intervém:

—Senhor, os pais disseram algo notável?

"Bem, não", diz LaRochelle. "Acabei de ter uma longa conversa com o Sr. Van Laar. Ele descreveu Barbara como uma garota problemática e infeliz. Ele suspeita que ela possa ter fugido. Mas não tem ideia de para onde ela possa ter ido."

—Há motivos para suspeitar dele?

"Não há nenhum que eu saiba no momento", diz LaRechelle. "Mas com certeza ficaremos de olho nele." Ela aponta para um dos detetives que acabou de chegar para começar o turno C. "Isso significa que você vai ficar de olho nos pais à noite."

Há um momento de silêncio. Então, o mesmo detetive que perguntou sobre os pais intervém novamente:

"Senhor", ele diz, "o senhor não vê nada de suspeito no fato de o padre não querer falar com nenhum de nós? Que ele quisesse esperar pelo senhor?"

LaRochelle pensa sobre isso.

"Eu não consideraria isso necessariamente suspeito", diz ele. "Trabalhei em estreita colaboração com eles no caso do seu filho. Pode ser que haja apenas um certo nível de confiança."

Judy não tem muita certeza do que está falando. Mas, como ela é a detetive mais novata da sala, não tem intenção de dizer isso.

"O que mais você tem a me dizer?", pergunta LaRochelle, e Hayes a cutuca.

Ela pigarreia e levanta a mão.

E ele conta o que Tracy Jewell lhe contou: o namorado, as reuniões noturnas na cabana dos escoteiros e as paredes pintadas.

O homem levanta as sobrancelhas.

—Alguém mais ouviu falar de um namorado?

Várias cabeças dizem não para o quarto.

O capitão aponta para um detetive.

"Você. Encontre um guarda florestal. Pergunte a ele se eles já foram à cabana dos escoteiros. Se ele disser que não, mande-os para lá imediatamente." Ele faz uma pausa. "

Sabemos em que escola Barbara Van Laar estudou?"

Um detetive levanta a mão.

—Para Emily Grange. Perto de Latham.

"Você", diz LaRochelle ao detetive. "Vá lá. Peça para eles te darem os números de telefone dos amigos da Barbara. E pergunte se ela tinha namorado." Ele se vira para outro detetive, recém-chegado do turno C, com metade de um sanduíche pendurado na boca.

"Você. Vá até a casa dos Van Laars em Albany. Procure por qualquer coisa relevante no quarto da Barbara. Tire fotos Polaroids se precisar." Ele faz uma pausa. " Alguma pergunta?"

Há um momento de silêncio e, finalmente, uma mão se levanta na beira da sala. É um detetive que Judy nunca tinha visto antes, talvez a pessoa mais velha na sala.

—Vale a pena considerar Jacob Sluiter como suspeito?

Há uma mudança geral na atmosfera da sala. É como um impasse; LaRochelle

parece estar esperando que o detetive se explique, ofereça algum raciocínio ou desculpa.

Mas ele não o faz.

O capitão cruza os braços.

"Suponho que seja possível", diz ele. "Porque ele está à solta. Mas parece menos provável do que outras explicações."

O detetive concorda, embora sua expressão transmita que ele não está totalmente satisfeito.

"Será que é a pessoa desconhecida na floresta?", ele pergunta. "Aquele que levou Tracy Jewell até o acampamento?"

LaRochelle franze a testa.

"Bem, vamos pensar nisso", diz ele. "Um criminoso sexual e assassino condenado vê uma garota sozinha e perdida na floresta. Ele vai levá-la para um lugar seguro? Ou vai aproveitar a oportunidade para fazer o que já fez no passado?"

O detetive sênior não diz nada. Os dois homens se encaram, como se trocassem mensagens silenciosas que os demais presentes não conseguem compreender.

"Não estou descartando essa possibilidade", diz LaRochelle. "Só estou dizendo... se ouvir cascos, não procure uma zebra."

JUDYTA

Agosto de 1975: Dia 1

São quase seis da tarde, o fim do seu primeiro dia na Reserva. Mas Judy não vê sentido nesse cálculo: parece que ela está lá há um ano.

Hayes está dirigindo para o norte, em direção à sede da OIC em Ray Brook. De lá, ele terá que fazer a longa viagem até Schenectady. Quando pensa nisso, sente vontade de chorar.

"Cansada?", pergunta seu companheiro.

-Um pouco.

"Prepare-se", diz Hayes. "Você vai trabalhar dia e noite em um caso como este." Ele abaixa o vidro da janela. Sacude um maço de cigarros e oferece um cigarro para Judy, que recusa. "Você não fuma?"

-Não.

"Muito bem", responde ele. "Estou convencido de que o tabaco matou meu velho. Ele não chamou de câncer, mas garanto que morreu tossindo." Ele dá uma tragada. Vira o rosto para o lado e solta uma baforada de fumaça pela janela aberta. "Eu só fumo no carro. Fiz um pacto comigo mesmo."

Judy ri, apenas para mostrar que está ouvindo.

"Posso te fazer uma pergunta?", pergunta Hayes, e ela fica tensa, esperando algo pessoal.

Vai demorar muito até que ela se sinta confortável o suficiente entre os colegas para revelar qualquer coisa sobre sua família ou seu passado. Mas quando ele continua, descobre que é algo inofensivo. "Por que você se tornou policial?"

Judy examina suas opções de resposta. " Eu queria ajudar as pessoas ″ parece banal. "

Achei que seria interessante ″ é muito vago.

Ela finalmente se surpreende ao dizer a verdade:

—Para *a Patrulha Jovem* — ele diz.

—Por quê … ? —Hayes diz, como se não tivesse ouvido.

"Por causa da *Patrulha Júnior* ", repete Judy. "Era meu programa favorito."

Ele cai na gargalhada. Continua até começar a tossir e jogar o cigarro pela janela.

"Uau", ele diz. "Nunca ouvi falar disso antes." Judy sorri. *"Patrulha juvenil* ",

Hayes repete, rindo sem parar até que haja um silêncio confortável no carro.

E é aí que o rádio ganha vida com um estalo de estática.

Um policial avistou John Paul McLellan dirigindo seu Trans Am azul e o parou. Ele está detido no acostamento da rodovia, cerca de 24 quilômetros ao sul.

Denny Hayes olha para Judy. Ele olha para o relógio.

"Seis horas", ele diz. "Terminamos. Podemos ir para casa." Ele olha para ela. " Você quer ir?"

Ela balança a cabeça.

Hayes atende ao chamado, coloca a luz magnética no teto, gira acima da grama da ilha central e se vira.

Quando chegam, o policial estadual que parou John Paul McLellan o algema. Ele está sentado na grama ao lado do carro. Ele levou vários socos, a julgar pelos lábios inchados e pelo olho roxo.

O homem lhes dá algumas informações: o garoto está obviamente bêbado, ele diz. Aliás, essa foi a primeira coisa que lhe chamou a atenção. Ele o teria parado de qualquer maneira, mesmo que não houvesse um boletim de ocorrência. O teste para álcool deu positivo.

"É tudo seu", diz o policial.

"Fui a um restaurante", diz McLellan do chão.

Presumivelmente, "restaurante " significa bar. Dá para sentir o cheiro de álcool no hálito dele a dois metros de distância. E de maconha.

Hayes abre a porta do passageiro e começa a vasculhar o interior.

"Você não pode fazer isso", diz McLellan. "Eu não autorizei nenhuma busca."

"Infelizmente para você", diz Hayes, com a voz estrangulada e abafada por estar inclinado sobre o interior do carro, "o fato de eu sentir o cheiro de uma substância ilegal dentro do seu veículo me dá o direito de revistá-lo".

Não demora muito para que ele encontre um par de prendedores de bituca de cigarro, duas latas de cerveja Genesee amassadas e o que parece ser resíduo de cocaína no console central. E ele nem chegou ao porta-malas.

Com base nessas evidências e na óbvia intoxicação de McLellan, ele o prende.

Enquanto isso, Judy leva sua carteira de motorista e os documentos do veículo até o carro à paisana e passa a informação por rádio para Ray Brook.

Do banco do motorista, enquanto espera a operadora atender, ela observa McLellan calmamente. Ela o vê fungar o nariz e mover o rosto e a boca de maneiras estranhas. A princípio, ela atribui isso à cocaína; nunca experimentou, mas no ensino médio, viu pessoas usando, especialmente garotos, atletas como ela. Mas quando McLellan levanta o rosto em direção ao sol, Judy vê que ele está chorando.

Hayes vai até o porta-malas e o abre.

O companheiro está de costas para ela. Com as mãos enluvadas, ele está ocupado removendo uma quantidade incrível de objetos do pequeno compartimento, colocando-os cuidadosamente no chão. Taco de golfe. Taco de golfe. Mochila. Livro. Sapato. Livro. Sapato.

Por fim, Hayes pega um saco de papel.

Judy percebe que McLellan não olha para cima. Ele apenas encara o chão.

A sacola que sua parceira manuseia com cuidado tem uma cor estranha. Não se parece com as de papel que ela viu.

E então você vê o porquê: o fundo está mais escuro do que deveria ser.

Sem tirar os olhos de McLellan para se certificar de que ele ainda está sentado, Judy sai do carro e caminha até Hayes, que agora está agachado, espiando dentro da sacola.

Conforme ela se aproxima, ele tira um item após o outro, usando dois dedos enluvados.

Cueca, shorts e camiseta. E tudo parece coberto de sangue.

Judy olha para McLellan, que ainda parece abatido.

Então ela olha para Denny Hayes, que está dizendo algo que ela não consegue ouvir. "

Merda. Merda. "

Seu rosto está branco como papel. Apesar de toda a sua bravura, ele não parece pronto para isso. Judy se lembra de que ele é pai: deixando tudo de lado, ele também tem filhos.

Os três caminham em silêncio a caminho da delegacia, até que Denny fala:

"Você a matou?", ele pergunta, a pergunta ecoando como o estampido de uma arma. Judy ouve o ar se movendo atrás do carro.

Ela olha para McLellan pelo retrovisor. Ela o vê olhando pela janela, com uma expressão inescrutável. Por um momento, ela pensa que ele não vai dizer nada, mas então ele fala:

"Eu invoco meu direito de não me incriminar", diz ele.

E ela acha que ele fala como filho de advogado.

Em Ray Brook, ele é rapidamente processado e colocado em uma cela de detenção. Ele tem direito a um telefonema. Judy não tem dúvidas de quem estará do outro lado da linha.

E de fato: "Pai?" McLellan diz, com a voz trêmula.

Ele então coloca a mão na testa, escondendo o que Judy sabe serem lágrimas de autopiedade.

Nada do que ele diz é uma surpresa: ele está com problemas e precisa de ajuda. Ele precisa que seu pai vá até ele.

Hayes entra na sala.

"Judy", ele diz, "vá para casa".

São oito horas. Ele só chegará a Schenectady depois das dez.

LOUISE

Agosto de 1975: Dia 1

É quase meia-noite. Louise está presa numa cela há dez horas.

Deram-lhe água, mas nada para comer.

Ela se sente tonta. Ela anseia pelo ar livre.

Ele olha para uma xícara de café já frio, que normalmente não beberia, e toma um gole.

Finalmente, alguém bate forte na porta. E alguém a abre sem esperar resposta.

Ele é um homem de cinquenta anos, vestindo um colete de tricô sobre uma gravata marrom. Louise o vê como um professor de literatura inglesa. Ele está segurando uma Coca-Cola. A única indicação de que ele trabalha na polícia é seu distintivo. Ele se senta na frente dela e cruza uma perna sobre a outra.

Louise se prepara. Ela decidiu que vai se ater à verdade: que saiu ontem à noite. Mas Annabel também. E as drogas na bolsa são dela, não dele.

O homem não se apresenta, mas toma um gole de sua Coca-Cola e começa.

Há algo em sua aparência e em seu traje que sugere gentileza, mas seu tom é severo.

"Qual é a sua relação com John Paul McLellan?", pergunta ele, olhando diretamente para ela. Ele não tem um caderno para anotar as respostas dela.

A questão a intriga: não é o assunto que ela esperava discutir.

"Sou a noiva dele", diz Louise automaticamente. "Estamos noivos. Estamos juntos há quatro anos."

"Hum", diz o homem. Ela espera cautelosamente que ele diga mais alguma coisa.

Forçando-se a permanecer em silêncio. "Não é isso que ele diz sobre você."

Louise se remexe um pouco na cadeira. Não pergunte, diz a si mesma; não pergunte, Louise. Mas ela não consegue evitar.

—O que isso significa?

O homem tira um grão de terra debaixo da unha. Ele cheira, e seus óculos escorregam um pouco.

"Ele disse que vocês estavam dormindo juntos", explica o homem. "Sabe, faz um tempo.

E que acabou, mas você ainda é louca por ele."

"Besteira", diz Louise, sem pensar.

—Onde está o anel?

Ela cora. Sempre foi uma questão espinhosa entre eles. Ele diz que quer comprar um vestido bem bonito para ela, mas não vai conseguir até ter um emprego de verdade.

"Não vou usar hoje", diz Louise. "Não vou usar nos acampamentos. É muito caro."

"Olha, eu não sei qual é a verdade", responde o homem. "Foi o que ele me disse. E eu estou te contando."

Ela olha para ele de lado.

"Qual é o seu nome?", ele pergunta. O detetive pisca. "Você sabe o meu nome", ele acrescenta. "Qual é o seu nome?"

—Lowry.

"Eu não deveria estar falando com você, Lowry", ele diz.

—Quem te aconselhou a fazer isso?

Silêncio, Louise lembra a si mesma. Não diga nada.

Os dois ficam sentados em silêncio por um momento. O homem se recosta na

cadeira, com as mãos atrás da cabeça. Ele parece confortável. Olha para cima e para fora, pela janela alta da sala de estar.

Ela tem a impressão de que a roupa do professor é uma farsa. Um truque para convencer suspeitos. Este homem é como todos os outros policiais que ela conheceu.

De repente, o estômago de Louise ronca tão alto que pode ser ouvido por toda a sala.

"Você está com fome", diz o homem. Ele não pergunta, apenas afirma.

Ele se levanta e vai para a sala ao lado. Volta com uma maçã e uma pequena faca.

Descasca-a, corta-a em gomos e entrega-os a ela, um por um. Louise não os recusa.

"Por que você está me questionando sobre João Paulo?" ela pergunta, quando a maçã está quase acabando.

"Você não consegue imaginar?" Ela não diz nada. "Você sabe por que está aqui, né?", pergunta o homem, tentando novamente. Mas Louise continua em silêncio. "Estamos detidos por um crime menor. Estamos agendando uma audiência de fiança agora mesmo.

Provavelmente será amanhã, no mínimo. Mas você está aqui por outro motivo também."

Silêncio. Louise espera. O homem a observa, calculista. Ela não gosta da expressão dele: acha que ele a considera impressionável e crédula, uma camponesa que nunca saiu da região. Se ao menos ela soubesse a verdade. . pensa. Se ao menos ela soubesse os restaurantes que frequentou com John Paul e os filmes que viu. Os livros que leu, tanto por recomendação dele quanto por curiosidade. Eu não sou o que você pensa, ela quer dizer a ele. Mas o aviso de Denny — " Não fale sem um advogado ″ — permanece em sua mente.

O homem se inclina para frente.

"Nós sabemos", ele diz, "que você sabe o que aconteceu com Barbara Van Laar."

Isso a pega desprevenida.

"Não é verdade", responde Louise, sem conseguir se conter. Mas, por algum motivo, as palavras soam falsas até para ela: ríspidas, com um tom lamentoso na entonação.

—Isso também é diferente — diz o homem.

—Diferente de quê?

—Diferente do que seu namorado diz.

ALICE

Agosto de 1975

Foi exatamente para isso que a Autossuficiência foi criada. Às dez da manhã, Alice parou no meio da sala e girou enquanto a casa voltava à vida ao seu redor. Eles não faziam uma festa

— Adeus às Moscas ou qualquer outra — desde o desaparecimento de Bear. Mas Peter decidira que o centenário dela seria um bom momento para retomar a tradição. "É bom para os negócios", disse ele. Ele tinha vários clientes em potencial que queria convidar.

O obstáculo era a quantidade de trabalho envolvida. A maioria dos dormitórios da Self-Reliance estava fechada desde antes de Barbara nascer. Agora, eles estavam abrindo os quartos, removendo as capas de proteção contra poeira dos móveis e abrindo as janelas.

Estavam trazendo flores da floricultura de Albany que as fornecia. Flores silvestres, por ordem de Peter: buquês de flores de oca, estrelas-de-violeta e lírios-cobra, dispostos em vasos por toda a casa e nas mesas de cabeceira de todos os quartos. Seu marido havia estofado novamente o sofá e as cadeiras da sala de estar e comprado móveis novos: agora havia três dúzias de cadeiras Adirondack de fabricação local, dispostas cuidadosamente em semicírculo no gramado com vista para o Lago Joan. As velhas, lascadas e gastas, haviam sido transformadas em lenha por um criado.

Não foi só a casa que mudou. Nas últimas semanas, desde que Barbara partira

para as colônias, Alice começara a cuidar de si mesma, do seu corpo, pela primeira vez em anos. Foi uma mudança bem-vinda. A festa e o planejamento dela haviam despertado uma parte fundamental dela, seu caráter. Ela nunca se descuidara completamente, essa era a verdade; mas deixara de dar a mesma atenção às suas roupas, à sua pele e às suas unhas. Costumava usar um corte chanel volumoso que lhe caía até o pescoço — muito chique, sempre lhe disseram. Mas, desde que Bear desaparecera, ela parara de ir ao seu cabeleireiro habitual, cansada de ter que responder perguntas o tempo todo. Seu cabelo crescera de forma constrangedora. Para esconder o comprimento, ela o prendia em um coque baixo.

Uma semana depois de Barbara partir para o Acampamento Emerson, ela pediu a uma funcionária que a levasse até Albany para visitar o salão. Ela voltou com cabelos longos e lisos, caindo pelas costas, recém-tingidos para esconder os fios grisalhos nas têmporas. Na mão, carregava uma sacola da loja de departamentos Whitney's contendo sete peças novas, incluindo duas minissaias e um biquíni. A vendedora, de aparência improvável, a encorajou: "Você tem um corpo bonito ", disse ela.

Era sábado de manhã — o dia em que a festa deveria começar — e Alice estava parada em frente ao seu armário, tentando escolher o que vestir.

"Sra. Van Laar", alguém disse.

Ela se virou. Era um jovem que ela não reconheceu a princípio. Um dos trabalhadores temporários que Peter havia contratado, ela presumiu. Ou pelo menos ele estava de uniforme.

-O que está acontecendo?

"Tem alguém na porta", disse o menino.

"Convidados?", perguntou Alice, horrorizada. Era impossível, pensou ela. Eram apenas onze da manhã. Os convidados só deveriam chegar no meio da tarde.

"Não tenho certeza", respondeu ele. "É um casal. Eles são..." Ele não queria dizer.

E naquele momento ele ouviu a voz de sua mãe, familiar e assustadora ao mesmo tempo, impaciente e mal-humorada.

Alice piscou, petrificada. Ela não estava nem um pouco preparada para a chegada dele.

"Obrigada", disse ela ao rapaz, que saiu. Relutantemente, ela tirou uma blusa de gola alta e uma minissaia do armário e as vestiu.

"Pelo amor de Deus, Alice", disse sua mãe na sala de estar. Ela a examinou da cabeça aos pés: seu cabelo liso, sua saia curta, suas pernas e pés nus. E, finalmente, declarou: "Você é pele e osso."

Era um insulto e ao mesmo tempo não era.

"Mãe", disse Alice, "você chegou cedo."

"Bem, pensei que você pudesse precisar de ajuda", disse a senhora, examinando a sala e deixando claro o que estava insinuando.

Às vezes, ela se impressionava com a criatividade das críticas da mãe, com a poesia da linguagem que usava para descrever tudo o que parecia errado no mundo ao seu redor.

Uma filha diferente já teria se distanciado da mãe há muito tempo, ou pelo menos decidido rir de tudo. No entanto, mesmo já tendo passado dos quarenta anos, Alice — para sua vergonha — ainda não conseguia prever e se proteger das queixas que emanavam da mãe, uma enxurrada de observações elaboradas para parecer neutras, cada uma mais cortante que a anterior.

"Vá se arrumar", disse a Sra. Ward. "Eu organizo os outros."

Alice congelou. Ela se ordenou a dizer: " Estou pronta . ″

"Obrigada, mãe", foi tudo o que ela finalmente disse. Evitou o olhar do pai. Se o encarasse, arriscaria chorar, pois sabia que ele a observaria com algo próximo da pena. Por que ela estava se deixando abalar? A essa altura da vida. . Peter vinha lhe dizendo isso há anos. Embora, bem, não importasse o que ele dissesse, porque ele era parte do problema.

Alice recuou pelo corredor, agora envergonhada do seu corpo, das suas pernas nuas.

Sentiu o olhar da mãe, ainda ardente.

No quarto, ela abriu a porta do armário e ficou ali por um longo momento, encarando o campo de visão à sua frente, mas sem processá-lo. Havia cores, texturas e roupas de vários comprimentos.

E então, acima do cabideiro, um pedaço diferente de tecido chamou sua atenção e ele estendeu a mão para pegá-lo.

Durante o período em que Alice esteve fora — o único termo usado para descrever sua estadia no Instituto Dunwitty —, o Dr. Lewis aconselhou os outros Van Laars a apagarem todos os vestígios de Bear de sua casa em Albany, e também de Self-Reliance. Então, eles esvaziaram os dois quartos. Pintaram as paredes de branco, uma vez cobertas, para deleite do menino, com papel de parede estampado com mapas-múndi. Levaram suas roupas, brinquedos e livros. Essa era a maneira de ajudar Alice a se recuperar, afirmou o Dr. Lewis.

E na casa dos Van Laar, os conselhos do médico — um amigo de Peter Segundo da época em Yale — eram ordens.

Mas havia uma coisa que Bear tinha em mãos que eles não tinham visto.

Ao nascer, alguém dera a Alice um cobertor de bebê, azul com detalhes em seda em formato de luas e estrelas. Nos primeiros anos, ela quase sempre o carregava consigo. Mas, aos quatro anos, ela ainda o carregava pela casa, e Peter ordenou que o tirassem. E ela obedeceu e o deixou escondido ali, naquela prateleira do armário, embora o menino tivesse passado uma semana chorando por ele toda vez que ia para a cama.

Quando Alice retornou após meses de ausência e descobriu que as coisas de Bear haviam sido descartadas, ela sabia que precisava esconder sua angústia. (Ela preferia estar ali, em uma casa sem ele , do que voltar para aquele outro lugar.) Assim que a deixaram sozinha, no entanto, ela se refugiou em seu quarto e abriu a porta do armário. E lá estava: o cobertor que ela havia escondido do filho tanto tempo atrás.

Agora Alice o levou até o rosto e passou as bordas desfiadas, que Bear tinha o hábito de tocar suavemente com os dedos, em sua bochecha.

Ele decidiu que não trocaria de roupa. Não diria nada à mãe. Simplesmente não

trocaria.

Ela cobriu o rosto com o cobertor. Ficou assim por um tempo, deitada na cama. Desde sua viagem a Albany, não tomava nenhum dos comprimidos do Dr. Lewis. Estava distraída com os preparativos para as festividades. Pela primeira vez, havia algo para fazer, pensou Alice.

Durante todos esses preparativos, não lhe ocorrera ter um dia ruim.

Ele ouviu sua mãe dando ordens em outra parte da casa: " Lá. Lá. Não. Sim. Não. "

Ela estendeu a mão mecanicamente para o criado-mudo, abriu a gaveta e sentiu a curva reconfortante do frasco e o chocalhar igualmente reconfortante dos comprimidos. Colocou um na boca, depois dois, depois três, depois quatro. Mordeu-os e mastigou-os. Depois, cobriu o rosto com o cobertor de Bear. Uma mortalha, pensou, um pano de sepultamento , e riu um pouco consigo mesma.

Ao abrir os olhos, ouviu vozes no quintal. Muitas. Tentou se sentar, mas não conseguiu.

Havia escuridão acima e ao redor dela. Quando criança, evitava tirar sonecas porque acordava sentindo uma espécie de desespero sobrenatural. Bear também: a única hora do dia em que se sentia entorpecido era depois do intervalo da tarde.

E agora ele sentia o mesmo. Apesar do calor da tarde, cobriu-se com os cobertores.

Depois de um minuto ou uma hora ele se levantou.

Depois o criado-mudo, a gaveta e os comprimidos. Mais dois. Três.

Ele caminhou com a mão pressionada contra a parede. Tateou pelo corredor até a cozinha, onde procurou às cegas por um copo no armário e abriu a torneira. Vinha de um poço e tinha um sabor doce e terroso.

Um fio de líquido escapou do canto da boca, e ela passou a mão no queixo para limpá-lo.

E então, com o canto do olho, percebeu um movimento: uma forma humana

hesitante. Ela se virou. A nova cozinheira. A garota da aldeia. Aquela que não tinha nome.

"O quê?" Alice disse.

-Nada.

"Nada, *senhora* ", ela a corrigiu, mas a outra a encarou sem entender.

Os armários. A parede. Os dois degraus que levam à sala de estar. Com cuidado, com cuidado. O encosto do sofá. A lateral da lareira central, agradavelmente áspera.

Ela parou de repente ao chegar às portas de vidro que davam para o jardim. Lá, diante dela, estavam seus convidados. Eram dela também, pensou; não apenas de Peter.

Eles partiram sem ela. Ninguém pensou em acordá-la, nem mesmo o marido. Lá fora, sob o sol, todos levavam os copos aos lábios, jogando a cabeça para trás, rindo.

Ela examinou os convidados em busca de Peter e o viu conversando com os McLellans: marido, mulher, filha e filho; cada um deles horrível à sua maneira, pensou Alice.

Ela fingiu colocar a mão na porta de vidro deslizante, mas descobriu que estava aberta, então empurrou a abertura, fazendo com que uma mulher a três metros de distância gritasse seu nome com alegria — " Alice !" — e parasse.

A multidão, ao ouvir aquela saudação, virou-se… e ficou em silêncio.

Ela estava percebendo uma coisa: talvez estivesse tomando comprimidos demais.

Principalmente depois de uma semana sem tomar nenhum. Depois de um dia sem comer.

Ela levou a mão ao cabelo e o encontrou desgrenhado, com fios grossos caindo na frente das orelhas. Então, tocou nas roupas, na saia curta, e percebeu que estava muito alta acima da cintura.

Seu olhar flutuou para Peter. Ele estava muito longe. Ele estava dizendo algo aos McLellans, algo sobre ela: ela viu sua boca se mover. Seu filho, John Paul Jr., já era um homem. Dizia-se que ele herdaria os negócios da família, e ela podia imaginar perfeitamente: ele já tinha o mesmo ar de todos aqueles homens. Aquele ar de que o mundo lhe devia algo. Devia-lhe tudo.

Em meio à névoa de sua embriaguez, ele teve *um déjà vu:* a sensação de viver uma série específica de cenas pela segunda vez na vida.

Ele levou a mão ao rosto para ter certeza de que estava intacta.

E ele se aposentou.

De volta à casa, em suas sombras, através do corredor que levava ao quarto de Bear, imparável, ela deitou-se na cama que não era mais do filho, onde se enrolou em uma bola de ossos e carne e, várias horas depois, dois hóspedes a encontraram dormindo profundamente.

Ele ouviu novamente as vozes da plateia lá fora, se elevando novamente com alegria.

A festa continuaria sem ela.

LOUISE

Agosto de 1975: Dia 1

Louise está se sentindo mal.

"Eu não acredito", ele diz repetidamente.

"Isso é problema seu", responde a detetive Lowry. Ela sente que ele já disse coisas que não deveria. Mas se tem algo que a deixa furiosa, é ser enganada. Ela passou a vida inteira suportando mentiras sobre ela. Já aconteceu duas vezes: a primeira foi com Annabel, e agora isso. Seu rosto está vermelho de fúria diante de tamanha injustiça. Ela está indignada.

Não consegue ficar calada.

"Você está mentindo", ele diz, com o coração acelerado.

"Não", responde Lowry, com uma espécie de determinação silenciosa que o faz querer estender a mão sobre a mesa e. . " Quando começou? ", pergunta ele.

"Vai se foder", Louise desabafa.

"Tudo bem", ele diz . "Você pode ficar aí sentado mais um pouco. Não preciso ir a lugar nenhum."

John Paul, Lowry lhe contou, foi encontrado com uma sacola com as roupas de Barbara.

Ensanguentadas, acrescentou, sustentando o olhar dela enquanto dizia isso.

O detetive lhe disse que ele não tinha ideia do que havia lá dentro.

Mas ele alegou que Louise havia pedido para ele se livrar dele.

"Sabe o que isso me lembra?", ele disse . "A outra bolsa que você pediu para alguém fazer desaparecer hoje."

Louise o encara com firmeza, o rosto vermelho de fúria. Ela tenta manter a voz calma, mas sem sucesso .

"Escutem", ele diz. "Não tenho nada a ver com nenhuma dessas malas. Eu conhecia as da Annabel. Mas as coisas dentro são dela, não minhas."

Lowry a examina.

"Entendo", ele responde. "Barbara parecia ter muito mais de treze anos."

O estômago de Louise se revira. As pessoas costumavam dizer isso muito, mas sobre ela. .

"Não é verdade", diz ela. E se lembra de usar o presente do indicativo para não cair na armadilha gramatical que supõe que o detetive esteja preparando para ela. "Ela parece uma menina de treze anos usando batom preto. Uma criança."

Lowry concorda.

"Acho que eu também acho", diz ele. "Faz sentido." Ela não morde a isca. "Há quanto tempo você conhece Lee Towson?", ele insiste.

Louise permanece em silêncio. Ela imagina Lee de avental, sorrindo para ela da cozinha do refeitório. Ela se pergunta onde ele estará agora.

"Foi ideia dele, não foi?", pergunta Lowry. "O Lee pediu para você levar a Barbara até ele?"

O absurdo da acusação a enfurece, mas ela finalmente percebe que Denny Hayes estava certo em lhe dizer para contratar um advogado. Que nada do que ela disser agora ajudará.

"Por que estão me mantendo aqui?", pergunta Louise. Sua fome se transformou em náusea. Lowry olha para ela, surpreso. "Eles não podem me manter aqui, podem? Posso ir embora?"

"Não", diz Lowry, balançando a cabeça. "Tecnicamente, você está sendo acusada de posse de substância ilícita."

"Isso também é mentira", ela diz.

— Bem, ainda não sabemos. Tudo o que sabemos é que essa é a acusação contra você.

Então, você vai ficar conosco até que a fiança seja definida para essa acusação.

"Mas não é bem por isso que estou aqui", diz ele. "Você já me disse."

Lowry sorri.

"Eu te contei?", ele pergunta. Ela não responde. "Louise, se você terminou de falar conosco, tudo bem. Você está no seu direito. Mas me escute, vou te dizer uma coisa que acho que pode te ajudar." Ele para e toma um gole de Coca-Cola. Tira um biscoito de aveia com passas, embalado em plástico, do bolso interno do paletó, amolecido pelo calor; tira-o lentamente, molha-o no café e começa a comê-lo. "A pena máxima para posse de substância ilícita é de cinco anos", diz ele, mastigando.

O rosto de Louise empalidece. Em cinco anos, seu irmão Jesse fará dezesseis anos. Ele será quase um adulto. Aí, será tarde demais.

—Mas se você tiver alguma informação sobre o paradeiro de Barbara Van Laar,

qualquer coisa que possa nos ajudar, estaremos em melhor posição para ajudá-lo também.

Louise encara a mesa. Ela tem medo de que as lágrimas que tenta conter escapem se ela olhar para cima. Ela prefere se ver morta ou na cadeia do que ter aquele homem a vendo chorar.

"De qualquer forma, posso ligar agora mesmo", diz Lowry. "E ver se conseguimos agendar a audiência de fiança. Mas. ." — ele olha teatralmente para o relógio de pulso —

"hoje é tarde demais. O magistrado pode não estar disponível até amanhã."

E ele sai da sala.

Louise está sozinha.

Ela permanece em silêncio por um momento, deixando seus ombros processarem o desastre. Seu primeiro sentimento é de horror diante da possibilidade de João Paulo ter feito algo tão maligno. O segundo é medo. De que acreditem nele e não nela.

Uma coisa é certa: João Paulo II sempre teve um lado cruel e vingativo. Louise viu esse lado dele, especialmente em relação a outras pessoas, outras crianças em festas, quando estavam todos bêbados e drogados.

Ele só mostrou esse lado dele para ela em uma ocasião.

LOUISE

Inverno de 1973

Era seu segundo inverno no Garnet Hill Lodge. Era uma segunda-feira, geralmente um dia tranquilo, e o frio intenso havia causado tantos cancelamentos de reservas que o chefe de Louise lhe deu o dia de folga. Então, sozinha e entediada, ela aproveitou a oportunidade para pegar um carro da empresa emprestado e dirigir até a Union College.

Naquele ano, João Paulo viveu em uma casa compartilhada com outros meninos, um dos quais foi abrir a porta quando ouviu batidas.

"John Paul não está aqui", ele disse, parando um momento para examinar o rosto dela.

"Ah", respondeu Louise. Atrás do garoto, veio o barulho de algo que parecia uma festa.

Uma nota grave e monótona continuava tocando: um disco quebrado. Uma garota ria alegremente. Alguém consertou o disco. Um garoto caiu na gargalhada. Ela reconheceu quem era. "Steven", disse ela, "acho que ele está aqui."

Lá dentro, havia cerca de dez pessoas em pé ou sentadas em pequenos grupos, com o Zeppelin tocando ao fundo.

A maioria das pessoas presentes eram garotas que ela não conhecia. Provavelmente calouras. Estavam vestidas com suas roupas de dormir, com os cabelos lavados e escovados. Para onde iriam numa noite tão fria?, Louise se perguntou, até perceber que o destino delas era aquela casa, e que seus moradores eram a razão de terem se arrumado tanto. Com sua parka e chapéu, ela se sentia como um simpático boneco de neve.

Do outro lado da sala, John Paul cambaleava levemente, e seu nível de embriaguez fazia a garganta de Louise apertar. Ele segurava uma cerveja e estava sem camisa, apesar do frio.

Havia um rubor rosado em seus ombros e peito. Ele tinha um porte esguio e bonito, cabelos fartos e dentes muito brancos, e ela geralmente o achava atraente. Mas a maneira mais rápida de tornar um homem atraente feio era dar-lhe bebida demais. Louise tinha pavor de bêbados. Desde cedo, aprendera a ceder a eles, a rir de suas piadas ruins apenas o suficiente para evitar que se sentissem insultados, mas não o suficiente para encorajá-los.

Escondidas sob uma superfície de bom humor estavam sua força e sua crueldade, duas pistolas prontas para disparar.

"Louiiise", disse John Paul ao vê-la. Ele cambaleou pela sala, passou os braços em volta dos ombros dela e se apoiou nela com tanta força que os dois quase caíram.

"Quem são essas pessoas?" ela sussurrou para ele.

"Novos amigos", disse ele com a voz anasalada. "Você vai gostar deles. Vamos."

Mas ele não os apresentou, então Louise acabou sentada em um sofá sem bebida na mão, vestindo uma camisa polo com o emblema do Garnet Hill Lodge, seu maldito uniforme de trabalho e observando as pessoas ao seu redor ficarem cada vez mais bêbadas enquanto a música ficava mais alta e a atmosfera ficava cada vez mais obviamente carregada de sexualidade.

As meninas lhe lembravam algo, alguém, muitas pessoas, até que ela percebeu, com um sobressalto, que elas a lembravam das meninas de quem cuidava no Acampamento Emerson. Não apenas pela aparência e comportamento bem-educados, mas também pela idade: a mais nova parecia ter dezesseis ou dezessete anos. Duas delas começaram a dançar juntas, com um balanço instável, e Louise viu John Paul observando-as. Foi nesse momento que ela decidiu subir para o dormitório sem se despedir de ninguém.

Ele quase nunca fumava tabaco, mas agora via na mesa de cabeceira o maço de cigarros John Paul e um isqueiro prateado com o monograma " JPM " gravado na lateral, então acendeu um e fumou. Gostava da sensação do calor nos pulmões.

Ele guardou o isqueiro no bolso. Queria levar algo para si.

Ela apagou o cigarro e ficou deitada por um longo tempo. Olhou pela janela ao lado da cama e viu que a lua estava quase cheia. Ouviu a música lá embaixo baixar o volume e mudar para algo mais calmo. Não sabia que horas eram.

Ela foi acordada pela porta se abrindo bruscamente. Sentou-se, com as costas bem retas e a mão sobre o coração. Era John Paul, uma sombra na soleira.

Lá embaixo as pessoas ainda conversavam.

"Aonde você foi?", perguntou ele com a voz grave. Louise não sabia dizer se ele estava mais sóbrio ou bêbado do que antes.

"Para a cama", ela respondeu.

"Não fale comigo como se eu fosse idiota", disse ele, uma de suas frases favoritas em qualquer briga. Ele não era idiota e precisava que todos soubessem disso. "Por que você não me avisou que ia embora?"

Louise sentiu a raiva subir-lhe à garganta. Normalmente, ela pensava muito bem em tudo o que dizia a John Paul antes de falar, mas esta noite estava com a guarda baixa.

"Eu não queria atrapalhar você", ele disse.

—O que você disse?

—Pensei que você se divertiria mais sem mim.

Ele fechou a porta atrás de si, deixando o quarto escuro novamente. De repente, Louise não conseguia mais vê-lo . Algo nela despertou o suficiente para deixá-la com medo.

"John Paul", ela disse, e de repente as mãos dele estavam sobre ela, apalpando-a rudemente, puxando suas roupas para tirá-la da cama.

"Com quem você transou?", perguntou ele. Estava falando alto demais. Louise se encolheu. As vozes lá embaixo pararam: estavam ouvindo.

"Xiíista", disse ela, lembrando-se tarde demais de que ser repreendida era uma das coisas que faziam John Paul explodir; mandar ele baixar a voz era pior do que dar um tapa na cara dele. Ela tinha dito isso a ele, literalmente.

"Não me faça calar a boca", ele gritou . "Eu te fiz uma pergunta. Com quem você transou?"

Uma risadinha veio de baixo.

"Ninguém, ninguém", sussurrou Louise com urgência. O aperto de John Paul em sua gola alta ficava cada vez mais forte.

"Tem certeza?", ele disse. "Porque eu sei que você é capaz. Eu já vi isso."

Uma vez, pensou ela. Uma vez. Na primeira semana juntos. Ela estava na Union College havia dois meses. Tão bêbada que mal se lembrava. Tão bêbada que tinha feito algo errado.

"John Paul", disse Louise, "fui para a cama. Estava cansada."

Ele a segurou por mais três segundos, respirando em seu rosto. Então, lentamente , ele a soltou. Baixou os braços e deu um passo cambaleante para trás.

Os olhos de Louise estavam se acostumando à escuridão. A luz do poste lá fora refletiu nos óculos de John Paul. Ele então colocou as mãos na cintura dela e abaixou a cabeça por um instante. Então, empurrou-a e desabou na diagonal na cama, ocupando espaço demais.

Sem deixar espaço para ela.

Louise olhou para ele. Não queria acordá-lo. Não queria provocá-lo novamente. Podia dormir no chão. Ou podia voltar para o frio, entrar no carro da empresa, torcer para que desse partida, torcer para que houvesse um posto de gasolina aberto àquela hora. Podia dirigir até Garnet Hill Lodge. Deixar John Paul para trás para sempre.

Uma pequena chama de raiva queimava em sua barriga.

"Espero que você morra", ele disse, incapaz de se conter.

Agora ele estava em cima dele. Agarrava a blusa dela com a mão esquerda. Com a direita, deu-lhe um soco, dois, enquanto Louise agitava os braços, tentando proteger o rosto. Então, ela chutou. Caiu no chão. Permaneceu em posição fetal, protegendo a cabeça e tentando fazer o mesmo com a barriga. Ele a chutou com força nas costas.

" Não chore", ela disse a si mesma. "Não chore. "

Era um instinto doentio, criado para sacrificar o corpo a serviço do orgulho. Ela não suportava a ideia daquelas garotas lá embaixo, com suas roupas de festa, ouvindo-a apanhar.

Acima dela, John Paul estava ofegante.

"Diga de novo", ele disse.

Louise permaneceu em silêncio.

Ela esperou um longo momento. Revisou mentalmente uma lista de tarefas: as

chaves do carro estavam no criado-mudo ao lado da porta da frente. A bolsa estava no chão, ao lado da cama, mas ela a deixaria lá. Seria muito difícil encontrá-la no escuro.

— Diga " Espero que você morra, João Paulo ″, ele repetiu. Diga.

Louise deixou passar um momento de silêncio e então se jogou aos joelhos de John Paul com toda a força. Ela era menor que ele, mas tinha a dupla vantagem da sobriedade e da gravidade. Ao atingi-lo, derrubou-o com força no chão; ela pulou — a dor no rosto e nas costas ainda não aliviada — e desceu correndo as escadas. Enquanto pegava as chaves na mesa de cabeceira, ouviu os passos de John Paul ecoando escada acima.

Ela percebeu que a observavam da sala de estar. Não se virou. Abriu a porta da frente e quase escorregou na escada gelada, matando-se, mas recuperou o equilíbrio. Entrou no carro da empresa e tentou ligar o motor, uma, duas, três vezes. Era incrivelmente difícil dar a partida quando estava frio.

John Paul saiu de casa e se jogou escada abaixo, e foi o gelo que o salvou. Ao contrário de Louise, ele caiu, com força, e acabou encalhado. Foi então que ele ligou o carro; quando deu ré na rua vazia e escura; então engatou a primeira marcha, depois a segunda, depois a terceira, depois a quarta.

Seu coração ainda disparava. O medidor de combustível indicava um quarto do tanque restante, talvez um pouco mais. Não seria o suficiente para levá-la de volta ao Garnet Hill Lodge, ela sabia disso. E ela havia deixado sua bolsa ao lado da cama de John Paul.

Seus dois olhos estavam inchados, mas o esquerdo era o pior. Ele abaixou o vidro e raspou um pedaço de gelo da parte superior do espelho lateral. Colocou-o sobre um e depois sobre o outro.

Ela tinha um oitavo do tanque restante quando chegou à saída de Shattuck. De lá, o Garnet Hill Lodge ficava a mais meia hora de estrada e mais quarenta e cinco minutos em estradas rurais. Ela poderia ir para casa, entrar sem ser notada e sair de novo antes do amanhecer, torcendo para que nem Jesse nem sua mãe vissem seu rosto machucado. Mas se vissem, pensou ela. . Se Jesse a visse. .

Ele pegou a saída. Não tinha escolha.

E então, enquanto esperava no semáforo no final da saída, ele teve uma ideia.

Eu nunca tinha ido à Reserva Van Laar no inverno. Não fazia ideia se os limpa-neves passavam por lá. Nos Adirondacks, a neve se acumulava rapidamente e raramente derretia, de modo que em março você podia acabar com neve até a cintura. Mas eu sabia que a família passou o Natal lá, e não houve nenhuma queda de neve significativa desde então.

E, de fato, quando chegou, às duas da manhã, encontrou a entrada livre. No final da entrada da garagem, ficava a casa enorme e escura. Não havia sinal de ninguém no terreno.

A lua brilhava intensamente, e a neve a refletia por toda parte. Ele conseguia enxergar claramente, mesmo àquela hora. Saiu do veículo.

Quando ele entrou em Fir, ele não conseguia mais sentir os pés.

Assim que entrou, ele tateou em busca da lanterna que estava parada perto da porta durante todo o verão e ficou satisfeito quando a tocou com os dedos.

Ao passar pelo armazém, ele havia retirado do galpão de lenha na varanda todos os troncos e galhos rachados que conseguiu carregar. Agora, ele se dirigia à lareira desativada em uma das paredes de Fir, um dos poucos vestígios restantes do que outrora fora uma cabana de caça.

Ele iluminou a cena com a lanterna e percebeu que estava bem nítida, então acendeu uma fogueira com o isqueiro que havia roubado de John Paul, rezando para que os galhos pegassem fogo.

Ele arrastou um dos catres e o colocou o mais perto possível da lareira sem se queimar.

Tirou as botas e as meias encharcadas e colocou tudo em frente ao fogo. Em seguida, colocou os pés ali também e os deixou se aquecer. Levantou o colchão fino e flexível de outro catre e o jogou sobre ele.

E ela adormeceu.

E, pela segunda vez naquela noite, alguém a acordou.

“Levante-se”, disse uma voz.

Louise estava desorientada. No calor do fogo, seus olhos estavam quase completamente inchados, e tudo o que ela conseguia distinguir era uma figura segurando um objeto em cada mão. Uma delas parecia uma pistola; um braço estendido a apontava para ela.

“Levante-se”, disse a voz pela segunda vez.

A dor nas costas e nas costelas diminuiu seus movimentos, mas ele finalmente conseguiu se levantar.

A figura abaixou o braço.

"Louise Donnadieu?" ele disse depois de uma pausa.

Então, com o objeto na outra mão — que acabou sendo um extintor de incêndio — ela passou o que pareceu um tempo muito longo borrifando espuma nas chamas da lareira, até que o frio e a escuridão retornaram à cabana e ela começou a tremer novamente.

Em algum momento durante aquele minuto de silêncio, Louise percebeu que a outra pessoa era TJ Hewitt.

"Achei que você fosse esperto o suficiente para não acender uma lareira tão velha", disse a mulher. "Você poderia ter queimado a cabana inteira."

"Eu não sabia que você morava aqui o ano todo", ele respondeu.

"E onde eu iria morar?", disse TJ.

"Acho que pensei que você morasse na cidade", ela disse.

—Em que cidade?

Louise permaneceu em silêncio. A vergonha e o remorso começavam a invadi-la. Este era o emprego que ela mais amava, e agora estava claro que iria perdê-lo.

"Quem fez isso com seu rosto?", perguntou TJ.

Ela não respondeu. Levantou-se e virou-se para o chefe, que mal estava visível

depois que o fogo se apagou.

"Você tem gasolina?" ele disse.

Na cabana do diretor — que Louise agora entendia ser também onde ela morava — TJ

acendera uma lareira de verdade. A luz e as sombras ecoavam nas paredes ao redor. Ele colocara um bife frio em metade do rosto dela e dissera que isso diminuiria o inchaço. Com

o outro olho, o que ela mantinha aberto, Louise contemplava a história daquela cabana: os livros nas prateleiras, romances e guias de instruções; as fotos nas paredes com painéis de madeira, gravuras desbotadas de ursos e pássaros e manhãs tranquilas em lagos plácidos.

Em uma parede, um mapa de todo o Parque Nacional Adirondack. Em outra, um pôster com pegadas de animais.

TJ foi até a pequena cozinha ao lado da sala principal e parou em frente ao fogão, mexendo algo em uma panela. Louise olhou para as costas dela. Naquele ano, ela tinha uma longa trança pendurada sobre o corpo. O resto do corpo era pouco mais largo que a trança, mas ela era forte, não havia dúvida. Ela passava todos os verões com os músculos dos braços e pernas expostos, por cima das meias e por baixo das mangas da camiseta. Louise a vira carregar casualmente uma longa canoa de madeira na cabeça — uma demonstração de força que teria sido difícil até para um homem.

Sim, ela tinha gasolina, TJ lhe dissera, mas era do outro lado da casa dos donos e, francamente, ela estava cansada. Ela daria um lugar para Louise dormir naquela noite, e eles encheriam o tanque pela manhã.

Agora ela voltava com uma tigela de sopa em uma mão e um copo d'água na outra.

Colocou ambos em uma mesa baixa à sua frente. Pegou o bife que estava à sua frente.

Segurou-o descuidadamente, deixando o caldo escorrer, e observou Louise começar a comer e beber.

"O quê?" disse Louise, que não gostava mais de ser observada atentamente em circunstâncias normais, muito menos com o rosto naquele estado.

—Eu queria saber se você precisa ir ao médico.

“Não”, respondeu Louise.

—Você tem ferimentos internos? Ele te chutou?

Ela permaneceu em silêncio, reconhecendo a armadilha. Ela poderia evitá-la . "Quem me chutou?" Mas como ela tinha certeza de que já estava desempregada e não veria TJ

novamente depois disso, ela assentiu.

"Sim", disse ele. "Mas acho que não há nada quebrado por dentro. O que mais dói é o meu rosto."

TJ assentiu. Voltou para a cozinha para guardar o bife. Louise sabia que a diretora gostava de honestidade. Era um dos assuntos sobre os quais ela falava todo verão, quando o acampamento de verão começava: " Honestidade. Integridade. Vigilância . "

"Ele era seu namorado?", perguntou TJ, levantando a voz por cima do ombro dela.

"Sim", ele admitiu.

"Você quer que eu o mate?", disse TJ, e ela sorriu e fez uma careta.

De repente, TJ saiu pelo corredor, e Louise se perguntou se ele iria dormir. Mas, depois de um momento, ele voltou com algo. Uma fotografia grande, sem moldura.

Ele teve que abrir o olho com dois dedos para examiná-lo. Era a foto de um grupo de pessoas em pé no lado Self-Reliance do lago, dispostas em três fileiras. Crianças de várias idades estavam sentadas na primeira fileira; adultos, atrás delas. Elas tinham expressões felizes . O fotógrafo as havia capturado em várias poses enquanto conversavam, riam e se viravam. Apenas algumas sorriam para a câmera.

Louise virou a fotografia. No verso, escrito em tinta preta: " Adeus Moscas, 1961 ".

Ela olhou para TJ, confusa.

Ela sentou-se ao lado dele no sofá. Ele olhou para a foto com ela. Apontou para uma menina alta e magra, de uns doze ou treze anos, parada no final da segunda fileira.

"Sou eu", disse ele. "Na idade que seus campistas têm agora." Apontou para o homem alto ao seu lado, que tinha a mão em seu ombro. "Meu pai."

“Ele parece legal”, disse Louise.

"'Legal' não é a palavra certa", disse TJ. "Mas ele é um bom homem." Então, ela moveu o dedo pela foto até ver um menino de uns dez anos, sentado de pernas cruzadas no chão, na primeira fila. Ele tinha cabelos loiros, um sorriso diabólico e um ombro mais baixo que o outro. "Reconhece-o? ", perguntou ele. Louise achou que ele lhe parecia familiar, mas não conseguia identificar o quê. "Ele é seu namorado", disse TJ.

Ela inclinou a cabeça. Abriu a pálpebra inchada o máximo que pôde. Agora estava lacrimejando. Tentou encontrar um ângulo que lhe permitisse ver a foto com mais clareza.

E, de fato: lá estava John Paul. Ela vira outra foto dele naquela idade, na mesa do seu quarto no Union College. Nela, ele estava com outro garoto. Louise só lhe perguntara sobre ele uma vez, mas ele ignorou. "Um velho amigo ", dissera a ela.

"John Paul McLellan", disse TJ, parecendo estar pensando em algo. Lembrando-se de algo desagradável.

"Como você sabe que ele é meu namorado?", perguntou Louise.

"Como você acha que conseguiu esse emprego?", respondeu o outro.

Isso a silenciou por um momento. Ela não gostava de se imaginar como alguém que usava seus contatos. Tudo o que tinha, ela mesma havia conquistado, até conhecer John Paul.

"Eu sempre o odiei", disse TJ. "Não foi minha decisão contratá-lo. Foi da família."

Ele se levantou abruptamente e voltou pelo corredor. Desta vez, porém, não voltou.

Louise colocou a foto no criado-mudo à sua frente. Ela pensou por um momento.

Depois de um tempo, ele o pegou novamente.

" 1961 *"* , dizia a inscrição no verso: o ano em que o filho de Van Laar desapareceu.

Ele examinou a foto mais de perto. Havia doze pessoas na fileira de trás; quatorze na fileira do meio, incluindo TJ e seu pai, um pouco afastados; e dez na fileira de crianças sentadas no chão. Ao lado de John Paul estava uma garota que devia ser sua irmã, Marnie, franzindo a testa, chateada com alguma coisa — a mesma expressão que ela tinha quando Louise veio jantar.

Mas do outro lado dele havia algo mais interessante: um menino um pouco mais novo que John Paul. Cerca de oito anos. Ele sorria de orelha a orelha, com os braços erguidos.

Uma mulher na fileira atrás dele — sua mãe, presumiu — segurava suas mãos e sorria para ele, com a cabeça baixa em sua direção.

E de repente Louise reconheceu isso em um duplo sentido.

Era o garoto na foto que John Paul tinha em sua mesa. " Um velho amigo " , ele disse a ela, recusando-se a dizer mais.

E lá estava Bear Van Laar, o filho desaparecido da família, o tema de todas aquelas histórias sussurradas no Acampamento Emerson. Eu nunca tinha visto uma foto dele.

O fogo atrás dele crepitava alto, assustando-o.

De manhã, ele acordou e a foto havia sumido; sua anfitriã lhe ofereceu o telefone.

"Que horas são?" Louise perguntou.

—Dez e meia. Você dormiu bem.

"Merda", ele disse. "Merda."

Eu precisava estar de volta ao Garnet Hill Lodge ao meio-dia. O carro do hotel ainda estava. . sem gasolina.

Ele se levantou de um pulo, estremecendo de dor. Tateou em busca das botas.

“Louise”, disse TJ calmamente, “pense por um momento”.

"Preciso ir", declarou ele. "Preciso trabalhar."

—O que você vai dizer a eles quando virem seu rosto desse jeito?

Ela fez uma pausa.

—Eu estava esquiando à noite. E bati em uma árvore.

"Bem, eles não vão deixar você trabalhar assim", disse TJ. "E você também não deve dirigir de olhos fechados. Então é melhor ligar e dar uma desculpa do que ir pessoalmente e entregar a informação."

Louise nunca havia faltado ao trabalho. Era algo de que se orgulhava. E sentia que era uma das qualidades que TJ apreciava nela. Um dos motivos pelos quais ele gostava dela.

"Vá em frente", disse a mulher. "Eu lhe dou permissão."

Eles foram interrompidos por uma tosse repentina vinda do final do corredor, alta o suficiente para fazer Louise pular.

"Ah", disse TJ, "é meu pai. Eu deveria ter te contado que ele estava aqui."

"Ele mora com você?", ela perguntou. No verão passado, ela soube que o ex-diretor ainda estava vivo, embora demitido; mas ela nunca o vira no acampamento de verão.

—Sim —disse TJ

Louise pensou sobre isso.

—Se você sair e eu ficar aqui, ele vai precisar de alguma coisa de mim?

"Não", respondeu TJ. "Temos um sistema que funciona muito bem. Venho algumas vezes por dia para ver como ele está. Caso contrário, ele pode ficar sozinho. Não precisa de muita coisa." Louise não disse nada. "Você parece assustado", acrescentou ela, sorrindo. "Ele é tímido, mas não morde."

Louise ficou na casa de TJ por uma semana. Como só se importava com o pai no quarto dele

— levando-lhe comida macia em uma bandeja e voltando vinte minutos depois com uma tigela vazia —, Louise só encontrou Vic Hewitt algumas vezes. Na primeira vez, ao sair do banheiro depois do banho, encontrou TJ carregando o pai para fora do quarto. Ela

caminhava atrás do velho, segurando-o com delicadeza, com os braços sob suas axilas e as mãos firmemente cruzadas sobre seu peito.

Louise engasgou e disse:

—Desculpe, desculpe.

Havia algo tão íntimo naquele momento que ele se sentiu culpado só de olhar. Ele abaixou a cabeça.

"Está tudo bem", disse TJ. "Mas sai da frente para eu poder colocar aí."

E Louise voltou para o outro quarto para deixá-los passar.

Ele mal viu o rosto de Vic.

A primeira vez foi acidental; a segunda, intencional. Certa manhã, depois que TJ saiu, ela ficou observando-a pela janela até que ela tivesse caminhado cem metros e se tornado apenas uma silhueta escura contra a neve. Então, ficou imóvel: achou ter ouvido vozes no corredor, no quarto de Vic Hewitt.

Ela avançou pelo corredor, prendendo a respiração e pisando cada vez mais silenciosamente. O Sr. Hewitt havia fechado a porta, mas destrancada. Louise

viu uma pequena fresta e aproximou o rosto; então, empurrou com os dedos, bem devagar, até conseguir ver o interior .

Vic Hewitt estava deitado sobre os cobertores, vestindo calças de veludo cotelê e um suéter, com os pés longos descalços. Ele era terrivelmente magro, nada parecido com a figura alta e corpulenta que TJ havia apontado na fotografia em preto e branco do início dos anos 1980. Ele olhava para o teto, piscando.

Louise percebeu que as vozes que ouvira vinham de um grande rádio que o homem segurava à direita da cabeça. Um locutor transmitiu um slogan que ela reconheceu imediatamente: " WNBZ, transmitindo do Lago Saranac ″ . Era a única estação de rádio que chegava à cidade de Shattuck.

Ele abriu a porta alguns dedos mais, tentando ouvir as notícias, quando de repente o Sr.

Hewitt falou:

"Olá", ele disse, embora não tivesse virado a cabeça.

"Olá", ela respondeu. Ela não achou que ele fosse ouvi-la.

-Quem é você?

"Louise", disse ela. Silêncio. "Precisa de alguma coisa? ", perguntou ela. Mas o homem não disse mais nada, e Louise foi embora.

Todos os dias, quando TJ saía, lia os livros nas estantes; muitos eram manuais e guias de instruções, mas outros eram clássicos da literatura americana e britânica, os livros típicos que Louise recebera durante seu único ano de faculdade. Ela lia *Walden* por puro tédio e achava Thoreau irritante: seu narcisismo, seu tom superior, o fato de dar conselhos tão óbvios que chegavam a ser insultuosos. Ele era um homem rico que jogava, pensou Louise.

Havia pessoas pobres que eram muito mais capazes e autossuficientes do que ele; ele simplesmente tinha a graça e a discrição de não se gabar disso.

"Você leu isso?" ela perguntou a TJ quando chegou; quando ela assentiu, ela expressou esses sentimentos em voz alta.

TJ estava abrindo armários de cozinha, tirando panelas e frigideiras.

"Vamos lá", disse TJ. "Não é tão ruim quanto você diz, mulher." Mas ele disse isso com um sorriso, e ela se convenceu de que ele concordava.

À noite, jogavam cartas — principalmente Rummy 500 — em silêncio, até que Louise se sentisse à vontade e inquieta o suficiente para fazer perguntas a TJ sobre sua vida. Algumas ele respondia prontamente; outras, evitava. As coisas sobre as quais ele não queria falar eram os Van Laars, os filhos dos Van Laars e os convidados que vinham visitá-los. As coisas sobre as quais ele falava livremente eram a administração do Acampamento Emerson, sua paixão pela pesca e caça, reparos e manutenção de edifícios, cronogramas de plantio e, acima de tudo, seu pai. TJ gostava de falar longamente sobre Vic Hewitt. Ele contava histórias que ilustravam sua sagacidade, sua perícia e seu discreto senso de humor.

De todas as histórias que ele lhe contava, as sobre o pai eram as que mais se assemelhavam a revelações sobre os Van Laars, pois frequentemente mostravam Vic corrigindo ou impedindo algum ato de má administração na propriedade. Mas Louise notou que ele nunca mencionava nomes; na verdade, TJ parecia preferir fingir que eles não existiam.

Todas as noites, TJ bebia exatamente um quarto de um copo de uísque de centeio. Ele sempre oferecia. Nas três primeiras noites, ele recusou, pois ainda estava um pouco tonto.

Mas na quarta, ele aceitou.

Uma coisa que eu admirava no TJ era sua moderação na hora de beber. Sempre o mesmo copo pequeno e nem uma gota a mais.

Ela foi incentivada a adotar esse hábito. No futuro, quando tivesse sua própria casa e se tornasse mãe, se um dia fosse, se bebesse, seria assim.

Na noite em que Louise finalmente pegou o copo de uísque, a bebida soltou sua língua e a fez falar livremente, entrando em um território que ela sempre evitou.

"Você tem namorado?", ela perguntou a TJ, que riu para o copo e disse que não. "Você é inteligente", disse ele. "Nunca tenha um."

"Não vou tolerar", respondeu a outra. "Prometo." E traçou uma pequena cruz no peito com o dedo. Louise percebeu que TJ a achava engraçada, intencionalmente ou não. Isso a fazia querer fazer uma palhaçada, provocar... uma parte dela que quase havia morrido. Com John Paul, ela sempre tinha que bancar a mulher séria.

"Onde você quer estar em dez anos?", perguntou Louise.

"Você está me entrevistando?" TJ recostou-se na cadeira, com os joelhos separados, o queixo apontado para baixo e apontando para o chão com suas cartas de baralho.

"Sim", ela disse. E repetiu a pergunta, desta vez segurando um microfone invisível em uma das mãos, que então moveu na direção da outra.

"Tudo bem", disse TJ. Ele colocou as cartas viradas para baixo sobre a mesa. "Eu gostaria de ir para o norte. Viver da terra. Acho que gostaria de experimentar por um tempo."

“Sozinha?”, disse Louise, virando-se para seu microfone invisível.

TJ assentiu.

—Em uma casa? Numa tenda? Numa caverna?

Agora ela estava rindo.

“Guarde o microfone”, ele disse a ela.

Louise balançou a cabeça.

"Receio que não possa, senhora", respondeu ele. "Meus produtores não me deixam."

—Quem são seus produtores?

"Mike e. . Chuck." Ela pegou o copo de uísque meio vazio com a mão livre e o esvaziou de um só gole. Queria mais. Algo se passava em suas entranhas que ela reconheceu como desejo. Aquilo a assustou. Nunca desejara uma mulher antes, mas TJ parecia algo além de homem ou mulher, algo completamente distinto

desses termos. Ele tinha um rosto interessante, maçãs do rosto salientes, lábios carnudos e um queixo forte. Ombros largos e um corpo alto e magro. Quantos anos ele tinha? Com base na foto que ele lhe mostrara e em algumas contas, ele provavelmente tinha vinte e poucos anos. Era cerca de cinco ou seis anos mais velho que John Paul.

"Tudo bem", disse TJ. "Eu falo. Mas sem microfones." Ele se levantou de repente e começou a caminhar em direção à cozinha, dizendo no caminho: "Tenho uma cabana em um lago ao norte. Dentro do parque."

Ela abriu e fechou um armário. Voltou para a sala com a garrafa de uísque e se serviu de um copo. Era a primeira noite em que bebia mais de um quarto de copo, mas Louise não se assustou. Pelo contrário: isso a animou, uma onda de energia percorreu sua espinha. Ela ergueu o copo para pedir mais também.

"Minha família construiu isso há muito tempo. Temos isso desde então", continuou TJ, caminhando até a parede onde o mapa do Parque Nacional Adirondack estava pendurado.

Ele apontou para um lago a cerca de oitenta quilômetros ao norte dali; o local estava marcado com um alfinete. Então, sentou-se novamente na cadeira em frente a Louise.

Colocou o uísque na mesa entre eles. "Costumávamos ir lá algumas vezes por ano para caçar. Meu pai e eu. Não é espetacular, mas tem quatro paredes, um telhado e um fogão para o inverno. Só se chega lá de canoa, o que exige carregá-la por uma trilha de um quilômetro e meio que agora está coberta de mato."

"É numa ilha?", perguntou Louise.

TJ assentiu.

—Por que eles construíram isso em uma ilha?

"Porque há boa pescaria", respondeu o outro. "E dá para ver tudo ao redor."

"Para se defenderem dos índios?" Ele ouvira histórias de algonquinos e iroqueses que cruzavam a região para caçar durante a maior parte da vida. Nenhum deles se estabelecera permanentemente para cultivar nos Adirondacks; os europeus foram os primeiros a fazê-lo, levados para lá pela superpopulação da Nova

Inglaterra e pela mentira do governo de que havia terra arável em abundância.

"Não", disse TJ, lançando-lhe um olhar estranho. "Para caçar." Louise tentou imaginar quais animais comestíveis haveria em uma ilha. "Há uma população de veados que vem e vai", acrescentou, lendo sua mente. "Eles são ótimos nadadores. E aves aquáticas também.

Esquilos, se estivermos com muita fome. Mas, principalmente, pescamos."

" Nós ? Quem? " , perguntou Louise, e se arrependeu assim que viu a expressão de TJ

mudar. Ela estava se referindo ao pai. Lembrando-se das viagens que fizera com ele antes do derrame.

A mulher tomou um gole de uísque. Percebeu que não fazia nenhuma careta enquanto bebia; segurou a bebida na boca por um momento antes de engoli-la silenciosamente.

"Bem", disse TJ, "acho que devo ir para a cama".

"Não", respondeu Louise. A outra mulher ergueu as sobrancelhas. "Você não pode ficar mais um pouco?", perguntou ela. "Meu copo ainda está cheio."

TJ assentiu. Ele a encarou por um instante , depois finalmente se levantou, quebrando o contato visual. Entrou na cozinha e abriu a torneira para adicionar água ao uísque. Depois, virou-se e encostou-se no balcão da cozinha, longe de Louise, mas dentro do campo de visão dela.

Nas raras ocasiões em que ficava bêbada ou embriagada, ela se sentia constrangida com a própria aparência, de um jeito que era excitante ou perturbador, dependendo de com quem estava. Seu corpo e rosto às vezes eram vantagens a seu favor e outras vezes a atrapalhavam. Naquela noite, ela estava feliz por tê-los, apesar do olho roxo. Ou talvez por causa dele. Ela gostava de sentir TJ olhando para ela por cima da borda do copo. Louise sabia que estava se comportando de forma irresponsável. Mas, naquela noite, ela teve um impulso de fazer o que não deveria.

Ele se levantou, espreguiçou-se, deixando a camisa subir acima da cintura, e foi até a cozinha.

TJ ficou em frente à pia e não se moveu enquanto Louise se aproximava.

"Eu também deveria beber um pouco de água", disse ele. Segurou o copo sob a torneira aberta e deixou transbordar. Estava bem ao lado do do TJ. Ele se virou e se apoiou no balcão também, perto demais do TJ para fingir que era uma proximidade acidental. Seus flancos e braços estavam se tocando.

"Louise", disse TJ. Ele balançou a cabeça, olhando para o chão.

-Que?

Uma corrente elétrica fluía entre eles, uma vibração que se movia de um lado para o outro entre seus corpos. Ela podia sentir. Sem saber por quê, tinha certeza de que TJ

também sentia. Eles eram animais, pensou, e o pensamento quase a fez rir. Humanos eram animais. Eles tinham os mesmos instintos e a mesma capacidade de se comunicar entre as linhas e além da linguagem.

Louise virou o corpo para encarar TJ de perfil. Ela colocou a mão delicadamente na parte inferior das costas dele. Foi o primeiro gesto que ela fez que não deixou margem para dúvidas.

"Eu sou seu chefe", disse TJ. "Você trabalha para mim."

Louise não disse nada.

TJ se afastou do balcão e caminhou pelo corredor. Deu uma espiada no quarto do pai para ver se ele estava bem e continuou andando até fechar a porta. As luzes se apagaram.

Louise estava deitada no sofá, observando as últimas chamas da lareira se apagarem. Ela fechou os olhos com força. Tentava não chorar. Se tivesse sorte, TJ a deixaria esquecer o quão tola havia sido.

Do outro lado da grelha restavam apenas brasas.

Logo o quarto ficaria completamente escuro. E então a manhã chegaria.

LOUISE

Inverno de 1973

TJ nunca mais falou daquela noite.

Eles passaram o resto da semana juntos, esperando o rosto dela melhorar, e finalmente Louise retornou ao Garnet Hill Lodge. Em meados da primavera, ela recebeu um telefonema do chefe pedindo a confirmação de sua participação no acampamento de verão, e aceitou de bom grado. A única coisa que mudou depois disso foi que TJ a convidava ocasionalmente para bater um papo no alojamento.

De certa forma, a atração de Louise por ela diminuiu, e de outras, aumentou. Ela sentia duas forças conflitantes em TJ: a raiva e o poder de controlá-la. Mesmo sabendo que era errado, ela achava ambas igualmente atraentes.

Quando não estava alerta, sua mente às vezes fantasiava sobre morar com TJ. Sobre administrar as colônias juntos. Sobre cuidar do pai quando ela pedisse. Havia duas mulheres assim em Shattuck: duas ex-professoras do interior que tinham vindo morar juntas nos arredores da cidade. Uma delas usava os cabelos grisalhos presos em duas longas tranças; Louise às vezes a via no supermercado. Ninguém lhes fazia muitas perguntas. Elas também nunca falavam sobre si mesmas.

Mas essas fantasias não duraram muito.

Porque uma noite, quando ele estava saindo do jantar no hotel, duas semanas depois do incidente com John Paul, o funcionário que trabalhava na recepção lhe entregou um envelope.

Ele esperou até voltar ao seu pequeno quarto para abri-la. Sentou-se na sua dura cama de solteiro e leu a carta, que soube ser de João Paulo II no momento em que a viu.

Nele, ele se desculpou: "Não toquei em álcool desde aquela noite. Não acredito no que fiz. Minha mãe ficaria completamente envergonhada de mim. Quero melhorar . ″

Ele terminou perguntando se poderia vê-la para se desculpar pessoalmente. Ele entenderia se ela não quisesse falar com ele novamente, mas precisava pelo menos perguntar, disse ele.

No final da página, ele havia desenhado uma seta. Virou a carta: " P.S.: Não se preocupe; não contei nada a ninguém . "

Louise deixou na cama.

Eu não responderia. Com sorte, seria o fim da história.

Certa noite, naquela mesma semana, bateram à porta. Ao abrir, ele encontrou uma das instrutoras de esqui ali. Ela tinha um sorrisinho no rosto.

"Você tem uma visita", disse ele. "Ele está esperando por você na sala dos funcionários."

Quando ela entrou, John Paul estava sentado sozinho à mesa redonda ao lado da cafeteira. Ele estava inclinado para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos, uma perna tremendo de nervosismo. Quando Louise entrou, ele endireitou as costas.

Ele parecia horrível. Pior que o dela. Duas semanas após o incidente, seu rosto estava quase curado. Suas costelas e costas não doíam mais, embora um grande hematoma roxo-claro permanecesse em seu flanco. John Paul, por outro lado, tinha olheiras e seu cabelo estava uma bagunça.

"Meu Deus", disse ele ao vê-la. Cobriu o rosto com as mãos. O gesto lembrou Louise do irmão Jesse, quando tentava conter o choro. E, de fato, quando as tirou, as lágrimas escorriam livremente pelo seu rosto. Tirou os óculos e enxugou o rosto.

Ele se levantou, e ela instintivamente recuou, posicionando-se atrás de uma cadeira. Ela havia deixado a porta aberta de propósito. Olhou por cima do ombro, imaginando o quão alto teria que gritar para que alguém viesse correndo.

John Paul, talvez sentindo o medo dela, sentou-se lentamente.

"Podemos ir para algum lugar mais privado?" ele perguntou.

“Não”, disse Louise.

—Podemos pelo menos sentar?

Relutantemente, ela sentou-se na cadeira da frente.

Basicamente, ele contou a ela o que já havia dito na carta. Acrescentou que havia participado de uma reunião de um programa chamado Alcoólicos Anônimos, do qual Louise ouvira falar em algum lugar, embora não conseguisse se lembrar de onde.

John Paul continuou: Ela era a melhor parte da vida dele. Ele a respeitava mais do que a qualquer pessoa. Mais do que à sua família. Ele gostava da sua independência e da sua natureza empreendedora. Ele a achava mais inteligente do que qualquer outra garota que já conhecera.

Ele queria que Louise lhe desse outra chance. Implorava. Eles começariam devagar, disse ele; mas a levava a sério. Seu plano era que se casassem. Juntos, disse ele, poderiam viver uma vida cheia de significado e valor. Teriam filhos. E uma bela casa.

Ele disse a ela que seu irmão Jesse poderia ir morar com eles.

Louise se perguntou pela primeira vez se ele havia lido seus diários. Ele havia reproduzido suas esperanças secretas com tanta precisão que ela ficou assustada.

"Você não precisa me responder agora", disse John Paul. "Só estou pedindo para você pensar um pouco." Ela não disse nada. "Poderíamos ter uma vida boa juntos", concluiu.

Então, levantou-se, ombros caídos, cabeça baixa, e pegou dois sacos de papel do chão.

"Aqui. Trouxe comida para você."

Ele fechou a porta suavemente atrás de si enquanto saía.

" Merda " , pensou Louise.

O problema era que a comida era complicada demais para preparar. Eram iguarias caras, as típicas coisas que a mãe de John Paul provavelmente comprava para a família quando eram crianças. Havia um bife, brócolis, camarão e três lindas laranjas. Um pão com manteiga embalado de uma forma que ela nunca tinha visto antes, além de uma caixa grande de leite.

E também um bolo — um bolo Bundt inteiro — em uma caixa branca.

Ele estava com fome. Arrancou um pedaço de bolo e sentou-se, mastigando-o.

Ele olhou para a pia com duas bocas elétricas que constituía a cozinha compartilhada.

Poderia ter organizado um banquete com os outros funcionários do hotel. Mas era sua noite de folga, e ele teve uma ideia melhor.

A casa de sua mãe era um retângulo branco. Dois pequenos andares conectados por uma escada central íngreme. Quando ele chegou, às seis e meia, estava escuro e silencioso. Em uma janela do andar de baixo, ele viu o brilho azulado da TV. Em uma janela do andar de cima, uma pequena lâmpada estava acesa. O quarto de Jesse.

Uma vez lá dentro, ele deixou a comida na mesa da cozinha. Dez minutos antes, ele teve que frear bruscamente em um cruzamento, fazendo com que os camarões se soltassem do papel manteiga e se espalhassem pelo chão coberto de neve salgada. Ele colocou o carro em ponto morto e os recolheu, sabendo que os cozinharia de qualquer maneira.

Jesse nunca tinha experimentado nada disso na vida.

Ele encheu uma panela com água e deixou o camarão de molho.

Ao fazer isso, ele sentiu um cheiro.

Ele seguiu o cheiro até a escada — passando por sua mãe, dormindo em sua poltrona —

e subiu as escadas.

" Por favor, não " , ele pensou.

Ele abriu a porta de Jesse sem bater.

O irmão dela a ouvira chegando. Abrira uma janela e guardara às pressas o cigarro que estivera fumando, mas agora a olhava com uma expressão culpada, os olhos desprovidos da curiosidade habitual e semicerrados por causa dos

produtos químicos que agora corriam por seu sangue.

"Onde está?", perguntou Louise.

"O quê?" Jesse perguntou.

— Não minta para mim. Nunca minta para mim. Eu não sou a mamãe. Estou do seu lado.

Ele não disse nada. Apenas ficou sentado na cama, abraçando os joelhos.

Ela olhou na pequena lixeira ao lado da mesa e imediatamente encontrou: um baseado mal enrolado, jogado fora às pressas, ainda quente. Ainda capaz de incendiar o conteúdo do recipiente.

"Idiota", disse Louise, arrependendo-se imediatamente, pois quando olhou para o irmão, viu que ele estava chorando. "Meu Deus, Jesse." Ela correu até ele, sentou-se ao lado dele e o abraçou forte. " Onde você conseguiu isso?"

O rapaz deu de ombros. Ela o puxou para longe e o segurou pelos ombros. Seu rosto estava vermelho. Ela estendeu a mão e colocou as costas de dois dedos sobre o olho

esquerdo dele, que ainda estava um pouco machucado e inchado. Só então se lembrou de que também tinha algumas explicações a dar.

"Vamos", disse Louise. "A mamãe está dormindo."

Lá embaixo, ela o fez sentar à mesa e lhe deu um grande copo de água.

"Beba", ele ordenou.

Então ela começou a cozinhar. Colocou uma panela de água no fogão para ferver o brócolis. Temperou o bife com sal e pimenta e o colocou na panela para fritá-lo na manteiga. Em outra panela, adicionou o camarão limpo.

"Você já experimentou camarão, Jesse?" ele disse orgulhoso.

"Sim", ele respondeu .

—Quem os serviu para você?

—Mãe de Howie.

Um amigo da escola cujos pais não o deixavam mais brincar com Jesse.

"Bem, elas não eram tão boas quanto as minhas", disse Louise, sabendo que não era verdade.

Ela se virou, viu que ele tinha um copo vazio e o encheu novamente.

A única coisa boa em ter um filho de nove anos chapado era o gosto com que ele comia tudo o que lhe era preparado. Jesse fechou os olhos, jogou a cabeça para trás e soltou grunhidos de satisfação entre as mordidas. Ele estava ainda mais magro do que da última vez que o vira, e a rápida inspeção de Louise na cozinha lhe revelou o porquê.

"Há quanto tempo você fuma maconha?" ele perguntou.

"Não vai demorar muito", disse Jesse. "Um ou dois meses."

—Onde você conseguiu isso?

—De uma criança na escola.

—Eu o conheço?

-Não.

-Quantos anos você tem?

—Não tenho certeza. Ele está na oitava série.

—Eu conheço seus pais?

—Não. É da Minerva.

Louise mastigou. O bife estava delicioso. Ela ficou feliz por não tê-lo estragado.

"Jesse, como você pagou? " Ele não respondeu. "Você não vai vender, vai?", ela perguntou.

ele disse . "Não, Louise. Eu juro."

Ela acreditou nele, por um momento. Seu irmão era tímido a ponto de ser socialmente incompetente. Ela não conseguia imaginá-lo vendendo nada. Mas a ideia de um aluno do oitavo ano lhe dar algo de graça. . isso também não lhe caía bem.

Ouviu-se um barulho vindo do corredor, e ambos olharam para cima. Era a mãe deles, encostada com uma mão em cada parede. Seu cabelo estava sujo e seus olhos se estreitavam contra a luz pendurada em uma corrente sobre a mesa da cozinha. Seu rosto estava pálido, a boca contorcida. Ela se aproximou deles lentamente, encostando-se nos balcões, depois se virou para os armários, abrindo-os um após o outro em busca de algo para comer.

Ele pegou uma caixa de biscoitos velhos e colocou alguns na boca. Foi até a pia, abriu a torneira e levou a mão em concha aos lábios para beber.

Então, sem dizer uma palavra aos filhos, ele caminhou lentamente de volta para a poltrona na sala de estar, que era seu lar na maior parte do tempo.

Louise olhou para Jesse. Ele estava se recuperando. A comida e a água o haviam reanimado. Seu rosto estava menos vermelho. Seus olhos estavam se abrindo. Ele evitou o olhar de Louise e encarou a parede e depois o chão.

"Jesse", ela disse a ele, "pare de falar com aquele cara. E pare de fumar a maconha que ele te dá."

"Por quê?", perguntou ele. Ele pegou uma migalha que estava na toalha da mesa.

"Porque vou te levar para morar comigo", disse ela. "E não posso fazer isso se você estiver preso."

"Quando?" ele queria saber.

-Breve.

"O quê?" Jesse disse incrédulo.

Houve uma longa pausa enquanto Louise considerava contar a ele. Se contasse, não poderia voltar atrás. Ela sempre fizera o possível para não dar falsas esperanças ao irmão.

Para cumprir todas as promessas que fizera, ao contrário dos demais adultos na vida de Jesse.

Ele pegou um camarão do prato. Removeu-lhe a cauda e examinou a pele translúcida para extrair a veia. Fora John Paul, num restaurante, quem lhe explicara o que realmente era.

Ele mastigou.

"Estou noiva", ela disse a ele.

Jesse olhou para ela.

"Com João Paulo? " ele perguntou.

"Quem mais seria?" Ele evitou o olhar dela. "Jesse", disse Louise. Seu irmão se levantou.

Ele levou o prato até a pia. " O quê? Você não vai me dar os parabéns?"

"Parabéns." E ele saiu da cozinha, deixando -a sozinha.

"Prometa-me, Jesse", disse ela, elevando a voz. "Chega de maconha." Mas ela percebeu que a autoridade que exercia sobre ele havia diminuído, ou desaparecido completamente.

VI

SOBREVIVÊNCIA

JUDYTA

Agosto de 1975: Dia 2

O alarme está tocando.

Judy abre os olhos e os fecha novamente. Só mais um momento, pensa ela.

" PELO AMOR DE DEUS, JUDY !", grita alguém do quarto ao lado. É o irmão dela, furioso. " SÃO

4H30 DA MANHÃ !"

Comece o seu dia.

Ela precisa se mudar. Ela sabe disso. Ela tem dinheiro; tudo o que precisa é de coragem para dizer aos pais que está quebrando uma regra tácita. Entre as famílias polonesas de Schenectady, Nova York, meninas que saem de casa antes do casamento são, na melhor das hipóteses, uma raridade e, na pior, um escândalo.

No ano passado, ela comprou um Volkswagen Super Fusca verde com teto solar com seu próprio dinheiro. Era caro — e seu pai o considerava um carro impraticável —, mas faz Judy se sentir independente. E tem um rádio bacana, um acessório que ela agora está feliz por ter insistido. Ajuda-a a se manter acordada durante as duas horas de viagem até a Reserva.

Às sete horas, ao chegar, ele descobre que começará a trabalhar antes de Denny Hayes.

Tecnicamente, o turno B começa às oito da manhã, o que significa que ele tem uma hora para se preparar para o dia.

Um policial estadual cochila em uma cadeira dobrável em frente à cabine do diretor, agora convertida em um centro de comando.

Judy coloca a mão na maçaneta de ferro forjado, gira-a e empurra a porta antes que o homem abra os olhos.

—Bom dia — ele cumprimenta.

"Ah", diz o policial, acordando. "Distintivo?"

O posto de comando foi estabelecido durante a noite. Móveis foram empurrados contra as paredes da sala de estar ou levados para a cozinha; algumas cadeiras e mesas dobráveis foram colocadas em seu lugar.

Em uma parede há um grande quadro negro sobre rodas.

Alguém desenhou uma linha vertical de giz no meio da superfície. No canto superior esquerdo, agora está escrito " Bear Van Laar ″ . À direita, está escrito "

Barbara " .

Judy fica no centro da sala, observando o ambiente.

As paredes são decoradas com pequenas gravuras de cães envolvidos em diversas atividades humanas: jogando pôquer, caçando ou cortejando. As imagens estão enrugadas e murchas devido à longa batalha com a umidade do lago adjacente. A casa inteira parece ter sido meticulosamente decorada há trinta anos e nunca mais foi tocada. Uma cápsula do tempo da Segunda Guerra Mundial.

A única imagem emoldurada que não tem tema canino é um mapa do Parque Adirondack. Alguém adicionou a localização da Self-Reliance, às margens do Lago Joan, perto do Monte Hunt.

Em um canto, há um arquivo — que ele supõe ter sido trazido pelo pessoal da OIC —

junto com várias caixas de pastas, papéis e canetas. Há também cinco caixas de arquivo, cujas etiquetas ele não consegue ler do outro lado da sala.

Sozinha no posto de comando, Judy caminha em direção a eles. Ela se agacha.

" Peter Bear Van Laar IV " , diz a inscrição em uma delas.

Lá dentro, há dezenas de fotografias. Muitas são do menino, provavelmente no ano anterior ao seu desaparecimento. Em uma delas, ele sorri de orelha a orelha, segurando um peixe que pescou; em outra, ele olha pensativamente para o horizonte, segurando a mão de uma mulher que Judy reconhece como sua mãe.

Apesar de tudo, ele se vê à beira das lágrimas, engolindo o nó que se formou em sua garganta. Há algo na expressão da Sra. Van Laar que o lembra de sua mãe; aquele amor intenso pelos filhos que às vezes parece um fardo.

Às 7h50, Judy reorganiza o material e cobre a caixa pouco antes do Capitão LaRochelle entrar no posto de comando.

A primeira coisa que ele faz no briefing matinal é apontar para o quadro, onde estão escritos os nomes das duas crianças.

"Quem fez isso?" ele pergunta.

Todos se entreolham. Ninguém admite ser o autor.

—Talvez tenha sido alguém do turno A —comenta alguém.

O Capitão LaRochelle franze a testa.

"Quem fez isso", diz ele, "não deixe que aconteça de novo." Ele pega uma borracha e começa a limpar o quadro. "Estamos procurando por Barbara Van Laar. O caso do Bear está encerrado."

Sem querer, o olhar de Judy vagueia para o canto onde estão as caixas de arquivo cheias de evidências.

Com a lousa agora em branco, LaRochelle começa a escrever.

O principal suspeito — que neste momento ainda é John Paul McLellan — foi libertado sob fiança e aguarda audiência judicial por dirigir sob influência de álcool e drogas e posse de substância ilícita. Como ele é suspeito de outro crime, o juiz do caso concordou em

incluir uma cláusula em sua fiança que o proíbe de deixar o país; ele está confinado em um hotel local até a próxima audiência.

Louise Donnadieu — a quem João Paulo acusa de pedir que ele se livrasse da sacola de roupas — permanece em uma cela em Wells. Sua audiência de fiança está marcada para hoje. LaRochelle também dirá ao magistrado responsável pelo seu caso para levar em consideração o fato de que ela está sendo investigada pelo desaparecimento de Barbara Van Laar ao definir a fiança.

Lee Townson, a outra pessoa mencionada por John Paul, continua desaparecido. Um mandado de busca foi emitido para seu carro em Nova York e Colorado, para onde, segundo rumores, ele teria fugido.

Os guardas florestais ainda não localizaram a figura desconhecida na floresta descrita pela campista Tracy Jewell.

"Pode até ser um excursionista", diz LaRochelle. "A menina não estava longe do Monte Hunt quando aquela pessoa não identificada a ajudou. Mas

continuaremos procurando."

Judy escuta, tentando prestar atenção. Mas ela está começando a se arrepender de ter ido dormir tarde e de ter acordado cedo, e precisa apoiar o queixo com o punho fechado.

Denny Hayes a olha do outro lado da sala, e ela endireita as costas.

Em seguida, LaRochelle detalha os resultados do trabalho realizado durante a noite pelos turnos C e A. Aparentemente, eles têm outra peça no quebra-cabeça sobre quem poderia ser o namorado de Barbara: uma certa Susan Yoder, diretora da Escola Primária Emily Grange, relatou que a menina recebeu uma visita do sexo masculino em seu quarto. O

incidente a colocou em apuros. Uma testemunha pensou que fosse um garoto local, mas não disse isso. O mesmo detetive do turno C que tomou conhecimento dessa informação investigará a pista.

"Vamos ver", continuei para LaRochelle, "quem me deu a pista sobre o grafite?" Um pouco envergonhada, Judy levanta a mão. "Foi uma ideia brilhante", diz ela. "Olha isso." Ela caminha até uma mesa onde algumas luvas e uma caixa estão espalhadas. Ela calça as luvas e tira um objeto da casa de Albany da caixa. "É um caderno de esboços", instrui. "A maior parte do conteúdo parece insignificante: rabiscos de corações, notas musicais, luas e estrelas. Mas, perto do fim, há algo interessante."

Segure seu caderno para que eles possam vê-lo.

Na página aberta, há um esboço surpreendentemente bem desenhado de um quarto com vários móveis dentro. Uma cama, uma cômoda e um criado-mudo. Atrás da cama, há uma parede e, sobre ela, algo que parece um mural.

Judy franze a testa, tentando se lembrar por que o desenho lhe parece familiar. Ela finalmente se lembra: é o quarto de Barbara em Self-Reliance.

Aquele com as paredes recém-pintadas.

O Capitão LaRochelle confirma isso aos outros detetives. Ele acrescenta:

"Não vimos nada suspeito na página que estou mostrando. Nessa escala pequena,

é difícil distinguir muitos detalhes do mural. Mas esperamos que, se removermos a tinta rosa do quarto da Bárbara, algo interessante venha à tona."

Eles encontraram uma restauradora da Coleção Hyde que virá dar uma olhada, diz ele.

Com sorte, ela conseguirá remover uma camada de tinta sem danificar a camada subjacente.

—E finalmente… —diz LaRochelle.

Ontem à noite, alguém da limpeza entregou ao OIC uma lista completa de todos os hóspedes hospedados na Reserva, e TJ Hewitt, a diretora das colônias, entregou-lhes outra lista de todas as crianças e funcionários registrados. Ela lhes mostra uma pilha de pastas de papel pardo. Ela fez fotocópias de ambas as listas para todos. Aqueles que já foram entrevistados têm um visto ao lado de seus nomes. Quanto aos demais, diz LaRochelle, todos devem ser entrevistados, pessoalmente ou — no caso de crianças cujos pais já as buscaram — por telefone. Hoje, cada detetive na sala será designado a um segmento da população da colônia.

Ele entrega as pastas para eles.

anotações úteis hoje ", diz ele. "Legíveis. Quero declarações assinadas, se você conseguir.

E quero que você trabalhe rápido. Já se passaram mais de 24 horas desde que Barbara Van Laar desapareceu." Ele para em frente a Denny Hayes. "Hayes, você ficará responsável pela mesa de coordenação de agora em diante."

Ele entrega a última pasta para Judy. Mas quando ela olha os papéis lá dentro, não encontra seu nome ao lado de nenhum segmento da lista. Ela se pergunta se deveria mencioná-lo. Mas antes que ela tenha a chance, LaRochelle se dirige a ela:

"Detetive Luptack", diz ele, "hoje você será responsável por fazer um mapa da casa e dos arredores. E por rotular cada estrutura e cada cômodo com os nomes daqueles que os ocuparam durante as horas do desaparecimento de Barbara."

Denny Hayes acena para ele quando ele está saindo do centro de comando.

"Espere", ele diz. "Eu vou com você."

Juntos, os dois seguem para a Autossuficiência; Judy carrega seus novos pertences debaixo do braço, arrastando os pés levemente.

Hayes olha para ele.

"Cansado?" ele pergunta.

-Não.

"Você não precisa chegar tão cedo", ele diz. "Ninguém vai te dar pontos extras."

"Ok", ela responde.

—Você me disse que mora com seus pais, certo?

-Sim.

-Onde?

Judy hesita. Ela nunca contou a nenhum dos seus novos colegas o quanto viaja todos os dias e teme que revelar a gravidade da situação os leve a questionar sua capacidade de fazer seu trabalho.

Finalmente ele decide uma resposta:

—Em Schenectady. Mas estou prestes a me mudar.

Denny solta um assobio.

— Schenectady? Não é de se espantar que você estivesse dormindo aí dentro.

"Eu não estava. ." Judy percebe o tom defensivo na voz dele. Ele recomeça. "Estou bem.

Nunca precisei dormir muito."

Ele parece cético.

—Certo — ele diz.

Eles caminham por um momento em silêncio, e finalmente ela pergunta a Hayes algo que a estava intrigando desde a reunião daquela manhã.

"Como eles liberaram McLellan antes da conselheira, Louise?", pergunta Judy.

"O que você acha?", pergunta Denny.

Contatos. Dinheiro. O pai é advogado. Hayes descobriu outra coisa: além de atuar como advogado-chefe do banco Van Laar, McLellan Sr. foi quem representou pessoalmente a família durante o desaparecimento de Bear Van Laar em 1961.

Judy franze a testa.

"Não é estranho?", ele pergunta. "Um advogado corporativo cuidando de um caso criminal?"

Hayes dá de ombros.

"Todos têm o direito legal de escolher a representação legal que desejam. Já vi pessoas se representarem", diz ele. "As mais arrogantes." Ambos olham para a enorme casa à sua frente. " Para quem você está se inclinando?", pergunta ele.

—Quem eu acho que fez isso?

-Sim.

Ela pensa sobre isso.

—McLellan.

—Eu também estou apostando nele.

Ele teve menos de uma hora para analisar o arquivo de Van Laar de 1961 antes da chegada de Hayes, mas esse tempo foi suficiente para despertar sua curiosidade sobre um ponto.

"Eu estava pensando em uma coisa", diz ele. Ele faz uma pausa e repensa seus pensamentos. "Ontem, quando aquele detetive perguntou sobre Jacob Sluiter..."

-Sim?

"Bem, eu dei uma olhada no arquivo do Bear Van Laar esta manhã e vi que ele também foi listado como suspeito naquele outro caso." Hayes para de andar. Judy olha para ele.

"Parece muita coincidência, não é?"

Por um momento, ela pensa que ele vai ignorar a pergunta. O que LaRochelle disse outro dia? " Não vá procurar uma zebra. "

Mas no final Hayes suspira.

"Bem, sim", ele diz. "Eu também estive pensando nisso." E acrescenta: "Só entre nós. . Fui eu quem trouxe o arquivo do Bear. Aquele que você parece estar olhando. Escrevi o nome dele no quadro." E acho que LaRochelle está enganado, completamente equivocado, ao dar o caso por encerrado. Todos naquela sala, exceto ele , estavam pensando a mesma coisa.

Judy olha para ele.

"E por que você acha que o capitão tem uma ideia tão diferente?" ele pergunta.

“LaRochelle era o tenente encarregado do outro caso”, diz Hayes. “Foi ele quem promoveu a teoria que a família e a imprensa acabaram aceitando. Resolver o caso Van Laar mudou a carreira dele. Ele foi promovido direto a capitão. Ele provavelmente não quer que nada prejudique esse cargo. Além disso, a família Van Laar está satisfeita com a conclusão do outro caso. Quer dizer, eles acham que o culpado foi encontrado. Eles estão em paz com isso, sabe? É difícil desfazer algo assim.”

Judy concorda. Ela entende. . mais ou menos. Mas se ela fosse membro da família Van Laar, gostaria de saber a verdade. E então ela conta a Hayes.

"Eles são uma família estranha", diz ele. "Muitas gerações de dinheiro. Isso embota o cérebro. Você não percebeu que os filhos de pessoas ricas nunca são tão inteligentes quanto os pais? Eles nunca têm a ambição ou o sucesso que merecem. Na vida, você precisa ter algo pelo qual lutar. É o que eu acho, pelo menos." Eles continuam andando. "E olha", diz Hayes. "Vou te dizer mais uma coisa. Não gosto de LaRochelle no centro de comando todos os dias. Eu deveria ser o responsável pela investigação. E não estou dizendo isso só por ego.

Não é bom ter alguém do nível dele comandando as operações diárias de um caso como este."

-Por que não?

"Há caras do nível de LaRochelle que são inteligentes", diz ele. "Mas eles viraram gerentes. Estão fora de prática. Muitos deles não trabalham em nenhum caso há uma década. Ter um figurão pode tranquilizar a família", diz ele, "mas é arriscado."

Hayes se vira e segue para o centro de comando, onde precisa organizar e numerar as pistas.

Judy fica sozinha para fazer seu mapa.

No céu, um helicóptero circula, examinando o terreno em busca de sinais de vida. À sua direita, uma equipe de mergulhadores se prepara para vasculhar o fundo do Lago Joan.

Ele se aproxima da casa. Para em frente, com um joelho no chão e o caderno apoiado no outro. Faz um esboço de memória, atribuindo os diferentes cômodos aos hóspedes que entrevistou na noite anterior.

Quando ele termina, ele se levanta e passa pela porta da frente da casa.

Ontem ele passou o dia inteiro conversando com os hóspedes; hoje ele sente que é hora de conversar com aqueles que os atendem.

Pela primeira vez, ele bate à porta da cozinha. Uma jovem de avental e carregando um rolo de massa cheio de farinha sai para atender.

"Bom dia", diz Judy. A mulher seca lentamente a mão no avental. Sem dizer nada. " Está tudo bem?"

"Você é policial?", pergunta a mulher.

—Detetive. Sou o detetive Luptack.

"Mas da polícia?", pergunta o outro.

Judy concorda.

A mulher retorna ao balcão e coloca o rolo de massa sobre ele.

"Você tem um momento para conversar?" ele pergunta.

O mencionado acima dá uma olhada ao redor.

"Sim, eu quero", ele diz. "Mas a ideia é sua, não minha. E não pode estar aqui."

Judy sai pela porta da cozinha com ela. Elas param na lateral da casa.

"Continue andando", sussurra a mulher. "As janelas estão abertas."

Eles caminham mais vinte passos até chegarem à margem do lago. Finalmente, Judy pega seu caderno.

Acima dela, o helicóptero começou a transmitir mensagens amplificadas: " Barbara, seus pais sentem sua falta. Barbara, vá para uma clareira na floresta. Barbara, vá para um lugar mais alto. Barbara, grite se ouvir isso . ″ Elas causam arrepios em sua espinha.

A mulher olha para ela com uma expressão expectante.

—Você não vai me fazer perguntas?

"Ei", diz Judy, "nome?"

—Jeannie Clute.

-Data de nascimento?

—12 de junho de 1947.

-Ocupação?

Isso a faz pensar.

—No momento, sou cozinheira temporária — ela diz. —Eu era dona de casa.

Judy olha para cima.

-Você tem filhos?

—Sim. Três. E um quarto do caminho.

Ela dá uma rápida olhada em sua barriga ainda lisa.

-Marido?

-Sim.

—O que levou você a aceitar esse emprego?

A mulher vira o rosto. De repente, lágrimas brotam em seus olhos e transbordam. Ela as enxuga. Furiosa.

"Idiotice", ele diz. "Foi um erro aceitá-lo."

Judy faz uma pausa. Ela sente uma sensação na parte inferior do abdômen que nunca havia sentido antes: a sensação de que está prestes a juntar uma peça de um quebra-cabeça maior.

"Por quê?" ele pergunta.

"Porque são pessoas más", diz a Sra. Clute.

—Em que sentido?

"Porque quando o filho deles desapareceu, eles deixaram uma pessoa inocente assumir a culpa", explica ele. "Mancharam o nome dele."

Ela parou de chorar. Uma expressão dura substitui as lágrimas. Ela olha nos olhos de Judy com convicção.

"Qual é o nome dela?" Judy pergunta.

"O nome dele era", diz a Sra. Clute. "Ele está morto."

—Qual era o nome dele?

"Stoddard", diz a mulher. "Como eu."

Ela pensa no passado. Ela sabe o sobrenome pelas caixas de arquivos que vasculhou esta manhã.

—Carl Stoddard era seu…

-Pai.

Judy anota no caderno. Ela não sabe bem o que vai dizer em seguida, mas precisa de tempo para formular cuidadosamente a próxima pergunta. Ela não quer assustá-la.

"Clute é seu nome de casada?" ela pergunta.

A mulher assente impacientemente. Ela olha ao redor da casa, nervosa por ser vista.

—Eles sabem que você é um Stoddard?

“Oh, Deus, não”, responde a Sra. Clute.

—Por que você aceitou esse trabalho?

Ela se move nervosamente.

"Por desespero", diz ela. "Bocas para alimentar. Você sabe que a fábrica de camisas fechou." Judy não sabia. Ela nem sabia do que a Sra. Clute estava falando. Mesmo assim, ela concorda. "Não há outros empregos em Shattuck. Era isso ou ir embora da cidade", explica ela. "E para onde iríamos?"

—O resto da sua família sabe? Quero dizer, os Stoddards.

A Sra. Clute concorda.

"Minhas irmãs entendem", diz ele. "Mas minha mãe não fala comigo. Ela me disse que a família toda era podre. E que eu me arrependeria." Ele olha para o lago. "E acontece que ela estava certa."

"Sra. Clute", diz Judy, "a senhora tem alguma ideia de para onde Barbara Van Laar foi?"

A isto a mulher responde rapidamente:

— Não faço ideia. Sinceramente. Mas garanto que sua família sabe.

O mesmo sentimento novamente: instintivo, pensa Judy.

-Porque?

"Eu não deveria dizer isso", diz a Sra. Clute, "mas quando Bear Van Laar desapareceu, a família estragou toda a busca do começo ao fim. Primeiro, eles só organizaram uma equipe de busca depois que o menino já estava desaparecido há horas. A essa altura, já havia pegadas por toda parte, tinha chovido e toda a esperança de encontrar seu rastro estava perdida. E isso também dificultou o trabalho dos cães." Ela levanta o polegar da mão direita, como se estivesse se preparando para relatar todos os erros da família. "Depois, eles aceitaram ajuda do pessoal do Shattuck, mas depois de uma semana, nos mandaram de volta para casa. E, no nosso lugar, trouxeram uma equipe de rastreadores da Sierra Madre.

Eles fretaram um avião particular e tudo. E receberam uma fortuna, pelo que entendi."

—Eles também pagavam aos mecanismos de busca locais?

A Sra. Clute solta um bufo de escárnio.

"De jeito nenhum", ele diz. "Eles os tratavam como se já fossem empregados da família.

Mesmo aqueles que não eram, aqueles que estavam matando aula para ajudar. E a ironia é que aqueles rastreadores da Califórnia se viram completamente perdidos. Eles nunca tinham visto um terreno como o nosso, uma vegetação rasteira tão densa. Eles tiveram que dar meia-volta e ir embora sem encontrar nenhum sinal do garoto." Ele sorri quase

triunfantemente, depois parece envergonhado. "Escute. Sinto muito pela família. Se eles são inocentes, e podem muito bem ser, o que fizeram foi um pecado sem malícia. Mas o que eu nunca vou perdoar é que eles não restauraram o bom nome do meu pai. Depois da morte dele, eles foram embora, presumindo que ele foi quem matou Bear . E que provavelmente não encontrariam o garoto, porque não se pode fazer perguntas a uma pessoa morta."

Ele olha por cima de cada ombro e continua:

— Eu vi alguém na Reserva que estava aqui naquela época, quando o Bear desapareceu.

O nome dele é LaRochelle. Lembro-me de quando as acusações foram feitas contra meu pai.

Ele é um mentiroso. Se eu fosse você, não confiaria nele.

Judy mantém a cabeça imóvel. Parece errado acenar, mesmo que seja só um pouquinho.

Mas ela entende o que a mulher está dizendo.

"Você tem filhos?" pergunta a Sra. Clute.

-Não.

"Muito bem. Se algum dia você tiver, lembre-se desta conversa", diz a mulher. "Lembre-se do que eu lhe disse. E pergunte a si mesma: você pararia de olhar tão rápido quanto eles?" Judy olha para baixo, subitamente desconfortável com a carga emocional nos olhos da Sra. Clute. " Você pararia? ", ela repete. As duas ficam em silêncio por um momento.

"Preciso voltar para casa", conclui ela. "Estou muito ocupada."

Judy concorda.

—Há mais alguma coisa que você gostaria de me dizer? Algo mais que eu deva saber?

A Sra. Clute pensa.

— A única coisa que me vem à mente é que ninguém naquela família gostava daquela menina. Barbara. Eles a abandonaram, nada menos. Antes de partir para as colônias, ela tinha que descer até a cozinha para procurar comida. Parecia perdida em casa. Eu a alimentava sempre que podia. A mãe dela não gostava. Ela me dizia para parar de lhe dar comida. Eu dizia que sim e fingia que sim, mas sempre gostava quando ela vinha me ver.

Barbara é uma menina estranha; usa roupas estranhas. Mas ela é a única em toda

a casa que se deu ao trabalho de perguntar meu nome. Ela é uma boa pessoa, na minha opinião.

“Obrigada”, diz Judy.

A Sra. Clute concorda.

Ela se lembra do que Hayes disse antes. Ela tem feito anotações úteis , mas quer ter certeza de que todas as informações estão corretas.

— Sra. Clute, a senhora se importa se eu anotar tudo o que a senhora me disse? Depois, pode dar uma olhada e assinar para mim, se estiver correto.

A mulher olha para ela, horrorizada.

"De jeito nenhum", ele diz. "Não me arrependo do que te disse. Mas é a única ajuda que posso oferecer."

No momento, este assunto lhe parece mais importante do que fazer o mapa. Então, ele retorna ao posto de comando e encontra seu parceiro na mesa de coordenação. Lá fora, dois detetives estão sentados nos degraus da frente, escrevendo depoimentos em suas pranchetas.

"Hayes está aí dentro?", pergunta Judy, e um deles concorda.

"Eu não entraria se fosse você", diz ele. "LaRochelle está brigando com ele há dez minutos."

Ela para. Do outro lado da porta vêm gritos abafados.

Não há lugar para sentar.

"Você vai dizer a ele que estou procurando por ele quando terminar?" ele pergunta.

"Claro, querida", diz o outro sem olhar para cima.

“Sou o detetive Luptack”, diz Judy.

-Fantástico.

Enquanto espera por Hayes, ele vagueia pelos terrenos do Acampamento Emerson, fazendo o trabalho que LaRochelle lhe designou naquela manhã. Ele carrega seu caderno e caneta consigo. Para em frente a cada prédio que vê e desenha sua planta, como se estivesse olhando de cima. Ele identifica aqueles cujos usos são claros.

Após terminar, ele segue para noroeste em direção a um grupo de instalações agrícolas desativadas.

Ela sabe que eles foram minuciosamente revistados. E, até onde Judy sabe, ninguém mora lá.

Ainda assim, como ela não tem mais nada para fazer até Hayes e LaRochelle terminarem, ela caminha em direção a eles com o caderno debaixo do braço.

Há quatro estruturas. Judy não entende nada de gado, mas a primeira parece ter sido uma leiteria; seus portões agora estão abertos para deixar entrar ar fresco. Lá dentro, os estábulos ainda cheiram a animais, embora dêem a impressão de terem sido abandonados há muito tempo. Acima deles, há um palheiro; uma escada frágil permite que Judy suba alto o suficiente para colocar a cabeça para fora e contemplar os restos de vários fardos de feno amontoados contra as paredes.

Desça as escadas.

Ao lado da leiteria, há um pequeno prédio sem janelas e com pilares. Seja qual for sua finalidade original, desde então tem sido usado para abrigar máquinas agrícolas enferrujadas. Ele entra por apenas um instante e depois se afasta em direção ao prédio imediatamente a oeste.

O interior também a desconcerta inicialmente: o piso é de cimento e inclina-se em direção a um cano de esgoto. Talvez seja aqui que lavam os cavalos depois do treinamento?, ela se pergunta. Há um cheiro que ela não consegue identificar, mas que a deixa tensa.

Então ele olha para cima.

Há cinco barras de metal que se estendem de um lado a outro do teto. Dezenas de ganchos pendem delas em linha reta.

Finalmente ele entende o cheiro: o lugar era um matadouro.

Ele fica ali por um momento, com o corpo tenso.

Então ele ouve o barulho acima de sua cabeça: passos.

TRACY

Julho de 1975

A viagem de sobrevivência nunca foi planejada com antecedência. Foi anunciada abruptamente, da seguinte forma: soando uma sirene às 5h30, logo após o amanhecer.

Eles os treinaram durante todo o verão. Quando ouviram o alarme, tiveram que pular dos beliches, vestir-se rapidamente, sem tomar banho, e correr o mais rápido que puderam até o mastro da bandeira.

Os primeiros a chegar receberam suprimentos extras; os últimos a chegar não receberam nada.

Barbara já estava de pé e vestida antes do resto da cabine.

“Vista roupas quentes por cima do uniforme”, ele disse baixinho para Tracy, e saiu.

Tracy não foi a última do grupo a chegar ao mastro, mas chegou perto. Então, a mochila que um líder lhe deu continha apenas quatro latas de feijão e um cantil cheio. Ela olhou ao redor: Barbara e Lowell Cargill inspecionavam lonas, bússolas e canivetes suíços. E os dois membros mais jovens do grupo, que haviam chegado por último, abriram suas mochilas e as encontraram vazias. Tracy olhou para os rostos deles: tentavam ser corajosos, mas seus queixos estavam tensos de tanto conter as lágrimas.

TJ Hewitt estava ao pé do mastro, observando o caos com uma expressão impassível.

Assim que todos os campistas estavam com suas mochilas, ele subiu um pouco no mastro, apoiou a sola grossa de sua bota Danner no grampo e ergueu um megafone para falar.

"Grupos de sobrevivência", disse ele, "seus líderes estarão com vocês em breve. Mas lembrem-se: eles estão lá apenas para emergências. Não vão ajudar de nenhuma outra forma. Em geral" — ele olhou para o ponto de encontro por tanto tempo que parecia estar observando o olhar de cada campista — "vocês estão por conta própria. Boa sorte."

Do centro da multidão, os conselheiros começaram a caminhar em direção aos seus grupos designados. Tracy os examinou, imaginando qual deles eles haviam escolhido.

Mas foi a própria TJ Hewitt quem se apresentou.

"Vocês estão comigo", ele lhes disse.

Eles saíram depois de cinco minutos.

A diretora liderou o caminho. Os membros mais jovens do grupo a seguiram . Eles se enfileiraram como patinhos atrás do líder, que os olhava de vez em quando, como se estivesse surpreso ou incomodado com a presença deles.

"Finjam que sou invisível", ele continuou dizendo, e as crianças recuaram com o resto do grupo, embora tenham retornado depois de um momento com TJ.

Barbara, Tracy, Lowell e seu amigo Walter — o mais velho de todos — caminhavam lado a lado. De vez em quando, ela olhava para Lowell, lembrava-se da experiência de cantar harmonias com ele e corava violentamente.

No caminho para o norte, passaram pela casa dos proprietários, a Autossuficiência.

Tracy achou ter visto pessoas se movimentando do lado de fora das janelas e mencionou isso a Barbara, que deu de ombros e apenas olhou fixamente para a frente.

"Eles estão se preparando", disse ele.

-Para que?

—Para uma festa que estão dando. É o centenário da casa.

—E você está convidado?

Bárbara balançou a cabeça.

"Eu também não quero ir", ele disse.

Eles atravessaram a estrada principal e caminharam por mais uma hora, até que TJ os fez parar.

"Está tudo bem", ele disse, e se afastou deles.

Foi Bárbara quem quebrou o silêncio:

—Abram suas mochilas.

Entre os doze, eles tinham sessenta e duas latas de alimentos variados, doze sacos de nozes e frutas secas misturadas, doze cantis de água, quatro garrafas de tintura de iodo, nove lonas, quatro abridores de latas, várias facas, um rolo de arame para armadilhas, dez cordas e — o último item do último saco e também o que trouxe o maior suspiro de alívio

— uma caixa de fósforos.

Barbara se levantou, inspecionando os suprimentos e calculando como deveriam usar cada coisa. Então, olhou para TJ, que estava encostado em uma árvore, com um joelho dobrado e a sola da bota fincada na casca.

"Não olhe para mim", disse ele. "Sou invisível. Não estou aqui."

Ele se virou, pendurou a mochila nas costas e caminhou cerca de dez metros subindo uma pequena ladeira, no topo da qual encontrou um terreno relativamente plano, onde começou a montar sua barraca. Rapidamente, acendeu a fogueira, estendeu a rede entre duas árvores e se acomodou para ler um livro enquanto a água do café fervia.

Ao meio-dia, os campistas também montaram acampamento, com Barbara no comando.

Tracy se maravilhou mais uma vez com sua habilidade de navegação e conhecimento da floresta. Foi ela quem localizou água corrente em um riacho

próximo e liderou um pequeno grupo para reabastecer seus cantis, usando um filtro iodado; foi ela quem usou cordas e lonas para montar barracas rústicas; limpou um pedaço de terra e o cercou com um círculo

de pedras. Por fim, ela mandou as crianças em busca da madeira mais seca que pudessem encontrar, bem como galhos.

Ela não era muito mais velha que os outros — na verdade, era mais nova que Walter e Lowell — mas naquele dia ela parecia uma adulta para Tracy.

Da colina próxima, TJ ocasionalmente erguia os olhos do livro e os observava impassivelmente, sem dizer nada.

Quando não estava seguindo as ordens de Bárbara, sentava-se no chão e brincava de uma brincadeira inventada por uma das crianças mais novas, um homem chamado Christopher, que parecia amigável e um pouco assustado. Ele tinha oito anos: o mais novo do grupo.

"O menor de todo o acampamento", ele disse sombriamente.

À noite, depois do jantar, contavam histórias de fantasmas, evitando qualquer menção a Jacob Sluiter, também conhecido como Adaga, que parecia real demais para ser engraçado.

Lowell contava a história de Grim Mary, a mulher de cabelos grisalhos, um dos fantasmas favoritos da Reserva.

"Um garoto da minha cabana a viu outra noite", começou ele a dizer, até que uma das meninas mais novas começou a chorar e ele recuou. Começaram a cantar canções de acampamento, e então Lowell cantou a cappella, uma balada linda e triste sobre um marinheiro perdido no mar.

Algo tremendo estava acontecendo; Tracy percebeu. Sim: TJ estava no topo da colina, mas permaneceu fiel à promessa de se tornar invisível. E as crianças haviam assumido o controle: todas, mas Barbara mais do que ninguém. Na ausência de adultos, elas demonstravam uma maturidade que a orgulhava.

Barbara designou as barracas de lona. Barbara e ela ficariam na primeira; Lowell e Walter na segunda; as quatro crianças mais novas na terceira — quando protestaram brevemente contra a injustiça, sua amiga as encarou até que fossem

silenciadas — e as quatro meninas mais novas na quarta.

Às dez horas da noite, já fazia frio longe do fogo.

Naquela manhã, seguindo as instruções de Barbara, Tracy vestiu uma calça de moletom, uma camiseta de manga comprida e um suéter de inverno por cima do uniforme antes de correr em direção ao mastro da bandeira. A maioria dos campistas também havia recebido a mensagem dos monitores e amigos que a haviam repassado, mas Christopher, o mais novo, vestia shorts e camiseta e tremia.

Quando o viu, Bárbara tirou o moletom e jogou nele.

"Coloque-o", ele ordenou.

Era tão grande nela que parecia um vestido, mas a pequena dentro dela sorriu, confortada.

Não havia sacos de dormir naquela expedição; eles nem sequer tinham recebido um. A missão deles consistia basicamente em sobreviver com um certo grau de desconforto.

"Escutem", disse Bárbara, "se vocês acordarem no meio da noite e perceberem que o fogo está se apagando, terão que reacendê-lo ou colocar mais lenha." Ela fez uma pausa para mostrar a fogueira e onde ficava o galpão improvisado. Ela o havia coberto com o A única lona que sobrou, caso chovesse . . "Mas não se afastem muito", disse ele. "Se se perderem no escuro, todos nós estaremos em apuros." Ele fez uma pausa pensativa. "Outra coisa: fiquem juntos. Quer dizer, durmam juntinhos. Assim vocês ficarão muito mais aquecidos."

Algumas das crianças mais novas resmungaram.

"Tudo bem", disse Barbara. "Fique parado se quiser. Eu não me importo."

Uma garota deu uma risadinha e todos olharam na direção que ela apontava.

Christopher, o caçula, estava encolhido em posição fetal no chão, com os joelhos enfiados no moletom de Barbara. Ele já estava dormindo.

Bárbara bateu palmas.

"Todos, exceto Tracy, Walter, Lowell e eu", ela disse, "voltem para suas barracas. Hora de dormir."

O acampamento inteiro recuou. Até TJ parecia ter ido dormir em seu monte: ele deixara a fogueira apagar, como se o saco de dormir que trouxera já estivesse quente o suficiente.

Quando os quatro campistas mais velhos terminaram de limpar o acampamento, Walter fez sinal para que eles fossem até a barraca designada para ele e Lowell.

"Eu trouxe uma coisa", ele sussurrou. À luz fraca da lareira, Tracy viu seu aparelho brilhar enquanto ele sorria.

Eles se amontoaram dentro da barraca, tremendo de frio. Seus dentes batiam quando não estavam cerrados com força. Ela não conseguia imaginar como Barbara devia se sentir com apenas uma camada de roupa depois de entregar seu moletom para Christopher.

Walter, um garoto magro que parecia ter menos de quatorze anos, também pareceu notar, porque tirou o seu e ofereceu a ela.

"Não", disse Barbara.

"Pegue", insistiu Walter. "Eu ainda tenho esta camisa." Ele lhe mostrou a peça de manga comprida que usava por baixo. "Além disso, posso ficar abraçadinho com o Lowell esta noite." Ele passou o braço em volta do Lowell, que sorriu e o empurrou.

"O que você queria nos ensinar?", disse Barbara.

Walter tirou o braço dos ombros de Lowell e levantou a camiseta que lhe restava. Por baixo, ele tinha um cantil preso ao flanco.

Tracy reconheceu imediatamente o que era. Seu pai também tinha um, que levava para as pistas de corrida. Ele o guardava no bolso interno do paletó e ocasionalmente tomava um gole sem pudor. Certa vez, depois que um de seus cavalos venceu uma corrida, ele o ofereceu a ela, e ela ficou curiosa o suficiente para tomar um gole. Ela ainda se lembrava de como o álcool queimava ao descer pela sua garganta.

“Impressionante”, disse Barbara.

"Obrigado", disse Walter. Ele desatarraxou a tampa e tomou um gole.

"O que tem dentro?", perguntou Barbara.

"Licor de hortelã", ele respondeu. "É a única bebida alcoólica da casa que meu pai não toma cuidado."

Ele passou a bebida adiante. Todos beberam. Tracy começou com um pequeno gole e depois tomou um mais longo. Era mais doce do que o que seu pai bebia, e também mais repugnante.

Ele tossiu.

"Xiísta", disse Bárbara. Ela pegou o cantil dele, tomou um longo gole e limpou a boca com as costas da mão.

Em questão de minutos, a barraca esquentou. Tracy sorriu na escuridão. Todas as preocupações que ela já tivera na vida pareciam ter desaparecido a poucos metros de distância.

Barbara estava à sua direita; Lowell à sua frente; Walter ao lado de Lowell. Ela moveu o pé calçado com o tênis bem de leve, na direção que suspeitava ser de Lowell, embora não conseguisse ver com clareza. Imaginava como seria sentir a boca dele na sua. Quando tocou no sapato, ele permaneceu assim, e foi como inserir um plugue na tomada.

"Estou entediado. Vamos tocar alguma coisa", disse Walter.

"Estamos completamente no escuro", respondeu Tracy. Ela estava pensando em cartas, ou damas, ou naqueles hashis que tinha feito para Christopher.

"Não estou falando desses jogos. Verdade ou desafio", disse ele.

Barbara riu baixinho.

Tracy só conhecia aquela brincadeira de livros e da TV. Ela sabia que era algo que pessoas da sua idade faziam quando saíam à noite, mas ela só a praticava com seus primos maternos ou com Debbie Finlay, uma vizinha cuja mãe

trabalhava à noite. E aquelas ocasiões não tinham nada a ver com aquela.

Parte da excitação vinha do perigo: Tracy tinha certeza de que todos tinham em mente a imagem de Jacob Sluiter na periferia do acampamento, recém-fugitivo, faminto e raivoso.

Mas nenhum deles mencionou o nome dele: isso seria desrespeitoso com Barbara. Estavam se referindo ao irmão dela, por causa dos rumores de que ele estava envolvido em seu desaparecimento.

"Eu começo", disse Tracy, sentindo-se imprudente. Ela pegou a mistura de menta.

"Verdade ou desafio?", perguntou Walter. As palavras soavam como um encantamento.

"Verdade", ela respondeu, bebendo.

"De quem você gosta?" ele disse.

E Tracy soube imediatamente que ia mentir. Ela pensou em todas as crianças da sua turma na escola em Hempstead.

—Philip DiGiacomo. —Ele nomeou aquele que todos consideravam o mais bonito.

"Vamos lá, isso não é bom", disse Walter. "De quem você gosta nas colônias?"

"Tarde demais", respondeu Tracy, sorrindo. "É a sua vez. Verdade ou desafio."

“Ouse”, ele respondeu.

Ela pensou por um momento. Queria dizer algo criativo e engraçado. Fazer os outros rirem.

"Tudo bem", disse ele. "Walter, eu te desafio a ir até o TJ e fazer barulhos de urso na frente dele."

Os meninos riram baixinho. Tracy notou a cabeça de Barbara se virar em sua direção.

"Isso não é uma boa ideia", ele disse.

"Por que não?", perguntou Lowell. "É ótimo."

Do discurso de Bárbara veio uma longa pausa. E então:

"Porque ele tem um rifle." Os outros três permaneceram em silêncio. "Tenho quase certeza", acrescentou ela.

-Para que?

"É exatamente para isso que serve", disse ele. "Para ursos e outras coisas."

"Ou pela Adaga", Walter interrompeu. Houve uma longa pausa. " Você acha que foi por isso que mandaram os conselheiros conosco este ano?", perguntou ele. "Porque ele está à solta?"

"Não", respondeu Barbara. "Acho que é porque muitos pais reclamaram. TJ diz que esta geração é diferente das anteriores. Ele diz que os pais têm mais medo."

Houve outro silêncio enquanto as quatro pensavam no assunto. Tracy não achava que sua família teria medo de algo assim. Mas então ela se lembrou das mães das outras meninas, com seus vestidos estampados e mocassins, e pareceu mais provável.

"De qualquer forma", disse Walter, "não vou fazer isso. Alguma outra ideia?"

Tracy vasculhou a mente. Pensou em forçá-lo a terminar o cantil, mas queria beber mais.

Pensou em mandá-lo beijar um dos outros, ou se despir e desfilar nu pelo acampamento, mas temia o precedente que isso criaria — estava com medo de ser obrigada a tirar qualquer roupa —, então disse:

—Desafio você a nos contar o maior segredo de Lowell.

Ele não conseguia ver bem os outros rostos, mas percebeu que Walter estava pensando em como responder.

"Calma", disse ele finalmente. "Quando ele está em casa, dorme com a luz acesa

porque tem medo do escuro." Virou-se para Lowell. "Mas não se preocupe, amigo. Eu vou te proteger."

Tracy entendeu duas coisas imediatamente: que aquele não era o maior segredo de Lowell e que Walter seria leal a ele, acontecesse o que acontecesse. Seu coração se apertou.

Ela não tinha a intenção de ser má.

Meia hora se passou. Uma hora. Estavam todos mais embriagados e aquecidos do que antes.

As intimidades que haviam compartilhado haviam restaurado o bom humor de Tracy: depois de esgotarem os desafios aceitáveis, passaram para as verdades e, no curto espaço de tempo, aprenderam mais um sobre o outro do que durante todo o verão. Ela achava maravilhoso ter amigos assim, capazes de ver as partes de si que se esforçava para esconder, trazê-las à tona e celebrá-las com uma espécie de provocação afetuosa que a elevava em vez de a deprimir. Descobriu, por exemplo, que Lowell tinha mesmo medo do escuro; e que, apesar de sua condição física, odiava esportes, para horror do pai, que havia jogado futebol americano. Walter tinha um péssimo desempenho acadêmico — sofria de

algo chamado *dislexia* —, mas seu pai havia estudado em Harvard e esperava o mesmo dele.

Ela, Tracy, revelara que mal tinha amigos em sua cidade, que seus colegas de ensino fundamental não tinham nada a ver com ela; que seu pai havia deixado sua mãe por Donna Romano, uma garçonete do Adelphi Hotel, e que, como resultado, sua mãe havia se tornado muito mais reticente e perdido a alegria.

Cada vez que alguém dizia a verdade, brindavam e bebiam. Revezavam-se para atiçar o fogo quando as chamas se apagavam.

A única que pareceu manter a discrição foi Barbara. Ela riu baixinho com eles; participou; mas quando chegou a sua vez de contar a verdade, Tracy percebeu que ela saiu censurada.

Era muito libertador, pensou ela, trocar intimidades daquela maneira; quase sentiu pena da amiga, que estava tendo uma experiência diferente. Então, quando chegou a sua vez de participar, escolheu Barbara. E escolheu a verdade.

Sem hesitar, Tracy fez a pergunta que ela vinha se fazendo durante todo o verão:

—Quem é seu namorado?

Silêncio.

O fogo crepitava alto ao fundo e ela pulou.

"A verdade é que", disse Barbara finalmente, "não posso lhe contar a verdade".

Havia ressentimento em sua voz: Tracy não tinha certeza se era direcionado a ela, ao namorado ou ao mundo em geral.

Bárbara pegou o cantil de Walter e o segurou em pé. A bebida havia acabado.

"Lowell", disse ele em seguida, "verdade ou desafio". Pensou . Finalmente, optou por um desafio. "Desafio você a me beijar."

Tracy sentiu uma sensação fria na nuca que reconheceu como medo.

À luz fraca da lareira, ela viu os ombros largos de Lowell e seus antebraços cruzados acima dos joelhos dobrados. Ele abaixou primeiro um braço, depois o outro, e então, determinado, ajoelhou-se e inclinou-se na direção de Barbara. Colocou as mãos em suas bochechas, aproximou o rosto do dela e a beijou, e Tracy compreendeu imediatamente que ele já havia beijado muitas garotas e que aquele não era apenas um beijo, ele apenas seguira uma ordem. Era um beijo carregado de paixão, de desejo. Ela queria desviar o olhar, mas não o fez. Este era o seu castigo, pensou Tracy, por baixar a guarda. Ela merecia. E ela o aceitou.

Walter soltou um pequeno "Oooh " quando o beijo terminou, mas foi só isso.

Então Barbara disse que estava cansada, Lowell concordou, e os quatro se separaram de repente: os meninos foram atiçar o fogo uma última vez; as meninas, em direção à sua barraca.

Por dentro, Tracy sentiu frio novamente. Ela estremeceu. Deitou-se de lado, enfiando os joelhos no moletom, e se enrolou como um bebê.

Depois de um momento, ela percebeu que Barbara se aproximava dela e colocou

os braços ao redor dela, abraçando-a por trás.

"Pare", ela disse.

"Desculpe", desculpou-se Barbara. "Não sei o que eu estava pensando. Desculpe, Tracy."

Ela não queria, mas de repente começou a chorar. Eram lágrimas de vergonha, e não de raiva: por ter pensado que alguém como Lowell Cargill pudesse estar interessado nela.

"Não chore, Tracy", disse Barbara. "Por favor. Me desculpe."

Ela fechou os olhos. Pelo menos estava aquecida; sua amiga estava certa quando disse que abraçar ajudava a reter o calor.

"Você gostou?", Tracy sussurrou.

-Não.

—Então por que você fez isso?

Bárbara pensou sobre isso.

"Às vezes eu faço coisas ruins", disse ele. "É um problema que eu tenho. Penso: qual é a pior coisa que eu poderia fazer agora? E eu faço. É quase como se eu não conseguisse me conter."

Apesar de tudo, Tracy entendeu o que Barbara queria dizer. Ela também tinha esses pensamentos; a diferença era que tinha medo de obedecê-los. Ela imaginava que a mesma coisa acontecia com a maioria das pessoas.

"Você devia dar uma olhada nisso", disse ele, e Barbara riu um pouco. Tracy sorriu.

Apesar de tudo, ele gostava de fazê-la rir.

"Já fiz isso", respondeu o outro. "Meu pai me leva ao psiquiatra desde os meus cinco anos."

—O mesmo?

"Muitas diferentes. Uma nova a cada ano. A deste ano é a Dra. Roth. Eu a chamo de Dra.

Preguiçosa, porque é assim que ela fala. E ela fala como uma preguiça também. Assim mesmo", disse Barbara, que começou a imitar alguém com a fala lenta e arrastada. "Pelo menos ela é mulher", acrescentou depois de um momento. "Eu gosto mais de mulheres."

"Eu também", disse Tracy, embora não tivesse certeza se era verdade. "Então, o que o Dr.

Roth acha que há de errado com você?"

"Controle de impulsos", disse Barbara. "Segundo ela, não tenho o suficiente. Meu pai concorda."

—Você não se dá bem com ele.

"Ha", ele disse. "Você está falando pouco."

"Foi por isso que você veio para as colônias neste verão?", perguntou Tracy. "Para fugir dele?"

-Em parte.

—E qual é a outra parte?

Bárbara não respondeu imediatamente.

"Ficar longe de todos eles", disse ele finalmente. "Eles vão dar aquela festa neste verão, e eu não queria estar lá. Com aqueles amigos horríveis que eles têm. Eu não gosto de nenhum deles."

Tracy tinha outra teoria.

—É mais fácil para você ver seu namorado quando está nas colônias?

Bárbara assentiu. Ela sentiu o queixo dele subir e descer na sua nuca.

"É mais fácil para mim escapar ", disse ele. "Sempre tem alguém acordado em casa."

"E sua mãe?" Foi a conversa mais longa que já tiveram sobre a família da amiga. Ela geralmente mudava de assunto. "Como ela é?", perguntou Tracy, insistindo no assunto.

Silêncio.

"Uma mulher inútil", disse Bárbara. "Ela mal consegue ficar de pé."

—O que há de errado com ele?

A outra relaxou um pouco os braços ao redor dela.

"Meu irmão desapareceu", disse ela baixinho. "E nunca mais voltou. É isso que está acontecendo com ele, eu acho. Porque eu vi fotos dele quando adolescente, e ele parecia normal. Uma pessoa diferente."

Tracy pegou a mão dele. Apertou-a suavemente. Sentia o frio aliviando a embriaguez dele. Tinha a sensação de que amanhã se envergonharia de parte daquilo, ou talvez de tudo.

Que seria difícil olhar para Lowell, Walter e Barbara. Mas, por enquanto, usou o que lhe restava da coragem infundida pelo álcool para entrelaçar os dedos deles e puxar o braço dele para mais perto dela.

"Você sabia do meu irmão?", perguntou a amiga. "Todo mundo sabe?"

Tracy assentiu.

"Sinto muito", ele disse.

Silêncio.

"Minha mãe acha que ele vai voltar", declarou Bárbara. "Mas ela não conta para o meu pai. Só para mim. Ele fica bravo só de ouvir ela mencionar o Urso."

"Você acha que ele vai voltar?", disse Tracy.

"Não", respondeu o outro. "Acho que não."

No escuro, ele ouviu Barbara abrir e fechar a boca.

-Que?

"Penso muito nele. Gostaria que ele não tivesse desaparecido", disse Barbara.

—Você gostaria de tê-lo conhecido?

"Não. Quer dizer, sim, isso faz parte", explicou ela. "Já vi fotos dele, e ele parecia uma pessoa legal. Todo mundo diz isso." Ela fez uma pausa. Tracy prendeu a respiração: não queria estragar o momento. "Quando eu era pequena", disse Barbara, "eu tinha conversas imaginárias com ele. Eu fingia que ele ainda morava conosco, que eu tinha um irmão mais velho que cuidava de mim. Ele me protegia dos meus pais quando eles brigavam ou quando estavam bravos comigo." Tracy assentiu. Ela era filha única e tinha fantasias semelhantes.

"Mas, ao mesmo tempo, se ele não tivesse desaparecido..."

"O quê?" ele perguntou.

"Eu não teria nascido", disse Bárbara. "E acho que teria sido melhor assim."

Eles permaneceram em silêncio por um tempo.

Tracy sabia que um adulto teria ficado alarmado, teria protestado dizendo que a vida sempre valia a pena ser vivida. Mas ela, com quase treze anos, não interpretou aquela declaração como um pedido de ajuda, mas simplesmente como uma constatação de um fato. Então, ela não disse nada, e eles respiraram juntos por um tempo, até que ambos pensaram que o outro havia adormecido.

De repente, Bárbara falou novamente:

—Que horas você acha que são?

Tracy aproximou o relógio, inclinando-o para que refletisse a luz do fogo.

"Meia-noite", ele disse.

"Merda", sussurrou Barbara.

-Que?

-Tenho que ir.

Ele se levantou rapidamente e sentou-se.

Tracy também se sentou ao lado dele.

"Ir embora? ", disse ele. Bárbara vasculhava a mochila, procurando alguma coisa.

"Aonde você vai? ", perguntou ela.

—Para o mesmo lugar de todas as noites.

Ele pegou uma lanterna.

—Onde você conseguiu isso?

—Eu trouxe do Abeto.

"Mas como você vai saber para onde está indo?", Tracy perguntou, incrédula.

Barbara soltou um bufo de escárnio.

"Não se preocupe comigo", disse ele. "Conheço esta floresta como a palma da minha mão."

E ela se afastou, passou pelo fogo e desceu a colina. Observou até ver apenas o facho de sua lanterna. E então ele também desapareceu.

TRACY

Julho de 1975

Tracy dormia mal, às vezes acordada pelo frio e outras vezes pelo barulho que os outros campistas faziam cuidando do fogo.

Em determinado momento, ela abriu os olhos e descobriu que já estava claro lá fora e que ela ainda estava sozinha na barraca.

Ela se levantou de um salto, tomada pelo medo. Todos ainda dormiam. Ela foi na ponta dos pés até a barraca de Lowell e Walter e se inclinou ao lado dele, dizendo seu nome baixinho até que ele abrisse um olho.

"Barbara não está aqui", disse ele. "Ela se foi."

Ele piscou por causa da luz do sol, esfregou os olhos e se espreguiçou.

"O que você está dizendo?", ele respondeu. "Acabei de vê-la. Ela está juntando mais lenha."

E de fato: a menina saiu de trás de algumas árvores, com os braços cheios de toras e juntando gravetos para alimentar a fogueira da manhã.

O plano para o dia era montar armadilhas simples para esquilos, algo que TJ havia ensinado a fazer nas aulas de sobrevivência ao ar livre. Claro, Barbara atuou como supervisora.

Ao cair da noite, as armadilhas estavam livres de iscas e esquilos. Alguém havia encontrado um pequeno aglomerado de frutas vermelhas, mas era evidente que a caminhada que tiveram que fazer para trazê-las de volta havia consumido mais energia do que as frutas eram capazes de fornecer.

A atmosfera havia mudado. Sem mais nada para fazer, eles apenas esperaram a chegada do jantar, que consistia nas pequenas porções de feijão enlatado, frutas secas e nozes que Bárbara reservara para aquela noite. Os campistas mais jovens reclamavam de fome, e os mais velhos, de mau humor.

Bárbara partiu mais uma vez para a floresta, determinada a inspecionar as armadilhas. E

um momento depois, ouviram um grito.

Tracy se levantou. Ela viu Lowell também se levantar do outro lado do acampamento. E

então ele começou a correr na direção da voz de Barbara.

Os dois reapareceram um minuto depois, sorrindo, carregando duas das varas da armadilha nos ombros. Delas pendiam as carcaças de três esquilos vermelhos, balançando no ritmo de seus passos. Horrorizada, Tracy viu que um deles ainda estava esperneando e convulsionando.

"Barbara!" ele gritou. "Barbara, tem um vivo!"

A menina assentiu.

“Pegue uma pedra”, ele disse.

"Eu?", disse Tracy.

—Sim, você.

Ela vasculhou o acampamento. Imediatamente avistou um que parecia sólido e o ergueu para que Bárbara o inspecionasse.

"Ótimo", disse Barbara. "Agora tire uma meia e coloque a pedra dentro." Tracy sentiu o estômago embrulhar. "Faça isso. Vamos, Tracy. Se eu soltar o graveto, ele vai escapar."

O jeito como ele a olhava lhe dizia que aquilo era um teste, e que falhar seria catastrófico para a amizade deles. Então ela obedeceu; sentou-se no chão, tirou o sapato e a meia e guardou a pedra dentro.

Ele mancou com um pé descalço em direção ao esquilo frenético. Os outros campistas ficaram em silêncio. Ele mirou sua arma e a balançou como um taco contra o crânio do esquilo vermelho até que ele parasse de se mover.

Por fim, ela olhou para cima e viu que não apenas seus companheiros de equipe a observavam, mas também TJ Hewitt, de seu monte, com as mãos na cintura, dando-lhe um sorriso de aprovação.

—Bom trabalho ! —gritou ele.

Foram as primeiras palavras que ele lhes dirigiu desde que se declarou invisível.

Então ele rapidamente virou as costas para eles e voltou para sua tenda.

Foi Bárbara quem esfolou os esquilos, trabalhando curvada sobre uma lona estendida no chão.

Quando ele estava quase terminando de esfolá-los, colocou a carcaça de um deles em seu colo e começou a descascar a pele restante com uma faca de cozinha.

Os outros olharam para ela.

Mais tarde, ninguém teria certeza de como isso tinha acontecido — nem mesmo a própria Bárbara — mas de repente eles viram que ela estava muito quieta, com o esquilo meio esfolado em seu joelho direito e a ponta da pequena faca que ela estava usando presa em sua coxa esquerda.

Ele ainda segurava a maçaneta. Sem pensar, puxou-a com outro movimento igualmente rápido e então disse:

—Eu não deveria ter feito isso.

E era verdade: a ferida permaneceu inativa por três segundos, como se hesitasse, e finalmente uma pequena poça de sangue emergiu dela e começou a escorrer.

"Eu não devia ter tirado", repetiu Bárbara. "Devia ter deixado lá dentro."

Ela estava de shorts, então sua perna estava completamente exposta. Agora, o sangue escorria pela parte interna da coxa, respingando no chão.

Alguns dos campistas se afastaram, com as mãos na cabeça; outros se aproximaram.

“Temos que contar ao TJ”, disse Lowell.

"Não", disse Barbara rapidamente.

"Por que não?", perguntou ele. "Ela disse que deveríamos. Que a única razão para chamá-la seria em caso de emergência."

"Não é uma emergência", disse Barbara. "Eu consigo lidar com isso." Ela olhou ao redor.

O sangue que escorria de sua perna pingava no chão em gotas grossas: plop, plop.

"Christopher", disse ela. O menino havia fugido assim que viu o sangue. Agora ele emergia timidamente de sua barraca. "Preciso do meu moletom de volta", disse Barbara. "Desculpe."

O rapaz tirou-a rapidamente e correu com ela. Ela cortou uma manga com a faca e amarrou-a firmemente em volta da perna. O tecido rapidamente mudou de branco para rosa.

Ele o carregou enrolado assim por algumas horas, enquanto fazia suas tarefas como sempre, imperturbável.

Eles comeram esquilo no jantar, cerca de um bocado de carne cada um, o que elevou o moral de todos, mesmo que não aliviasse a fome.

Ao anoitecer, Tracy notou que Barbara estava mais quieta do que o normal. Ela obviamente havia perdido muito sangue; eles tiveram que substituir a manga do seu moletom duas vezes por outros pedaços de tecido.

"Você está bem?" ele perguntou a ela.

"Estou bem", disse ela. Mas seu rosto estava muito pálido. Tracy a encarou por um longo momento. "O quê?", exclamou Barbara.

Ela percebeu que, atrás dela, os outros se viravam em sua direção. O acampamento estava em silêncio.

"Temos que contar ao TJ", disse Lowell. Ele olhou para Barbara, examinando seu rosto.

"Estou falando sério. Você perdeu muito sangue. É perigoso."

"Estou bem", repetiu Barbara fracamente.

Mas ele a ignorou. Caminhou em direção ao acampamento do conselheiro. Bárbara o chamou uma vez, mas sua voz estava baixa demais para ser ouvida.

Dez segundos depois, TJ desceu correndo a pequena ladeira que separava os dois acampamentos, carregando uma panela grande. Ajoelhou-se diante de Bárbara, que agora estava deitada de costas, aparentemente incapaz de manter a cabeça erguida.

Depois de examinar seu aluno, ele se levantou e olhou ao redor, lançando aos presentes um olhar calculista.

Então, após identificar corretamente Lowell Cargill como a pessoa mais indicada para ajudar em uma situação de crise, ele pediu que ele pegasse a panela, acendesse uma fogueira e fervesse um pouco de água. Enquanto isso, ele rapidamente pegou Barbara no colo e subiu a colina o mais rápido que pôde.

"Me avise quando ferver", ele gritou.

E ambos desapareceram dentro da tenda.

Ao cair da noite, o ferimento de Bárbara foi limpo e suturado, e ela recebeu comida, água e roupas mais quentes, e a cor havia retornado ao seu rosto. Ela também estava de volta com seus companheiros no acampamento, fazendo pouco caso do ocorrido.

Mais tarde, em sua tenda, Tracy e sua amiga se aconchegaram novamente.

"Bárbara", ela disse.

-Que?

—Estou feliz que você esteja bem.

Barbara bufou.

—Nada teria acontecido comigo.

"Não sei", respondeu Tracy. "Você não parecia bem."

— Eu poderia ter me cuidado. Se tivesse piorado, teria ido a pé até o Acampamento Emerson. Teria ido e voltado a pé. Não havia necessidade de envolver o TJ.

Estranhamente, Tracy acreditou nela.

"Onde você aprendeu tudo isso?" ele perguntou.

—Que coisas?

—Você sabe. Montar armadilhas, montar barracas e tudo mais. Esfolar esquilos. Fazer primeiros socorros.

"Bem, onde você está ?", disse Barbara. "Nas aulas do TJ."

Tracy balançou a cabeça.

—Não sei o que você sabe. Acho que ninguém mais sabe.

Bárbara ficou em silêncio por um momento.

"Eu sei pela minha família", ele disse.

Eles permaneceram em silêncio. Ela sentiu que não era só isso. Mas não insistiu.

"Você vai embora de novo hoje à noite?" Tracy sussurrou.

"Acho que não consigo", disse Barbara. Ela se mexeu um pouco. "Duvido que minha perna deixe." Ela suspirou.

"O que acontece se você não for?" ela perguntou.

Ele disse isso com cautela: não queria repetir o erro e irritá-la insistindo em um assunto sobre o qual ela claramente não queria falar.

Barbara permaneceu em silêncio por tanto tempo que Tracy presumiu que ela tivesse adormecido. As roupas extras que TJ lhe dera mantinham as duas aquecidas, e ela também sentiu sono.

Então ele ouviu seu companheiro suspirar na escuridão.

"Certamente ", disse ele em voz baixa. "Certamente algo está acontecendo ."

ALICE

Agosto de 1975: Dia 2

No segundo dia de Barbara fora, Alice acorda com a boca mais seca que uma lixa.

Ele dormiu de bruços a noite toda. Uma mancha úmida se espalhou por toda a colcha, vinda de seus lábios.

Ele sabe que algo ruim aconteceu. A sensação paira no ar, embora a informação

real ainda não o tenha alcançado. Ele se senta. Pega o copo de gim no criado-mudo. Bebe com dor.

Ele se levanta.

″ Bárbara. "

Isso mesmo. Sua filha está desaparecida desde ontem de manhã.

Cinco minutos depois, Alice está na varanda. Ela olha pela janela: mais pais estão chegando para buscar seus filhos, uma semana antes do previsto.

Alguns — aqueles que moram em Albany, Niskayuna ou Vermont — já vieram ontem.

Os demais — os da Costa Oeste, os do Colorado, os que tiveram que voar — estão chegando hoje, e ela os vê dirigindo seus carros alugados para a Reserva, ansiosos, horrorizados porque seus filhos tiveram que passar a noite inteira em um lugar onde, menos de 24 horas atrás, outra garota desapareceu.

Ela entende. Ela se lembra de se sentir assim com Bear: arrependida por não ter feito nada para protegê-lo. Pronta para machucar fisicamente qualquer um que sequer pensasse em machucá-lo. Seu filho precisava dela, esse era o ponto. Ela foi a primeira pessoa na vida dele que precisou dele. Ele se agarrou a ela, um hábito que Peter descartava como patológico.

Mas, até então, Alice nunca tinha sido protetora de ninguém, e era um sentimento que ela gostava e ao qual se entregava secretamente, quando estavam sozinhos.

Atrás dela, alguém entra no solário.

Ele sabe quem é sem precisar se virar.

Ela entende que a levarão para Albany hoje. Os Peters estão tirando-a do caminho, como sempre.

Tudo bem. Ele gosta de estar em Albany.

Lá ele ouve melhor a voz do filho.

ALICE

1961

Bear pulava de excitação. Alice o observava pela janela do solário: no dia em que começava o Adeus às Moscas, ele sempre ficava parado no jardim da frente, ansioso para que as pessoas chegassem. Agora, ele dava cambalhotas e jogava uma bola de beisebol para o alto sem parar. Cantava uma música que Alice não conhecia; devia ter aprendido na escola. Às vezes, parecia-lhe estranho que Bear tivesse uma vida inteira fora de casa da qual ela nada sabia. Ele se tornou uma *pessoa ultimamente,* ela dizia a Peter, e ele revirava os olhos, como se não entendesse. Mas ele entendia. Ela sabia que ele entendia.

Aos oito anos, Bear era charmoso, inteligente, curioso, engraçado e cada vez mais independente. Mais até do que ela gostaria; às vezes, sentia falta dele, ansiava por sua presença constante ao seu lado, por aquela voz aguda e clara que gritava "Mamãe !" dezoito vezes por minuto.

Peter, por outro lado, estava encantado. Era exatamente o que ele queria que o menino demonstrasse: autossuficiência. E um dos aspectos positivos disso foi que isso aproximou ainda mais o pai e a mãe. Agora, estavam sentados juntos, assistindo ao espetáculo do filho.

Começaram a desfrutar da companhia um do outro como nunca antes. Afinal, Alice estava mais velha. Ela faria 26 anos naquele ano. Finalmente, uma idade respeitável.

Às vezes, ela tinha a emocionante sensação de que o marido estava se apaixonando por ela — pela primeira vez, na verdade. Sentia pena da versão mais jovem de si mesma, a jovem de dezoito anos que nada conhecia do mundo, mas naquele momento estava feliz pelo presente. Era engraçado, pensou ela, quantos relacionamentos alguém poderia ter com o mesmo homem ao longo de uma vida inteira.

Para a festa daquele ano, Peter e seu pai convidaram mais pessoas do que nunca: Alice contou trinta e sete. Todos os quartos da casa foram alocados, assim como todos os cômodos das dependências. Devido ao número de homens e mulheres solteiros que não podiam dividir um quarto, eles tiveram até que requisitar alguns alojamentos para empregados. Para os membros deslocados por essa medida, duas casas de veraneio localizadas oito quilômetros ao sul foram

alugadas, e carros foram fornecidos.

Quando o primeiro hóspede chegou, Bear correu até a entrada da garagem para recebê-lo. Do terraço, Alice reconheceu imediatamente o veículo: era o de Delphine.

Já haviam se passado três anos desde a morte de George, e sua irmã continuou a vir sozinha durante todo esse tempo, sempre chegando no mesmo Buick prático que ela teimosamente se recusava a vender.

"Urso!", disse ele. Através do vidro, Alice viu a boca dele formar a palavra. Sua irmã e o menino sempre tiveram um vínculo especial, uma linda amizade. Sempre que Delphine vinha visitá-lo no verão , ela o tratava como um igual, trazendo-lhe papel e tintas e passando horas sentada com ele, conversando sobre o que estava aprendendo na escola.

Alice caminhou pelo corredor até a sala de estar, onde Peter e seus pais estavam lendo perto da lareira central.

"Delphine chegou", ele disse a eles.

Naquele ano, o grupo de participantes era eclético. Havia os suspeitos de sempre: as famílias de Peter e Alice; os Southworths, que trouxeram sua filha, Annabel; e os McLellans e seus filhos, além de alguns clientes e os artistas de sempre.

Todos elogiaram a comida. Aliás, todos elogiaram tudo: a decoração, as flores, os músicos que contrataram, os vestidos que Alice estava usando, a inteligência e o bom humor de Bear, e também o quão bonito ele era.

Ao longo da semana, ela viu Peter mudar: ele era a melhor versão de si mesmo. Mais feliz e entusiasmado. Até relaxado. Houve momentos em que ela o encontrou sentado no jardim lendo um jornal. Em anos anteriores, parecia que ele nunca se sentava.

Um dia, quando a maioria dos convidados tinha ido caminhar no Monte Hunt, Alice ficou em casa. Cansada de dormir tarde, decidiu tirar uma soneca rápida.

Ele foi para o quarto e parou no mesmo instante.

Peter estava na cama dela, acordado.

Ele olhou para ela. A princípio, surpreso. Depois, sorriu.

"Você não vai fazer uma caminhada?" ele perguntou.

"Não", disse Alice. "Eu queria descansar um pouco."

Ela esperou, um tanto nervosa. Aquela palavra era um anátema para o marido; ele não gostava de descansar, nem gostava que ninguém ao seu redor o fizesse.

Mas agora isso a surpreendeu.

"Venha descansar comigo", ele disse.

Nos primeiros anos de casamento, o sexo fora obrigatório. Sempre fora acompanhado de certa vergonha de ambos os lados: desde os primeiros momentos que passaram a sós, Alice nunca sentira desejo no marido, mas sim algo próximo ao dever ou a uma espécie de caridade condescendente.

Quando Bear completou um ano, Peter mobiliou um quarto separado para ela, tanto na casa deles em Albany quanto na Self-Reliance. Ele não a incluiu nessa decisão; apenas lhe mostrou os dois quartos e disse que era necessário por causa da insônia dela.

Desde então, Alice dormia sozinha.

Ainda jovem, ela às vezes sentia um desejo tão forte que não sabia o que fazer com ele.

Ela desejava amigos e estranhos na rua. Mas depois de algumas rejeições de Peter, tão brutais que a faziam chorar, ela desistiu de todas as tentativas de interagir com ele dessa forma. Ela simplesmente satisfazia suas necessidades sozinha, se perguntando se havia outras mulheres no planeta que fizessem o mesmo.

Naquele dia, porém, Peter veio até ela com uma ternura que Alice nunca havia sentido antes. Ele era gentil e enérgico ao mesmo tempo. Quando terminou, ela se deitou ao lado dele, maravilhada.

E ela chorou, algo que quase nunca se permitia fazer com o marido.

"O que houve?" ele perguntou gentilmente.

Ela lhe disse que chorava porque o amava. E naquele momento, era verdade: ela o amava e amava a vida que construíram juntos. Mas também chorava por tudo o que lhe fora tirado até então.

"Bobagem", disse ele, mas havia afeto em sua voz. E ela se permitiu encostar nele.

Isso, ele pensou, era o que ele sempre quis.

E finalmente consegui.

Tudo havia mudado. Eles passaram o resto da semana se aconchegando. Sempre que podiam, procuravam um ao outro. Peter dormia no quarto dela, aquele que ele havia preparado para ela. Ele só ia para o seu próprio quarto, do outro lado do corredor, para se trocar e se vestir de manhã.

Até Bear percebeu: quando se aproximou deles, pegou as mãos dos dois e sorriu para seus rostos, como se percebesse o amor que sentiam.

Normalmente, o Adeus às Moscas durava de sábado a sábado. Naquele ano, no jantar anual de despedida — um banquete de frutos do mar que a equipe preparou à moda tradicional, na praia —, Peter se levantou e pediu a atenção de todos.

"Não vá embora amanhã", disse ele. "Fique mais um dia." Olhou ao redor, como se as implicações da sua ideia tivessem acabado de lhe ocorrer. Chamou o cozinheiro da época:

"Warren! Temos comida suficiente para amanhã, não é?"

Sem ter muita certeza do que estava fazendo, ele assentiu. Alice sabia que isso significaria mais viagens à vila e uma mudança de planos para todos os trabalhadores temporários que haviam sido contratados por apenas uma semana.

Mas Pedro já havia tomado sua decisão. Os convidados já o aplaudiam.

O jantar parecia pronto para começar quando alguém falou da periferia:

"Tem certeza de que não tem problema?", perguntou Delphine. Todos se viraram para ela. "Warren, você tinha outros planos?"

Silêncio.

Todos os presentes na praia compreenderam claramente a impertinência daquela intervenção. Que direito tinha aquela mulher — uma viúva sozinha na festa — de se dirigir diretamente a um membro da família Van Laar?

De repente, o pai de Peter — que normalmente deixava o filho comandar as coisas —

levantou-se da cadeira baixa de Adirondack em que estava sentado com uma agilidade que surpreenderia qualquer homem da sua idade.

Ele se dirigiu ao grupo como um todo:

"Warren ficará feliz em ajudar a todos", disse ele. "E nós também. Obrigado pela preocupação, Sra. Barlow."

Naquela noite, na cama, o bom humor de Peter desapareceu, substituído por uma fúria silenciosa.

"Mas como você pôde pensar nisso?" ele repetia várias vezes, referindo-se, Alice supôs, a Delphine.

"Ela tem boas intenções", disse ela. "Ela é só que. . ela sempre foi diferente. Desde que éramos crianças." Peter não disse nada. "Ela também tem virtudes. Ela é muito boa para o Bear", acrescentou, procurando desesperadamente por qualquer coisa que pudesse apaziguar o marido. "Ela sempre foi legal com ele. Ela senta com ele, sabe? Ela traz brinquedos para ele quando ele vem."

"Que mulher presunçosa", disse Peter. "Eu sei que ela é sua irmã, Alice, mas não tenho certeza se podemos continuar a convidá-la."

Ele se virou, dando as costas para ela.

Ela colocou a mão hesitante no ombro dele. O marido a afastou. Então ela saiu

da cama.

Vestiu o robe. Saiu do quarto, atravessou o corredor e entrou no seu.

Alice não queria quebrar o ritmo dos últimos dias. Ela não queria voltar à vida que sempre levara.

Ela não tinha bebido tanto quanto de costume naquela semana; a atenção de Peter fora uma distração bem-vinda. Mas no último sábado de Adeus às Moscas, quando percebeu que ele não voltaria do quarto, pegou uma taça de vinho do almoço e se dedicou a enchê-la na cozinha sempre que tinha um momento a sós.

Às quatro da tarde, o cheiro do ar havia mudado. Todos diziam que a chuva estava chegando.

O serviço esteve movimentado o dia todo, trazendo sacolas de compras da vila.

Em certo momento, alguém sugeriu uma excursão ao Lago Joan: seria a última chance de passear de barco antes da tempestade. Então, a decisão foi tomada, e todos foram para seus quartos se trocar.

O Urso ia gostar, pensou Alice. E foi procurá-lo.

O garoto andara por aí com John Paul e Marnie McLellan a semana toda; ela passara horas sem vê-lo. Nunca lhe dera tão pouca atenção como naquela semana; nunca tivera distrações como as de Peter. Estava tudo bem, disse a si mesma. Bear estava se divertindo.

Tessie Jo Hewitt também fazia parte do grupo. Ela era mais velha que as outras, uma espécie de líder. Alice não tinha certeza, mas achava que era possível que Vic Hewitt tivesse designado a filha para cuidar das outras crianças.

Ele não encontrou Bear em seu quarto, nem no dos McLellans.

Ele o procurou na praia e no galpão de barcos, onde dois funcionários já preparavam vários barcos para o passeio da tarde.

"Vocês viram o Bear?" ele perguntou, mas eles disseram que não.

Ela deixara o quarto de Peter por último. Para começar, parecia improvável que

seu filho estivesse lá: Bear e o pai haviam se aproximado ultimamente, mas a realidade era que o menino pertencia exclusivamente a ela. O marido parecia sempre encará-lo de longe, mesmo quando estavam no mesmo cômodo.

Ela caminhou pelo corredor acarpetado da Autossuficiência, ouvindo as vozes das crianças, a voz do seu filho.

Ele parou em frente ao quarto de Peter e encostou o ouvido na porta.

E, como não ouviu nada, girou a maçaneta.

JUDYTA

Agosto de 1975: Dia 2

Dentro do matadouro abandonado, Judy permanece em silêncio.

Ele ouve mais passos. Cinco, seis, sete em sequência.

No fundo das sombras, ela vê uma escada que leva à escuridão do andar superior. Se estivesse em um filme, pensa, seguiria por ali. Mas todo o seu treinamento lhe diz que não deve enfrentar uma ameaça em potencial sozinha, então o que ela faz é sair do prédio.

À luz do dia, ele corre na direção do Acampamento Emerson.

Quinze minutos depois, Judy está com Denny Hayes e o Capitão LaRochelle na estrada de terra. À frente deles, um esquadrão de seis policiais estaduais — armas em punho, costas pressionadas contra a parede — entra no prédio em duplas.

"Parece desnecessário", ela sussurra, e seu parceiro se vira para sibilar para ela.

—Ordens do capitão, ele diz.

Quando os últimos policiais desaparecem lá dentro, Judy começa a se arrepender do que fez.

Ele passa três longos minutos olhando para o céu. Ou para o chão.

Quantos passos ele realmente ouviu? Só alguns, pensa. E foram altos? Nada de

especial .

Seria possível que fosse outra coisa? Uma árvore batendo no telhado. Bolotas caindo.

Dezenas de possibilidades lhe ocorrem, até que os policiais terminam de sair do matadouro, agora relaxados.

Os dois da frente atravessam a estrada de terra para falar com o Capitão LaRochelle.

"Temos os culpados", diz um deles.

"Uma família de esquilos", acrescenta o outro, sorrindo.

Seu superior pigarreia.

—E é só isso? Tem certeza?

—Sim. Nós revistamos todo o andar de cima.

Ele não diz nada. Então, sem olhar para Judy, ele se vira para Hayes:

"Você me interrompeu enquanto eu conversava com o Sr. Van Laar", diz LaRochelle.

"Então acho que devo voltar para ele."

E ele se afasta.

JUDYTA

Agosto de 1975: Dia 2

De volta ao centro de comando da cabine do diretor, Denny Hayes está na frente da sala, preparando-se para retomar a reunião com o pequeno grupo de detetives reunidos à sua frente.

O superintendente, ele lhes diz, não está satisfeito com os resultados até o momento. A equipe de Busca e Resgate do Parque Nacional Adirondack — voluntários civis — foi enviada para realizar uma busca de Tipo 3 na mata ao

redor, depois que a Agência Ambiental não conseguiu encontrar nada nem ninguém ontem.

"Alguma pista esta manhã?", pergunta Hayes.

Os outros detetives olham ao redor. Suas expressões faciais deixam claro: quase nada.

"Algumas crianças dizem que viram uma mulher na floresta no passado", diz uma delas.

"Neste verão e nos anteriores também. Parece ser uma lenda local. Algum tipo de história de fantasma."

Hayes pisca.

"Uma mulher de uma história de fantasma. Anotada", diz ele. "Alguém pode nos dar mais detalhes sobre esse fantasma?"

"Uma mulher mais velha", diz o mesmo detetive. "Magra. Cabelos grisalhos. Foi tudo o que descobri. Tirando o nome que lhe deram."

-Como?

O detetive, envergonhado, examina teatralmente suas anotações. Ele lê o nome:

—Maria, a Sinistra.

"Mary Sinistra", repete Hayes. O detetive assente. "Mais alguém?"

Silêncio.

"Todo mundo diz que Barbara era popular", comenta outro detetive. "Pelo que ouvi, ela não estava brigando com ninguém."

Hayes parece mais desesperado do que nunca.

Ainda se sentindo humilhada pelo erro no matadouro, Judy pondera se deve compartilhar a informação que a Sra. Clute, a cozinheira, lhe deu naquele momento. Ela imagina que já estejam falando dela na Reserva. Que a estejam chamando de incompetente.

Ela prefere contar a Denny em particular. Mas Hayes parece prestes a encerrar a reunião, então ela levanta a mão.

"Abaixe a mão, Judy", ele diz . "Você é uma detetive, não uma estudante. Fale mais alto."

Ela cora.

"Tem uma cozinheira aqui em casa que tinha coisas para me contar", ele começa.

"Acontece que ela é filha do homem acusado de sequestrar Bear Van Laar."

Há um momento de silêncio.

Então um detetive que ainda não falou diz:

"Carl Stoddard?" Judy assente. Ela o reconhece: ele é o detetive mais velho do grupo.

Aquele que ontem perguntou a LaRochelle se eles estavam considerando Jacon Sluiter como suspeito do desaparecimento de Barbara. "Eu trabalhei naquele caso", diz o homem, confirmando o que todos já suspeitavam.

Judy faz uma anotação para falar com ele quando o encontrar sozinho.

"Por que diabos a filha de Carl Stoddard está trabalhando para os Van Laars?", pergunta Hayes. "Não faz sentido. Da parte de ninguém. Eles não a quereriam na casa deles, isso é claro. E ela provavelmente também não gostaria de trabalhar lá."

"Ela usa o nome de casada", diz Judy. "Clute. Ela diz que os Van Laars não sabem quem ela é. Ela aceitou o emprego por necessidade quando o marido perdeu o dele. Eles têm muitos filhos. E outro a caminho."

—E o que você tem a dizer sobre o desaparecimento de Barbara?

Judy se pergunta como expressar isso.

— Ela diz que a família nunca a tratou bem. Que a negligenciaram completamente. Mas ela não tem nenhuma teoria sobre para onde possa ter

fugido.

"Algo... inapropriado? Algo mais do que abandono?", pergunta Hayes.

"Ele não mencionou nada", diz Judy. "Mas duvido que saiba de tudo. Este é o primeiro verão dele trabalhando lá."

—E o que ele te contou sobre o pai?

A sala inteira parece prender a respiração.

"Ele diz que Carl Stoddard foi incriminado", explica ela. "Que não poderia ter sido ele.

Mas ele morreu de ataque cardíaco antes de ser absolvido, então a família Van Laar permitiu que se presumisse que ele era o responsável, com base em apenas algumas evidências." Ela faz uma pausa. "Presumo que o Capitão LaRochelle concordou. E essa também foi a versão que foi apresentada ao público."

Silêncio.

Judy dá uma olhada no detetive que trabalhou no caso original.

“Goldman”, diz Hayes, e ele se vira, “o que você acha?”

Este pensa sobre isso.

Ele olha por cima do ombro, procurando por LaRochelle.

"Stoddard nunca me convenceu como suspeito", diz ele. "Mas não me pergunte isso na frente do capitão."

"A Sra. Clute assinou alguma declaração para você?", pergunta Hayes, virando-se para Judy. "Ela apresentaria uma declaração oficial?"

"Não", ela responde baixinho. "Ele praticamente saiu correndo quando eu pedi."

"Mesmo assim", diz ele , "obrigado, Detetive Luptack. Essa foi a coisa mais interessante que ouvi hoje. Você deve ter inspirado confiança nele para lhe contar tudo isso." Ele a olha nos olhos. E acrescenta: "Mais alguma coisa? Alguém?"

A porta se abre de repente. O Capitão LaRochelle entra.

A atmosfera na sala muda imediatamente. Goldman começa a examinar os arquivos.

Dois dos detetives vão embora. E Judy percebe que todos tomaram uma decisão silenciosa: não dizer mais nada na frente de LaRochelle. Pelo menos não sem antes contar a Hayes em particular.

O capitão não pergunta o que aconteceu desde que ele partiu.

JUDYTA

Agosto de 1975: Dia 2

LaRochelle anuncia que a equipe de Busca e Resgate do Parque Nacional Adirondack encontrou algo perto da torre de observação no topo do Monte Hunt. Um grande número de garrafas de cerveja foi coletado dentro e fora da cabana próxima. E eles encontraram algumas impressões digitais úteis nelas. Cinco delas correspondem às de John Paul McLellan.

Mas há mais.

Alguém ligou para a delegacia de Ray Brook com uma denúncia anônima: aparentemente McLellan estava hospedado perto da Reserva Van Laar, não apenas durante a semana de comemorações na casa, mas durante todo o verão. Portanto, é provável que o namorado que Barbara Van Laar visitava todas as noites na cabana dos escoteiros fosse McLellan.

"Então, agora o pegamos?", pergunta Goldman. "Entre isso e o uniforme ensanguentado, ele é o culpado ?"

"Há um problema", diz LaRochelle. "Porque McLellan e seu pai, o advogado, apresentaram uma alegação diferente: que foi Louise Donnadieu, a conselheira de Barbara, quem pediu que ela se livrasse da bolsa. O conteúdo dela", acrescenta o capitão, "está sendo analisado pela equipe forense para determinar o tipo sanguíneo."

—Então apontamos para McLellan, diz Goldman, e ele aponta para Donnadieu?

"E um garoto chamado Lee Towson", diz LaRochelle. "Trabalhava na cozinha. McLellan diz que ele e Donnadieu eram um casal." Há uma tosse coletiva na sala. "Enfim. Até termos os resultados do exame de sangue, vamos seguir as pistas que temos."

No centro de comando, os detetives se levantam de suas cadeiras. LaRochelle volta para a casa dos donos.

A sala esvazia-se lentamente. Quando não há mais ninguém, Denny Hayes vira-se para Judy.

—Deixe-me ver aquele mapa — ele diz.

Ela afasta o caderno da parede onde ele está encostado. Ele o pega e examina as páginas que ela desenhou: a casa, o acampamento de verão, as dependências, os nomes escritos acima daqueles que ela conseguiu completar.

Hayes pede uma caneta. Ele escreve " Desocupado ″ acima dos prédios da fazenda. O

rosto de Judy fica vermelho. Denny não diz nada por um momento. Então, ele aponta para um ponto ao norte em um dos mapas.

"Vamos adicionar a cabine de reconhecimento aqui", diz ele. "E vamos chamá-la de McLellan."

"Como é que Louise Donnadieu não sabia que ele tinha estado na Reserva o verão todo?", pergunta ela. "Eles não estavam juntos?"

"Não faço ideia", diz Hayes. "Talvez ele tenha mentido para ela."

"Onde ela pensava que estava?", pergunta Judy.

"Não tenho certeza", ele responde. "Mas podemos descobrir. Ela ainda está em Wells, até ser detida em Albion. Vou passar por lá para vê-la."

Ela concorda.

"E o McLellan?", ele pergunta. "Você o pegou?"

Hayes confirma que sim. Eles designaram um detetive de cada turno para ficar de guarda no estacionamento do hotel onde ele está hospedado, vigiando-o e aos seus pais.

"O problema", diz ele, "é que, não importa quantas evidências coletemos, sem um corpo ou a garota viva, não podemos prendê-lo. Só temos acusações menores contra ele. Dirigir sob influência de álcool. Posse de drogas. Como o pai dele é advogado, nada disso nos permitirá prendê-lo."

—Mas o uniforme… —diz Judy.

—Ele continua afirmando que Louise Donnadieu pediu para ele se livrar da bolsa em que estava.

São quase sete horas quando, exausta, ela finalmente caminha até o carro.

Ela dirige o Fusca pela longa estrada de terra que sai da Autossuficiência e vira à esquerda na Rota 29, rumo ao sul. Agora que está sozinha, não há nada para distraí-la da humilhação anterior, e ela fecha os olhos com força para bloquear brevemente a lembrança.

Ela diz " Puta merda ″ várias vezes. Todos aqueles policiais. O próprio Capitão LaRochelle.

Hayes. Todos a olhando com ceticismo. Rindo, até.

"Queria que ela tivesse subido as escadas", pensa ela. "Queria que ela tivesse escutado por mais um momento."

Seus olhos estão pesados. Foi um dia longo e quente. Quando foi promovida a detetive, não imaginava que lidaria com muito mais gente. Quando era policial, gostava dos longos períodos de solidão que acompanhavam a espera sentada na beira da estrada.

Ela aumenta o volume do rádio ao máximo. A voz de Van McCoy cantando "Hustle"

ordena que ela se apresse. Sonolenta, ela tenta obedecer.

Judy acorda assustada. Está completamente escuro. Ela ainda está na Rota 29.

Com as mãos no colo. O motor do carro está desligado. Ela ainda está viva.

Ela não se lembra de ter feito isso, mas aparentemente desviou para o acostamento e adormeceu. Ela não trancou as portas.

Sinta uma onda repentina de adrenalina e medo.

Imagine só, ela diz a si mesma. Imagine se você não tivesse parado no acostamento.

Completamente acordada, ela liga o pisca-alerta, verifica seu ponto cego e volta para a estrada.

Você vê uma placa à frente: " Shattuck Township, 10 quilômetros . ″

E abaixo, dois pequenos ícones: alimentação e hospedagem.

Vire à direita no final da saída da rodovia. Depois de um minuto, você avista um pequeno motel à beira da estrada: uma placa de neon na frente e uma piscina subterrânea ao lado.

A recepcionista está lendo um romance. Quando Judy entra, ela olha para cima.

"Eu queria saber se havia um quarto disponível", ele diz.

A mulher acena com a cabeça.

De repente, ela se sente constrangida. Não tem certeza se é normal mulheres solteiras se hospedarem em motéis por aqui, mas imagina que as que o fazem sejam de um certo tipo.

Então é explicado sem que ninguém pergunte:

—Sou policial. Detetive. Estou trabalhando em um caso aqui perto.

"Muito bem", diz a mulher. Mas ela parece um pouco mais interessada do que antes.

"Há telefones?" Judy pergunta.

"Há alguns", responde a mulher, "mas os dos quartos só se conectam à recepção.

Para chamadas externas, você tem que usar aquela cabine ali." E ela aponta.

A mãe dele atende.

"Judyta?" ele diz sem esperar.

—Oi, mãe.

— Judyta, você me deixou morrendo de preocupação. Por favor, me diga que está bem.

De repente, ouvir seu próprio nome dito por sua mãe — que chegou aos quinze anos, trabalhou duro para perder o sotaque, se recusou a falar polonês com os filhos e ainda tem que suportar estranhos olhando para ela como se fosse uma estrangeira — faz Judy querer chorar.

"Estou bem, mãe. Cansada. Tive um dia difícil." Ela ouve o pai perguntando ao fundo: "

"A que horas ele chega em casa?" "Mãe", ela diz, "eu sei que o papai não vai gostar disso , mas eu preciso me mudar. Com esse trabalho, não posso mais morar em casa."

Silêncio.

-Onde você está agora?

— Num motel. Chama-se — Judy olha para a placa acima do balcão — Alcott Family Inn.

É perto do caso em que estou trabalhando.

"Em quê?", pergunta a mãe. "Judyta Luptack, você acabou de me dizer que está em.. ?"

"Não conte para o papai", ela implora. "Por favor."

Ao fundo: « "Onde está? Em quê?"

A mãe dele solta um longo suspiro e diz:

— Ela está na casa de um amigo, Marty. Ela mora perto do caso em que está trabalhando.

Pausa . "Qual amigo seu mora lá em cima?"

"Querida", diz sua mãe, "tenha cuidado, ok?"

“Sim, mãe”, responde Judy.

O quarto está perfeitamente decorado: colcha floral, cortinas florais, quadros de flores nas paredes.

Ele cai na cama sem tirar a roupa.

JUDYTA

Agosto de 1975: Dia 3

Ela é acordada por uma batida na porta. Ela acorda lentamente, tentando se lembrar de onde está. Então, pega o relógio do criado-mudo, com medo de ter dormido demais.

São apenas seis da manhã. Judy se sente aliviada. . e também irritada.

Ele se levanta, ainda vestindo o terno agora amassado, e vai até a porta. Pelo olho mágico, vê um homem de meia-idade com uma risca lateral bem-feita. Ele veste uma camisa social de mangas curtas e gravata marrom, e está bronzeado. Segura um guarda-chuva sobre a cabeça.

Judy olha para trás, em direção ao estacionamento, do outro lado da passarela coberta que passa em frente a todos os cômodos, e vê que está chovendo torrencialmente. "Péssimo para a busca", pensa ela automaticamente.

Abra a porta, deixando a corrente.

"Olá", diz o homem. "Você é a Srta. Luptack?"

-Sim.

—Meu nome é Bob Alcott. Posso incomodá-lo um instante?

Judy acena do seu lado da porta entreaberta e trancada com corrente.

O homem olha por cima do ombro para a chuva torrencial que cai no estacionamento.

—Eu estava pensando se. . você se importaria se eu entrasse.

—Sim, eu me importo.

Ele faz uma pausa. Explica: ele é marido da recepcionista, diz ele, e coproprietário do Alcott Family Inn. Ele também é professor de história na principal escola da cidade.

"Beatrice me disse que você é detetive", diz ele. "E que está trabalhando em um caso aqui perto.. " Judy concorda. "É o caso da garota Van Laar? ", pergunta ele. Ela mantém o rosto impassível. "Está tudo bem", diz o homem. "Você não precisa responder. Mas se for, tenho algo a lhe dizer."

"Estou ouvindo", responde Judy.

—É sobre o irmão — explica Bob Alcott. Urso.

LOUISE

Agosto de 1975: Dia 3

Em Wells, Louise aguarda transferência. Ela será enviada para Albion, algumas horas a oeste, perto de Rochester; mais longe, aliás, do que ela já viajou.

Ela não vê a chuva lá fora, mas a ouve. Fecha os olhos. Imagina Barbara na floresta: primeiro viva, depois morta. Força-se a retornar mentalmente à Cabana do Abeto, na noite anterior ao desaparecimento de Barbara Van Laar. Imagina-se adormecendo em seu pequeno berço, ouvindo as ondas fracas do Lago Joan ao longe, a brisa fresca da noite.

Percebe, com uma pontada de tristeza, que o Acampamento Emerson é o lugar onde se sentiu mais em casa em toda a sua vida.

Ela adoraria que Jesse participasse dos acampamentos, mesmo que fosse só por um verão; ela queria que ele pudesse.

"Donnadieu", diz uma voz, e Louise se levanta. Pronta para ser transferida. Mas o policial abre a porta da cela para ela. "Sua fiança foi paga", diz ele.

TRACY

Agosto de 1975: Dia 3

Tracy Jewell está na sala de estar da casa de veraneio do pai em Saratoga Springs, segurando um livro. Ele e Donna Romano finalmente partiram para o hipódromo, e ela está sozinha pela primeira vez em três dias.

Agora, ela abaixa as persianas até a metade, abre uma fresta nas janelas e direciona todos os ventiladores da casa para ela. Ela sente um cheiro agradável de chuva fresca.

Prepara um lanche elaborado e o coloca no chão ao seu lado. Dois meses atrás — antes de ouvir falar da Reserva Van Laar e do Acampamento Emerson — era assim que ela imaginava passar o verão. Agora é decepcionante.

Você passa uma hora sem abrir o livro.

Ele está pensando em Barbara Van Laar, revendo mentalmente todas as conversas que teve com ela, vasculhando a mente em busca de evidências que possam ajudá-la a voltar para casa.

Há uma lembrança que ela continua relembrando. No início de agosto, logo após retornar da viagem de sobrevivência, uma semana antes do desaparecimento de Barbara, as duas voltavam de uma aula sobre vida selvagem quando sua amiga teve uma ideia.

—Siga-me — disse ele.

-Para onde?

Mas Barbara apenas sorriu e seguiu para o leste, em direção à praia.

Era um dos dias mais lindos de todo o verão. Barbara não parou por aí, mas virou para o norte, em direção à mata que margeava a praia, passando pela casa de barcos. O sol se filtrava através dos pinheiros em raios dourados, deixando manchas de luz dispersas no chão. Em algum momento, Tracy entendeu para

onde estavam indo. Em circunstâncias normais, ela teria ficado com medo — ela geralmente seguia as regras —, mas no Acampamento Emerson, e sob a influência de Barbara, ela estava se tornando imprudente.

Concluíram sua breve e silenciosa excursão em frente a um estacionamento lotado de carros; além dele, ficava a ala sul da Autossuficiência. Uma porta lateral estava entreaberta e entalada; uma empregada uniformizada entrou empurrando um carrinho de lavanderia, dobrou uma esquina e desapareceu de vista.

Tracy levou um momento para notar qualquer movimento no prado que levava ao lago, mas vozes chamaram sua atenção naquela direção. Havia um grande grupo de pessoas sentadas em cadeiras e espreguiçadeiras. Seguravam bebidas e conversavam alto e alegremente. Ela percebeu que era a comemoração do centenário da casa que sua amiga mencionara.

Tracy imediatamente se escondeu atrás de uma árvore.

"Bárbara", ele a chamou em voz baixa.

"Calma", disse ela. "É dois por um. Estão todos bêbados." Barbara continuou andando e só parou quando viu que Tracy não a seguia. "Vamos lá. As únicas pessoas com quem precisamos ter cuidado trabalham para os meus pais. E mesmo que nos vejam, não vão contar."

Eles entraram na casa pela porta lateral aberta. Duas fileiras de portas ladeavam o corredor. Através das portas abertas, Tracy viu camas, quadros emoldurados, peles de animais e cabeças empalhadas.

De vez em quando, ela corria para acompanhar Barbara, que caminhava decididamente em direção ao que ela supunha ser seu quarto; mas o que ela realmente fez foi levá-la para uma cozinha enorme.

Ele abriu a geladeira e tirou várias iguarias. Colocou-as no balcão à sua frente e começou a comer.

"Não seja tímido", disse ele. "Você está com fome? Eu estou sempre com fome."

Tracy a imitou cautelosamente. Nunca tinha visto uma garota comer com tanta devoção quanto Barbara Van Laar, que enfiava a comida na boca aos punhados.

Ela mastigava ruidosamente e engolia com avidez. Tracy a observava, fascinada.

Quando ela se cansou, jogou tudo no balcão — " Eles não vão saber que fomos nós ", disse ela — e começou a refazer seus passos pelo mesmo corredor por onde tinham entrado.

De repente, duas vozes os alcançaram, uma masculina e uma feminina. Imperturbável, Barbara abriu uma porta à sua direita e empurrou Tracy para dentro de um armário de vassouras. Era tão pequeno que só havia espaço para uma.

"Calma", disse a amiga, fechando a porta atrás de si. Pela fresta, ela viu a sombra de Barbara recuar, depois ouviu um leve rangido de dobradiças no corredor: presumiu que ela estivesse se escondendo em outro lugar.

Tracy tentava não emitir nenhum som enquanto respirava. Ela estava apavorada de ser pega e punida. Se no início das colônias ela queria ser mandada para casa, agora esse sentimento fora substituído por um firme desejo de ficar no Acampamento Emerson durante todo o verão e aprender tudo o que pudesse sobre Barbara Van Laar.

Os passos que acompanhavam as vozes se aproximavam. Ela prendeu a respiração e escutou. Teriam ido embora? Esperou trinta segundos. Mais. Então, enquanto Tracy se atrapalhava com a maçaneta, ouviu a mulher dizer um nome: " Peter " . Em sua voz, ela ouviu algo que presumiu ser desejo.

Mais ruídos inescrutáveis seguidos por um som rápido e contínuo de passos — talvez alguns perseguindo outros — e finalmente houve um silêncio verdadeiro.

Tracy deu um pulo quando a porta se abriu de repente. A luz forte do dia a fez semicerrar os olhos. Parada à sua frente estava Barbara, apontando com a cabeça para a porta lateral.

Ele carregava um saco de papel nas mãos.

Ela parecia furiosa.

"O que aconteceu?" Tracy perguntou sem emitir som, mas a outra mulher apenas balançou a cabeça com raiva e foi embora.

Ela a seguiu silenciosamente, olhando para a esquerda e para a direita, devorando a casa com os olhos.

Eu queria ver o quarto da Bárbara. Queria ver o resto da residência. Queria saber mais sobre o que eu tinha ouvido, sobre aquelas vozes sussurrantes.

Mas a discrição de Tracy venceu sua curiosidade. Ela instintivamente sabia que Barbara não gostaria que ela lhe perguntasse sobre tudo aquilo, então não disse nada, nem mesmo quando chegaram à floresta. Ela caminhou ofegante. Em certo momento — pouco antes de chegarem à praia — sua amiga finalmente parou e se virou.

"Eles pintaram meu quarto", disse ele. "Aqueles desgraçados pintaram meu quarto."

O palavrão foi como um tapa na cara. Tracy já o tinha lido, mas nunca o tinha ouvido na vida real.

"Sinto muito", ele respondeu, embora não entendesse muito bem.

"Todo o meu trabalho", disse Bárbara. "Absolutamente tudo."

Ele se agachou e cobriu o rosto com as mãos.

Tracy também se agachou lentamente.

"Que trabalho?" ele perguntou, já que estava ali há tanto tempo que seus joelhos começaram a doer.

Mas Barbara continuou com seu discurso.

"Tenho certeza de que foi por isso que me deixaram me inscrever no acampamento de verão", disse ela. "Para que pudessem entrar no meu quarto e pintá-lo sem a minha permissão." Ela se levantou e começou a andar abruptamente. "Rosa", enfatizou. "Pintaram meu maldito quarto de rosa."

"Por que você acha que eles fizeram isso?", perguntou Tracy. Ela estava correndo um pouco mais para acompanhar.

"Bem, para os convidados deles", disse Barbara. "Para a festa. Deus me livre que

alguém veja minha criatividade na casa." Ela se virou novamente. A bolsa que carregava havia se tornado uma arma; ela a brandia com o braço esticado como uma maça. "O engraçado é que eles convidaram um bando de artistas, escritores e atores. Mas são só para enfeitar.

Decoração. Ninguém os leva a sério."

Chegaram a Fir Tree quando sua hora livre estava prestes a terminar. Louise e Annabel já estavam esperando para serem levadas ao refeitório para o jantar.

Tracy ficou tão feliz por não ter sido pega que levou várias horas para se lembrar de alguma coisa. Com as luzes apagadas, deitou-se na cama, sentindo a curiosidade crescer até não poder mais contê-la. Colocou a cabeça para fora da lateral do beliche.

"Barbara", Tracy sussurrou, "o que você trouxe naquela bolsa?"

Houve um momento de silêncio.

"Que bolsa?" Barbara sussurrou na escuridão.

LOUISE

Agosto de 1975: Dia 3

Depois de pagar a fiança, Louise está de volta ao carro com Denny Hayes, desta vez no banco da frente. Apesar de tentar dissuadi-lo, ele a leva para a casa da mãe.

Uma das condições para sua libertação antes do julgamento era que ela permanecesse em um endereço conhecido e respeitasse o toque de recolher às 18h. O único endereço que Louise conseguiu fornecer quando foi levada sob custódia policial foi o de sua mãe.

E agora eles seguem silenciosamente para lá.

De repente ele diz:

—Você sabe quem pagou minha fiança?

Denny parece surpreso.

—Você não sabe?

— Não. Só sei que era uma mulher. Foi o que o policial me disse.

"Sua mãe?" ele pergunta .

"Acho que sim." Louise não quer criar muitas expectativas. Ela mal vê a mãe fora de casa há anos. E não se lembra de uma época em que tivesse mais de cinco dólares na carteira.

"Você mudou muito desde que era criança", diz Denny.

Ela fica tensa. Parece um preâmbulo para um flerte. Sempre que está sozinha no carro com um homem, ela sente uma ameaça física.

Mas ele continua, tranquilizando-a:

—Você era a alma da festa. Quando eu ia à sua casa, você sempre tinha um sorriso feliz no rosto.

Eles se aproximam do topo de uma colina da qual Louise se lembra de todas as suas viagens para casa. A pequena cidade de Shattuck aparece diante deles por um instante e depois desaparece novamente.

"Lembra quando eu levei vocês dois para Storytown?" Ela parece chocada. "Vocês deviam ter uns seis anos", diz ela. "Uns seis. Peguei você e sua mãe e levei vocês para Lake George. Sua mãe estava quieta. Mas você estava tão feliz. Você estava pulando de alegria.

Comprei uma casquinha de sorvete para você, e ela caiu da casquinha. Comprei outra na mesma hora. Não aguentava a sua cara."

Louise percebe as lágrimas em seus olhos e tenta contê-las. Ela se pergunta por que está chorando. E obtém a resposta: é a ideia de que alguém no mundo está cuidando dela, e não o contrário.

Ela se lembra daquele dia, embora não soubesse que era Denny Hayes. Em sua memória, ele era simplesmente um dos namorados de sua mãe, alguém cujo

nome ela evitava usar

para não confundi-lo com o de outra pessoa. De todos os homens que a visitaram, ele foi o único que fez algo gentil por ela sem exigir um favor em troca.

Em frente à casa da mãe, Louise e Denny Hayes inspecionam a propriedade. Duas persianas estão faltando e outra está torta. Tanta correspondência se acumulou na caixa de correio que já há uma montanha de envelopes encharcados no chão; o carteiro já desistiu.

Você terá que falar com o Jesse para que ele assuma a responsabilidade por isso. Ele deveria pelo menos trazer a correspondência para dentro de casa.

"É a mesma coisa", diz Denny piedosamente.

"Obrigada pela carona", diz Louise, e sai do carro. Ela espera que ele vá embora. Mas ele também sai e se levanta, ajeitando a camisa e a calça.

Louise faz barulho ao balançar a chave na fechadura para avisar quem está lá dentro que ela está prestes a entrar.

Ela espera que Jesse não esteja fumando nada lá em cima: ela só precisa sentir o cheiro da cozinha para saber que ele não está.

"Mãe?", ela grita. "Mãe, eu vou com alguém."

Há um momento de silêncio.

"De quem?" A voz da mulher soa rouca pela falta de uso.

“Denny Hayes”, grita Louise.

Espere. Ele consegue imaginá-la perfeitamente dizendo: " ″ Quem? ″ Muitos anos se passaram, e muito difíceis.

"Só um momento", pede a mãe. E ela a ouve subindo lentamente as escadas.

"Jesse está em casa?", Louise pergunta, mas não há resposta.

Quando sua mãe desce, ela está completamente vestida. Usando maquiagem pela

primeira vez em anos.

" Ela não tem vergonha *"* , pensa ela, mas secretamente se sente tranquilizada ao saber que a mulher ainda é capaz de fazer esse esforço.

O rosto de Denny muda quando ele a vê. Seu rosto se suaviza.

"Oi, Carol", ele diz. "Faz tempo, não é?"

Ouvir o primeiro nome da mãe desperta uma dor em Louise. Ela mal o ouvia em voz alta nos últimos anos.

A mulher olha para os dois, um de cada vez.

—Você se tornou um policial, Denny?

"Eu já era um quando nos conhecemos", ele diz . "Você não se lembra? Um agente do Estado."

Ela pensa sobre isso.

—Acho que me lembro.

"Agora sou um detetive sênior " , diz Denny. "Fui promovido, e depois fui promovido de novo."

"Nossa, parabéns", responde a mulher. E então ela percebe uma coisa. "O que minha filha fez?"

Ela fica tensa.

"Eu pensei. .", diz Louise. Mas ela para. Pisca rapidamente, tentando conter as lágrimas inesperadas. Depois de todos esses anos, pensa, como pôde pensar em esperar que sua mãe a resgatasse?

"Denny?", pergunta sua mãe.

Ele olha para ela.

"Bem", ele diz, "acho que vou deixar Louise explicar para você, considerando que ela tem mais de dezoito anos."

A mãe permanece imóvel, alerta. Ela parece mais sóbria do que nunca; não tem certeza se isso é intencional ou apenas uma coincidência.

"Carol", diz Denny, "você se importa se eu falar com Louise um momento? Em particular?"

—Acho que não.

Sua mãe se retira para o outro quarto.

Quando estão sozinhos, ambos olham um para o outro.

"Louise", diz Denny, "tenho duas coisas para te contar antes de ir." Ela espera. "Você sabe que sou uma velha amiga. E espero que confie em mim para tentar fazer a coisa certa.

Não acho que você seja culpada de nada relacionado a Barbara Van Laar. E quero te ajudar a sair dessa enrascada em que se meteu. Você acredita em mim?"

Louise mantém a cabeça imóvel. Ela confia nele e, ao mesmo tempo, não confia.

Denny continua, imperturbável:

— Primeira pergunta. Para onde John Paul McLellan disse que iria neste verão?

"Aqui e ali", ela diz. "Visitando amigos." Ela queria passar o ano viajando antes de entrar na faculdade de direito.

Denny concorda.

—E se eu dissesse que ele provavelmente passou a maior parte do verão no topo do Monte Hunt?

Louise demora um momento para processar essa informação.

"Acredito em qualquer coisa que ele disser agora", ele diz. Denny assente, entendendo.

"O que mais você quer me perguntar?"

—Você conhece bem Lee Towson?

Ela cora. O próprio nome já a faz querer corar.

—Não muito — ele responde.

—Vocês estavam, sabia, juntos?

-Não.

—Você tem alguma ideia de onde ele pode ter ido?

"Não", ela responde. Aliás, ela também estava pensando nisso.

-Tem certeza?

-Porque?

"Bem", Denny hesita, "normalmente eu guardaria essa informação para mim. Mas vou te contar porque você é um velho amigo."

Louise espera.

"Parece que Barbara saía escondida todas as noites", diz ele, "para encontrar alguém que ela dizia ser seu namorado. Você sabe alguma coisa sobre isso?"

Ela balança a cabeça. É verdade que ela não sabe.

"Tem mais", acrescenta Denny. "Você sabia que Lee Towson esteve preso?"

Louise tinha ouvido esse boato. Era apenas uma das muitas coisas que as pessoas diziam sobre ele no Acampamento Emerson; na verdade, isso o tornava ainda mais atraente. Ela assente hesitante.

—E você sabe por quê?

"Por vender maconha?" ela pergunta.

"Por estupro de vulnerável", diz Denny Hayes.

Ela congela. Não sabe o que a palavra significa.

Como se estivesse lendo sua mente, ele explica:

—Relações sexuais com uma garota de dezesseis anos de idade ou menos.

Louise não diz nada.

—Você ainda tem certeza de que não sabe onde fica?

"Tenho certeza", ela responde.

—Bem, se você puder pensar em mais alguma coisa, aqui está meu cartão.

Louise pega.

"Acho que é melhor eu ir", diz Denny. Ela o imagina voltando para casa, para a família, a esposa e os filhos. De repente, ela sente ciúmes. Se tivesse tido um pai como ele (ou, que diabos, uma mãe), teria ido mais longe. "Tem mais alguma coisa que você queira me perguntar ou me contar? ", pergunta ela.

"Sim", diz Louise. "Se você descobrir quem me pagou a fiança, você me conta?"

"Eu vou", diz Denny Hayes.

TRACY

Agosto de 1975

Na noite do baile de despedida, as meninas Fir se prepararam juntas com um ritual elaborado que culminou em todas as técnicas de cuidados pessoais que haviam ensinado umas às outras ao longo dos meses em que estiveram juntas. Elas carregaram baldes de água até a varanda para depilar as pernas. Escolheram roupas entre as que cada campista havia trazido para tais ocasiões. E, por fim, a maquiagem foi aplicada com precisão pela mestre indiscutível da arte: a própria Barbara Van Laar.

Louise e Annabel, que se preparavam em seus quartos separados, saíram e ficaram boquiabertas ao verem suas alunas. Como pareciam mais velhas; como estavam diferentes desde o início do verão.

Tracy entendeu. Era verdade que eles haviam mudado: haviam amadurecido um ano em dois meses. Eles haviam formado uma aliança.

No centro comunitário, ela dançou com todas as suas colegas Fir e com todos os outros que participaram de sua jornada de sobrevivência, mas principalmente com Barbara. Mitchell, o instrutor de natação, trouxera três amigos de Schenectady, e os quatro formavam uma banda marcial medíocre. Lowell Cargill estava na sala, Tracy sabia, mas foi só quando Mitchell e seus amigos tocaram "Honestly I Love You" que o burburinho na sala diminuiu, e ela de repente percebeu que as pessoas estavam se juntando em pares ao redor deles. Até Barbara, com quem ela estivera constantemente até então, fora convidada para dançar por alguém: um garoto chamado Crandall, que todos, exceto Lowell, consideravam o campista masculino mais desejável do Acampamento Emerson.

De repente, sozinha no meio da pista de dança, Tracy entrou em pânico. Ela rapidamente se afastou e parou ao lado da mesa de comida.

Não vi Lowell em lugar nenhum. Talvez ele tivesse saído para tomar um ar fresco.

"Eu odeio músicas lentas", disse alguém ao lado dele.

Ela virou a cabeça.

Ao lado dela estava alguém que ela reconheceu como um dos funcionários da cozinha, um jovem bonito na casa dos vinte anos que ela vira ocasionalmente com a instrutora, Louise. Seu nome era Lee.

"Eu também", respondeu Tracy.

"Eles são superconstrangedores", explicou ele. "Você está se divertindo com seus amigos e, de repente, a banda decide dificultar as coisas para todos, diminuindo o ritmo. É sádico."

Ela não tinha certeza se sabia o que *significava "sádico"*, mas assentiu mesmo assim.

"Preciso voltar para a cozinha", disse Lee. "A propósito, você está ótima. Seu vestido é lindo."

"Obrigada", respondeu Tracy. E o jovem foi embora.

Foi só quando ele saiu que ela viu Lowell, do outro lado da sala, vestindo o

absurdo terno de poliéster de gola larga que os meninos usavam nos bailes, o que, no entanto, fez seu coração disparar.

Ele ficou imóvel como uma estátua, encostado na parede oposta. Observou um casal no meio da sala: Barbara Van Laar e seu acompanhante. Tinha uma expressão de dor no rosto.

Lá fora. Era para lá que eu queria ir. No ar fresco, com o cheiro de pinho, terra e lago, e o reflexo da lua na água.

Quando ninguém estava olhando, ele aproveitou a oportunidade e foi embora.

Ele caminhou na escuridão. Ficou surpreso ao ver que havia tão pouca luz à noite no terreno do Acampamento Emerson.

De repente, na penumbra da noite, ela percebeu um movimento. Alguém cruzou seu caminho, uma figura familiar. Era Annabel, sua instrutora de estágio, vestida com seu traje de dança e caminhando para o norte.

Não havia nada naquela direção, pensou Tracy, exceto a casa dos donos. A de Barbara.

Ela sabia que os pais de Annabel estavam hospedados lá naquela semana; talvez fosse por isso que ela estava caminhando em direção à casa.

Por um momento, ele pensou em chamá-la — Annabel deveria acompanhá-los de volta a Fir Tree depois do baile —, mas a viu caminhando com tanta determinação que não ousou.

Era melhor não dizer nada.

E então alguém a chamou, interrompendo seus pensamentos.

Ele se virou e caminhou em direção à voz que repetia seu nome.

Na praia, ao luar, ele viu o melhor amigo de Lowell, Walter. Ele estava sentado na areia, parecendo abatido.

Tracy sentou-se ao lado dela, deslizando até a areia. Até aquele verão, ela nunca se sentira confortável no lar que era seu corpo. Nunca se sentira tão graciosa

quanto Barbara, as Melissas ou Lowell Cargill.

"Você também?", disse o pequeno Walter. Ele estava abraçando os joelhos e apoiando o queixo nos braços.

"Eu também?" Tracy perguntou.

"Você está triste?", disse Walter.

"Ah", ela disse. "Não, não. Estou bem." Ele não respondeu. "E você?"

O homem em questão assentiu. Ela mal entendeu o gesto. Mas sabia, sem perguntar, por que ele estava fazendo aquilo.

"Você sabia que ele pediu para a Bárbara ser sua parceira de dança?", perguntou Walter.

"Mas ela recusou."

Tracy ficou imóvel, absorvendo as palavras dele. Ela sabia, desde a viagem de sobrevivência, que Lowell não estava interessado nela, não importava o que ela pensasse antes. Era por Barbara que ele estava apaixonado. Mesmo assim, ouvir aquilo a deixou sem fôlego novamente.

"Ele ficou arrasado", continuou Walter, "quando ela disse não. Pessoas como Lowell não estão acostumadas a ser rejeitadas."

Ele não estava tentando ser cruel; Tracy tinha certeza disso. Ele provavelmente presumiu que Barbara já tivesse contado a ela. Afinal, eles estavam sempre juntos no Acampamento Emerson. Assim como Walter e Lowell.

O silêncio persistiu entre eles até que ela ouviu um soluço escapar dele . Ela percebeu que ele estava chorando.

"Ele é um cara incrível", disse Walter. "Não é?"

LOUISE

Agosto de 1975

Louise viu tudo. Sentou-se na beira do palco, com vista para o salão

comunitário, testemunhando todos os triunfos e fracassos dos seus campistas, vendo aqueles que estavam realmente se divertindo e aqueles que estavam apenas fingindo.

Se ela acreditava em um Deus, ele agia um pouco como ela naqueles momentos: aplaudindo seus protegidos à distância, chorando com eles quando os rejeitavam e celebrando cada pequena vitória que alcançavam. Ela notava aqueles que estavam sozinhos, separados da multidão; sentia uma espécie de afeição apaixonada por eles em seu coração; queria ir até lá, ficar ao lado deles e abraçá-los firmemente; mas também sabia que intervir daquela forma perturbaria algo sagrado que, aos doze, treze e quatorze anos, eles estavam aprendendo sobre si mesmos e sobre o mundo. E era assim que ela achava que Deus se comportava também.

A certa altura, ele começou a fazer um jogo mental, percorrendo a lista de seus alvos, escolhendo um nome e examinando a multidão até encontrar a pessoa em questão. Ele obteve sucesso com todos os nomes até chegar a Annabel.

Ele não conseguiu encontrar seu instrutor de estágio na sala inteira.

Olhando para trás, ele entenderia aquele desaparecimento de forma diferente; naquela época, ele simplesmente atribuiu isso à suspeita que teve naquele verão de que Annabel havia conhecido um garoto.

Naquela tarde, ela notou Annabel se preparando com cuidado especial. Supostamente, o baile era para os campistas, mas, em anos anteriores, Louise vira muitos monitores e estagiários veteranos pegando meninas lá também. Eles se perdiam por alguns minutos ou uma hora na escuridão da floresta. Voltavam corados.

Ela suspeitava que era para lá que Annabel Southworth tinha ido. E, do seu lugar no palco, sorriu, satisfeita por também ter encontrado um caso de amor, ou pelo menos um caso, no Acampamento Emerson.

JUDYTA

Agosto de 1975: Dia 3

"Quem é *todo mundo?* ", pergunta Denny Hayes.

Já é meio-dia, e esta é a primeira vez que Judy o vê hoje. Ele nem saiu do carro quando ela começa a lhe contar as novidades e as novas teorias que criou esta manhã.

"A cidade inteira", ela diz a ele. "Não há uma única pessoa em Shattuck que não acredite que Stoddard foi falsamente acusado do desaparecimento de Bear. E que os Van Laars aceitaram isso rápido demais."

Hayes acena em direção ao centro de comando na cabine do diretor.

"Vamos", diz ele. "Preciso de um café." Eles caminham juntos. Denny olha para ela. "Judy, você não estava com a mesma roupa ontem?"

Ela cora.

"Não me lembro", ele responde.

Ainda chove intermitentemente, e seu cabelo e roupas ficaram molhados e depois meio secos várias vezes. Ela suspeita que deve estar parecendo um rato afogado.

"Judy", diz Hayes, "onde exatamente você ouviu tudo isso sobre Bear Van Laar?"

Ela conta a ele o que aconteceu ontem à noite e a primeira coisa que aconteceu hoje de manhã.

Ele ergue uma sobrancelha. Chegaram à casa da diretora e ele está segurando a porta para ela passar. Judy entra primeiro. Ela reflete por um instante sobre a decoração antiquada e os eletrodomésticos da Segunda Guerra Mundial, todos obviamente presentes desde antes do nascimento da diretora. Ele só a viu algumas vezes, vagando pelos jardins.

Ela sempre parecia perturbada. Mais perturbada que os pais de Barbara, pensa Judy.

Hayes se serve de uma xícara de café. Ele oferece outra a ela.

Ela aceita. Nunca gostou muito — é algo que associa a pessoas mais velhas, ao pai —, mas, desde que chegou à Reserva Van Laar, começou a apreciar seu

amargor e seu calor, que agora se infiltram na umidade de seus cabelos e roupas.

Ele toma um gole. Faz uma careta. E toma outro.

—Então , quem o povo de Shattuck acha que foi o culpado se Carl Stoddard fosse inocente? — pergunta Hayes.

—Bem, de acordo com o Sr. Alcott, existem duas teorias principais.

—Estou todo ouvidos.

—A primeira — diz Judy — é que foi Jacob Sluiter.

Ele olha para ela.

—Não foi você quem me perguntou sobre ele ontem ?

"Bem, sim", ela responde. "Mas faz sentido, não é?"

"O bom e velho Sluiter", diz Hayes. "O bicho-papão de North Woods. Ouvi dizer que ele foi culpado por todas as mortes, acidentais ou intencionais, daqui até Rochester."

Ele se apoia no balcão.

"Não é absurdo", diz Judy. "Pense nisso. Sluiter cometeu a maioria dos seus assassinatos perto daqui. E tudo no início dos anos 60, que é mais ou menos na época em que Bear desapareceu e pouco antes de ser pego."

-VERDADEIRO.

"E agora que ela escapou", ela diz, "Barbara Van Laar está desaparecendo. Estou falando bobagem?"

Ela para, irritada. Hayes está rindo.

"Você está com vontade", ele diz.

—Que inseto?

ele esclarece . "Todos nós pegamos o vírus. Vá em frente."

"A segunda teoria é mais popular na cidade", diz Judy. "E você não vai gostar de ouvir isso."

-Por que não?

—Bem, é mais… controverso, ele explica. —E pode causar mais problemas.

-Prossiga.

—O Sr. Alcott diz que a maioria das pessoas em Shattuck, ou pelo menos aquelas que não acreditam que foi Sluiter, acreditam que o avô de Bear foi o culpado.

Judy espera que Hayes solte um bufo de escárnio. Mas ele se vira e olha pela janela, com as mãos apoiadas no balcão ao lado da pia. Ele fica em silêncio por um momento tão longo que ela se preocupa.

"Você está bem?" ela pergunta.

"Eu me lembro dessa teoria", diz Hayes. "Lembro que ela circulou quando o menino desapareceu."

Ela o encara. Por que Denny não mencionou isso a ela antes? Judy. . ela entrevistou o homem em seu primeiro dia aqui. Seu parceiro lhe disse que ele era um ator coadjuvante.

Alguém acima de qualquer suspeita. Ela vasculha desesperadamente a memória em busca de qualquer coisa que o homem tenha dito que soasse suspeita, mas tudo o que se lembra é de seu comportamento: indiferente, impaciente, rude.

"Então o que aconteceu?", pergunta Judy. "Eles o interrogaram? Alguém na OIC também achou que ele poderia ter feito isso?"

"De acordo com os arquivos que tenho analisado", diz Hayes, "alguém pensou assim. Mas não foi investigado."

-Por que não?

Ele não responde imediatamente.

"Bem", ele finalmente diz, "por alguns motivos. Carl Stoddard parecia bastante suspeito para todos, segundo alguns dos caras que estão aqui há tempo suficiente para se lembrar.

Ele foi a última pessoa a ver o Urso. E havia uma escultura, um urso, que o garoto aparentemente carregava quando desapareceu. Foi o único vestígio do garoto que foi

encontrado. Acontece que foi Stoddard quem o ensinou a esculpir. Todos achavam que ele tinha algum tipo de obsessão pelo Urso."

Judy espera.

"Em segundo lugar", continua ele, "o advogado de Van Laar gostava dele como suspeito.

E o perseguiu agressivamente desde o início."

Agora é a vez de Hayes esperar que ela processe isso.

—McLellan —diz Judy.

Ele concorda.

"O pai", ela acrescenta.

Hayes acena novamente.

Judy pensa.

"Posso seguir essa pista?" ela pergunta.

"Do avô do Urso?", pergunta seu parceiro, e ela assente. Ela sabe como falar com pessoas como ele, pensa. Ela é experiente. "Tudo bem, contanto que você não o assuste. Pelo que eu sei, ele está sempre na casa da colina."

Antes de Judy sair, alguém bate na porta da cabine do diretor e o detetive Goldman entra, ofegante e com a camisa para fora da calça.

Ele olha para ela, para Hayes e depois para ela novamente.

"Algum de vocês se dá bem com crianças?", ele pergunta, fazendo o possível para manter a pergunta neutra, mas sua sugestão é clara: Judy, que é mulher, deve assumir o comando.

JUDYTA

Agosto de 1975: Dia 3

Em frente à cabana da diretora, um garotinho espera com seus pais.

"Sr. e Sra. Muldauer", diz Hayes, "aqui é a Detetive Luptack. Ela vai falar com Christopher, se não se importarem."

A mulher — de cabelos castanhos, óculos e quase tão baixa quanto o filho — parece nervosa.

"Podemos estar presentes?" ele pergunta.

"Claro", diz Judy. "Entre."

Hayes fica do lado de fora da cabine da diretora, montando guarda enquanto ela faz seu trabalho.

Lá dentro, ele move um sofá surrado que foi empurrado contra a parede; ele o oferece à família e pega uma cadeira dobrável dura para se sentar. Quando ele se senta entre os pais, as pernas do menino estão esticadas à sua frente.

Judy pega seu caderno e caneta.

"O que te traz aqui hoje, Christopher?" ele pergunta.

O menino não diz nada. Ele olha para os joelhos.

"Responda", diz o pai.

Silêncio.

"Quantos anos você tem, Christopher?", Judy tenta.

Silêncio.

"Doze? Treze?", ele pergunta. Ele sorri um pouco. Brincadeira.

"Tenho oito anos", diz o menino, com a voz tão baixa que ela mal consegue ouvi-lo. "Sou o campista mais novo do Acampamento Emerson."

—Você gostou das colônias?

"Não, eu não gostei nada deles", diz ele. Seus pais se entreolham por cima da cabeça dele.

"Chris", diz o homem, ajudando-o a se concentrar, "você pode contar à moça o que nos contou? Ela tem outras coisas para fazer."

"Tudo bem, Sr. Muldauer", diz Judy. "Christopher pode ficar à vontade."

E ele pega. Trinta segundos se passam. Um minuto.

"Há algum motivo para você não querer me contar o que contou aos seus pais?", ela pergunta.

"Não quero causar problemas para você", ele diz.

—Para seus pais?

—Aos meus amigos.

Há orgulho em sua voz quando ele diz isso. Judy entende que ele é um garoto que não tem muitos amigos.

—Quem são seus amigos, Christopher?

"Barbara e Tracy", ele diz tão baixinho que ela não tem certeza se ouviu corretamente.

—Bárbara e Tracy?

O menino concorda.

"Christopher", diz Judy, "o mais importante agora é encontrar Barbara e trazê-la para casa. Se ela fez algo errado, conversaremos sobre isso mais tarde. Mas qualquer coisa que você puder nos contar agora ajudará a garantir que nada de

ruim aconteça com ela."

Há um momento de silêncio.

“Fomos todos juntos para a floresta”, diz Christopher.

-Quando?

—Para a viagem de sobrevivência.

O menino explica a eles. Ele faz uma lista de todos do grupo e conta como montaram o acampamento.

"Ficamos lá três noites", diz Christopher. "E eu tenho um problema que não me deixa dormir. Então, em duas noites, vi Barbara saindo da barraca que ela e Tracy dividiam, e me pareceu que ela estava indo para a floresta. Mas então algo estranho aconteceu."

-O que aconteceu?

"Bem, ela se virou", explica Christopher. "Eu a vi. Ela desligou a lanterna e pensei que estivesse esperando no escuro por um tempo. Depois de um tempo, ela ligou a lanterna novamente e voltou para nós. Na primeira noite, pensei que ela fosse fazer xixi ou algo assim. Mas ela simplesmente passou direto pelo nosso acampamento e continuou andando."

—E para onde ele estava indo?

—Para a loja TJ Hewitt, diz Christopher.

— Do TJ? O diretor das colônias?

O menino acena que sim.

O estômago de Judy começa a formigar novamente. A mesma sensação que ela sentiu quando conversou com a Sra. Clute. " O bichinho " , Denny Hayes o chamou.

—E quanto tempo ele passou lá?

"Não sei", ele responde. "Eu sempre dormia antes dele voltar. De manhã, ele já

estava de volta ao nosso acampamento."

"Obrigada, Christopher", diz Judy. "Isso nos ajuda muito. Tem mais alguma coisa que você queira me explicar?"

"Ela acabou se machucando naquela viagem", diz ela.

-Bárbara?

O menino concorda.

— Ela estava esfolando um esquilo. E sofreu um acidente com a faca. Ela se machucou feio. Foi o TJ quem a tratou.

—E mais alguma coisa?

"Ela continuou fazendo isso", diz Christopher. "Depois do acampamento. Vi Barbara ainda indo para a cabana do TJ todas as noites."

Ela diz isso baixinho, com certa resignação. Aos oito anos, ela já entende as implicações do que está dizendo, ou pelo menos entende que não é certo uma criança ir à casa de um adulto, no meio da noite, às escondidas.

Parece que ele vai chorar.

"O que você fez foi muito corajoso, Christopher", diz Judy. "Você é uma pessoa corajosa.

Obrigada. Só tenho mais uma pergunta para você."

-OK.

—Que problema é esse que você tem?

O menino olha para ela, sem entendê-la.

—Aquele problema que te mantém acordado à noite.

"Ah", ele diz. Seu rosto fica vermelho. "Eu molhei a cama", ele praticamente sussurra.

Seu pai coloca a mão em seu ombro.

"Essas coisas acontecem", diz Judy. "Sabe, eu também fazia xixi na cama quando era criança?"

-Oh sério?

—Sim . —Não era verdade.

"Se eu conseguir ficar acordado tempo suficiente", diz Christopher, "posso ir ao banheiro uma última vez, depois que todos estiverem dormindo. Isso geralmente funciona bem para mim."

"Mas provavelmente isso também vai deixar você cansado", diz Judy, e ele acena com a cabeça, digno.

Pouco antes de os Muldauer voltarem para casa, a mãe do menino a chama de lado. Ela lhe fala em voz baixa:

"Um amigo nos disse que esses acampamentos eram os melhores que existiam. E Deus sabe como eles estão lotados de famílias elegantes. Mesmo assim", diz ele, inclinando a cabeça em sua direção e encontrando seu olhar, "se eu tivesse visto o diretor antes, teria pensado duas vezes." Judy mantém o rosto impassível. "Principalmente se eu tivesse uma filha. Você me entende?"

JUDYTA

Agosto de 1975: Dia 3

"Vou encontrar o vovô", diz Hayes. "Você vai falar com o TJ." Para seu crédito, ele percebe que Judy está arrasando. "Precisamos de bilhetes úteis", ele a lembra antes de ir embora.

Ela acena com a cabeça e segue em direção à residência dos funcionários, onde TJ Hewitt mora desde que sua casa se tornou o centro de comando do OIC.

Com o cabelo curto desgrenhado, TJ esfrega o rosto, como se tivesse acabado de acordar.

Ela veste uma camiseta branca e uma calça jeans cortada. Está descalça.

"Desculpe", diz TJ, "você me pegou desprevenida. Não tenho dormido muito." Então, talvez vendo a expressão de Judy, ela se acalma. Ela se senta mais ereta. "Como posso ajudá-lo, Detetive Luptack? ", pergunta.

Ela estava pensando qual seria sua primeira pergunta no caminho. Algo aberto, decidiu.

Algo neutro.

Então começa:

—Senhorita Hewitt…

—TJ

—Com licença. TJ, você pode me contar sobre seu relacionamento com Barbara Van Laar?

Ele se move nervosamente.

"Tenho quase certeza de que já contei tudo ao detetive Hayes", diz ela.

"Bem, você se importaria de me contar?", pergunta Judy. "Estou tentando colocar o papo em dia."

TJ pigarreia.

—Conheço Barbara desde que ela nasceu.

—Quantos anos você tinha então?

-Catorze.

Sua voz se perde. Ele fala, olhando ligeiramente para a esquerda da cabeça de Judy, tão atentamente que ela vira a cabeça por um segundo para ver se há algo ou alguém atrás dela. Mas tudo o que ela vê é a madeira sem verniz da parede.

—E você passou muito tempo com ela antes dela chegar ao Acampamento Emerson?

-Sim.

—Você pode descrever como passou o tempo com ela?

TJ olha para baixo.

— No começo, eu era a. . babá dela, acho que se pode dizer. Desde que ela nasceu.

-Aqui?

"Aqui na Reserva, sim", diz ele. "Todo verão, do começo ao fim. Era o meu trabalho."

—Então você esteve aqui a vida toda?

TJ concorda.

—É minha casa.

—Como você chegou à Reserva?

"Meu pai era o zelador e administrava as colônias", explica ele. "Quando ele começou a perder a memória, assumi as duas funções."

Judy aponta isso.

"Então o que você estava fazendo quando os Van Laars estavam em Albany?" ele pergunta.

"Bem, quando Barbara era bebê, eu ainda estava na escola", diz TJ, "então fiquei aqui.

Mas nunca fui para a faculdade nem nada do tipo. Então, dos meus dezessete anos, quando ela tinha três, eu tinha bastante liberdade. Viajava com a família. Fiquei em Albany quando os pais dela viajavam."

—E você tinha um relacionamento próximo com Barbara.

TJ concorda.

—Temos. Sim.

—Ela era uma criança difícil?

Ela ri um pouco. Há uma espécie de tristeza em sua expressão e voz que Judy acha repentinamente perturbadora.

"Meu Deus, não", diz TJ. "Ela era uma menina muito boa. Tanto o irmão dela quanto eu.

Crianças fantásticas."

Judy faz uma pausa.

—Então você também se dava bem com o irmão dele?

— Sim. Éramos mais próximos em idade. Eu tinha doze anos quando... — diz TJ, e então para — quando ela desapareceu. Ele tinha oito.

Está quente lá dentro, mas de repente Judy sente frio.

"Como você descreveria o relacionamento das crianças com os pais?", pergunta Judy.

"Depende de qual criança você está se referindo. E de qual pai ou mãe", acrescenta ele.

—Vamos começar com o Bear.

"Bem, a mãe dele o amava", diz TJ. " Mais do que tudo no mundo. Ela nunca mais foi a mesma."

—E seu pai?

"Seu pai. . Bem, seu pai é um homem durão." Ele parece estar genuinamente tentando descobrir como expressar algo. "A verdade é que ele também te amava, à sua maneira", acrescenta. "Mas parecia que o Sr. Van Laar te considerava um dos seus bens. Algo que valia a pena ter em casa apenas pelo que você ganharia no futuro. Não sei se entendi o que quero dizer."

Judy continua mirando.

"O que você está escrevendo?", pergunta TJ. "Coisas sobre mim?"

—Bem, estou escrevendo o que você diz.

—E quem vai ver?

Ela hesita.

"Por enquanto, só eu", diz ele. "E talvez meus colegas do OIC. Mas, mais tarde, pode ser usado como prova no tribunal. E aí seria um documento público."

TJ assente. Por um momento, Judy se pergunta se ele vai se calar e parar de falar.

Ela pousa a caneta. TJ parece imediatamente confortado.

"E o relacionamento de Barbara com os pais?", ela pergunta.

TJ pensa nisso por um tempo.

"Não sei se *inexistente* é a palavra certa", ele finalmente diz. "Mas é quase isso."

Judy faz uma pausa, dando a si mesma tempo para pensar.

"É por isso que ele desenvolveu um relacionamento próximo com você?" ele pergunta calmamente.

Ela sabe que não precisa revelar seu trunfo ainda. Ela quer ver o que a outra pessoa diz primeiro.

—É possível —diz TJ

—Quão próximo você diria que era o relacionamento de vocês?

—Bem, é difícil de explicar.

"Vamos começar com isso", diz Judy. "Eu sei que ela esteve nas colônias neste verão. Foi ideia dela ou sua?"

"Dela", diz TJ. "Toda dela. Ela queria sair de casa. Não queria estar naquela festa enorme que eles estavam planejando."

—Por que você acha que eu não queria?

O diretor respira fundo.

—Você sabe quanto dinheiro os Van Laars têm?

—Tenho algumas ideias, sim.

— Você sabia que no ano passado mandaram a filha deles para um internato com duas mudas de roupa e sem casaco de inverno? Não deram dinheiro para ela gastar?

—E por que você acha que eles fazem isso?

"Ou eles não se lembram", diz TJ, "ou não se importam. Sou eu quem a ajuda. Levo comida extra para o fim de semana, além de livros e discos que ela gosta. Visito-a sempre que posso. Eu cuido dela. Ninguém mais cuida."

—Quando eu estava nas colônias,— diz Judy,—quantas vezes você a viu?

"Bem, todos os dias", responde TJ. "Eu via os campistas todos os dias. Estou sempre por perto, sabe. Consertando alguma coisa ou planejando atividades, sei lá."

—E à noite?

TJ olha para a parede à esquerda da cabeça de Judy.

Há um longo silêncio na cabine.

"Detetive Luptack", diz TJ, "acho que sei o que você está insinuando." Ele se aproxima da beira da cama e apoia as mãos nos joelhos. Ele se inclina para a frente e olha diretamente para ela. "Eu sei o que dizem sobre mim na cidade. Talvez até tenham lhe contado durante a sua investigação."

Judy olha para ela com um rosto inexpressivo.

—Não tenho certeza do que você quer dizer.

—Quer dizer, eu me visto de um jeito. Eu falo e ando de um jeito.

-Muito bom.

"A Barbara é como uma irmãzinha para mim", diz TJ. "Para ser sincero, ela é provavelmente a coisa mais próxima que terei de uma filha. Eu a amo muito. Mas não do jeito que você está insinuando."

Judy deixa essas palavras pairarem no ar o máximo de tempo possível.

E então ele vai direto ao ponto em voz baixa:

—Temos uma testemunha ocular disposta a depor que viu Barbara ir para sua cabana no meio da noite. Todas as noites.

É a primeira vez, como detetive, que ele questiona as palavras de alguém que está interrogando.

É também a primeira vez que ele descobre um blefe; ele não tem ideia se Christopher estaria disposto a testemunhar. Ou se seus pais permitiriam.

Por um momento, TJ cora; primeiro o rosto, depois o pescoço e, finalmente, a parte superior do peito.

Finalmente, ele se levanta. Atravessa a sala, ajoelha-se ao lado de suas botas marrons e começa a amarrar os cadarços.

“TJ”, diz Judy.

"Eu não sou burra", declara ela. "Sei o que significa quando alguém está trabalhando em uma teoria, por mais errada que ela seja. E também sei que não sou legalmente obrigada a estar aqui falando com você. Então, volte para me buscar quando tiver um mandado de prisão."

Ele se levanta e vai embora.

Cada vez mais desesperada, Judy também se levanta e grita pelo corredor vazio:

"Qual é a sua teoria?", ele pergunta. "Você tem alguma sobre para onde Barbara foi?"

TJ para. Ele coloca as mãos na cintura. Ele se vira com relutância.

"Posso te contar uma coisa?", ela pergunta. "De mulher para mulher, sem você

anotar nesse caderno." Judy o coloca de lado. "Quem você precisa procurar é John McLellan", diz TJ. "Não sei dizer por que eu sei, mas sei."

JACÓ

Agosto de 1975: Dia 3

Durante a noite, ele refez seus passos pela margem do rio, desta vez rio abaixo. Ao amanhecer, começou a chover.

Via de regra, ele dormia ao relento durante o dia, mas hoje queria se abrigar em uma casa, descansar em uma cama e comer sob abrigo. Então, em algum momento, ele encontrou uma casa promissora, aparentemente vazia, e entrou.

Primeiro, ela foi até a despensa. Encontrou-a decepcionantemente vazia, exceto por um grande pacote de aveia em flocos Quaker Oats, que ela ferveu para fazer mingau no fogão elétrico.

Em seguida, ele vasculhou os armários do quarto. Segundo sua experiência, era lá que as pessoas costumavam guardar armas e munições, em prateleiras altas, fora do alcance das crianças. E lá ele as encontrou: duas espingardas de cano duplo com três caixas de cartuchos.

Que pena, pensou Jacob. Ele teria preferido uma pistola; a espingarda era difícil de carregar. Mas ela vinha com um cinto de munição, que ele carregou com cartuchos. E ele também carregou uma das espingardas.

Já são quatro da tarde, e Jacob dormiu o dia todo. Ele sai da cama com a espingarda carregada nas mãos. De repente, ouve o assoalho ranger.

Ele fica parado.

O mais silenciosamente possível, ele contorna a cama e se agacha atrás dela. De lá, aponta a espingarda para a porta do quarto.

É uma posição que ele conhece bem. Lembra-lhe das caçadas de quando criança.

A porta se abre com violência. Jacob atira sem hesitar, mas a bala erra alguém. Parece que ninguém estava entrando no quarto.

Era uma armadilha? Jacob não tem certeza.

E então uma voz diz atrás dele:

—Espere aí.

Ele está chocado.

Do outro lado da janela aberta, ao lado de sua cabeça, há uma arma policial apontada para ele.

JUDYTA

Agosto de 1975: Dia 3

Ele sobe a colina com a cabeça cheia de novas informações que TJ lhe deu para compartilhar com Denny Hayes.

Anotações úteis, ele pensa; é a única coisa que Denny pediu, e ele não tem nenhuma.

Então ele vai até o prado entre a casa e o lago para encontrar uma cadeira Adirondack para sentar e anotar tudo o que TJ lhe disse antes que ele esqueça.

Quando ele chega, fica decepcionado ao ver que uma cadeira já está ocupada.

De costas, ela não consegue dizer quem. Mas então a mulher se vira, e Judy de repente a reconhece: é a Sra. Van Laar, avó de Barbara. A esposa do homem que a insultou tanto durante suas primeiras horas neste caso; o mesmo homem que, a partir desta manhã, se tornou um de seus principais suspeitos.

"Sente-se", diz a Sra. Van Laar. "Como se eu não estivesse aqui."

Judy obedece. Ela abaixa a cabeça sobre o caderno, fingindo trabalhar. Mas, em sua mente, ela formula pergunta após pergunta; qualquer coisa que possa lançar luz sobre algum aspecto do marido daquela mulher.

A Sra. Van Laar fala antes de dizer qualquer coisa:

—Uma bela vista — ele diz.

-Sim.

"É meu lugar favorito para sentar em toda a Reserva. E meu horário favorito do dia", diz a mulher.

Ela concorda.

"Imagino que a vista deve trazer de volta memórias", diz Judy.

A Sra. Van Laar fica em silêncio por um momento, como se estivesse pensando no assunto.

"Bem, não", ele finalmente diz.

Ela está pensando apressadamente em possíveis perguntas para fazer a ele quando a mulher se levanta da cadeira e começa a caminhar em direção à casa.

"Sra. Van Laar", diz Judy, com um tom involuntário de súplica na voz. A outra mulher se vira lentamente. Sua expressão ainda é agradável. "É que. . não tive a chance de falar com a senhora desde o dia em que chegamos. Há mais alguma coisa que a senhora gostaria de acrescentar?"

A Sra. Van Laar abre a boca. Ela a fecha. Olha por cima do ombro, como se estivesse tomando uma decisão.

E finalmente ele diz:

—Você teve a chance de entrevistar Vic Hewitt?

O nome faz Judy parar de repente. Ela conhece o sobrenome, claro; o que não lhe é familiar é o primeiro nome.

—É o…? —ele diz.

"O pai de Tessie Jo", explica a Sra. Van Laar. "O primeiro diretor das colônias."

Ela franze a testa. " Tessie Jo. " Ela examina as anotações que acabou de fazer, procurando o que TJ lhe contou sobre seu pai durante a entrevista.

" Perda de memória " , ele observou.

—Eu não sabia que ele era… —diz Judy.

"Ele está vivo, sim", confirma a Sra. Van Laar, lendo seus pensamentos. "Talvez você devesse entrevistá-lo. Ele é um homem muito interessante. E tenho certeza de que gosta de companhia."

"Onde posso encontrá-lo?" ele pergunta.

—Ele mora na cabine da diretora há algum tempo, com a filha dela — responde a Sra.

Van Laar, que é quem cuida dele.

Judy balança a cabeça.

"É lá que montamos a base, senhora", diz ele. "Agora é o nosso centro de comando."

A Sra. Van Laar olha-a nos olhos.

"Bem, querida", ele diz, "acho que você vai ter que pesquisar um pouco então. Não é isso que você faz?"

Ele se vira e desaparece no interior escuro e fresco da casa.

VII

AUTOSSUFICÊNCIA

ALICE

1961

Ainda procurando por Bear, Alice respirou fundo antes de girar a maçaneta do quarto do marido.

Não teria sido tão terrível se tivesse sido qualquer outra pessoa.

Se tivesse sido uma das garotas da Reserva naquela semana, uma atriz, cantora ou modelo. Alguma garota jovem, frívola e difícil de levar a sério.

Ou alguém da equipe, pensou Alice: se fosse um funcionário temporário, ela teria certeza de que Peter estava apenas desabafando. Ele jamais faria algo assim com alguém que trabalhasse para ele.

Mas não era uma atriz, uma cantora ou uma empregada que estava na cama de Peter.

Quem estava lá era sua irmã, Delphine.

Alguém que Alice achava que ele detestava. Uma mulher que seu marido considerava *inteligente*, o que, segundo seu sistema de valores manifestos, era um desperdício.

Eu estava completamente errado.

Ela percebeu, pela posição em que se encontravam, que a intimidade entre eles não era novidade. Começou a fazer conexões e inferências mentalmente. A familiaridade de Delphine com o serviço, a insolência com que perguntara a Warren no dia anterior se ele estava pronto para receber hóspedes. Como se *ela fosse a dona da casa* ...

Viagens de Peter a Manhattan, duas ou três vezes por mês, sempre a trabalho, segundo ele. Sempre para se encontrar com o advogado do banco, McLellan.

Ele se sentiu tonto. Há quanto tempo faziam isso? Anos? Desde a primeira visita de Delphine à Autossuficiência, atuando como acompanhante de Alice?

Ou antes?

Sua irmã sempre fora mais respeitada do que ela. Por mais que Peter reclamasse, havia certa admiração em sua voz.

Talvez tudo não passasse de uma manobra.

Talvez os pais de Peter e todos os seus amigos sempre soubessem.

Talvez ele , Delphine, McLellan e a esposa tenham saído para jantar juntos em Manhattan. Talvez fosse uma situação tolerada. Talvez tenham vindo juntos para cá, para a Self-Reliance, quando Alice estava em Albany, e talvez fosse por isso que a irmã dele conhecia tão bem a equipe.

Seria possível que Peter e seu pai a tivessem escolhido não *apesar de* sua juventude e inexperiência — duas características das quais frequentemente reclamavam em voz alta, chamando-as de deficiências que Alice teve que se esforçar para superar —, mas justamente por causa deles? Porque assim ela faria consistentemente tudo o que lhe mandassem fazer. Assim, não causaria problemas.

Porque nunca lhe ocorreria que o tipo de pessoa que Peter realmente desejava era uma mulher como Delphine.

Os dois dormiam nus. A irmã dela estava com a cabeça apoiada no peito de Peter , com o braço dele em volta dos ombros dela. Os cabelos dela se espalhavam atrás da cabeça.

Peter e Alice nunca tinham dormido assim.

Aos dezoito anos, recém-casada com um homem mais de uma década mais velho, longe da casa de infância pela primeira vez na vida, grávida, desconfortável e assustada, ele nunca a abraçara com tanto carinho. Pelo contrário: alegando insônia, ele se deslocara para a outra ponta da cama e permanecera rígido como um cabo de vassoura enquanto ela se encolhia de lado, agarrando-se a um travesseiro em busca de conforto, sentindo falta dos amigos em Nova York, da irmã, do pai e até da mãe.

Ela ficou ali, encarando-os por mais um instante. Passou pela sua cabeça acordá-los —

bater a porta, gritar, garantir que soubessem que ela sabia —, mas então tudo

mudaria.

Toda a sua vida mudaria.

Alice só conhecia pessoalmente um casal que havia se divorciado: alguns amigos de seus pais.

Hoje, o marido ainda fazia parte do grupo de amigos, com uma esposa bem mais jovem.

Mas a esposa havia desaparecido. Dizia-se que ela não morava mais em Nova York; havia se mudado para Connecticut. A julgar pela maneira como as pessoas falavam dela, parecia que ela havia morrido.

Alice se perguntou: seria capaz de viver assim, sempre fingindo? Seria capaz de sair do quarto para o corredor, fechar a porta com cuidado, olhar Peter e Delphine nos olhos na hora do jantar e fingir pelo resto da vida que não tinha visto nada?

Sim, sim e sim, ele pensou.

Enquanto eu tivesse o Bear, a resposta seria sim.

Ele fechou a porta o mais delicadamente possível.

Foi até a varanda, onde encontrou a garrafa de gim. Serviu-se de um longo gole e bebeu-o em vários goles. Ele merecia, pensou. Serviu-se de outro. Começou a beber.

E enquanto isso, ela se permitiu chorar.

Quando terminou, ele estava com dificuldade para ficar de pé.

Eu não comi nada o dia todo.

Ao sair da varanda, o corredor girou e o chão desabou em sua direção. Ela entrou na sala de estar, onde os outros convidados estavam reunidos: os pais de Peter, os McLellans, as atrizes e os clientes. E ali, perto da lareira, Tessie Jo e Bear. Todos haviam sido levados até lá pelo tédio; todos estavam decidindo o que fazer em seguida.

Ao vê-la entrar, eles ficaram em silêncio. Alice cambaleou um pouco e recuperou o equilíbrio com o pé traseiro.

Eles olharam para ela com os rostos cobertos por uma máscara de julgamento.

Ele não se importava com nenhum deles. Ele só se virou para Bear.

"Venha aqui", ele disse, tentando sorrir e estendendo as mãos na direção dela.

Houve um silêncio constrangedor.

"Aonde você vai, Alice?", perguntou o pai de Peter. Ele franziu a testa.

"O Urso estava pedindo para ser levado no barco a remo", ela lhe disse. A carranca do sogro se aprofundou , como se não a tivesse entendido. Ela se perguntou se realmente havia arrastado as palavras tanto assim.

Ele tentou novamente.

Desta vez, Bear se levantou cambaleante; seu avô gesticulou para que ele se sentasse novamente.

"Receio que o menino e eu já tenhamos planos", disse ele. "Estamos prestes a dar uma volta." Virou-se para o neto. "Urso, você já calçou as botas?"

Ele olhou tenso do avô para a mãe. Alice amava uma coisa no filho: o cuidado com que ele tratava os outros. A preocupação que ele tinha com o bem-estar deles. Ele frequentemente se perguntava como poderia fazer as pessoas mais felizes; trazia flores do jardim para ela. Desenhava bilhetes de amor para ela na escola.

Alice sentiu um impulso generoso de libertar seu filho daquela situação.

"Está tudo bem, Urso", disse ele. "Vamos sair de barco outra hora." E percebeu tarde demais que sua voz estava embargada de emoção. Ele se virou e saiu cambaleando da sala, pelo corredor e pela porta sul.

Lá fora, o céu escurecia. Algumas gotas de chuva caíam em seu rosto, tirando-a brevemente do seu estupor. Dando-lhe permissão para chorar sem vergonha.

Ela iria velejar sozinha, pensou. Fugiria da festa, da irmã e do marido. Imaginou: remaria até o meio do lago, deitaria no fundo do barco e simplesmente flutuaria ali, deixando a água embalá-la em completa solidão até se recuperar um pouco.

E então eu voltaria para a festa.

A quinze metros da casa de barcos, ele tropeçou pesadamente, caiu de joelhos e raspou as palmas das mãos. Levantou-se. Limpou as mãos. Continuou.

Ele abriu a porta.

A casa de barcos estava envolta em sombras, ainda mais escura do que o normal. Os barcos estavam fantasmagoricamente apoiados em suas cunhas de apoio, formando três

fileiras organizadas. Ela se aproximou do barco a remo de alumínio. Nunca havia tentado baixá-lo sozinha, mas achou que conseguiria.

Ele se espreguiçou e se espreguiçou. Ouviu-se um som de batidas. Um dos remos havia caído no chão.

Ele arrastou o barco com dificuldade até a rampa que levava ao lago. Suava apesar do vento frio que soprava da água. Seus movimentos eram desajeitados e desarticulados.

De repente, ele ouviu a porta do galpão se fechar atrás dele.

ALICE

1961

Ela não sabia onde estava. Abriu os olhos. Sua boca estava tão seca que ela não conseguia engolir. Acima dela, o quarto girava lentamente, e a luz do teto traçava arcos lentos no ar.

Ele não conseguia formar palavras. Nem mesmo em pensamento. " Água " , pensou, mas não era um substantivo, era uma imagem. Procurou uma pia, virando-se para um lado e depois para o outro. Seu pescoço estava rígido, como se não movesse a cabeça há dias.

O quarto tinha janelas, mas elas estavam bloqueadas por persianas bem fechadas com trincos externos. Eu não conseguia ver se era dia ou noite lá fora.

A cama em que eu estava era tão dura que parecia uma tábua de madeira.

Ela se levantou, cambaleante. Viu que estava usando um vestido. O tecido estava duro, como se tivesse molhado e secado ao sol.

" Vaso sanitário " , pensou ela. A imagem de um vaso sanitário. De repente, a vontade de urinar tornou-se tão avassaladora que ela se dobrou sobre a cintura.

Onde ele estava? Tinha a sensação de que a resposta chegaria em breve, acompanhada de um conhecimento terrível que talvez não quisesse ter. Endireitou-se lentamente .

Não havia banheiro. Apenas alguns móveis que indicavam que ela estava em um quarto abandonado há muito tempo. Uma cômoda pesada. Uma pia. Um espelho, que ela evitava olhar a todo custo.

Ele viu uma porta. Caminhou até ela e a empurrou: estava trancada. De alguma forma, ele sabia que estaria.

Ele se deitou no chão, bloqueando o fluxo de seus pensamentos. Sabia que algo terrível havia acontecido. Se voltasse a dormir, não precisaria descobrir o que era.

Ele fechou os olhos.

A porta se abriu.

O pai de Peter entrou por ela.

JUDYTA

Agosto de 1975: Dia 3

O fim do seu turno se aproxima. Ela precisa encontrar Hayes; ele é a única pessoa a quem ela pode se arriscar a contar o que a Sra. Van Laar lhe contou. Depois do que aconteceu ontem, ela não pode se dar ao luxo de cometer outro erro na frente de LaRochelle.

" Talvez eu devesse entrevistá-lo. Ele é um homem muito interessante. *"*

Ao chegar à cabana do diretor, ele encontra dois detetives fumando do lado de fora e lhe dizem que Hayes não voltará até amanhã.

"Merda", ele diz, e ambos ficam tensos.

"Que língua", diz um deles.

Judy não responde.

"De qualquer forma", diz o outro. "Ele deixou isso para você." Relutantemente, ele lhe oferece um pedaço de papel com um número de telefone escrito: "Casa do Denny " .

"Vocês dois estão tendo um caso ou algo assim?", pergunta o primeiro detetive. Seu colega reprime um sorriso.

Judy os ignora e entra em casa.

Ele se sente melhor sozinho.

Há um longo corredor que vai da sala de estar até os fundos da casa. No fundo, há um banheiro, praticamente destruído pelo uso constante dos últimos dias.

Mas há mais quartos. E, segundo a Sra. Van Laar, um deles é ou foi de Vic Hewitt.

Judy anda na ponta dos pés pelo corredor, fazendo o mínimo de barulho possível.

Tente abrir a primeira porta. Lá dentro, há uma cama arrumada, com uma pilha de material de leitura no criado-mudo, além de uma revista chamada " *Vida no Acampamento"*.

Ela abre o armário; lá dentro, encontra várias peças de roupa andrógina e uma fileira organizada de chapéus de balde.

Nesse momento, Judy ainda não sabe se está no quarto de Vic ou de TJ. Ela caminha até uma cômoda de madeira escura e abre uma das duas gavetas de cima.

Aí está a resposta. A calcinha é claramente feminina: calcinha de cintura alta e um sutiã ainda com a etiqueta. Meias de algodão que também parecem novas.

Ele atravessa o corredor. Abre a porta de outro cômodo. Desta vez, não há dúvidas de quem é: uma bengala de metal encostada em uma parede. Em outra, uma fileira de sapatos

masculinos. O mais curioso é uma dentadura flutuando em um copo alto com líquido sobre um criado-mudo.

O que levanta a questão: se os dentes de Vic Hewitt estão aqui, onde ele está ?

Judy se aproxima da cômoda. Mas, em vez de roupas, o que ela encontra lá dentro é uma coleção de fotografias em preto e branco. A maioria delas é de crianças: TJ quando criança.

Barbara. E Bear: há muitas de Bear Van Laar, em poses variadas, pescando, nadando, firmemente plantadas em esquis cross-country.

A que mais a intriga é uma foto de grupo. Ela aperta os olhos, tentando reconhecer as pessoas. Não tem dúvidas de que dois deles são os avós de Barbara: o Sr. Van Laar Sr. e sua esposa. Ambos na última fileira. Ela sorri; ele, não.

Suponha que a criança mais nova na foto seja o Urso.

A mulher que o olha com amor é sua mãe, Alice; o homem à sua direita é seu marido.

E de um lado, parte do grupo e ao mesmo tempo distante, estão TJ e seu pai, Vic.

Judy o vira. No verso, há uma inscrição tênue a lápis: " Adeus às Moscas, 1961 ".

O ano em que Bear desapareceu.

Ela estremece. Guarda as fotos de volta na gaveta. Volta para a sala.

Ele sabe que é hora de contar a alguém o conselho que a Sra. Van Laar lhe deu. Ele tira um pedaço de papel do bolso, vai até o telefone da central de comando e disca o número da casa de Denny Hayes, seguindo as instruções dela.

Uma mulher atende. Sua esposa, sem dúvida. Ao fundo, Judy ouve vozes de crianças.

"Olá", ele diz. "O detetive Hayes está aqui, por favor?"

A mulher fica atordoada por um momento.

—Posso perguntar quem está ligando para você?

"Sou o Detetive Luptack", ela diz. "Eu.. eu trabalho com ele."

"Eu não sabia que você tinha. . colegas de trabalho", responde a Sra. Hayes. "Eu não sabia que mulheres podiam ser detetives."

—Bem, sim, diz Judy.

"De qualquer forma, ele ainda não voltou para casa", responde a mulher. "Você pode me deixar seu número, se quiser."

"Você pode dizer a ele que estou hospedada no Alcott Family Inn em Shattuck, Nova York?", ela pergunta. "Chego aí em uns vinte minutos. Você pode ligar para a recepção e eles te passarão a ligação."

Uma longa e cética pausa.

"Muito bem", diz a Sra. Hayes. "Eu vou."

Mas Judy já sabe que não o fará.

Já está completamente escuro quando ela chega ao motel. É meados de agosto, a época do ano em que o verão começa a chegar ao fim. Ela fica sentada por um momento em seu Fusca, ouvindo o ronco do motor enquanto esfria; finalmente, ela sai e tranca o carro.

Então ela ouve alguém chamá-la pelo nome atrás dela.

Ele sabe quem é antes mesmo de se virar.

—Pai—ele diz—o que você está fazendo aqui?

Seu pai se aproxima dela; ela nunca o viu tão furioso.

"O que você está fazendo aqui, Judy?", ele pergunta. "Parece um lugar seguro para uma garota solteira? Um lugar como este? Voltar tão tarde, quando já está escuro? De jeito nenhum."

"Como você me encontrou?" ele pergunta.

"Sua mãe estava morrendo de preocupação", o pai a repreende. "Ela não conseguiu dormir ontem à noite. Não conseguiu comer hoje. Até me dizer o nome do motel." Judy solta um suspiro profundo. "Não a culpe", diz o pai. "Ela se preocupa com você. Foi a coisa certa a me dizer. Um lugar decadente como este. . Você tem sorte de nada ter acontecido com você até agora." Ele se vira para o carro. Abre a porta do passageiro para a filha. "Vamos", diz ele.

"Eu te levo para casa. Amanhã te trago de volta para pegar seu carro."

O pai dela não olha para ela. Ele espera que ela entre sem fazer perguntas. Quando crianças, Judy e seus irmãos o obedeciam religiosamente. Ele nunca batia neles, mas era um homem grande e gritava.

Ela imagina por um momento que o está seguindo. Que está entrando no carro. Que está mantendo a paz na família. Que está agindo como esperado.

O que ele faz, no entanto, é dizer:

—Não é ruim.

-O fato é que?

—Este hotel.

-Motel.

— Este motel. É administrado por uma família muito simpática. Os Alcotts. O marido é professor de história. A esposa lê muito. — O pai dela está olhando para ela. — Vou ficar aqui esta noite — diz ele. — Porque vou trabalhar muito cedo. E estou cansado.

"Judy", diz seu pai, "entre no carro".

"Vou continuar aqui enquanto trabalho neste caso. E depois vou encontrar um apartamento perto da sede do OIC em Ray Brook. Posso pagar porque ganhei um aumento."

—Judy.

"Quando fui promovido", ele acrescenta, para enfatizar.

O pai fecha lentamente a porta do passageiro. Por um instante, ela quase sente pena dele. Imagina-o dirigindo sozinho para casa, com o rosto tomado por uma máscara de tristeza e raiva. É a primeira vez na vida que a filha viola diretamente seus desejos.

"Sua mãe estava chorando", diz o pai. "E a culpa foi sua."

"Tenho 26 anos", diz Judy. "Sou uma mulher agora, pai. Sei cuidar de mim mesma."

O pai dela não diz nada. Ele entra no carro — um Fairlane Skyliner antigo, do final dos anos 1950. Ela ainda se lembra de tê-lo comprado e trazido para casa com orgulho — e dá marcha ré na noite, com o braço grosso apoiado no banco do passageiro, onde sua mãe normalmente estaria.

E Judy fica sozinha.

JUDYTA

Agosto de 1975: Dia 4

Em seu quarto no Alcott Family Inn, Judy liga a televisão volumosa enquanto se arruma. O

apresentador fala sobre o tempo: hoje estará mais ensolarado e frio para agosto. Ela gosta dessa nova rotina: acordar sozinha, em um horário razoável, sem nenhum dos irmãos gritando com ela do quarto ao lado.

Ele abre o chuveiro o mais quente que consegue suportar. Fica debaixo dele mais tempo do que sua mãe deixaria.

Por fim, relutantemente, ele sai do chuveiro. Desliga a água a tempo de ouvir o âncora do jornal no quarto dizer: ". . ele está preso no momento . ″

Segurando a toalha na frente do corpo, ela corre rapidamente para o quarto, onde vê uma imagem de Jacob Sluiter na tela.

O âncora então passa para uma entrevista com o superintendente da Polícia do Estado de Nova York, que confirma da sede em Albany que Sluiter foi capturado em uma residência particular perto de North Creek.

No trabalho, Denny Hayes foi designado para apresentar o briefing matinal. LaRochelle, ele conta, está em casa, conversando com o pai de Barbara novamente.

—Bem, se você ainda não ouviu, ele diz, você está prestes a ouvir.

Depois de contar o que aconteceu na noite anterior — um vizinho que reconheceu Sluiter quando ele passou em frente à sua casa e um cordão policial enquanto o homem dormia — ele esclarece algumas coisas: a primeira é que ele está sob custódia, ileso e com boa saúde.

A segunda é que ele parece disposto a conversar.

A terceira é que, sim, existe uma possível linha do tempo que lhe teria permitido chegar à Reserva Van Laar quatro dias antes, a tempo de capturar Barbara e depois seguir para o sul, de volta a North Creek. Mas isso não parece provável, e

eles também não têm evidências disso.

A última é que a decisão de quem fará o interrogatório inicial cabe a Hayes.

Por um momento, Judy pensa que ele vai dar um nome a ela. Ele até olha para ela, mas então desvia o olhar.

—Goldman, —ele diz—, você teve contato com ele quando trabalhou no caso Bear Van Laar?

Ele balança a cabeça. Não.

"Você gostaria de fazer isso agora?", pergunta Hayes.

É natural. Judy tenta não se decepcionar. Goldman é confiável, paternal e inofensivo.

Todos dizem que ele é um bom detetive; há rumores de que ele nunca aceitou as promoções que lhe foram oferecidas porque gosta de trabalho investigativo de campo.

Judy prende a respiração. Ela se pergunta se Goldman vai dizer não.

"Sim", ele responde.

Hayes concorda. Então, um por um, ele atribui as tarefas do dia aos outros, incluindo Judy, a quem ele deu os nomes de vários pais para consultar.

E finalmente ele se despede de todos eles, mandando-os para fora da cabine.

Ela fica para trás. Espera até que todos tenham ido embora antes de se aproximar de Hayes.

"Liguei para sua casa ontem à noite", diz ele. "Deixei um recado para sua esposa." Ele franze a testa. Suspira. "Ela não te contou", diz Judy. Ele balança a cabeça . "Você falou com o vovô ontem? ", pergunta.

encontrá -lo em lugar nenhum", ele responde. "Cada um me deu uma versão diferente de onde ele estava." Ele faz uma pausa. "Você?"

"Eu não o encontrei exatamente", diz Judy. "Mas tenho uma nova pista para

você." E, sem esperar por uma resposta, ela conta a ele sobre sua tarde de ontem: a dica que a Sra. Van Laar lhe deu. Sua busca por Vic Hewitt. A bengala, a dentadura. O quarto vazio. "Você pode ver com seus próprios olhos", acrescenta, apontando para o corredor. "É logo ali."

—O que a TJ lhe disse quando você a entrevistou? Sobre o paradeiro do pai dela.

"É isso que é engraçado", diz Judy. "Ele nem mencionou isso no presente. Só disse que comandou as colônias até sua memória começar a falhar. Eu não fazia ideia de que ele ainda morava na cabana da diretora."

—Até que ele parou de morar aqui, diz Hayes.

-Exato.

Ele pensa sobre isso.

"Tudo bem", ele diz. "Esqueça o que eu disse antes. Sua tarefa hoje é encontrar Vic Hewitt."

JUDYTA

Agosto de 1975: Dia 4

O Acampamento Emerson ficou com apenas policiais, guardas florestais e detetives.

Conselheiros, campistas e funcionários já foram embora. O único funcionário que ainda deveria estar no acampamento é TJ Hewitt.

Mas quando Judy retorna aos aposentos dos funcionários, onde a viu pela última vez, descobre que a porta da sala onde a entrevistou não só está fechada, como também trancada e trancada com cadeado. Eles acabaram de se mudar, a julgar pela serragem no chão.

Apesar do cadeado, ele bate, primeiro suavemente e depois com firmeza.

Não há resposta.

Ela passa as horas seguintes perguntando a todos que encontra se viram TJ, mas

ninguém parece tê-la visto desde ontem. A caminhonete dela também não está no terreno do centro.

Ela não é uma pessoa de interesse neste caso, pelo menos não oficialmente. Ela tem o direito de ir e vir quando quiser. Ainda assim, a ausência dela e do pai é suspeita, especialmente depois das conversas de ontem, e Judy sente uma pontada de preocupação no estômago.

Ao meio-dia, ela retorna à cabine do diretor para almoçar. Ao entrar, encontra Denny Hayes desligando o telefone.

“Detetive Luptack”, ele diz, “você é exatamente a pessoa que eu estava procurando”.

"Eu?", diz Judy, e ele concorda.

"Tenho um favor a lhe pedir", ele explica, mas depois se interrompe. "Alguma notícia de Vic Hewitt?"

"Não", ela responde. "E agora parece que o TJ também desapareceu."

Um momento de silêncio.

"Vou mandar alguém trabalhar nisso", diz Hayes.

"Para quem?", pergunta Judy. E então, ela se dá conta: "Qual é o favor?"

Seu parceiro suspira.

"Ele quer falar com uma mulher", explica.

"Quem?" ela pergunta.

—Sluiter. Goldman fez o que pôde, mas não conseguiu nada. Ele quer falar com uma mulher.

“Uh-huh”, diz Judy.

“Só há uma detetive mulher em todo o OIC”, diz Hayes delicadamente.

-Eu vejo.

"Eu protestei", ele se desculpa. "Não sei se é certo conceder a ele o que ele está pedindo.

E não tenho ideia do que ele poderia dizer a você. Ele poderia falar um monte de bobagens pervertidas, não sei. Mas está fora do meu controle. LaRochelle deu sinal verde."

"Está tudo bem", diz Judy. "Não estou com medo."

Sim, ele tem. Duas horas depois, ele está do lado de fora de uma das salas de interrogatório de Ray Brook, olhando para o próprio Jacob Sluiter através de um vidro espelhado.

Ele é alto e magro. Tem entradas na linha do cabelo. Aos cinquenta anos, seus braços são curtidos e seu corpo ágil; imagine que, aos trinta — a idade que tinha quando cometeu sua primeira onda de assassinatos —, ele deve ter sido ainda mais difícil de subjugar fisicamente. Ele tem uma barba rala que parece ter crescido durante o tempo em que esteve foragido.

Estava sendo preparado por telefone por um psicólogo forense que trabalhou no caso durante a onda de crimes de Sluiter no início da década de 1960.

"Ele odeia o pai", dissera-lhe o especialista. "Ele abusou dele brutalmente. Não conte isso para si mesma, nem para os pais em geral."

“Muito bem”, disse Judy.

"Ele é sexualmente violento", continuou a psicóloga. "Ele pode dizer certas coisas, tentando provocar você. Tente não dar a ele essa satisfação."

-OK.

Agora ela aperta o maxilar para evitar que os dentes batam. Ela espera que isso a faça parecer durona. Ela sente uma vibração emanando do seu plexo solar, devido aos nervos e ao frio. Na Ray Brook, o ar-condicionado é tão potente que ela tem usado um casaco para trabalhar em pleno agosto. Mas mencionar qualquer coisa sobre isso seria anunciar que ela está fraca .

Uma pequena multidão se reuniu atrás dela. Hayes, é claro, e Goldman estão presentes.

Assim como o Capitão LaRochelle e dois de seus tenentes.

Ela tenta não olhar para eles. Como de costume, sente-se intensamente consciente de sua idade e gênero. Seu parceiro está ao seu lado, olhando para ela.

"Tem certeza de que está pronto?" ele pergunta.

-Claro.

Judy entra sozinha. Ela sabe que há microfones na sala. Eles estão conectados a um alto-falante e a um gravador localizados do outro lado do vidro espelhado. A ideia de ser ouvida em tempo real a deixa desconfortável. Ela gostaria de ter mais privacidade.

Jacob Sluiter, que estava curvado em seu assento, endireita as costas quando a vê entrar.

"Sr. Sluiter", diz Judy, "aqui é o detetive Luptack." Ela tenta manter a voz calma.

Por um momento, ele não diz nada. Então:

—Você está com frio?

Ela hesita apenas por um segundo. O psicólogo lhe disse para não demonstrar nenhum sinal de fraqueza; é isso que excita Sluiter, explicou ele. Com uma mulher à sua frente, seu objetivo será intimidá-la. Apenas uma pessoa escapou dele no início dos anos 1960; a mulher em questão disse que ele tentou fazê-la implorar por misericórdia, e ela recusou.

"Não", disse Judy. "Estou bem."

Sluiter parece quase decepcionado.

"Quantos anos ele tem?" ele pergunta.

-Quantos anos você tem?

—Quase cinquenta e um. Estarei aí na semana que vem.

"Muito bem", ela diz. "Feliz aniversário antecipadamente." E ela sorri para ele.

Sluiter olha para ela e percebe que está pegando alguma coisa.

"Ela parece muito jovem", diz ele. "Ela mora na casa dos pais?"

Judy pisca, forçando todo o seu corpo e rosto a permanecerem imóveis.

-Não.

-Você é casado?

Ele não responde.

"Não vejo nenhum anel no dedo dela", acrescenta Sluiter. "Foi por isso que perguntei."

Ele sorri e cruza as pernas. "Não tive a intenção de ofendê-la nem nada."

"Sr. Sluiter", diz Judy, "pode me contar um pouco sobre seu paradeiro depois que escapou de Fishkill?"

— Ah. Não tenho ideia de onde estive. Acabei de caminhar para o norte.

"Entendo", ela responde. "Você tinha algum destino específico em mente?"

-Não.

—Você conheceu alguém enquanto viajava para o norte?

-Não.

Pela primeira vez desde que Judy entrou na sala, Sluiter parece entediado. Ele desvia o rosto do dela para encarar o vidro espelhado, como se soubesse que tem uma plateia.

—Quer me contar um pouco sobre seus… hábitos? Onde você dormia, o que você comia?

"Eu realmente não me lembro", ele diz.

Eles continuam assim por um tempo: Judy lhe faz perguntas e Sluiter as desvia, até começar a se preocupar. Ela pensa nos homens que as ouvem do lado de fora

da sala.

Imagina-os se entreolhando, tão céticos quanto ela quanto à sua capacidade de extrair qualquer informação do suspeito. Por que ele pediu um detetive se não quer lhe contar nada além do que contou a Goldman?

Ele ouve a voz do psicólogo em sua cabeça: " Não demonstre nenhum sinal de fraqueza .

"

Decida ignorá-lo.

"Sabe de uma coisa?", ele diz. "Estou com frio. Este é o prédio mais frio em que já estive."

Ela se abraça. Ela treme um pouco.

Ele olha para ela novamente. Ele aperta os olhos levemente por trás dos óculos, tentando vê-la com mais clareza.

“Detetive Luptack”, ele diz, “posso lhe perguntar uma coisa?”

-Sim.

—Você é virgem?

Judy sente uma onda de humilhação. O sangue lhe sobe ao rosto como se tivesse levado um tapa. Aos 26 anos, ela é, de fato, virgem. Ela quer negar, mas se lembra do microfone na sala, sem o alto-falante. Ela se lembra dos quatro homens, seus colegas, parados ali, ouvindo tudo.

Ele não diz nada.

"Desculpe", diz Sluiter, "eu te envergonhei?"

"Sim", responde Judy. "Estou envergonhada."

Ele sorri e se remexe na cadeira.

—Você não quer me contar?

"Vamos fazer um acordo", ela sugere. "Eu te conto se você me contar algumas coisas primeiro."

"Qual é o nome do jogo?" pergunta Sluiter.

—Verdade ou desafio, diz Judy.

Ele sorri. Ajeita os óculos, como se estivesse se preparando para alguma diversão.

Judy não reconhece essa versão de si mesma. Ela está interpretando um papel. Ela não tem experiência, nem com homens nem com mulheres. Quando tinha doze anos — e já consciente do seu papel no mundo, como uma mulher não muito bonita, mas o suficiente —

seu pai lhe deu um conselho sobre namorar garotos: "Não passe cheques que você não vai querer descontar . "

A frase lhe pareceu grotesca. Mas ficou gravada na memória. Talvez seja um dos motivos pelos quais ela se veste como se veste agora, com roupas feitas para se esconder. Talvez seja o motivo pelo qual ela anda curvada e de cabeça baixa perto de homens que não conhece ou em quem não confia. Que são a maioria deles.

Hoje, pela primeira vez na vida, ele vê sua sexualidade como algo útil. Ele quer uma confissão. Ele a quer mais do que qualquer outra coisa em sua vida.

"Verdade ou desafio?", pergunta Sluiter.

-VERDADEIRO.

—Você

é

virgem?

"Sim", diz Judy. "Estou."

Ela bloqueia mentalmente a imagem dos homens na sala ao lado, seus

superiores. Ela espera que eles a deixem trabalhar por um tempo, que não apareçam cedo demais, confundindo seu talento para atuar com angústia real.

Sluiter pigarreia.

"Você já percebeu", ele diz.

"É a minha vez", diz Judy. "Verdade ou desafio?"

-Desafio.

—Desafio você a me contar sobre todas as pessoas que você matou ou sequestrou.

Um silêncio tenso preenche a sala, e ela imediatamente se pergunta se não foi longe demais. Rapidamente, ela esboça um pequeno sorriso, com a intenção de transmitir indiferença.

Depois de um longo momento, Sluiter sorri de volta e balança o dedo no ar.

"Não, senhora", ele diz. "Isso é trapaça."

-Porque?

"A palavra 'desafio' implica ação", explica ele . "Não confissão."

"Posso desafiá-lo a fazer o que eu quiser", diz Judy. "Não há regra contra isso."

Sluiter pigarreia novamente.

"Você não fez nenhuma pesquisa?", ele pergunta. "Eu nunca matei ou sequestrei ninguém." Ele sorri. Flertando. O estômago de Judy se revira: náusea, nervosismo, ou ambos.

"Ele nunca confessou", ele o corrige.

—Exatamente. Nunca.

"Mas agora", diz ela, "com todas as evidências, e sendo esta a segunda vez que ele é pego, não há nada que ele queira confessar?" Pela segunda vez na entrevista, ela percebe que o está entediando. Ela tenta novamente. "Sr. Sluiter, o

senhor é religioso?"

Ele solta um bufo de escárnio.

—De jeito nenhum. Embora meu pai fosse, à sua maneira.

"Então você é um homem racional", diz Judy. "Você acredita no poder da dedução e da evidência."

“Depende”, diz Sluiter.

-Sobre o quê?

—De quem você obtém as evidências. E se elas são confiáveis.

Ela fica surpresa ao perceber que uma parte dela entende o que ele está dizendo. Ela até concorda.

"O que você diz sobre mim?", ele pergunta. "Você confiaria em alguém como eu?"

"Sim", ele responde. "E se essa era a sua pergunta, agora é a minha vez."

"Não é a sua vez", diz Judy. "Ainda estamos negociando os termos. O significado da palavra 'desafio ′ ..."

Sluiter franze a testa.

"Muito bem", diz ele. "Mais uma pergunta. E então tenho um bom desafio para você, se aceitar." Ele sorri.

Judy permanece em silêncio por um momento, dando-se tempo para pensar. Ela não tem certeza se pode mencionar Barbara Van Laar pelo nome, mas sente que está muito perto de algo. Ela quer provar algo aos homens na sala ao lado, mas, mais importante, a si mesma.

"Estamos procurando informações sobre uma garota", ele diz, "que desapareceu".

“Barbara Van Laar”, sugere Sluiter.

Um arrepio percorre a espinha de Judy.

"Você sabe o nome dele", ele diz, tomando cuidado para não parecer questionador.

Ele assente. Olha para a mesa. É remorso o que ele vê naquela posição? Tenta respirar mais devagar.

— Sr. Sluiter, o senhor esteve perto da casa de Barbara Van Laar nos últimos dias? O

senhor. . teve alguma coisa a ver com o desaparecimento dela?

Ele olha para ela com uma expressão calculista.

"São duas perguntas", ele diz. "Você tem que escolher uma."

"Muito bem", responde Judy. "O primeiro."

Sluiter acena lentamente.

—Sim — ele diz.

"Sim, ele esteve perto da sua casa", ela esclarece.

-Sim .

Judy abre a boca para dizer algo, mas Sluiter levanta um dedo.

"Tenho que te fazer uma pergunta", ele diz.

Ela fica em silêncio. Ela olha para ele.

—Ela é virgem por escolha própria? Ou porque ninguém quis transar com ela?

Antes que ela pudesse terminar a frase, a porta atrás dela se abre. Judy se vira: Hayes, Goldman e o Capitão LaRochelle.

"Só um momento", ela pede, mas já está sendo interrompida.

“Obrigado, detetive Luptack”, diz o capitão.

Sluiter olha para eles com uma cara sombria.

"Não tínhamos terminado", ele declara.

" Nós não terminamos. " Judy quer dizer isso também, quer gritar, mas ela entende que sua obrigação agora é obedecer à ordem que o olhar firme de LaRochelle está silenciosamente lhe dando.

Apesar de tudo, ele se levanta da cadeira.

Goldman aponta para a porta e a acompanha para fora.

Atrás dela, ela ouve a voz de Sluiter, seu tom inescrutável, a meio caminho entre a zombaria e a sinceridade.

“Detetive Luptack”, ele diz, “você fez um bom trabalho”.

Do lado de fora da sala de interrogatório, as forças de Judy se esvaem. Ela precisa de toda a sua energia para não cair no chão.

"Você está bem?", pergunta Goldman, preocupado.

"Eu poderia tê-lo feito confessar", diz ela. "Tenho certeza."

"Eu sei", Goldman a consola. "Eu sei. É que. . eles não tinham mais certeza se o que ele estava dizendo ainda era útil."

"Eu poderia ter feito isso", ele insiste.

Do outro lado do vidro espelhado, Judy vê Jacob se virar de lado em direção a Hayes e LaRochelle. Ela o vê cruzar os braços sobre o tronco como uma criança petulante enquanto os detetives começam a conversar.

LOUISE

Agosto de 1975: Dia 4

Desde que Louise voltou para casa ontem, Jesse não apareceu.

A mãe dele não tem ideia de onde ele possa estar.

"Há quanto tempo ele foi embora?", ela pergunta, cada vez mais assustada.

"Hã", diz a mãe. "Um dia, no máximo. Acho que o vi ontem na cozinha."

" Ela tem onze anos " , Louise quer dizer a ela. Mas se ela tiver que morar com a mãe por um tempo, terá que fazer o possível para manter a paz, manter a calma e evitar brigas.

Ao meio-dia, quando ela está prestes a ir ao centro da cidade para perguntar por aí, Jesse entra pela porta e para no meio do caminho quando a vê na cozinha.

"Onde você estava?" Louise pergunta, forçando-se a falar calmamente.

—Na casa de um amigo.

—Qual amigo?

—Neil. Você não o conhece.

—Por que você não contou a ninguém?

"Eu avisei!", Jesse diz, indignado. "Eu contei para a mamãe. Eu disse a ela que a mãe do Neil viria me buscar e me traria de volta também."

Louise o encara. Sem desviar o olhar, levanta a voz para se fazer ouvir no outro cômodo:

—Mãe, você sabia que o Jesse estava na casa do amigo dele, o Neil, ontem à noite?

Há um momento de silêncio.

"Acho que eu sabia", diz sua mãe.

Louise abaixa a cabeça. Seu irmão sorri, satisfeito.

"Desculpe", ela diz. "Estou preocupada com você."

"Eu sei", responde Jesse.

Ela abre os braços e ele caminha hesitante em sua direção.

Quando ela tinha quatorze anos e ele três, seu irmão a deixou segurá-lo assim: inclinando a cabeça para o lado e apoiando -a em seu ombro. Apoiando seu peso sobre o dela. Jesse está mais alto que ela agora, pela primeira vez, mas ainda encontra um jeito de relaxar os ossos e músculos contra os dela, e por um momento — antes de se recompor —

os dois respiram assim, se deixando levar.

"Jesse", diz Louise, "não engravide nenhuma garota".

"Pare ", ele responde. Então, endireita as costas. "Você já voltou para casa? ", pergunta.

-Por agora.

Os dois estão assistindo TV com a mãe. *Kojak:* uma série que Jesse adora.

Tanto ele quanto a mãe acabam dormindo, e Louise vai até a cozinha e abre um armário.

Ontem, ela viu com satisfação que o irmão tinha feito o que ela havia pedido ao telefone. Ele tinha comprado suprimentos. Ele está crescendo.

Ele acabou de mergulhar uma colher em um pote de Cheese Whiz quando alguém bate na porta.

Há alguém lá fora que ele não reconhece a princípio.

Ele só vê que ela é uma mulher e que tem cabelos grisalhos.

JUDYTA

Agosto de 1975: Dia 4

Quando Denny Hayes a encontra, Judy está andando de um lado para o outro em volta da mesa como uma boxeadora derrotada.

Ele lança a ela um olhar de pena.

"Goldman diz que você está chateado", ele diz.

Judy faz um esforço para sentar na cadeira.

—O que você conseguiu com ele?

Hayes leva um momento para responder.

"Nada", ele admite. "No momento em que você saiu, ele se calou. Não disse mais nada."

Então, olha por cima do ombro e abaixa a voz. "Foi LaRochelle quem nos obrigou a entrar.

Ele ficava dizendo que estava preocupado que Sluiter estivesse te enganando. Que ele não estava te contando a verdade. Mas acho que o que aconteceu", diz ele, "foi que o capitão queria poder dizer que tinha terminado o serviço."

O coração de Judy afunda.

"Eu teria deixado você continuar", acrescenta Hayes.

Ela concorda.

-Eu sei.

"Se isso faz você se sentir melhor", diz Hayes, "um conservador da Coleção Hyde está vindo para a Reserva para tentar remover a pintura do quarto de Barbara".

Judy está tão focada em Sluiter que demora um momento para se lembrar.

Quando ele faz isso, uma pergunta lhe ocorre:

—Como os pais reagiram? Eles concordam?

"Boa pergunta", diz Hayes. "Eu estava pensando a mesma coisa. Mas o capitão me disse que eles estavam tranquilos. Pelo menos o pai estava. Ele nem piscou."

Na opinião de Judy, isso significa uma de duas coisas: pode ser uma indicação da inocência dos pais de Barbara, ou pode ser que nunca houve nada de interessante dentro daquelas paredes.

Antes de partir para a Reserva, ele faz um pedido a Hayes:

—Você vai me contar o que está acontecendo com o Sluiter hoje? Você vai me ligar mesmo que não esteja na reserva?

Ele concorda.

A restauradora é uma jovem alta, talvez da idade de Judy. Ela usa óculos grandes e um macacão branco. Na mão direita, segura um balde; na esquerda, uma lona.

O nome dela é Anna, ela diz. Ela veio ver a pintura.

Como foi ela quem teve a ideia, ela também será a responsável por supervisioná-la.

Ele acompanha a mulher até a casa dos Van Laar e depois pelo corredor que leva ao quarto rosa.

A restauradora entra primeiro e coloca o balde no chão. Ela observa as paredes rosa-choque, a cama recém-arrumada e o tamanho surpreendente do quarto.

"Alguma ideia de qual parede devo começar?" ele pergunta.

"Acho que é aquele atrás da cama", diz Judy, lembrando-se do desenho de Barbara. Seu esboço do mural.

Anna se move com confiança. Ela estende a lona no chão. Ajoelha-se e enfia a mão no balde; tira uma lata de metal com acetona e algo que parece um cotonete bem grande.

Ele umedece com o líquido e aplica em um pequeno pedaço da parede perto do canto.

Quando você o puxa, uma mancha verde aparece através do rosa.

"Bem", diz Anna, "isso é um bom sinal. Parece que tem tinta a óleo por baixo. Isso significa que talvez eu consiga remover a tinta látex de cima sem danificar a camada subjacente."

Ele retorna ao seu trabalho, ampliando um pouco seu pequeno círculo. Sim: há

mais verde e, ao lado, um pouco de preto.

Anna olha por cima do ombro de Judy.

"Você sabe que isso vai demorar, não sabe?", ele pergunta. "Estou falando de dias."

Perto do meio da tarde, um jovem detetive sobe a colina para procurá-los na casa. Ele parece agitado.

"É o Luptack?", ele pergunta para Judy. Ela assente. "O Capitão LaRochelle está na linha e quer falar com você. Ele diz que é urgente."

Ao chegar ao telefone na cabine do diretor, ela descobre que Hayes já havia chegado. É

ele quem está segurando o fone. Um pequeno grupo de curiosos se formou ao redor dele.

Judy pega o telefone e vira as costas para eles.

"O Sr. Sluiter está aqui na sala", diz o capitão, entre sério e descontente. "Ele disse que quer falar com você. Ele concordou em me deixar ficar com ele enquanto ele fala."

Ela olha para Hayes, que não tem ideia do que está acontecendo. Judy gesticula: " Sluiter quer falar comigo . "

Hayes levanta as sobrancelhas. " A ligação será gravada " , ele gesticula de volta.

"Eu sei", ela diz.

"O que você sabe?", pergunta Sluiter do outro lado da linha.

Desta vez, Jacob Sluiter não faz rodeios. Ele fala de forma clara e direta:

"Não sei nada sobre Barbara Van Laar", diz ele. "Estou lhe dizendo a verdade."

"Como ele sabia o nome dela?", pergunta Judy. "Quando contei a ele sobre ela, ele a mencionou antes de mim."

"Vi na imprensa", diz Sluiter. "Assim como todo mundo." Ele sorri triunfante. Ela o ouve na linha.

Espere. Tem mais, ele pensa. Tem que ter mais.

Ela o ouve respirar: um som úmido que revira seu estômago.

Finalmente a voz continua:

—Mas eu sei onde seu irmão está.

Judy fecha os olhos por um momento.

"E você quer me contar?", ela pergunta. Ela quase consegue sentir o gosto da resposta nos lábios. Ela a deseja com todas as suas forças.

—Eu não quero, não.

" Não diga nada", ela diz a si mesma. "Espere. " E silenciosamente implora a LaRochelle pelo telefone para não dizer nada também.

E funciona.

"Mas eu vou te mostrar", conclui Sluiter.

LOUISE

Agosto de 1975: Dia 4

Louise abre a porta.

Ele conhece a mulher, mas não se lembra do quê.

Ela usa cabelos grisalhos presos em um rabo de cavalo bem longo, quase até a cintura, um vestido longo de algodão e sapatos de caminhada com meias.

Eles se encaram por um longo tempo, imóveis.

"Louise?" a mulher finalmente pergunta.

E é somente quando ela ouve sua voz — profunda e distinta — que ela percebe

quem ele é.

"Sra. Stoddard", ele diz, "a senhora está bem?"

Quase ninguém viu a Sra. Stoddard — uma ex-professora de escola dominical, figura bem conhecida na cidade e mãe de Antonia Stoddard, que estudou na mesma turma de Louise do jardim de infância até o ensino médio — desde que seu marido morreu.

Há mais de uma década , há mais rumores sobre ela do que dados confirmados.

Dizem que a Sra. Stoddard, assim como a mãe de Louise, nunca saía de casa. Ela teria sofrido um "colapso nervoso ".

Mas, ao contrário da mãe, essa mulher supostamente tem um motivo convincente para romper com a realidade: ela perdeu o filho e o marido em um período de tempo cruelmente curto. E a ignomínia em que o homem caiu a impediu de lamentar sua morte adequadamente — pelo menos em público.

“Posso entrar, Louise?” pergunta a Sra. Stoddard.

Ela se afasta para deixá-la passar. Aponta para uma cadeira; a mulher aceita a oferta e coloca a bolsa no colo, segurando a alça com força, como se temesse que a levassem.

"Posso te servir algo para beber?", ele pergunta. "Chá?" Ele não tem ideia se há chá em casa.

“Não, obrigada”, diz a Sra. Stoddard.

"Como está Antonia?", pergunta Louise.

"Ah, tudo bem", responde a mulher. "Todas as minhas filhas estão bem. Já fui avó cinco vezes."

Ela se senta ereta na cadeira, orgulhosa. Mas algo lhe diz que ele não deveria continuar perguntando sobre a família dela; que talvez eles não tenham muito contato.

"Você deve estar muito orgulhoso", diz Louise.

-Bem, sim.

—Lembro que Antônia tocava piano muito bem. E cantava bem também.

"É verdade, eu me lembro", diz a Sra. Stoddard.

Há um silêncio longo e constrangedor.

De repente, a mulher se inclina para frente na cadeira.

"Eu sei o que eles estão tentando fazer com você", ele diz.

Louise pisca.

-Oh sério?

A outra assente. De repente, lágrimas enchem seus olhos. Ela estende a mão magra sobre a mesa da cozinha, com a palma para cima, e não tem escolha a não ser colocar a mão sobre a dele.

"Mas não se preocupe", ele diz. "Não vou deixar que façam isso de novo."

Ela abre a bolsa em seu colo e vasculha dentro, procurando por algo.

Ele pega um documento amassado, coloca-o sobre a mesa entre eles e alisa-o com o punho.

"Aqui", ele diz. "Pegue. É para você."

Após um momento de hesitação, Louise se aproxima da pilha de páginas grampeadas.

A princípio, ele não sabe o que está vendo. É uma cópia carbono de alguma coisa, com o texto tão desbotado que ele precisa apertar os olhos para ler algumas partes. No topo do documento, há algumas palavras que ele não entende: " Recibo de Garantia e Aviso de Informações ″ .

No final do documento, uma assinatura: " Maryanne Stoddard ″ .

"Disseram que fui eu?", pergunta a Sra. Stoddard.

-Quem é?

"A delegacia. Disseram que eu paguei a fiança? Dei minha casa como garantia", explica a mulher, animada, com as mãos tremendo um pouco. "Olha", diz ela. "Olha a próxima página."

Dentro, há uma nota promissória com o endereço residencial de Stoddard no topo. A terceira página contém uma fotocópia da escritura.

"Sra. Stoddard", diz Louise, "a senhora não deveria ter feito isso."

-Por que não?

"É muita gentileza sua", ele diz, "mas é demais".

"Bobagem", diz a mulher. "Passei os últimos quatorze anos da minha vida tentando limpar a honra do meu marido de um crime que ele não cometeu. Não vou deixar aqueles desgraçados fazerem o mesmo com mais ninguém." Louise continua olhando os documentos. Examinando a assinatura no final da página. " Você sabe quantas horas da minha vida passei na floresta ao redor de Hunt Mountain?", continua a Sra. Stoddard. "Não fiz praticamente mais nada. Minhas filhas acham que sou louca. Mas eu sempre penso... se eu pudesse encontrar alguma coisa, algumas roupas do menino ou.. " Ela fica em silêncio

por um momento, considerando o quão honesta pode ser. "Ou o próprio menino", diz ela finalmente. "Coitadinho."

Louise escuta atentamente. Tudo o que a mulher lhe diz confirma uma teoria que ela formou nos últimos minutos. Ela olha para a assinatura com uma expressão calculista.

—Sra. Stoddard, não quero ser rude, mas seu primeiro nome é Maryanne?

-Sim.

—E você tem procurado pela floresta ao redor desde que Bear Van Laar desapareceu?

A mulher acena com a cabeça.

"Desde que meu marido morreu sob custódia policial", ela diz, "para ser exata. Mas sim."

Louise espera. Ela tem medo de perguntar.

"Maria Negra", diz Maryanne Stoddard. "Pode falar. Já ouvi pessoas me chamarem assim."

JUDYTA

Agosto de 1975: Dia 4

Judy está sentada no fundo de uma canoa enquanto dois agentes florestais do Ministério do Meio Ambiente a remam pelo Lago Joan, com braçadas longas e constantes, plácida e silenciosamente, quase sem mexer na água.

Mais duas canoas ladeiam a sua. Em uma delas, Hayes e um legista de Schenectady.

Na outra, Sluiter e um guarda armado.

Foram necessárias várias rodadas de negociações com o defensor público até que um juiz do condado concordasse com o plano. O problema, como explicou Denny Hayes, é o histórico de fugas de Sluiter. Sua capacidade de manipular aqueles ao seu redor.

Alguém que corra o risco de fuga de Sluiter precisa usar algemas nos tornozelos e algemar as mãos a um cinto de segurança. Então, é assim que funciona enquanto um guarda na proa e outro na popa impulsionam a canoa.

Judy se obriga a manter o olhar fixo à frente. Ela tem medo de que, se virar para encará-lo, Sluiter a encare.

Eles seguem para a outra margem do Lago Joan, para o pequeno trecho de terra pedregosa no centro de uma baía aparentemente inacessível a pé. Afloramentos rochosos escarpados emergem da água e ladeiam a enseada em ambos os lados.

À medida que se aproximam, fica claro que terão que atravessar a água a pé. Não há praia, apenas pedras bloqueando a entrada para a floresta mais adiante. Eles desembarcam um a um, segurando a canoa firmemente enquanto descem.

Sluiter — cujas mãos estão algemadas à frente, como se estivesse em um gesto de súplica — precisa ser ajudado a sair da canoa pelo guarda corpulento designado a ele. Quando ele começa a caminhar em direção à proa, meio agachado, o barco dá um solavanco e ameaça virar. O guarda abre os braços, e Sluiter cai neles.

Atrás das rochas, a vegetação rasteira é brutalmente densa. À medida que se afastam da costa, a luz do dia mal chega ao chão.

Caminhando em fila atrás de Jacob Sluiter, o terror das florestas do norte, Judy examina o chão à frente.

Mais cedo, por telefone, ele descreveu o que procuravam: um túmulo. Uma pilha de pedras, uma em cima da outra, destinada a marcar um local.

Agora ela quer ser a primeira a ver — se Sluiter estiver dizendo a verdade, é claro, o que ainda não se sabe. Parte dela acredita que ele só quer fazer uma trilha: sua última chance de ver a natureza antes de ser transferido para uma prisão federal pelo resto da vida.

Depois de vários minutos abrindo caminho pela vegetação rasteira, o som da voz de Sluiter finalmente quebra o silêncio do avanço.

"Olhem para cima", ele diz. Eles obedecem.

Eles chegaram à face rochosa escarpada visível da costa. Três metros acima, avistam o que parece ser uma caverna, uma boca escancarada de profundidade incerta.

"Agora olhe para baixo", diz Sluiter, abaixando a cabeça. "Ali está."

A seus pés, na terra nua: uma pequena torre de pedras.

Um túmulo.

Abaixo daquele marcador, Jacob Sluiter diz que eles encontrarão o menino.

LOUISE

Agosto de 1975: Dia 4

Louise está no quarto de sua infância.

Ela tem evitado isso. Ontem à noite, dormiu no sofá. Ela não gosta de entrar naquele lugar cheio de bugigangas dos seus sonhos antigos, de Louise Donnadieu, de dezessete anos, a segunda melhor aluna da turma na Central High, aquela que ganhou uma bolsa de estudos para a Union College.

Agora, porém, ele terá que assinar algum tipo de trégua com esse espaço: ele pode ter que passar semanas ou meses lá antes de sua audiência no tribunal.

Ele anda pela sala e começa a remover os enfeites das paredes. Pega o certificado da Sociedade Nacional de Honra, a fotografia de Louise de beca e capelo, apertando a mão do diretor da escola, e o último boletim que ela recebeu, cheio de notas máximas e honras.

Foi ela quem os pendurou. Quando tinha quatorze ou dezesseis anos. Nenhum adulto em sua vida se importou o suficiente com essas coisas. Que vergonha, ela pensa. Que patético.

A última coisa que ela tira é sua foto de formatura. A garota está sorrindo, mas com a testa franzida, como se estivesse contemplando o futuro.

Louise empilha todos os documentos no chão e os pega. Ela está indo em direção à porta da cozinha para levá-los ao lixo quando ouve Jesse conversando com alguém do outro lado.

Acelere o ritmo.

"Quem está procurando por ela?", pergunta o irmão, mas Louise não ouve a resposta. Ele se vira para ela, franzindo a testa — uma expressão que indica que provavelmente é um homem. Ele fecha a porta antes de perguntar: " Você conhece algum Lee Townson?"

Três minutos depois, Louise está do lado de fora da casa da mãe, encarando Lee pessoalmente. Ela fez Jesse jurar que ficaria em casa; ela não tem intenção de ter essa conversa na frente de uma plateia.

Faz apenas quatro dias que ele encontrou Lee no corredor do dormitório dos funcionários da colônia. Parece que foi há um mês. Ele ainda ouve o termo usado por Denny: "estupro estatutário". Quando finalmente fala, olha para o

chão:

—Como você me encontrou?

"De acordo com a lista telefônica", diz Lee, "não há muitos Donnadieus em Shattuck."

—Mas como você sabia que eu estaria aqui?

—Tenho amigos na área.

Louise pensa no que isso significa. Ela nunca gostou de ser alvo de fofocas. Mas supõe que isso seja inevitável em uma cidade tão pequena como Shattuck.

"Você sabe que eles estão procurando por você?" ele pergunta.

—Foi o que ouvi.

-Onde você esteve?

—Aqui e ali.

-Escondido?

— Mais ou menos, eu acho. Enfim, meu plano é ir embora.

Louise finalmente ergue os olhos para ele. Depois, olha mais a fundo. Há apenas duas outras casas na rua sem saída, e ambas parecem já ter baixado as persianas até o dia seguinte. As ruas laterais de Shattuck não têm postes de luz; ela só consegue ver a silhueta de Lee sob o brilho da casa de sua mãe.

—Luísa…

-Que?

"Tem uma coisa me incomodando", ele diz. "E eu queria te contar antes de ir."

Seu coração dispara. Ela começa a fazer conjecturas insanas dentro da cabeça.

—Sério? —Ele tenta agir com indiferença.

"Seu namorado...", diz Lee Towson. "Desculpe, seu noivo."

—O que há de errado com ele?

—Ele estava dormindo com outras pessoas.

Louise fecha os olhos.

-Como você sabe?

— Eu costumava passar mercadorias para ele. E algumas vezes o vi com outra garota. A mesma.

"Não", ela diz.

— Não era a Barbara, não. Ela estava na casa dos Van Laar. Na praia atrás da Self-Reliance. E ela estava com uma garota que chamava de Annabel , diz Lee.

Louise fecha os olhos. O mundo se turva ao seu redor, assim como sua compreensão. Outras coisas vêm à tona: a declaração anterior de Annabel de que seus pais já tinham alguém em mente para casá-la. Os Southworths e os McLellans, amigos de longa data, dividindo o quarto na Self-Reliance. O fato de John Paul se recusar terminantemente a deixar Louise sequer chegar perto da casa. E — finalmente, e o mais brutal de tudo — o fato de Annabel ter ido embora no meio do baile colonial. Na mesma noite em que Barbara desapareceu.

—Annabel tem dezessete anos —ele diz.

— Normalmente, eu não me intrometeria na vida dos outros. Mas achei que você precisava saber, só por precaução.

"Só por precaução?", pergunta Louise.

"Só por precaução... é prova de alguma coisa. Ou só por precaução te ajudar. Eu sei do que te acusaram. Mas tenho certeza de que não se importariam de te acusar de outra coisa.

É assim que eles funcionam", acrescenta.

"Por que você se importa com o que acontece comigo?", ele pergunta

abruptamente. Seu tom é mais amargo do que pretendia. Cada um é guiado por seus próprios interesses.

—Bem, porque eu gosto de você — confessa Lee.

Ela não diz nada. Ela fecha os olhos.

Há uma longa pausa. E então ele acrescenta:

—Louise, por que você não vem comigo?

"O quê?" ela pergunta, distraída. "Onde?"

— Estou partindo para o Colorado amanhã. Para uma cidade chamada Crested Butte. Um amigo meu mora lá e diz que é o paraíso.

"Não me deixam sair de casa", explica ela, tensa. "Da casa da minha mãe. Estou em liberdade condicional. Fui presa por porte de drogas. Por uma droga que nem era minha."

"Ah", diz Lee. "Bem, chega de ideia. A menos que você queira ser como Bonnie e Clyde.

Esconda-se por um tempo até as coisas se acalmarem."

Louise balança a cabeça.

"De qualquer forma", ela diz. "Eles acham que é para lá que você está indo. Então, você provavelmente deveria escolher outro lugar."

—Quem acredita nisso?

—A polícia.

Lee pensa sobre isso.

Ela aproveita o silêncio para dizer:

—Ouvi falar de você. Por que você foi preso?

Ele respira fundo e solta o ar. Então se senta no chão, como se a exaustão o

tivesse dominado de repente.

—Quem te contou?

—Um amigo da minha mãe. —Ele não tem vontade de revelar toda a verdade.

Lee solta um longo suspiro.

"Eu tinha dezenove anos", diz ela. "E ela tinha dezesseis. Era filha da família para quem eu cozinhava. Uma família rica. Com uma casa em Catskills, sabe? Não tão chique quanto a casa dos Van Laars, mas não tão diferente." Louise escuta, pensativa. "O pai dela nos flagrou. E ele surtou. Chamou a polícia. Disse que eu a tinha forçado a transar. Dava para ouvi-la gritando que não era verdade. E não era." Ainda de pé, ela se senta ao lado de Lee.

"Louise, você acredita em mim?"

"Não sei", diz ela. E é verdade: ela tem a impressão de que seu instinto não está funcionando. Nunca funcionou. Como ela pode fazer com que seu instinto a alerte sobre as pessoas, sobre os homens?

"Cansei de trabalhar para gente rica", diz Lee. Ele está falando mais consigo mesmo do que com ela. "Não acredito que fiz isso de novo. Foi por isso que me escondi. Assim que descobri o que estava acontecendo com a filha dos Van Laars, desapareci. Com a minha ficha. ." Sua voz se perde. Então ele fala novamente. "De qualquer forma, o mundo está mudando", diz Lee. "Estamos em 1975 e, pelo que ouvi, você tem que ir para o Oeste."

Na mão esquerda, Louise ainda segura os documentos e fotografias que retirou das paredes do quarto. Ela os observa. Ouve a voz de outro homem lhe fazendo mais uma promessa que não será cumprida. Quantas vezes na vida ela disse sim a um garoto ou a um

homem só porque era a coisa mais fácil de fazer? Quantas vezes ela deixou alguém ficar com o que queria em vez de ficar com algo para si mesma?

Ele coloca os papéis delicadamente no chão. Olha para Lee, cujos antebraços e mãos ele sonhava em tocar durante todo o verão.

Ela faz isso agora. Ela coloca a mão esquerda na parte interna do cotovelo dele.

Ele olha para ela com curiosidade.

"Quer brincar um pouco?", diz Louise.

Lee não diz nada. Ele permanece imóvel enquanto ela se vira para encará-lo e se ajoelha no chão à sua frente. Ela olha ao redor da casa iluminada; sabe que está escuro demais para ser visto. Ela tira a camisa.

"Deus", ele exclama . Ele estende os braços e coloca as mãos na cintura de Louise.

"Não", ele diz. "Agora é seu." Ela também o tira e se inclina para ele, pele contra pele, montando nele enquanto Lee se deita no chão.

Ela vai tirar dele tudo o que quiser ; um momento de prazer no meio de tanta escuridão, um ato para se livrar de John Paul, dos McLellans, dos Van Laars e daquela casa majestosa para a qual ela nunca seria convidada, não importa o que fizesse.

Amanhã, Lee Towson partirá para o Colorado. E ela não o seguirá.

ALICE

Agosto de 1975: Dia 4

Ela foi enviada para Albany. A tarefa de supervisionar sua transferência foi atribuída aos seus pais, que mal saíram de seus quartos durante esses dias difíceis. De lá, eles seguiram para Manhattan, depois de garantirem discretamente que encontrariam Barbara.

Agora Alice está sozinha.

Assim, ele não atrapalhará ninguém, pensa, com os ombros tremendo um pouco de tanto rir. Hoje é um dia muito ruim, assim como todos os outros, e por isso ele tem a bênção do Dr. Lewis para tomar três comprimidos sempre que precisar.

Ele os toma agora, com o cérebro a mil, suspirando de alívio enquanto os comprimidos saem do frasco de vidro que os serve de abrigo, antecipando a descarga química. Ele os mastiga para que façam efeito mais rápido.

Ela fecha os olhos. Sua mente relaxa, levando-a inesperadamente de volta à Escola Dunwitty.

E para sua irmã Delphine, que foi a única que a visitou enquanto ela estava lá.

" Sinto muito ", disse Delphine. E mais: que ela estava em queda livre desde a morte de George. Que esta não era a primeira vez que dormia com Peter; que eles também tiveram relações íntimas quando eram jovens. Mais ou menos na mesma época em que foram apresentados, na festa de debutante dela.

Teria Delphine feito aquilo só para ficar perto dele? Unindo-o à sua irmãzinha ingênua e tola, tornando Alice sua reprodutora enquanto Delphine e Peter — ambos com a mesma inteligência — continuavam a sair juntos sempre que ele vinha a Nova York. .

"Não é nada do que você está imaginando", disse a irmã, lendo sua mente. "George e eu nos amávamos muito. Mas nunca nos interessamos por um casamento tradicional. Ele tinha a liberdade de fazer o que quisesse. E eu também. Não sei se você se lembra, mas tentei te avisar uma vez", disse Delphine. Ela se recostou na cadeira. "Você tinha que. . ' se divertir um pouco *'* , acho que eu disse. Você já tentou isso?"

Ela não disse nada.

— O que fizemos foi errado, Alice. Todos nós. Nós te tratamos de forma abominável.

Silêncio.

"Você vai deixar o Peter, Alice?", perguntou Delphine. "Você poderia, sabia?"

Silêncio.

—Alice. Alice, você está dormindo?

Por fim, ela sorriu. De certa forma, ela estava, pensou. Estava tendo um devaneio, o mesmo de sempre.

Nela , ela estava trancada em um quarto que não reconhecia enquanto procuravam seu filho sem que ela soubesse. E havia alguém — ela não sabia

quem — parado do outro lado da porta.

Em Albany, Alice abre os olhos. Ela não gosta de ficar sozinha. A casa é fria no verão, e a cidade inteira parece árida e abandonada. Funcionários do governo saíram de férias para lugares mais ao norte ou ao sul. Nesta cidade, ela se sente a única sobrevivente de uma praga.

Agora ele tem três comprimidos no sangue. Seu corpo está flácido.

É assim que você ouve melhor: do outro lado do véu, no outro mundo. O mundo onde Bear vive.

Certa vez, enquanto jogava Dicionário, Alice se deparou com a palavra "sagrado", que é o termo que lhe vem à mente quando pensa no espaço liminar entre a vida e a morte, onde ela se encontra com seu filho.

O espaço em que ela se permite admitir que o que fez é *sagrado.* O espaço em que ela não se esforça tanto para bloquear os fragmentos de luz e memória que lhe chegam de tempos em tempos, em momentos inesperados, tão abruptamente que ela se sente como se tivesse sido esfaqueada: é *sagrado.* Nesse mundo, quando essas memórias lhe chegam, ela as aceita, as examina sem se abalar, se abre para elas em vez de desejar que desapareçam.

Alice pisca. Ela volta à vida.

Do outro lado da janela, o sol está se pondo. Há quanto tempo ela está sentada na mesma cadeira? Ela não tem certeza.

Ela se levanta, vai ao banheiro e se alivia. Então, perdida em um sonho, vagueia até o quarto que costumava ser do filho. Outro espaço sagrado.

Estou aqui, ele diz. Estou aqui.

E escuta, esperando sua resposta.

JUDYTA

Agosto de 1975: Dia 4

Ele já viu cadáveres antes. Viu seus avós, três deles, em caixões abertos. Viu

pessoas recentemente mortas, vítimas de acidentes de trânsito, ao longo de seus anos como patrulheiro rodoviário estadual.

Ele nunca viu nenhum vestígio de esqueleto .

O legista emite ordens enquanto os guardas, com as mãos enluvadas, levantam delicadamente um pequeno esqueleto intacto de onde ele ficou por mais de uma década e o colocam em uma placa de madeira para observação.

Por respeito ao falecido, o guarda armado já levou Jacob Sluiter.

Agora, um tipo de interesse imperturbável permeia a voz do legista quando ele começa a falar:

"Eu estava me perguntando", diz ele, "se o esqueleto havia se deteriorado. Mas parece que o solo aqui é muito ácido, provavelmente por causa da proximidade da água." Ele se ajoelha perto da tábua, pega uma fita métrica e a segura em vários pontos de cada osso. "Eu diria que é uma criança. Entre sete e onze anos."

"Você sabe se é menino ou menina?", pergunta Hayes.

"Com esqueletos imaturos, há uma chance de erro", diz o legista. "Mas, por enquanto, eu diria que é masculino."

De volta ao centro de comando, Denny Hayes aponta o dedo sobre um gravador, pronto para ouvir a gravação da ligação telefônica entre Jacob Sluiter e Judy. Aquela em que ele lhes deu instruções sobre como encontrar o corpo de Bear Van Laar. Uma cópia foi feita e transportada da sede de Ray Brook, onde ele está detido, para a Reserva Van Laar.

"Você acreditou nele?", pergunta Hayes antes de ouvir. "Você acreditou na história dele?"

Judy concorda. Ela acredita. Ela acredita.

"Por quê?", ele pergunta . "Ele é um mentiroso notório. Nunca admitiu nada."

"Só instinto", ela responde. "Ele não tinha motivo para nos ajudar com isso. Mas ajudou."

Hayes aperta o play. Jacob Sluiter começa a falar com a voz embargada:

" Eu sei onde Bear Van Laar está *"* , diz Sluiter na fita.

" Mas eu não o matei. "

JUDYTA

Agosto de 1975: Dia 5

No briefing matinal, LaRochelle confirma: os registros dentários coincidem. Não há dúvida de que o esqueleto é de Bear Van Laar.

Ele então pede a Hayes para resumir a versão de Jacob Sluiter.

"A Detetive Luptack não deveria estar fazendo isso?", ele pergunta. "Considerando que você explicou a ela. ."

LaRochelle franze a testa.

"Seja quem for", ele diz. "Eu não me importo. Vamos."

Relutantemente, Judy se vira e troca de lugar com o capitão, que se move para o fundo da sala enquanto ela segue para a frente. Seu superior a observa enquanto ela começa a falar.

Segundo Jacob, a Reserva Van Laar é a terra de seus ancestrais.

A família Sluiter — imigrantes holandeses que chegaram a Albany por volta de 1700 —

estabeleceu-se no norte do estado de Nova York durante o *boom madeireiro* da década de 1820. Um ancestral dos Sluiter adquiriu as terras que mais tarde se tornariam a Reserva Van Laar. Ele e seus filhos desmataram a floresta original e obtiveram um bom lucro com a operação. Mas, na década de 1870, quando os políticos se conscientizaram do potencial impacto da exploração madeireira no abastecimento de água do sul do estado — e ameaçaram proibir totalmente a exploração madeireira dentro do futuro Parque Nacional Adirondack — os Sluiter venderam suas terras.

O homem que os comprou — aqui Judy se permite uma breve pausa teatral — foi Peter Van Laar, o Primeiro.

Bisavô de Bear e Barbara.

Não é coincidência, então, que toda vez que Sluiter foge, ele acabe naquela área. Ele diz que isso o atrai; que seu avô costumava levá-lo para lá quando criança, contrabandeá-lo para uma propriedade que não era mais deles e, resignadamente, apontar a mansão e as colônias como evidência de que a sorte favorece alguns e prejudica outros. E que eles, os Sluiters, sempre sofreram os flagelos do azar e da má sorte.

A terra, no entanto, guardava um segredo que nem mesmo os Van Laars pareciam saber.

Na margem oposta do Lago Joan — que quase todos consideravam inacessível por ser muito íngreme e rochoso, e por causa da densa floresta — havia uma série de cavernas naturais. Os Sluiters as descobriram quando começaram a explorar a área, e o

conhecimento foi passado de geração em geração; era um lugar para onde seu avô o levara, uma maravilha que precisava ser vista para crer.

Segundo Sluiter, em 1961, quando era foragido da lei, ele passou o verão inteiro abrigado nessas cavernas, já que durante esses meses as casas que ele costumava usar no inverno estavam ocupadas por seus donos.

Era um lugar perfeito: acessível apenas pelo lago; a densa floresta o escondia e o protegia da chuva. Para chegar ao seu abrigo improvisado, Sluiter atravessou a nado; para se alimentar, pescava, armava armadilhas e coletava tudo o que crescia na natureza.

Certa tarde, ele disse que foi acordado em sua caverna por um barulho que reconheceu como passos humanos.

A princípio, ele temeu que fossem seus captores. Sabia que a polícia estava em seu encalço. Mas o som sugeria que era apenas um homem se aproximando. Então, a curiosidade o levou até a entrada de sua caverna, onde permaneceu perto das sombras para evitar ser visto.

Finalmente, ele apareceu diante dos seus olhos. Ele carregava algo que ela não conseguiu distinguir a princípio.

E finalmente ele viu claramente: era uma criatura. Uma criança. Morta nos braços do homem.

Ele se ajoelhou no chão. Chorando, deixou a criança à sua frente e começou a cavar.

Silenciosamente, em sua caverna três metros acima, Sluiter viu tudo.

Judy interrompe. Por um momento, a sala fica em silêncio, até que alguém faz a pergunta que ela sabe que deve vir em seguida:

"Como era o homem?" Todas as cabeças se voltaram para Goldman, o detetive mais velho, que levantou a voz lá de trás.

"A maior parte da descrição de Sluiter é genérica", diz Judy. "Alto, cabelo castanho, meia-idade." Ela faz uma pausa. Pondera cuidadosamente as próximas palavras. "Mas ele disse que parecia um morador local, não alguém da família."

Alguém fala ao fundo:

—O que isso significa? Você quis dizer as roupas dela?

"Ele não explicou", diz Judy.

Outra mão é levantada.

—Por que Sluiter não contou essa história a ninguém depois de sua primeira prisão?

"Ele achou que ninguém acreditaria nele", ela responde. "Que ninguém acreditaria que ele não tinha matado o menino. Mais tarde, quando soube do desaparecimento de Bear no noticiário, juntou as peças e descobriu quem era a vítima. Mas não tinha incentivo para falar."

Silêncio.

"Então o que fazemos?", perguntou Hayes. "Acreditamos?"

Judy acredita. Mas ela não quer dizer isso em voz alta. Ainda não.

"Por que você nos contou isso agora?" alguém pergunta.

Hayes olha para ele.

“Detetive Luptack”, ele diz, “alguma ideia?”

Ela pigarreia. Eles realmente esperam que eu responda?

"Bem", diz Judy, "ele disse que confia em mim".

Alguém sopra. Alguém tosse.

"Ok, ok", diz Hayes. "A história toda parece absurda, sem dúvida. Mas uma coisa precisa ser reconhecida: a criança seria um crime incomum para Sluiter. Ele não se parece com nenhuma de suas outras vítimas. Ele é um predador sexual, mas seus alvos são mulheres.

Mulheres adultas. Ele nunca se interessou por crianças, até onde sabemos. Então, vamos aprofundar um pouco essa teoria. Digamos que Sluiter não matou Bear Van Laar. O que ele está nos dizendo é verdade. Então, quem o matou? Como o corpo dele foi parar onde foi enterrado?"

LaRochelle, ao fundo, diz:

— Por que não Carl Stoddard? Ele era da região. Se o que Sluiter diz for verdade, ele se encaixaria no perfil.

Hayes faz uma pausa diplomática.

— Talvez. Sim, ele diz. — Mas acho que neste momento vale a pena considerar alternativas, senhor.

"Tipo, por exemplo?", pergunta LaRochelle irritada.

Por um momento, ninguém diz nada.

"A família foi notificada, senhor?", pergunta Hayes. "Da descoberta do Bear."

O capitão desvia o olhar.

-Sim.

—Posso perguntar como eles reagiram?

LaRochelle franze a testa.

"Só falei com o pai. Ele recebeu a notícia. . estoicamente, eu diria. Ele está a caminho de Albany para contar à esposa pessoalmente." Ele parece distraído. Então, senta-se abruptamente. "Com licença", diz ele, e sai da cabana, batendo um maço de cigarros na mão.

Hayes procura o olhar de Judy.

O caso está sendo reaberto. Todo mundo sabe disso, inclusive LaRochelle.

Quando o capitão sai, seu parceiro se vira para olhar os detetives que ainda estão na sala.

"Tem uma coisa que eu não entendo", diz ele. "Por que ninguém que participou da busca viu? Uma trilha de terra pisoteada, do outro lado do lago... E, além disso, marcada por um monte. Havia muita gente no chão por semanas. Normalmente, eles teriam vasculhado os arredores do lago primeiro."

—Talvez alguém os tenha convencido a não fazer isso, diz Judy.

Hayes olha para ela.

-Quem?

"Família, eu acho", ele sugere. Ele se vira para o Detetive Goldman. "Era essa a sensação que você tinha quando estava trabalhando no caso?"

A pessoa em questão hesita. Ela olha para baixo.

—Eu sempre tive a estranha sensação de que eles não queriam encontrá-lo, sim.

"Você acha que alguém da família o matou?", pergunta Hayes.

Mas o Goldman aparentemente não está disposto a fazer essa afirmação. Ele está em silêncio.

"E se foi um acidente?", sugere Judy.

— Nesse caso, por que usar Carl Stoddard como bode expiatório? Aliás, por que acusá-lo ativamente? — pergunta Hayes.

Judy olha ao redor, tentando descobrir se mais alguém vai intervir. Mas, por enquanto, o silêncio reina.

"Como Carl Stoddard morreu?" alguém pergunta.

"O coração dele parou", diz Goldman. "Ele teve um ataque cardíaco e morreu sob custódia policial, aguardando interrogatório."

Judy está formando uma teoria.

"E se fosse uma questão de conveniência?", pergunta ele. "E se fosse apenas conveniente para a família fazer com que todos pensassem que era Stoddard? Afinal, ele já estava morto.

Provavelmente pensaram que não estavam machucando ninguém."

"Certo", diz Hayes. "Mas isso significaria que eles tinham algo a esconder."

Silêncio.

“O quê?” pergunta Goldman.

Ela está olhando para um ponto na parede.

“Judy?”, pergunta Hayes.

"Detetive Goldman, quem liderou a busca por Bear?" ela pergunta.

—Bem, a família —responde o outro.

"Não", diz Judy. "Estou perguntando quem deu as ordens. Quem supervisionou pessoalmente a busca."

Goldman olha para o chão, pensativo. Finalmente, ergue os olhos.

"Acho que era o antigo diretor das colônias", diz ele. "O pai do atual. Vic

Hewitt, esse era o nome dele."

Judy fica em silêncio por um momento.

Então ele caminha pelo corredor, indo em direção ao quarto que agora ele sabe ser de Vic.

Quando ele retorna, ele mostra a Hayes a foto do grupo que encontrou lá.

"Olha", diz ele, apontando para a inscrição a lápis no verso: " Adeus às Moscas, 1961 ″ .

Ele vira o livro novamente para mostrar a frente. "Olha de novo."

Um pequeno grupo de detetives se forma ao redor deles para observar a foto.

Nele, todos usam roupas formais, vestidos ou ternos, tanto crianças quanto adultos. As mulheres usam chapeuzinhos. Mesmo em preto e branco, o batom e o rímel ficam visíveis.

Há apenas duas pessoas paradas um pouco afastadas, vestidas de forma diferente: TJ, no início da adolescência, e seu pai, Vic. De meia-idade. Barbudo. Vestindo um chapéu bucket de aba larga, uma camisa xadrez com as mangas arregaçadas e calças de veludo cotelê com remendos nos joelhos.

Judy aponta para a garota.

"É o TJ Hewitt", ele diz. "É? Ele não se parece com ela?" Hayes concorda. "O que significa aquele com ela. ."

Ele termina a frase:

—É Vic Hewitt.

Judy aponta o dedo para o resto do grupo novamente.

"Eu os descreveria como turistas", diz ele, "com base em suas roupas. Mas como você descreveria o Vic?"

Hayes olha para ela.

"Como alguém da região", diz ele. Ele se vira para um detetive. Entrega-lhe a fotografia.

"Mostre para Jacob Sluiter", pede. "Pergunte se ele reconhece o homem que enterrou Bear Van Laar nesta fotografia."

Eles são interrompidos por alguém batendo na porta.

Anna, a restauradora, aparece protegendo os olhos do sol, exausta.

Atrás dela, eles veem LaRochelle dando as últimas tragadas em seu cigarro.

"Anna, você ainda não foi para casa?", pergunta Judy.

—Não. Fiquei animado.

Ela se vira e começa a caminhar na direção da casa dos Van Laar. Olha por cima do ombro para Hayes, que por sua vez olha para LaRochelle. Então, os três a seguem, correndo para acompanhar seus passos largos.

Agora que os pais de Barbara estão em Albany e a maioria dos convidados já foi embora, a casa está quase vazia.

Judy e Anna caminham juntas até o quarto rosa. Lá dentro, o mural já está totalmente exposto.

Sua primeira reação é de surpresa, devido à qualidade artística. Barbara Van Laar claramente sabia pintar. A parede está coberta por uma série de ícones que ela não entende: alfinetes de segurança, bandeiras e rostos estranhos com penteados ainda mais estranhos. Notas musicais também são abundantes.

Um rio corre do canto superior esquerdo para o canto inferior direito.

Judy olha para toda a composição, examinando-a rapidamente para ver se algo chama sua atenção.

"Você já viu?" Anna pergunta.

Seu pulso acelera.

"O quê?", pergunta o Capitão LaRochelle, movendo rapidamente a cabeça em

círculos para observar a parede inteira.

"Não estou surpresa", responde Anna. "O mural inteiro é impressionante. Mas chegue mais perto."

Ele se aproxima do rio. Percebe que suas ondas não são apenas ondas. São letras.

E eles dizem: " BVL + JPM ″ .

Da mesma forma que meninos e meninas passaram décadas ou séculos expressando seu amor.

“Barbara Van Laar e John Paul McLellan”, diz Hayes.

Ele pediu que a cabine do diretor fosse esvaziada. Como detetive sênior , ele tem autoridade para fazê-lo. Judy agora está sentada à sua frente em uma cadeira dobrável, com os cotovelos apoiados nos joelhos e o olhar fixo no chão.

"Acho que vai servir como prova", diz Hayes. "Vai valer no tribunal. Vamos iniciar o processo de solicitação de um mandado de prisão. A única dúvida que resta é onde ele colocou a garota."

"Ela não é a única", diz ela.

-Oh não?

—A outra é se Vic Hewitt matou seu irmão Bear.

Hayes olha para ela. Então ele dá um tapa nos joelhos e se levanta.

"Esse é o seu trabalho, Judy", diz ele. "Esqueça o vovô por enquanto. Esqueça o Jacob Sluiter. Eu ficarei responsável pela mesa de coordenação e a incumbirei de seguir essa liderança. Enquanto isso, irei pessoalmente ao hotel onde McLellan está hospedado. Não confio nesses policiais estaduais para vigiá-lo de perto."

JUDYTA

Agosto de 1975: Dia 5

Ela passa várias horas procurando sinais de algum dos Hewitt. Retorna aos aposentos dos funcionários; olha no refeitório, que é onde TJ provavelmente

come, para ver se ela está lá.

Ela pergunta pela casa dos Van Laar; ninguém a viu, e ninguém parece conhecê-la bem o suficiente para adivinhar para onde ela possa ter ido.

Ou isso, pensa Judy, ou eles simplesmente não querem conversar.

Pontualmente às quatro horas, pouco antes de terminar seu turno, ela está sentada em frente à cabine do diretor, olhando para o lago, quando o som de um veículo chama sua atenção.

É TJ Hewitt em sua caminhonete. Ele passa sem nem virar a cabeça. Para em frente à residência dos funcionários, a cerca de cem metros de distância.

Judy o vê tirar uma sacola do veículo. Então ele entra no prédio.

Ele a segue.

Uma vez lá dentro, ele encontra o cadeado aberto e a porta entreaberta. Ele bate mesmo assim.

Lá dentro, TJ fica assustado.

"Desculpe por assustar você", Judy se desculpa.

"Você não me assustou", responde TJ.

—Você tem um momento?

"Para você?", diz TJ. "Claro." Ele sorri, e ela fica momentaneamente desarmada. Então, ela se recompõe e atravessa a porta. "O que foi?"

"Por que você não me contou que seu pai estava vivo?", pergunta Judy.

—Eu não te contei?

—Não. Você falou dele como se ele estivesse morto.

TJ senta-se na beira da sua pequena cama.

"Bem", ele diz, "acho que é porque eu me sinto assim. Ele não é mais ele."

Judy assente. Ela permanece de pé.

"Onde ele está agora?" ele pergunta.

—Com alguns parentes.

—Com alguns parentes.

TJ concorda.

-Porque?

"Porque você precisava usar nossa casa como quartel-general", ela o lembra. "E eu não tinha lugar melhor para levá-lo. Ele precisa de cuidados constantes."

Judy dá outra olhada no corredor.

"Mas há muitos quartos vazios aqui", ele diz, mas TJ balança a cabeça.

"Você não entende", diz ele. "Ele não conhece este lugar. Ele fugiria. Precisamos. . ficar de olho nele." Ele olha pela janela.

—Com quais parentes você está?

—O quê? Ah. Com o irmão dele.

—Com seu irmão?

—Sim —responde TJ

Há um momento de silêncio. Então Judy pega seu cartão de visita e o entrega a ele.

"Senhorita Hewitt. . TJ", diz ele. "Não sei por quê, mas tenho a impressão de que você não está me contando toda a verdade. Se quiser, pode me ligar quando quiser."

JUDYTA

Agosto de 1975: Noite 5

Judy não consegue dormir. Ela fica deitada em seu quarto de motel, se revirando na cama.

Liga e desliga a televisão. Reflete sobre os acontecimentos do dia: Vic Hewitt; TJ Hewitt; os resultados do exame de sangue no uniforme do carro de McLellan (tipo A positivo), que coincide com o de Barbara Van Laar, embora não seja uma prova definitiva.

Uma hora se passa. E outra.

Só à meia-noite ele percebe que não jantou.

Derrotada, ela sai da cama, veste um terno amassado e tira várias moedas de 25

centavos da bolsa. Em seguida, caminha sob o arco em direção ao prédio principal do motel, onde ficam as máquinas de venda automática.

A porta da frente não está trancada, mas também não há ninguém atrás do balcão. Sob as luzes fluorescentes do saguão , Judy examina suas opções. Ela decide por uma barra de chocolate Milky Way, a favorita de sua mãe. Mas, ao inserir sua seleção, a barra fica presa no vidro no meio do movimento.

Ele xinga. Ele chuta a máquina uma, duas vezes.

Três.

Ele bate no vidro com a mão.

“Senhorita…” alguém diz, e Judy se vira, ofegante.

É Bob Alcott, o dono do motel.

"Desculpe", ele se desculpa e repete. "Eu o acordei?"

"Não, não", responde o Sr. Alcott. "Eu estava acordado." Ele enfia a mão no bolso, e ela vê um par de chaves. Ela tira a menor, coloca na máquina de venda automática e abre a porta.

A barra de Milky Way cai imediatamente no chão. Judy se abaixa para pegá-la, sentindo-se tola. "Pegue outra", diz ele. "Pegue o que quiser."

"Não precisa." Mas o Sr. Alcott já está silenciosamente pegando uma pequena variedade de doces e salgadinhos da máquina de venda automática.

"Aqui", ele diz. "É o mínimo que posso fazer."

E tranque a porta da máquina com a chave.

Judy olha para ele.

"Sr. Alcott, o senhor é professor de história, não é?", ela pergunta. Ele assente . "O quanto o senhor sabe sobre a história da Reserva Van Laar?"

"Ah", diz o homem, "é só isso que você precisa saber." Ele endireita as costas ao dizer isso. Ela entende que é o trabalho da vida dele. "Srta. Luptack, gostaria de entrar para tomar um chá?", Bob Alcott oferece. "Para acompanhar sua barra de chocolate."

"Não vamos incomodar a esposa dele?", pergunta Judy, e o homem balança a cabeça.

— Não, não. Ela também acordou. Agora que as crianças se foram, nós dois viramos corujas.

—É muito gentil da sua parte —diz ele.

E ele se desculpa por um momento para ir buscar seu caderno no quarto.

No apartamento dos Alcotts, ao lado do corredor, o casal e Judy sentam-se ao redor de uma mesa.

Ela paira momentaneamente a caneta sobre o papel à sua frente. Finalmente, ela se arrisca.

"Sr. e Sra. Alcott", ele diz, "esta é minha primeira pergunta: vocês sabem quando os Hewitts chegaram à Reserva?"

"Ah", ele diz , "isso é fácil. Na mesma época que os Van Laars. Aliás, foram os Hewitts que os trouxeram para aquela terra. Dan Hewitt, pai de Vic, pertencia a uma família de guias que morava a cerca de uma hora ao norte daqui, perto do Lago Saranac. O primeiro Peter Van Laar o conheceu enquanto procurava terras

para seu rancho. Foi Dan quem ouviu falar de umas terras um pouco mais ao sul que uma família de madeireiros estava tentando vender. Ele disse ao primeiro Peter para onde ir."

"E que família era essa?", pergunta Judy.

"Aquele que vendeu a terra para os Van Laars?" Ela assente. "Engraçado você perguntar", diz ela. "Era uma família chamada Sluiter. Você deve ter ouvido falar do filho deles."

"Sim", responde Judy. "Eu o conheço."

“De qualquer forma. Peter Van Laar — e quero dizer o primeiro — apaixonou-se tanto pela terra que se sentiu em dívida com Dan Hewitt. Ele o levou para o que viria a ser a Reserva Van Laar para trabalhar como guia pessoal da família.” Alcott faz uma pausa. Toma um gole de chá. “Uma década se passou. O primeiro Peter Van Laar conheceu sua esposa, casou-se com ela e eles tiveram um filho, o segundo Peter, que ainda está vivo. Dan Hewitt também conheceu uma mulher chamada Clara, que lhe deu gêmeos. Mas ela não viveu muito depois do nascimento, de acordo com minha pesquisa. Então, os meninos foram criados pelo pai até os quinze anos, quando ele também morreu . Eles viveram na Reserva Van Laar depois de ficarem órfãos. E o Sr. Van Laar, o Primeiro, os acolheu. Ele os tirou da cabana onde moravam e os trouxe para sua casa. Eles até viveram em Albany com os Van Laars pelo resto do ano.”

Judy pensa sobre isso.

—Qual era a diferença de idade — ele pergunta — entre Peter Segundo e os filhos de Hewitt?

“Muito pouco”, responde o Sr. Alcott.

—Seis anos, eu acho — diz sua esposa.

— Seis anos. E corria o boato pela cidade de que Peter Segundo nunca gostou dos filhos Hewitt. O pai deles os favorecia. Levava-os para passear todos os dias. Deixava-os administrar a propriedade. Era gentil com Charlie Hewitt, sempre falando bem dele. Mas quem ele realmente amava era Vic. Tratava-o como um filho a mais. Basicamente, adotou-o, embora nunca oficialmente. Em teoria, continua o Sr. Alcott, os Hewitt deveriam ter sido como irmãos para Peter

Segundo. Mas acho que ele tinha ciúmes. E talvez ainda tenha.

Judy digita o mais rápido que pode. Mesmo assim, ela se esforça para acompanhar. O

homem percebe e para.

"O Acampamento Emerson foi ideia do Vic", diz o Sr. Alcott quando ela ergue os olhos novamente. "Ele fez todo o trabalho para estabelecê-lo. Mas Pedro, o Primeiro, apoiou-o desde o início. Perto do fim da vida, ele o descreveu como sua maior conquista. Ele o via como uma maneira de ensinar gerações de crianças sobre a importância da terra. Sua beleza. Ele nunca se importou nem um pouco com quanto dinheiro ganhava no banco; na minha opinião, ele sempre pareceu surpreso com o quanto tinha. Ele vinha a Shattuck e cumprimentava todos pelo nome. Ele era diferente de seus descendentes. Minha impressão é que ele era mais Hewitt do que Van Laar. Porque o resto da família sempre viu as colônias como um capricho. Eles não queriam nada com elas. E nesse aspecto, eles não mudaram."

A Sra. Alcott se levanta da cadeira e coloca mais água para ferver.

— Os problemas entre os Hewitt e os Van Laar começaram depois da morte de Peter.

Detesto fofocar, e vou te dizer honestamente que não tenho como saber, mas corre o boato de que Pedro I deixou o Acampamento Emerson e suas operações completamente nas mãos de Vic Hewitt. Ele dividiu a Reserva ao meio. A casa e a fazenda para os Van Laar; as colônias para os Hewitt. E, em teoria, era um plano que poderia ter dado certo. Mas. .

-Mas?

— Ele cometeu um erro. Nomeou seu filho Pedro como administrador de seu testamento, concedendo-lhe o poder de distribuir os fundos das colônias como bem entendesse até sua morte.

"E depois da morte dele?", pergunta Judy.

"Então as colônias ficarão com o Vic", diz o Sr. Alcott. "Ou, mais provavelmente , com a filha dele, Tessie Jo." A chaleira apita. Ela olha para cima. "Mas, como

eu disse, isso tudo é boato. Especulação. Algo que, como professor de história, você deveria saber que não deve espalhar."

"Entendo", diz Judy. "Vou dar uma olhada." Ela se levanta. Agradece à Sra. Alcott pelo chá. Já na porta, ela se vira. "Tenho outra pergunta."

-Avançar.

—O que aconteceu com o irmão de Vic Hewitt, Charlie?

—Ah, ele morreu há pelo menos uma década, responde o homem.

“Duas décadas atrás”, diz a Sra. Alcott.

—Duas décadas atrás. Antes do Bear desaparecer, isso é verdade.

—Como ele morreu?

—Causas naturais, ele diz . Nada suspeito.

—O que você fez na Reserva?

O Sr. Alcott franze a testa.

"Preciso pensar nisso", diz ele. Abaixa a cabeça, como se tentasse se lembrar. "Acho que. .

Se bem me lembro, acho que ele administrava a fazenda. Acho que ele supervisionava a fazenda que fornecia provisões para a família Van Laar naquela época."

" , pergunta Judy, embora já saiba a resposta que o homem lhe dará. "Onde ele está morando?" ele perguntou a TJ, e ela respondeu: " Com o irmão dele . ″

"Ele morava em cima do matadouro", diz o Sr. Alcott. "Em um pequeno apartamento que ele tinha lá. Se bem me lembro", repete o homem.

Judy agradece. Ela volta para o quarto para pegar as chaves do carro. E a arma.

Em cinco minutos, ele está dirigindo para o norte, com os faróis apontados, em direção à Reserva.

JUDYTA

Agosto de 1975: Noite 5

Ele só esteve neste terreno à luz do dia. A lua dá à longa entrada de terra batida uma aparência diferente. Os pinheiros que a ladeiam erguem-se como gigantes no céu. As construções da fazenda, à luz dos faróis do veículo, parecem ainda mais decrépitas e dilapidadas.

Judy para o carro no acostamento. Ela desliga o motor. Ela apaga as luzes também.

Ela se senta por um momento na vasta escuridão da Reserva, deixando seus olhos se acostumarem. É agosto, e as Perseidas estão banhando o céu de Adirondack com luz.

Ele abre e fecha a porta do Fusca o mais suavemente possível. Tira a lanterna do kit de emergência no porta-malas.

Então, focando seu olhar para frente, ela começa a caminhar em direção ao matadouro.

Ela se aproxima dele exatamente como mergulhava na água fria quando criança.

Rapidamente, com determinação e sem pensar muito.

Se você parar para pensar no que está fazendo, saberá que sua compostura pode falhar.

Uma vez lá dentro, ele segue direto para as escadas nos fundos que levam ao segundo andar. Ele as sobe. O facho da lanterna treme levemente em sua mão.

Ele para no meio da subida.

Ei, alguma coisa.

Vozes, talvez; de um homem. E de repente, música. Ela não consegue entender a letra, mas a música em si é antiga, como o tipo que Judy acha que seus avós teriam ouvido.

Ele continua subindo as escadas. Ao chegar ao topo, à luz da lanterna, vê uma porta fechada. Está trancada com uma barra e um cadeado, do mesmo tipo que ele viu na residência dos funcionários.

Ele hesita por um momento. Finalmente, saca a pistola com cautela.

Com a outra mão, ele bate na porta.

"Sr. Hewitt?", ele pergunta. "O senhor está aí?"

O rádio desliga.

"Sr. Hewitt", ela chama, "sou a detetive Judyta Luptack. Gostaria de lhe fazer algumas perguntas."

Silêncio.

"Sr. Hewitt?", pergunta Judy.

Ele sente que está muito perto da verdade. Seu pulso acelera.

—Senhor… —ele começa a dizer, e finalmente o ouve.

"Bárbara?" ele diz.

Judy estremece um pouco.

"Não, Sr. Hewitt. Meu nome é Judyta. .", ela começa, mas ele a interrompe.

"Barbara", ele diz, "você não deveria estar aqui".

"Sr. Hewitt", Judy chama, "eu não sou Barbara. Ela está aí com o senhor?"

Silêncio.

—Sr. Hewitt?

Ela sente o peso da arma nas mãos. Ela considera suas opções. Ela poderia recuar; ela poderia ir a pé ou de carro até o centro de comando; ela poderia trazer outra patrulha da polícia estadual para aquele prédio. Ela poderia correr o risco de ser chamada de idiota novamente.

Por fim, ele decide dizer:

"Sr. Hewitt, afaste-se da porta."

Ele aponta a arma para o lado, em direção à fechadura, certificando-se de que a bala não atravesse a lâmina. Ele segura o braço e atira.

O cadeado cai no chão com um som metálico e Judy abre a porta.

Lá dentro, há um quarto com poucos móveis, e um velho deitado em uma cama de solteiro.

Um cobertor o cobre do queixo aos pés. Seu corpo é pequeno e sua expressão é confusa.

"Quem é?" ele continua repetindo.

Judy imediatamente se sente culpada.

"Eu não vim aqui para te machucar", ele diz. "Só preciso que você responda a algumas perguntas."

Mas Vic Hewitt apenas emite uma série de grunhidos que ela não entende, e Judy finalmente percebe que se meteu em uma situação da qual não consegue sair: com a fechadura quebrada, ela não tem como trancar a porta novamente; e não consegue tirar esse homem de lá no estado em que ele está. Nem consegue fazer com que mais alguém venha sem deixá-lo sozinho.

Judy olha para o chão, entre os pés. Talvez, pensa, este não fosse o trabalho certo para ela. Talvez devesse ter continuado como policial.

Então há um movimento na cama.

"Ah", diz Vic Hewitt. "Ah, acho que você está aqui pelo Bear."

Sua voz sai cheia de remorso, mas também mais jovem e enérgica, como se estivesse mentalmente retornando a outro momento de sua vida.

Judy hesita. Ela não tem certeza se declarações de pessoas *com deficiência mental* — o termo que lhe foi ensinado na academia — podem ser aceitas em

tribunal. Mas, imersa nessa situação, sua curiosidade pessoal prevalece.

"Sim", ele diz. "Acho que estou aqui pelo Bear."

Vic Hewitt se esforça para se sentar na cama. Judy se inclina e coloca a mão em suas costas. Ela o ajuda. Então, senta-se na beirada. Com as costas retas, Hewitt olha diretamente para ela, e ela vê que seus olhos estão cheios de lágrimas.

"Eu só ajudei", ele diz. "Eu só ajudei."

"Você não o matou?", pergunta Judy.

"Eu o matei? Deus, não", responde Vic Hewitt.

"Então quem o matou?" ela quer saber.

Naquele momento, passos são ouvidos na escada do outro lado da porta. Ele fica em silêncio. Ele saca sua arma. Caminha rapidamente até a parede próxima à soleira e encosta as costas nela.

"Não", diz Hewitt. Não, não.

O visitante para do outro lado da porta. Judy o ouve respirar. Ela diz a si mesma que só atirará se necessário.

Finalmente TJ Hewitt entra na sala, já olhando na direção dela, como se soubesse quem iria ver.

Ele a olha de cima a baixo. Depois, olha diretamente para a arma.

"Eu também tenho uma dessas", ele diz calmamente. "Mas não aponto para as pessoas."

"Deite-se no chão", diz Judy. E acrescenta: "Por favor".

TJ suspira. Ele demora um pouco. Ajoelha-se, ainda olhando para ela, como se quisesse demonstrar o ridículo do exercício. Então, deita-se no chão com uma flexão lenta.

Judy a revista, ainda segurando a arma.

"Certo, escute", ele diz. "Você e eu vamos para o centro de comando juntos."

—Para minha casa, você quer dizer —diz TJ

-Exato.

—Bem, olha, não vai ser possível.

-Porque?

— Porque não posso deixar meu pai aqui. Ele vai fugir. Temos que trancar a porta.

Judy suspira, exasperada.

—Você pode vir conosco?

TJ ri.

"De jeito nenhum. Tive que carregá-lo escada acima para trazê-lo até aqui." Os dois se entreolham por um momento. "Amarrem a gente", diz ela .

Ela pisca.

-Com o quê?

— Tem uma corda lá embaixo. Tem de tudo. Amarre a gente. Eu te ajudo.

Judy hesita. Parece uma armadilha, mas ela não vê outra opção a não ser deixar pelo menos um dos Hewitts em paz.

E ele faz isso: eles a seguem até o matadouro, depois caminham até outro prédio que TJ

chama de celeiro; lá, eles pegam a corda e voltam para o pequeno apartamento no andar de cima, onde Judy amarra os Hewitts, costas com costas, na cama de Vic. Em seguida, ela amarra a corda na base da cama.

Depois de quinze minutos, ele retorna com quatro detetives e cinco policiais estaduais.

Meia hora depois, ela está sentada no banco do passageiro de uma viatura, com os Hewitts no banco de trás.

VENCEDOR

1961

Na cabine do diretor, Vic estava conversando com um garoto rebelde de doze anos, um garoto que havia sido condenado ao ostracismo pelos colegas e que recentemente havia transformado a vergonha que sentia no processo em agressão física.

No meio da conversa, o menino parou de repente e apontou para uma janela próxima.

"O que houve?", perguntou Vic, virando-se.

"Tem alguma coisa no lago", respondeu o menino, passando de ressentido para preocupado.

E era verdade: no meio do Lago Joan havia um objeto de barriga branca que à primeira vista parecia uma baleia flutuando.

Vic se levantou e foi até a janela.

Era um barco virado.

"Fique aqui", disse Victor. "Não se mova dessa cadeira."

Lá fora, Vic começou a correr. Uma violenta tempestade acabara de se formar, forçando monitores e campistas a ficarem em ambientes fechados, e a grama estava molhada da chuva recente. Ele tropeçou. Caiu de joelhos. Levantou-se.

O terreno parecia vazio. Ele olhou ao redor, mas não viu nenhuma figura humana.

Mesmo subindo a colina em Autossuficiência, não havia movimento. Os Van Laars estavam comemorando sua festa anual na Reserva havia alguns dias, para a qual Victor —

que costumava estar entre os presentes durante a vida de Pedro, o Primeiro — não era convidado havia anos.

Quando chegaram à praia, Vic parou, com as mãos na cintura, e olhou para o

barco virado. Devia ser um dos hóspedes, pensou; um deles devia tê-lo virado e deixado afundar.

Estavam sempre fazendo coisas idiotas como essa, palhaçadas de bêbados que acabavam dando mais trabalho para todos na propriedade. Ele examinou a costa em busca de movimento, mas não viu nada.

Por fim, ele se virou com um suspiro e caminhou rapidamente morro acima em direção à Self-Reliance.

Ele percebeu que não via Tessie Jo desde aquela manhã. Em circunstâncias normais, isso não o teria preocupado muito. Sua filha estivera livre o verão todo para vagar pela Reserva,

geralmente com Bear em seu encalço. O relacionamento de Tessie Jo com os Van Laars era diferente do dele ; eles a aceitavam como uma companheira de brincadeiras, alguém que pudesse ficar de olho no filho intrépido. Ela entrava e saía livremente com ele ; Victor, por outro lado, evitava a casa.

Então ele reuniu coragem, endireitou as costas e bateu na porta da frente da residência Van Laar.

Eles abriram imediatamente.

Do outro lado estava Peter Segundo, o avô de Bear, parecendo que estava de guarda.

Seu rosto estava pálido e tenso. Seu cabelo estava molhado.

"Está tudo bem?", perguntou Victor. "Eu vi um barco. ."

O homem rapidamente o agarrou pelos ombros e o arrastou para fora da porta. A aldrava em forma de mosca bateu com força quando a porta se fechou atrás deles.

“Sigam-me”, ordenou Pedro II com uma voz profunda e urgente.

"Preciso encontrar minha filha", disse Victor. "Quero ter certeza de que ela está bem."

"Tudo bem", disse ele. "Mas o Bear não."

Ele olhou para o homem: seu suposto irmão. Seu inimigo. Naquele momento, todo o rosto de Peter Segundo tremia, sua boca se contorcia em uma careta, seus olhos arregalados, e ele parecia lutar para não gritar, desmaiar ou chorar.

Ele começou a caminhar em direção ao hangar de barcos. Vic o seguiu em silêncio.

No meio do caminho, ouviu um barulho que o fez parar de repente. Continuou a ouvir, alerta, imóvel.

Uma raposa, pensou ele; ele tinha ouvido o mesmo barulho à noite, um grito estranho e estrangulado que fez os pelos da sua nuca se arrepiarem.

Mas as raposas eram noturnas; aquela coisa agora não era mais um animal.

Por fim ele entendeu que era o choro de uma mulher.

VENCEDOR

1961

Os dois homens ficaram juntos na soleira da garagem de barcos, olhando para o lago e para o barco virado e meio afundado.

Foi Pedro II quem encontrou Alice. Após sua entrada constrangedora na sala de estar —

e sua tentativa de dissuadir Urso de sair no barco com sua mãe, obviamente incapacitada

—, ele foi ao lugar onde ele e o menino haviam combinado de sair para um passeio e descobriu que ela havia sumido.

Pensando a princípio que o menino tinha começado a caminhar em direção ao Monte Hunt, Pedro II caminhou por um tempo naquela direção, até que começou a chover forte, e naquele momento uma ideia aterrorizante lhe ocorreu .

O menino não estava no início do caminho. Ele estava no lago, com a mãe. Era absolutamente leal a ela; devia ter visto a angústia dela quando ela entrou cambaleando na sala de estar lotada e o convidou para sair no barco.

"E foi então que eu corri", disse Peter Segundo a Hewitt. Ele olhava para o lago, o rosto impassível. Sua formalidade não mudou nem mesmo em um momento como aquele.

Quando chegou ao hangar de barcos, a tempestade já estava amainando. E diante dele, enquanto subia a rampa, uma visão terrível surgiu. Alice, encharcada, histérica, gritando incompreensivelmente. E, ao longe, o barco a remo virado.

"Onde está a Ursa? " , ele perguntou com urgência, mas ela não emitiu um único som inteligível. Ela simplesmente apontou para o lago, curvada na cintura como se estivesse com dor física.

Pedro II havia examinado a água e a costa. Exatamente como estava fazendo agora. Mas não vira Urso.

"Eu disse para Alice se sentar", disse ele. "Eu disse para ela não se mexer. E

entrei na água. Eu esperava encontrar o menino vivo, debaixo do casco do barco. Rezei por isso."

Mas quando ele chegou e se abaixou , uma visão horripilante o aguardava: seu neto sem vida.

Com roupas presas na escada.

"Eu o puxei para a praia", disse Peter Segundo. "Ele não tinha pulso."

"Você fez respiração boca a boca nele? ″ , Vic queria perguntar. "Você pressionou o peito dele ritmicamente? ″ Era uma técnica que seu pai lhe ensinara, a quem seu avô a ensinara.

para ele fazer essas perguntas em voz alta, então ele permaneceu em silêncio.

Peter também não disse nada. Nenhum dos dois falou por um tempo. O homem pigarreou sete vezes seguidas, e Victor se virou para ele, para o homem que conhecia desde

o nascimento. Em seu leito de morte, Peter, o Primeiro, disse a Vic que esperava que eles eventualmente se considerassem irmãos. No entanto, apesar de se conhecerem há tanto tempo, ele nunca em sua vida sentiu uma pontada de compaixão pelo homem.

Vic colocou uma mão hesitante em seu ombro.

O olhar que Peter Segundo lhe lançou — imperioso, escandalizado — fez com que ele o retirasse imediatamente.

"Alice não tem como saber", disse ele após uma breve pausa. "Peter está com ela, tentando tranquilizá-la. Mas nós dois decidimos que ela não tem como saber o que aconteceu."

Vic franziu a testa.

-Onde está?

"Em um dos prédios da fazenda, eu acho", disse Pedro II. "No antigo apartamento do seu irmão. Longe o suficiente para que ninguém possa ouvi-la."

Isso não pareceu certo nem útil.

Mas Victor sabia que eles não estavam preocupados com o bem-estar de Alice, mas com o deles. E com o do banco.

Para os Van Laars, a possibilidade de seu nome aparecer na imprensa por qualquer coisa que não fosse sucesso era um anátema. E um escândalo como aquele — o fato de a mãe de Bear ter levado o filho bêbado para um passeio de barco no meio de uma tempestade —

capaz de afetar seus negócios, de minar a confiança dos clientes na empresa. . bem, eles não iam deixar isso acontecer. Era óbvio.

Houve um longo silêncio até que Peter Segundo disse:

-Olhar.

Ele apontou na direção do barco. Apenas um pequeno resquício era visível agora, o eixo central de sua barriga branca voltado para o céu parcialmente limpo.

Eles observaram juntos enquanto ele afundava na água. Até desaparecer.

Victor tinha duas alternativas claras diante de si. Uma era rebelar-se contra os dois Peters.

Podia dizer-lhes que se recusava a mentir; que uma farsa tão grande traria consequências que eles não podiam prever. Era algo que seu pai lhe incutira quando o treinava para ser guia: na floresta, cada decisão que se toma será irreversível e, às vezes, catastrófica.

Esquecer a bússola. Virar-se para o lado errado. Acender uma fogueira desafiando a seca.

Podia dizer-lhes que não estava disposto a entrar na brincadeira e ir embora.

Mas se o fizesse, perderia a confiança do administrador de sua herança. Perderia as colônias. Seu sustento.

Se Victor tivesse que decidir por si mesmo, esse era o caminho que seguiria, sem

hesitar.

Ele se assegurou disso. Assentiu uma vez, como se quisesse selar o pensamento dentro de si.

Mas ele não estava apenas decidindo por si mesmo: também tinha que pensar em Tessie Jo. Sua filha, que amava a terra tanto quanto ele, e cujo comportamento, aparência e conduta incomuns já começavam a chamar a atenção na cidade. Nas colônias, seu futuro

estava garantido: ela nunca seria pedida em casamento se não quisesse. Ela poderia viver sem restrições o que seu pai considerava uma vida " não convencional ″ .

Ele teria todas as opções disponíveis. Foi o que Victor disse a si mesmo enquanto dava um passo em direção ao outro caminho que se estendia à sua frente: esconder a verdade sob as ordens dos Van Laars.

"Como posso ajudar?" ele disse.

Ele se lembrou do pai, com a bússola na mão, observando a agulha oscilar e finalmente parar.

VENCEDOR

1961

Juntos, os dois levantaram o corpo de Bear do chão do galpão de barcos e o colocaram na parte de trás de uma canoa vermelha. Vic ficou de guarda enquanto Peter II foi ao matadouro para socorrer seu filho. Pouco depois, Peter III chegou, com o rosto pálido, e pediu para ficar sozinho por um momento.

Do lado de fora do galpão, Vic não conseguia se mexer. De dentro, vinha o som abafado de um homem chorando, tentando não ser ouvido.

Cinco minutos se passaram. Dez. Finalmente, Pedro Terceiro emergiu, com o rosto e os olhos vermelhos, o olhar fixo à frente, evitando o olhar de Victor.

"Faça o que for preciso", disse ele. E foi embora.

Vic empurrou a canoa para o lago. No fundo, coberto com um cobertor, estava o corpo de Bear Van Laar. Ao lado dele, um remo.

Ele sentou-se na proa, com os olhos fixos à frente, tentando não olhar para a pequena figura que estava carregando pela água até seu lugar de descanso eterno.

Quando ele finalmente olhou para ela, não era repulsa que sentia, mas ternura.

Ele também amava aquela criança.

Com o máximo de cuidado possível, ela amarrou o barco a uma margem rochosa do outro lado do Lago Joan. Ela tirou o corpo pequeno e forte de Bear da canoa. Era tão estranho vê-lo parado: ele nunca parava de se mover, desde que aprendera a andar. A sombra de Tessie Jo, seguindo-a por toda parte.

Vic pegou sua pá e pegou o menino. A dez metros da costa, colocou-o no chão em frente a uma parede rochosa vertical e começou a cavar.

Eu sabia que em Self-Reliance os Peters fariam o anúncio aos convidados, que por sua vez estariam preguiçosamente acordando de seus cochilos, ou então olhando para cima do livro que haviam tirado quando ficou claro que a tempestade não os deixaria sair.

" Precisamos da ajuda de vocês", diziam eles. "O Urso foi passear com o avô. E parece que ele está perdido. "

Era o plano que eles haviam elaborado enquanto Alice Van Laar dormia acima do matadouro, atordoada por uma dose de Valium que beirava o perigoso.

" Vic Hewitt já está explorando a área ", eles diziam, só para garantir, caso alguém o visse na canoa.

O rosto de Victor refletia suas dúvidas.

Os Peters lhe disseram que daria certo.

Agora, com Bear em segurança no subsolo, Vic se despediu dele e começou a tapar o buraco. Quando terminou, começou a se afastar.. mas pensou melhor.

Ele reuniu uma coleção de pedras.

Ele construiu um túmulo.

Eu visitava o menino de vez em quando. E levava Tessie Jo quando ela tivesse idade suficiente.

No momento, ele não precisava saber a verdade.

VENCEDOR

1961

Mas ele não contava com a possibilidade de sua filha ter visto tudo.

A ausência dela naquele dia o levou a presumir que ela estivesse ocupada em outro lugar, terminando um de seus projetos em outro lugar no terreno. E ele ficou feliz com isso; feliz por não ter que explicar a situação a ela tão cedo. Haveria tempo depois, pensou.

Mas depois, depois que os bombeiros chegaram e Vic os convenceu a esperar até de manhã para começar a procurar seriamente, Tessie Jo saiu correndo da floresta, com a boca aberta, o rosto branco e sua longa trança molhada.

Ele conseguiu encurralá-la antes que ela pudesse dizer qualquer coisa. Ele a conduziu por um corredor.

"Tessie Jo", ele disse quando ficaram sozinhos, "o que houve?"

Ela vira o barco virado. Sua curiosidade a levou ao lado sul do hangar de barcos. De lá, ouviu seu pai conversando com os dois Peters; soube dos planos dos Van Laars.

De lá, ele viu seu pai remando a canoa vermelha para o outro lado do lago e também o viu retornar.

Eu sabia o que eles tinham feito.

Agora, quando Vic fez seu pedido — que ela ficasse em silêncio para sempre sobre o que tinha visto; que ela se juntasse a ele e aos dois Peters em seu grande engano — ela olhou para ele, com os olhos semicerrados e a testa franzida.

As dúvidas da filha o fizeram duvidar também.

Mas uma garota da idade dela não conseguia entender seu próprio futuro como Victor.

Ela não conseguia entender o quão limitadas suas oportunidades seriam se desafiasse os Peters e contasse a verdade.

Seu futuro dependia dessa mentira.

“Confie em mim”, disse Victor.

Relutantemente, sua filha concordou.

VENCEDOR

1961

A tarefa deles naquela noite era vigiar a Sra. Van Laar em sua residência temporária acima do matadouro. Era importante mantê-la longe dos demais convidados, disseram os dois Peters, até que pudessem acalmá-la.

Às duas da manhã, Alice finalmente adormeceu novamente. Tinha tomado quatro comprimidos, o máximo que lhe era permitido administrar de uma só vez.

Vic sentou-se em uma pequena cadeira à sua frente, observando-a. Ele não desgostava da Sra. Van Laar, embora ela nunca tivesse sido particularmente gentil com ele. Ele a considerava digna de compaixão. Alguém que os Peters haviam identificado como *útil.* .

Para ele estava claro que era assim que eles também o viam, quando não o consideravam um simples fardo.

Quando a Sra. Van Laar finalmente pôde recuperar a consciência — quando pareceu seguro para os Peters — a lembrança do que havia acontecido naquela tarde a destruiria irremediavelmente.

A lembrança do que ele havia feito.

Toda vez que ela acordava — entre uma dose e outra — Alice repetia a mesma pergunta em um tom cada vez mais desesperado: " Onde está o Bear? " Ela repetia isso várias vezes, confundindo as palavras.

Qualquer outra pessoa teria dificuldade em entender o que ele dizia. Mas Victor sabia: era a mesma pergunta que lhe fazia todos os dias quando o encontrava na Reserva.

"Onde está o Bear?" ele perguntou novamente, e Vic repetiu a resposta que lhe disseram para dar.

—Ele saiu para passear com o avô. Vamos encontrá-lo em breve.

—Mas o barco… —ela disse.

—Não tem barco. Você sonhou com isso.

A mesma conversa repetidamente. E a mulher permaneceu em silêncio até que ele repetiu: " "Onde está o Urso?"

Era a pergunta que ela continuaria a fazer pelo resto da vida, sempre em busca do filho.

Ao esconder a verdade dela, pensou Victor — a verdade que lhe disseram que ela não suportaria, que a mandaria direto para o túmulo —, os Peters estavam simplesmente substituindo a dor da perda pela dor da incerteza.

E ele se viu tentando proteger a filha justamente disso. Acreditava que, na maioria das áreas , tinha pouco a oferecer a ela sem os Van Laars. Então, submeteu-se à vontade coletiva deles e disse a si mesmo que, pelo menos dessa forma, estava proporcionando à sua estranha e maravilhosa filha a segurança de um emprego gratificante. De uma renda.

Libertando-a do tipo de vida que fora atribuído às mulheres da família Van Laar desde o nascimento.

Ao lado dele, Alice gemia baixinho enquanto dormia. Uma fina camada de suor escorria por sua testa. Victor abriu uma gaveta e tirou uma toalha. Ele a colocou delicadamente sobre ela.

Pela manhã, ele teria que enfrentar um contingente ainda maior de buscadores.

Ele contaria a mesma história que havia contado aos bombeiros, à sua filha e a si mesmo.

Aquele urso tinha ido passear com seu avô.

Que ele havia retornado para pegar uma faca.

E que nunca mais o viram.

ALICE

1961

Cada vez que ela saía do sono, a mesma série de imagens a esperava: Urso abrindo a porta do hangar de barcos.

E então:

O barco na água.

A tempestade está chegando.

O céu escurecendo.

O rosto do filho, sentado na proa do barco, com um sorriso forçado e a testa franzida, enquanto ela remava. Bear olhou para a praia, depois para o céu e, finalmente, para a mãe, buscando conforto quando o primeiro trovão foi ouvido.

A chuva caiu tão rápido que Alice a viu varrê-los como uma cortina, movendo-se de leste a oeste através do lago. Assim que os atingiu, inundou o barco.

Ele tentou tirar a água dando tapas .

O barco inclinou e os dois caíram no mar.

A grade do outro lado caiu sobre algo duro. Uma figura humana.

Alice gritou o nome do filho.

JUDYTA

Agosto de 1975: Dia 6

"Você assinará uma declaração?", pergunta Hayes.

"Sim", diz Judy.

Eles estão do lado de fora de uma sala de interrogatório em Ray Brook, a mesma onde ela conheceu Jacob Sluiter. Através do vidro espelhado, eles observam TJ Hewitt: ela está sentada, imóvel, com as mãos sobre a mesa à sua frente.

" Sabe o que ele me disse?", pergunta Judy. "Naquela vez, ouvi barulhos acima do matadouro... Ele me disse que eram eles. Os Hewitts. Que, assim que saí, o TJ deixou a propriedade com o pai porque sabia que eu voltaria com reforços. Foi por isso que, quando os policiais subiram as escadas. ."

—Parecia vazio.

-Isso mesmo.

"O que eu não entendo", diz Hayes, "é por que ele escolheu este momento para confessar. Por que guardar o segredo por quatorze anos só para revelá-lo agora?"

—Eu tenho uma teoria.

—Não tenho dúvidas.

Eles param e olham para TJ, que fecha os olhos por um momento tão longo que Judy se pergunta se ele adormeceu. Ele finalmente os abre.

— Acho que ele temia que os Van Laars estivessem prestes a incriminar um homem inocente novamente. Assim como fizeram com Carl Stoddard.

Hayes se vira para ela, franzindo a testa.

"McLellan?", ele pergunta. "Ela acha que McLellan é inocente?"

"Não", diz Judy. "Ele se acha culpado. Mas McLellan Jr. é afilhado de Van Laar. Ele herdará o banco um dia, segundo a irmã, porque os Van Laars não têm filhos homens. E

McLellan Sr. tem muita influência na família e no banco. TJ temia que os McLellans convencessem a família de que Louise Donnadieu era culpada."

Hayes faz uma pausa.

—Então os Hewitts intervieram para salvar a reputação de Louise Donnadieu ?

—E de Carl Stoddard. Depois de todos esses anos.

Ele concorda.

—Nunca é tarde demais, eu acho — ele diz.

Juntos, eles observam TJ Hewitt virar o rosto em direção à única janela da sala de interrogatório. É alta demais para oferecer vista dos prédios lá fora ou mesmo das árvores; ainda assim, ela as procura com um olhar nervoso. Ela respira fundo, olhando para o céu claro.

Judy se pergunta o que TJ fará agora se os Hewitt perderem as colônias. Se os Van Laars os deixarem sem nada, o que é claramente o que farão. Se cortarem o tênue cordão que os conecta a Pedro, o Primeiro, há décadas.

E ela mesma responde à pergunta: nada acontecerá com eles. Os Hewitt — assim como Judy, Louise Donnadieu ou até mesmo Denny Hayes — não precisam depender de ninguém além de si mesmos.

Foram os Van Laars, e famílias como eles, que sempre dependeram dos outros.

JUDYTA

Agosto de 1975: Dia 6

Tecnicamente, seu turno acabou. Mas agora que ela não precisa mais se apresentar aos pais todas as noites, Judy pode ficar o tempo que quiser. Até terminar o trabalho.

Hayes, por outro lado, precisa retornar para sua família.

Antes de sair, ele lhe dá um tapinha no ombro.

"Bom trabalho", ele diz. "Sério."

Após a revelação dos Hewitt sobre os Van Laars, o detetive Goldman vai obter mandados de prisão para Peter Segundo e Tercero, bem como para John McLellan Sr., acusado de conspiração criminosa por mentir para a polícia sobre o afogamento de Bear Van Laar em 1961. É possível que acusações formais também sejam feitas contra Vic Hewitt; no entanto, dada sua saúde, é improvável que ele vá para a prisão.

Esta noite, o Capitão LaRochelle anunciará a descoberta do corpo de Bear Van Laar em uma coletiva de imprensa. Ele também anunciará que o caso foi

reaberto e que mais informações serão divulgadas assim que possível.

Em questão de dias, Judy suspeita que a inocência de Carl Stoddard será declarada, e sua esposa, Maryanne, finalmente poderá parar de rondar os terrenos da Reserva Van Laar em busca de qualquer evidência que possa absolver seu marido.

Os Van Laars, no entanto, finalmente sofrerão as consequências de suas ações.

Todos esses eventos deveriam, em teoria, lhe dar uma sensação de paz.

Mas o que ele sente é que ainda há trabalho a ser feito: outro caso a ser totalmente resolvido.

Porque eles ainda não encontraram Barbara Van Laar... ou seu corpo.

No estacionamento de Ray Brook, ele entra em seu Fusca. Segue para o sul pela rodovia, em direção a Shattuck. Ultimamente, ele tem pensado com mais lucidez no carro.

A conclusão mais lógica, ele pensa, é que Barbara foi morta por John Paul McLellan.

Todas as evidências apontam nessa direção: o uniforme ensanguentado é o mais contundente; mas há também o mural, suas referências a um "namorado mais velho ", suas excursões noturnas ao Monte Hunt e as impressões digitais encontradas em garrafas de cerveja que indicavam que John Paul morava lá há algum tempo.

Com todas essas evidências sobre a mesa, Judy sente que deveria ter mais certeza da culpa dele.

Mas há algo que não se encaixa.

Além disso, se não encontrarem Barbara — viva ou morta — não poderão fazer nenhuma prisão. E isso significa que John Paul McLellan continuará foragido.

Ele repassa as peças do quebra-cabeça várias vezes, na esperança de fazer com que a última se encaixe.

Mas não tem como encaixar.

Judy dirige em silêncio por um tempo, até que seu estômago ronca tão alto que a faz rir.

Ontem à noite ele jantou no único restaurante de Shattuck, que era mais um bar.

No final da saída da rodovia, ele olha na escuridão, procurando pela placa.

Aí está: " Driscoll's ″ .

Ainda vestida com o mesmo terninho amassado que usou durante seu longo dia de trabalho, Judy vira à direita, depois à direita novamente, em direção à entrada do pub.

LOUISE

Agosto de 1975: Dia 6

"Vista uma camisa", diz Louise. "Uma de verdade."

Com isso, ele se refere a uma camisa de colarinho. Seu irmãozinho usa a mesma camiseta surrada do Led Zeppelin há um ano.

"Eu não tenho uma", diz Jesse. Então ela lhe dá uma, uma polo branca do Camp Emerson, unissex o suficiente para não deixá-lo constrangido.

—Vou te levar para jantar.

No Driscoll's, o ar está cheio de fumaça e há uma atmosfera deserta.

No meio de uma sala adjacente, há vários homens que Louise reconhece vagamente jogando sinuca. A sala onde eles estão sentados está vazia, exceto por uma mulher no bar.

Ela entrega um cardápio para Jesse.

"Peça o que quiser", ele diz.

Ele olha para ela.

—Louise, você sabe que estou bem, certo?

-O que você quer dizer?

O irmão dele olha para baixo. Ele toca os cantos do cardápio. Ele o dedilha.

A garçonete — Connie Driscoll, que não pode ter menos de oitenta anos — vem anotar os pedidos.

"Peça um bife se quiser", ele sugere, mas Jesse pede um hambúrguer e batatas fritas.

"Vou querer o bife, por favor, Sra. Driscoll", diz Louise. "Malpassado. Obrigada."

A mulher entra na cozinha; seus tênis não fazem barulho enquanto ela caminha pelo chão acarpetado.

Ambos permanecem em silêncio.

"O que você estava dizendo?", pergunta Louise. "Que você está bem?"

"Ah, eu não sei", diz Jesse. "Só sei que você se importa comigo. Mas eu estou bem. Mamãe é difícil, mas tenho amigos que se importam comigo. E metade dos professores da minha escola também. Eles gostavam de você, e é por isso que se importam comigo."

Louise sorri sem vontade.

"De nada", ele diz.

"Não, sério", ele responde. "Estou bem. Tenho quase doze anos. Sei cuidar de mim mesmo."

"Vamos, Jesse", ela diz.

"Bom, deixa a mamãe cuidar de mim, para variar", diz ele. "Nem sempre precisa ser você."

Louise olha para baixo. Ela reluta em dar a notícia: que a mãe dele nunca cuidará dele.

Não como ela. Ninguém mais cuidará.

"Eu também me preocupo com você, sabia?", diz Jesse. "Me ajudaria se você se cuidasse um pouco mais. Se você realmente quiser me ajudar, quero dizer."

—Como ele cuidaria de mim?

Connie Driscoll retorna com uma Shirley Temple para ele e uma Coca-Cola para ela.

"É por conta da casa", ele diz a eles.

Jesse toma um gole.

"Namorando caras mais confiáveis", ela diz, "para começar. Ou nenhum", ela acrescenta depois de um momento.

Ela assente. Dói ouvir isso, mas é verdade. Ela se pergunta quando seu irmão se tornou a pessoa que está diante dela agora. A história dele , quando estava cansado, usando todo o corpo para se deitar em cima dela e colocar dois dedos na boca, vem à mente. O tempo, ela pensa, passa de forma diferente em Shattuck do que na Reserva.

—E você também deveria mudar de emprego, diz Jesse.

—E em que devo trabalhar?

— Não sei, Lou. Você é muito inteligente. Pode fazer o que quiser. Poderia voltar para a Union College.

"Com que dinheiro?" pergunta Louise.

—Não sei. Peça um empréstimo ao banco. Não é isso que as pessoas fazem?

Parece exaustivo para ela. É como se ela estivesse parada no sopé de uma montanha, olhando para cima.

Mas ele já escalou montanhas antes. Até correndo.

Eles jantam em silêncio e paz, ouvindo o barulho das bolas de bilhar e a música animada que sai dos alto-falantes.

Connie Driscoll pergunta se eles gostariam de mais alguma coisa, e Louise pede sobremesa. Por que não?, pensa ela. Ela tem economias suficientes no banco para sustentar a si mesma e a Jesse por um tempo.

Esta noite, ele pensa, dará um tempo de suas preocupações: um pequeno descanso enquanto espera o início de sua audiência no tribunal.

Alguém coloca uma moeda na jukebox e a música muda. Os Everly Brothers cantam sobre sonhos. Então, sob suas harmonias íntimas e hipnóticas, Louise ouve o rangido de um banco sendo empurrado para trás. A mulher solitária sentada no bar se levanta e pega sua carteira.

Quando ele se vira, percebe que ela lhe parece familiar, mas não consegue reconhecê-la.

Ela está usando um terno manchado. Seu cabelo é curto. Ela parece jovem: da idade de Louise ou um pouco mais velha.

Ela também parece. . não exatamente bêbada, mas parece que tomou duas cervejas em um corpo não acostumado ao álcool.

Louise sabe, antes mesmo de ouvir, o que a mulher vai dizer a eles.

"Com licença." Mas quando ela se vira, a mulher não está olhando para ela, mas para Jesse. "Você vai para o Acampamento Emerson? ", pergunta ela. Ela aponta para o irmão, para a camisa polo, que tem o logotipo verde do acampamento.

Jesse de repente parece assustado.

"Não", diz Louise, levantando-se e ficando na frente dele. "Ela não estuda no Acampamento Emerson. Mas eu trabalho como conselheira lá."

A mulher olha para ela.

"Eu sei quem você é", ele diz.

TRACY

Agosto de 1975: Dia 6

Tracy encosta a cabeça na janela do Stutz Blackhawk. O carro do pai dela é o primeiro que ela dirige com ar-condicionado. O que ele teve antes disso por anos foi uma Chevy, uma picape prática de quatro portas com potência suficiente para puxar um trailer para cavalos.

Ele sente falta daquele caminhão. E sente ainda mais falta da versão do pai dirigindo.

A casa dos Hempstead está exatamente como Tracy a deixou no início do verão. O portão prateado, a grama artificial, as flores artificiais em vasos de plástico sob as duas janelas da frente.

E sua mãe: sentada nos degraus da varanda, cabeça erguida, esperando que eles chegassem.

O Blackhawk para com um rugido do motor na entrada da garagem e Molly Jewell se levanta.

Tracy salta do carro e corre até sua mãe: aquela mulher gentil e engraçada que sempre foi exatamente ela mesma, que não faz nenhuma tentativa de ser outra pessoa ou coisa.

Com um sobressalto, ela percebe quem ele lhe lembra.

"Ah, Tracy", diz a mãe, "sinto muito pela sua amiga. Parece que ela significava muito para você."

"É sim", ele responde.

Ele se pergunta como pode explicar o quanto a vida de alguém que ele conhece há apenas dois meses mudou.

Seu pai termina de descarregar o carro e pigarreia, desconfortável.

"Que bom ver você, Molly", ele diz. Ela acena para ele.

Ela dá um abraço em Tracy e vai embora, deixando-a com a mãe na entrada da garagem, com todo o seu equipamento do Acampamento Emerson. Ela entende que essa será a situação pelo resto da infância: as duas juntas. As duas sozinhas.

Ele verá o pai novamente em seu casamento com Donna Romano e durante as férias, durante as quais, e ao longo dos próximos três anos, nascerá um novo bebê que será seu meio-irmão ou meia-irmã. Ele conversará com o pai e Donna. Será educado. Mas eles não serão mais sua família. A única pessoa que lhe resta é aquela que agora tem ao seu lado.

—Mãe, — diz Tracy, —você já ouviu falar de música punk?

"Não", responde a mãe. "Você quer falar comigo sobre ela?"

O céu sobre Hempstead começa a escurecer. Tracy pensa em Barbara Van Laar. Ele se pergunta se ela ainda está viva, se está vendo o mesmo céu 500 quilômetros mais ao norte.

Ele imagina seus braços e pernas fortes, sua cabeça erguida, sua habilidade na água e na floresta. Ele a imagina como ela era na jornada de sobrevivência: montando uma barraca, acendendo uma fogueira, levando comida. Mantendo todos vivos.

E ele sabe — ou pelo menos acredita — que Barbara ainda está no mundo.

JUDYTA

Setembro de 1975

Judy estaciona seu Fusca na entrada da casa dos pais em Schenectady. Ela fica sentada por um momento, se preparando.

É sábado, e ela sabe exatamente o que sua família estará fazendo. Lá dentro, sua mãe estará passando aspirador de pó enquanto seu pai tira o pó. Seus irmãos estarão trocando lâmpadas ou fazendo algum outro conserto que seus pais pediram. A mesma coisa que eles fazem todos os sábados desde que ela se lembra. Judy participou dessas tarefas por muitos anos, dobrando roupas, arrumando as camas. Mas este sábado é, pela primeira vez, uma visita.

Há um mês, ela empacotou todos os seus pertences do quarto de infância e se mudou para uma pequena casa alugada a poucos quilômetros da sede da Ray Brook. Ninguém lhe ofereceu ajuda; seu pai, ao vê-la, apenas assentiu brevemente e saiu de casa.

Ele finalmente sai do carro. Fecha a porta. O barulho atrai seu irmão Leonard até a porta.

Ele a vê e grita para dentro da casa:

- Mãe !

Judy entra e ele a abraça.

O barulho do aspirador de pó para.

"O que houve?", grita sua mãe.

Leonard sorri.

—O Primeiro do País chegou.

Dez minutos depois, todos os Luptacks estão sentados à mesa da cozinha. Sua mãe preparou chá. Seu pai, o último a chegar, mexe o açúcar na xícara e pigarreia. Todos permanecem em silêncio até Leonard dizer:

—Vimos seu nome no jornal novamente.

Judy olha para cima.

-Oh sério ?

Ele assente. Levanta-se da mesa. Volta com uma página nas mãos: outro artigo recortado do *Times Union.*

Ela pega o livro e começa a lê-lo.

″ Os Van Laars são acusados ″ , diz a manchete. E abaixo, o subtítulo: " Suspeito original absolvido postumamente ″ .

O artigo continua.

Alice Van Laar, que foi indubitavelmente acusada originalmente de homicídio culposo pela morte de seu filho, deve ser libertada: o prazo de prescrição expirou.

Mas Peter Segundo e Tercero são acusados de conspiração criminosa e obstrução da justiça. O fato de terem continuado a mentir para a polícia sobre o destino de Bear —

inclusive prestando declarações falsas após o desaparecimento de Barbara — significa que o crime continua passível de punição.

Eles estão atualmente em liberdade sob fiança, aguardando julgamento. Seu advogado, observa o jornalista, não será mais John Paul McLellan Sr.

Uma foto acompanha o artigo.

Nele, a família Stoddard — Maryanne, suas três filhas, seus genros e seus netos — são mostrados juntos, posando formalmente em frente a uma casa Shattuck muito arrumada, com os rostos solenes e as costas retas.

" A justiça foi feita *"* , diz a legenda.

Judy devolve o artigo ao seu irmão, que o passa ao pai; ele o dobra novamente, respeitando os vincos originais, e o coloca no bolso da camisa.

"Você viu seu nome?", ele pergunta. "Está no segundo parágrafo."

Ela sorri.

-Sim.

"Eu sempre soube que era aquela família", diz o pai de Judy. "Quando tudo aconteceu, todos sabiam que estavam envolvidos. Só não sabíamos exatamente como."

De repente, sua mãe, que estivera em silêncio o tempo todo, tira a xícara dela sem dizer nada. Ela lhe serve mais chá. Ela agora é uma visitante em sua casa, uma convidada. Saber disso faz Judy se sentir orgulhosa e triste ao mesmo tempo.

"O que houve com a garota, Barbara?", pergunta Leonard. "Alguma pista?"

Existem. Mas ele não pode falar sobre isso com a família — ainda —, então outra cortina se fecha entre eles.

"Nada substancial", ele diz.

No caminho de volta para Ray Brook, Judy observa a floresta de pinheiros crescer e se tornar mais densa. Ela chega à saída e pega a Rodovia 73. Ela dirige seu Fusca subindo cada vez mais.

No carro, ele deixa sua mente vagar pelos últimos acontecimentos em torno do desaparecimento de Barbara Van Laar.

O mais interessante: Annabel Southworth, a conselheira de estágio de Louise, apresentou-se com uma confissão. Na noite do desaparecimento, ela estava com John Paul McLellan: a primeira vez às 22h, durante o baile comunitário, e novamente de madrugada.

Isso lhe forneceu um álibi; os pais de Annabel, Katherine e Howard, também corroboraram sua história. Ambas as famílias — os Southwarks e os McLellans, ambos bons amigos dos Van Laars — apoiam o relacionamento entre seus filhos, apesar da pouca idade de Annabel.

" Eles são muito compatíveis *"* , afirmou Katherine Southworth em seu depoimento escrito.

As únicas outras acusações contra John Paul — dirigir sob efeito de álcool e posse de substância ilícita — já foram resolvidas. As roupas ensanguentadas — que ele alega terem sido colocadas em seu carro para incriminá-lo — não podem ser aceitas como prova sem acusações. Ele não irá para a cadeia; um juiz que Judy considerou bastante amigo do pai de John Paul simplesmente o condenou a 100 horas de serviço comunitário.

Ela não está nem um pouco surpresa: ela está apenas um pouco decepcionada com o resultado.

Mas, desde então, surgiram algumas novidades. Embora talvez nunca consigam apresentar acusações contra John Paul McLellan relacionadas ao desaparecimento de Barbara Van Laar, poderão acusá-lo de outro crime: agressão agravada em segundo grau.

A vítima: Louise Donnadieu.

Depois de conversar com Judy, a garota concordou em registrar uma queixa.

Melhor ainda, várias pessoas concordaram em testemunhar a seu favor. Ela assumiu a responsabilidade de encontrar testemunhas que estavam presentes na noite do ataque na casa compartilhada onde John Paul morava, perto do Union College: seu colega de quarto, Steven, bem como três garotas que ele mencionou como suas hóspedes naquela noite.

Judy se lembra dos garotos com quem estudou no ensino médio. E das garotas também.

Será que eles teriam coragem de fazer algo assim? Ela não tem certeza. Mas estamos em 1975, diz a si mesma. O mundo está mudando.

"E qual é a sua teoria?", perguntara seu irmão antes, sentado à mesa da cozinha. "Se não pode nos dar detalhes, pelo menos nos diga o que sua intuição lhe diz."

—Sobre o quê?

"Sobre Barbara Van Laar", ele disse , e à sua direita sua mãe fez o sinal da cruz. " Pobre garota ", ela murmurou baixinho.

Judy olhou pela janela.

"Não acho que tenha acontecido nada com ele", disse ele.

Leonard franziu a testa.

-Como você sabe?

—Não sei. É só um pressentimento que tenho.

Na noite em que conheceu Louise Donnadieu no pub Driscoll's, a garota disse algo que ficou na cabeça de Judy por semanas.

Sem saber bem por quê, ele perguntou a ela sobre TJ Hewitt. Apesar de sua fé na inocência dela, ele não conseguia tirar da cabeça o que o garoto, Christopher, havia lhe contado.

Por que diabos, Judy se perguntou, Barbara estava indo à loja da TJ Hewitt à noite? O que ela poderia estar fazendo lá, além de algo... errado?

Então, com duas cervejas na manga e suas inibições enfraquecidas, ele apresentou a ideia para Louise Donnadieu, depois de se certificar de que o irmão dela não pudesse ouvi-los.

A menina riu.

"O quê?" Judy perguntou.

“Impossível”, disse Louise.

-Porque?

"Muita gente acha a TJ estranha", disse ele, "mas ela é inofensiva. Mais do que inofensiva.

Ela é uma boa pessoa. Tudo o que ela quer é caçar, pescar e ficar sozinha. A família dela tem uma cabana numa ilha ao norte. Acho que ela se mudaria para lá agora mesmo, se pudesse."

Ele fez um sinal para a garçonete. Pediu uma cerveja. "Ela só precisa do dinheiro."

Judy olhou para ela.

"Onde exatamente?" ele disse.

O outro franziu a testa.

—Onde o quê?

—A ilha. A casa.

"Ah, não sei como se chama", respondeu Louise. "Mas está marcado num mapa na parede da cabana da diretora. Na única vez em que estive lá, eu tinha um alfinete onde fica."

Ele começou a beber novamente.

E então ele olhou lentamente para Judy, entendendo.

Seria uma mudança de carreira. Encontrar Barbara Van Laar — e, mais

importante, *viva* —

significaria uma promoção. Talvez o dobro. Isso a colocaria no caminho do sucesso. E

responderia à pergunta que a persegue desde que começou a trabalhar como detetive, aquela que todos os colegas homens que ela conheceu se perguntaram ao vê-la: as mulheres são feitas para esse trabalho?

Ela sabe que o Capitão LaRochelle encontraria Barbara se pudesse. Qualquer detetive o faria, mas nenhum deles levaria em consideração as preferências da garota ou sua segurança.

O que eles estariam fazendo seria sacrificar o bem-estar da garota para melhorar sua própria vida.

O que é, de certa forma, o que o Capitão LaRochelle fez quando Bear Van Laar desapareceu e Carl Stoddard se tornou um suspeito conveniente: ele deixou que aquele homem, que havia perdido a voz ao morrer, assumisse a culpa, enquanto o outro aceitou a promoção que encerraria o caso.

Judy discorda de muitas coisas que seus pais lhe ensinaram, mas há uma coisa que ela sempre respeitou: a disposição deles de colocar os outros antes de si mesmos.

Se Barbara Van Laar escolheu se esconder na floresta por vontade própria — se ela está segura, protegida, alimentada e dependente apenas de si mesma — quem é Judy para trazê-la de volta ao mundo que ela deixou?

Ainda assim, ela quer ter certeza de que sua teoria está correta.

Então, em seu pequeno apartamento em Ray Brook, ela faz planos: retornar à Reserva Van Laar e à cabana do diretor, onde passou tantas horas. Ela imagina que esteja deserta; afinal, os Hewitt tiveram um desentendimento com os Van Laar; ela abrirá a porta, que nunca teve fechadura.

Ele rezará para que o mapa permaneça pendurado na parede.

Se for assim, ele anotará o local marcado pelo alfinete ou buraco: a localização da cabana da família Hewitt, bem ao norte, em meio aos altos picos de

Adirondack.

BÁRBARA

Agosto de 1975: Dia 1

A cama está vazia.

Ao luar, no limiar de Fir, Barbara Van Laar lança um último olhar por cima do ombro, dizendo mentalmente adeus a Tracy, aos seus companheiros de cabine, ao Acampamento Emerson.

Ela vai sair mais tarde do que combinou com TJ, que já deve estar vagando pela casa dela, um caco de nervos. Mas os conselheiros de Barbara ficaram acordados muito mais tarde do que ela imaginava; ela teve que esperar que eles voltassem, um após o outro, e depois um pouco mais até que seus movimentos parassem e o som da respiração se acalmasse.

Por fim, ele se levantou o mais silenciosamente que pôde e foi na ponta dos pés até a porta, que é onde ele está agora.

A bolsa dela. Ela esqueceu a sacola de papel que trouxe da casa da família, aquela que quase a entregou.

"O que tem na bolsa?" Tracy perguntou a ela na semana passada, e ela fingiu não entender.

Lá fora, o ar está fresco e a lua está tão brilhante que ele não precisa da lanterna que trouxe.

O resto de suas coisas a espera na cabana de TJ: sua mochila, carregada com comida fresca para pelo menos uma semana; suas roupas quentes; suas botas de caminhada, que ela calçará assim que puder.

E, de fato, assim que ela pisa na varanda da cabine do diretor, a porta se abre rapidamente. E TJ aparece, olhando para o relógio. São quase 3 da manhã, ela diz. Eles estão com muito pouco tempo.

"Vamos esperar mais um dia?", pergunta Barbara, mas a diretora rapidamente balança a cabeça.

Esta é a última noite da festa na colina. É hoje à noite — enquanto os convidados estão na Reserva — ou nunca.

E isso *nunca* significa ser enviada para Élan no outono. Passar anos sem ver TJ ou Vic, sua verdadeira família.

Eles caminham em silêncio até a caminhonete do diretor, que tem uma canoa presa ao teto; fecham as duas portas, tentando não fazer barulho. Então, TJ liga o veículo e ronrona morro acima, deixando a Self-Reliance à direita e o estacionamento cheio de carros atrás deles.

"Você conseguiu abrir e entrar?", pergunta Barbara, apontando para o Trans Am azul de John Paul McLellan.

TJ concorda.

"As roupas estão no porta-malas", ele diz. "Você não vai vê-las. Mas a polícia vai, quando revistar o carro."

—E por que eles vão procurá-lo?

O outro sorri.

"Porque não foi a única coisa que deixei lá dentro", diz ele. "Quando o prenderem, terão motivos prováveis para fazer uma busca."

Depois de entrarem na rodovia, eles dirigem por uma hora. TJ dirige o mais rápido que pode sem correr o risco de chamar a atenção da polícia: exatamente 15 quilômetros acima do limite de velocidade. Enquanto isso, ele continua olhando para o céu, que fica um pouco mais claro a cada minuto.

TJ está ocupado interrogando-a.

"O que você vai fazer com a água?" ele pergunta.

« Acenda uma fogueira, ferva, use iodo. »

"O que você faz se ficar doente?"

« Use o guia médico que você deixou na prateleira. Procure remédios no armário

de remédios. »

As mesmas instruções que eles repassaram repetidamente durante os treinos noturnos que TJ vem dando a Barbara durante todo o verão. Preparativos para viver na floresta, embora não permanentemente. Somente até ela completar dezoito anos, quando terá autoridade legal para tomar suas próprias decisões.

Você poderá fazer o que quiser sem medo de que seus pais imponham regras ou punições.

Se ela mudar de ideia, tudo o que precisa fazer é aparecer. A decisão será de Barbara, 100%, diz TJ.

Ela o encara, contemplando os contornos de seu perfil, a gentileza de seu rosto. Quando ela era um bebê, uma garotinha, era essa mulher quem mais se importava com ela. Aquela que a ajudava e lhe ensinava coisas. TJ não concorda nem um pouco com a palavra

"maternal", mas ela é a única mãe que Barbara já conheceu. A dela, embora ainda viva , está inacessível desde que nasceu. Uma casca vazia.

"Coloquei um pouco de chá na sua mochila", diz TJ. "Do tipo que você gosta. E um pouco de chocolate quente, para você se presentear um dia desses." E acrescenta: "Você tem o suficiente para ler?"

Ela concorda.

"Sim", ele responde. "E se eu ficar sem, eu escrevo."

" Vou te ver em breve", diz TJ. "Daqui a um ou dois meses. Só preciso ter certeza de que ninguém está me seguindo." Ele olha para Barbara e dá um tapinha em seu joelho. "Sei que você aguenta até lá."

"Sim, eu posso", ela diz, tranquilizando a si mesma tanto quanto à outra.

Mas a verdade é que ela se sente pronta. TJ a preparou. Todo o seu treinamento, todas as noites; todos os preparativos que eles fizeram.

A única coisa que ele sentirá falta é da música; ele não teve escolha a não ser deixá-la para trás.

Os dois ficam em silêncio novamente. E então, pouco antes do nascer do sol, TJ sai da rodovia.

Eles usam lanternas de cabeça para iluminar o caminho enquanto baixam a canoa do teto e a carregam por um quilômetro pela floresta.

Barbara sabe que TJ está ficando nervoso: o plano todo vai fracassar se ela não voltar ao Acampamento Emerson antes que os outros funcionários acordem. Então, ela acelera o passo, mesmo com os pulmões ardendo e a mochila pesando pra caramba.

"Estamos quase lá", TJ repete várias vezes.

O sol nasce enquanto os dois remam silenciosamente pelo lago, em direção à ilha no centro.

Ao se aproximarem, Barbara avista a superfície plana de uma estrutura artificial além das árvores.

"Lembre-se de que há veados", diz TJ, saindo da canoa pela popa e caminhando até a margem. "Você sempre pode caçá-los. Há duas espingardas na casa e muitas balas."

De repente, Barbara vislumbra a mãe seguindo-a como um fantasma pela casa, dizendo-lhe para não comer demais. Isso é sempre o oposto de TJ, que ao longo da vida aproveitou todas as oportunidades, indo até mesmo à escola dela para entregar pessoalmente casacos, roupas e outras guloseimas que sabia que Barbara gostaria.

Para fazer isso, ele entrava e saía por uma janela.

Isso nunca foi um problema até que um dia o gerente da casa a viu por trás e ela, nervosa e em pânico, disse que TJ era um adolescente.

Daí em diante, tudo deu terrivelmente errado.

"Eu vou me lembrar", diz Bárbara agora. "Vou me lembrar de tudo que você me ensinou."

Eles chegaram ao seu destino. Os dois se olham por um momento.

—Vá embora, ela diz.

"Você vai ficar bem", diz TJ.

"Eu vou ficar bem", responde Barbara.

Ele fica parado na costa da ilha, observando TJ zarpar em sua canoa. Ele espera até não conseguir mais ouvir o remo se afastando no lago, até que TJ finalmente desaparece na floresta na outra margem, virando-se uma última vez para acenar antes de ir embora.

Bárbara fecha os olhos. Ela escuta, esperando ouvir algum sinal: o belo canto de um tordo-eremita lhe responde.

Caminhe até a cabana que os Hewitt construíram há gerações. O interior é fresco e escuro, repleto de todos os suprimentos que TJ vem deixando lá há meses, em preparação para a estadia de Barbara.

Há algo novo no canto: um violão. Um livro de instruções para iniciantes. Ela entende que é para ela compor suas próprias músicas.

Aliviado, ele larga a mochila pesada no chão. Em cima dela, está o saco de papel que ele trouxe da Autossuficiência.

Ela abre e tira o único item não essencial que ela se permitiu carregar hoje: uma foto emoldurada de seu irmão, Bear.

Ele também terá sua casa aqui.

Ele o deixa na mesa de madeira áspera onde irá comer.

Você finalmente está seguro, ele diz mentalmente ao irmão.

JUDYTA

Setembro de 1975

Judy Luptack está com as mãos na cintura na margem de um lago a 80 quilômetros da Reserva Van Laar, olhando de soslaio para uma ilha ao longe. Ela não trouxe um barco.

Ela está tentando estimar a distância entre a costa e a ilha. Oitocentos metros; talvez um pouco mais. Ela nunca foi uma boa nadadora, mas tira os sapatos e mergulha o dedo do pé para sentir a temperatura da água.

Está congelando. Por um momento, Judy reconsidera sua decisão. Ela não tem nenhuma evidência de que encontrará algo do outro lado. É sábado. Seu dia de folga. Ela poderia voltar para sua casa alugada em Ray Brook; poderia passar na loja e comprar um jantar. Ela já está aprendendo os nomes dos moradores da cidade. Poderia estar fazendo o que quiser.

Em vez disso, movida por uma intuição da qual não consegue se livrar desde que conversou com Louise Donnadieu, ela tira a roupa e fica só de maiô. Mergulha na água fria à sua frente.

Ela não tem ideia de quanto tempo levará para nadar a distância. "Você sempre pode boiar", diz a si mesma. "Se cansar, boie."

Enquanto nada, ela pensa. Se sua teoria for verdadeira — se ela estiver certa, o que ainda está para ser visto —, ela consegue entender a lógica por trás de todos os passos: o uniforme ensanguentado, resultado do que Christopher Muldauer descreveu como " o acidente de Barbara ″ durante a viagem de sobrevivência. A descoberta repentina dela e de TJ de quão útil aquele uniforme poderia ser. Deixá-lo no porta-malas de John Paul McLellan teria um duplo propósito: não apenas afastaria os detetives do verdadeiro paradeiro de Barbara, mas também funcionaria como uma forma clara de justiça. Justiça para Louise Donnadieu, que certa vez procurara TJ com ferimentos recentes infligidos por John Paul.

Justiça para Carl Stoddard, que, após sua morte, fora injustamente incriminado por duas famílias — os McLellans e os Van Laars — ansiosas por preservar suas reputações , para evitar escândalos às custas de um homem inocente. E justiça para o pai de TJ Hewitt, que aceitara um acordo que ia contra seus valores éticos. E isso o reduziu ao nível dos próprios Van Laars.

Com duas ações simples — revelar a verdade sobre Bear e ajudar Barbara a se esconder

— os Hewitts se redimiram. Eles voltaram ao último erro que cometeram e seguiram um caminho diferente.

É difícil dizer quanto tempo se passou desde que Judy deixou a outra margem.

Às vezes, ela segue seu próprio conselho e flutua, contemplando o céu azul de setembro. Ela fecha os olhos. Deixa-se embalar pela água. E então continua.

Em certo momento, a praia à sua frente está mais próxima do que a que está atrás. Ele para, sem tocar o fundo. Se apertar os olhos, pensa ver um fio de fumaça subindo para o céu, como se saísse de uma chaminé.

Ele finalmente toca a terra. À distância, vê uma figura espiando por trás de uma árvore.

Bárbara Van Laar.

Judy a reconheceria em qualquer lugar, mesmo que nunca a tenha visto pessoalmente.

Da água, ela levanta a mão hesitante. A garota não sabe quem é; desapareceu muito antes de a polícia estadual chegar à Reserva. Ela se sente como se estivesse olhando através de um vidro espelhado, sabendo muito mais sobre Barbara do que imagina. De maiô e tremendo de frio, Judy deve parecer um pouco ridícula, como uma amadora: uma caminhante ou campista particularmente intrépida que não esperava ser notada.

Um pouco mais adiante, a menina está parada, com as mãos ao lado do corpo.

"Você está bem?" ela grita para ele.

"Sim", responde Barbara. E acrescenta: "E você?"

Judy concorda.

"Você quer que eu te deixe em paz?" ele pergunta.

O outro hesita por um momento.

E ele responde com determinação:

-Sim.

O mergulho de volta parece mais longo e lento do que o anterior. Judy está com tanto frio que bate os dentes. Mesmo assim, depois de nadar apenas quinze

metros, ela para e se vira para a ilha para uma última olhada.

Lá está ela: Barbara Van Laar, ereta e forte. Confortável em seu corpo, na floresta. Há algo nela que parece imortal, pensa ela: um espírito, uma aparição, mais deusa do que criança.

Judy continua nadando até chegar à outra margem.

Quando ele olha para a ilha, ele vê apenas os pinheiros, fechando-se como uma cortina em volta da garota.

Título original: *O Deus da Floresta*

Edição digital: 2025

© Liz Moore Inc., 2025

Esta edição foi publicada através de um acordo com o Ministério das Relações Exteriores, Agência Literária, SL e a Companhia Gernert.

© tradução: Javier Calvo

© AdN Editorial (Grupo Anaya SA), 2025

Calle Valentín Beato, 21

28037 Madrid

www.AdNovelas.com

ISBN e-book: 978-84-10138-55-1